

ANÁLISE VERBO-VISUAL DAS
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DA
COMUNIDADE NEGRA BRASILEIRA

EM BLOGS DE MODA E BLOGATIVISMOS
NA DÉCADA DE
2010

SABRINY SUELEN DOS SANTOS

ANÁLISE DISCURSIVA VERBO-VISUAL DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS
DA COMUNIDADE NEGRA BRASILEIRA EM BLOGS DE MODA E
BLOGATIVISMOS NA DÉCADA DE 2010

Belo Horizonte

Faculdade de Letras - UFMG

2017

SABRINY SUELEN DOS SANTOS

ANÁLISE DISCURSIVA VERBO-VISUAL DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS
DA COMUNIDADE NEGRA BRASILEIRA EM BLOGS DE MODA E
BLOGATIVISMOS NA DÉCADA DE 2010

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Orientadora: Profa. Dra. Emília Mendes

Belo Horizonte

Faculdade de Letras - UFMG

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S237a

Santos, Sabriny Suelen dos.

Análise discursiva verbo-visual das construções identitárias da comunidade negra brasileira em blogs de moda e *blogativismos* na década de 2010 [manuscrito] / Sabriny Suelen dos Santos. – 2017.

251 f., enc. : il., fots., tabs., grafs., mapa, p&b, color.

Orientadora: Emília Mendes Lopes.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 161-170.

Anexos: f. 171-251.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Blogs – Teses. 3. Moda – Teses. 4. Negros – Brasil – Teses. I. Lopes, Emília Mendes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



FOLHA DE APROVAÇÃO

Reflexão sobre a identidade negra e a moda em blogs da década de 2010

SABRINY SUELEN DOS SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 18 de agosto de 2017, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Emilia Mendes Lopes - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria Carmen Aires Gomes
UPV

Prof(a). Ivan Vasconcelos Figueiredo
UFSJ

Belo Horizonte, 18 de agosto de 2017.

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
tecnológicos ou quaisquer outros.

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais Solange e Sérgio e ao meu irmão Victor pelo carinho e compreensão ao longo desta jornada. E ao meu companheiro Jonas por me fazer acreditar que este sonho seria possível.

Nós criadores da nova geração negra, queremos exprimir nossa personalidade sem vergonha nem medo. Se isso agrada aos brancos, ficamos felizes. Se não, pouco importa. Sabemos que somos bonitos. E feios também. O tantã chora, o tantã ri. Se isso agrada à gente de cor, ficamos muito felizes. Se não, tanto faz. É para o amanhã que construímos nossos sólidos templos, pois sabemos edificá-los, e estamos erguidos no topo da montanha, livres dentro de nós. (Declaração de independência do artista negro, The Nation, 23 de junho de 1926)

AGRADECIMENTOS

À professora Emília Mendes, pela paciência e carinho durante toda minha vida acadêmica. Obrigada pelos impulsos para continuar na pesquisa, pelos livros emprestados com tanta gentileza e por todos os ensinamentos, reflexões e motivações partilhados.

Aos professores do Apoio Pedagógico ao Núcleo Comum FALE (UFMG), pela confiança durante quase três anos participando do programa.

Aos funcionários da biblioteca da Faculdade de Letras (UFMG), pelo acolhimento durante o período da escrita e por fazerem desse espaço mais que um ambiente de estudo, mas uma verdadeira “casateca”.

À minha família, pela parceria e incentivo nos estudos, por confiarem nessa jornada mesmo nos momentos de incerteza. À minha mãe e amiga pelo exemplo de mulher, sua força e coragem foram essenciais para que eu chegasse até aqui. A meu pai, por ser minha fonte de inspiração, pela companhia diária nas idas e vindas à faculdade e pelo carinho demonstrado sempre nos pequenos detalhes. Ao meu amado irmão, por me mostrar que a beleza da vida está em coisas simples, pela parceria diária entre conversas, brincadeiras e sorrisos. Amo vocês!

Ao Jonas, pelas inspirações nos estudos, pela leitura sempre atenta aos meus escritos e por me mostrar o valor da persistência. Agradeço por me acalmar nos momentos de angústia e por fazer valer o significado da palavra *Liebe*. Sem o seu apoio esse sonho não seria possível.

À minha amiga cúmplice Ananda, não só pela companhia no momento mais difícil do mestrado, mas também por dividir comigo as inquietações do universo acadêmico, por me erguer em momentos em que achei que não ia dar certo, pelas risadas incontroladas regadas a café e pão de queijo. Você foi um dos melhores presentes que recebi este ano. Obrigada por deixar meus dias mais leves.

Aos amigos da pós-graduação, principalmente, Júlia e Bárbara pela partilha diária, pelas conversas e encontros e por me fazerem acreditar que tudo daria certo no final.

E por fim, agradeço ao CNPQ pelo apoio financeiro essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o discurso da população negra brasileira e sua relação com a *moda*, por meio de publicações veiculadas em *weblogs*, a fim de (re) construir sua identidade coletiva. Tendo em vista que as identidades se constroem no interior da linguagem e do discurso, foram selecionadas para o estudo proposto quatorze publicações de sete *blogs* distintos – *Cacheia!*, *Estilo Black*, *Esse é só mais um blog de Moda*, *Modices*, *O último Black Power*, *Blogueiras Negras*, e, por fim, *Geledés*, plataformas de publicações interligadas por temáticas referentes à estética, *moda*, beleza, cultura e identidade negra. Ao elegermos a internet como suporte para os *corpora* de nossa dissertação, consideramos que as redes de comunicação ancoradas em ambiente virtual, por exemplo redes sociais (*Facebook*, *Twitter* e *Instagram*) e os *blogs*, funcionam como uma importante ferramenta de mobilização social, na medida em que se caracterizam como um espaço “democrático” de grande circulação discursiva. Nesse sentido, o uso da internet nos possibilita abarcar a diversidade de vozes e percepções necessárias para refletirmos o fenômeno da identidade a partir do olhar do próprio sujeito comunicante. Para tal estudo, nos apoiaremos na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2006, 2009, 2010, [1983]2014, 2015) sobre a manifestação identitária no discurso e nas teorizações de Stuart Hall (2003, 2006), de Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Manuel Castells (1999) sobre a identidade na pós-modernidade e na obra de Diana Crane (2006) buscando uma interlocução com o discurso da *moda*. A partir de nossas análises e reflexões, pudemos verificar que, ao apresentarem suas percepções sobre a estética negra e a inserção de símbolos desta comunidade na *moda*, os autores dos *blogs* constroem discursivamente identidades sociais que, em confluência, resultariam em uma identidade coletiva interligando o povo negro em função da luta por reconhecimento social.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, *Moda*, Movimento Negro, *Blogs*, Análise do Discurso, Teoria Semiolinguística

RESUMÉ

Ce mémoire a pour objectif analyser le discours de la population afro – descendante brésilienne et sa relation avec la mode, à travers des publications véhiculées par des weblogs, dans le but de (re) construire son identité collective. Sachant que les identités se construisent au fond même du langage et du discours, pour l'étude en question nous avons sélectionné quatorze publications de sept blogs distincts - *Cacheia!*, *Estilo Black*, *Esse é só mais um blog de Moda*, *Modices*, *O último Black Power*, *Blogueiras Negras*, et en fin *Geledés*, lesquels constituent des plateformes de publications traitant des thématiques relatives à l'esthétique, à la mode, à la beauté, à la culture et à l'identité afro – descendante. En choisissant l'internet comme support pour le corpus de ce mémoire, nous avons considéré les réseaux de communication ancrés dans l'environnement virtuel, par exemple les réseaux sociaux (*Facebook*, *Twitter* e *Instagram*) et les blogs, que fonctionnent comme un outil de mobilisation social important, vu que ceux-ci ont la caractéristique d'un espace 'démocratique' d'une grande circulation discursive. Dans ce sens, l'usage de l'internet nous permet d'inclure une diversité de voix et de perceptions nécessaires pour réfléchir le phénomène d'identité à partir du regard du sujet communicant. Pour une telle étude, nous nous appuyerons sur la Théorie Sémiolinguistique de Patrick Charaudeau (2006, 2009, 2010, [1983]2014, 2015) sur la manifestation identitaire dans le discours et sur les théorisations de Stuart Hall (2003, 2006), de Tomaz Tadeu da Silva (2000) et de Manuel Castells (1999) sur l'identité dans la postmodernité et dans l'œuvre de Diane Crane (2006) en recherchant une interlocution avec le discours sur la mode. À partir de nos analyses et réflexions, nous avons pu vérifier que, en présentant leurs perceptions sur l'esthétique afro – descendante et l'insertion de symboles de cette communauté dans la mode, les auteurs de blogs construisent de façon discursive des identités sociales que, par confluence, que donnerait naissance à la construction d'une identité collective de la communauté afro – descendante en fonction de la lutte pour la reconnaissance sociale.

MOTS-CLÉS : Identité, Mode, Mouvement afro – descendant, Blogs, Analyse du discours, Théorie Sémiolinguistique.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Escrava doméstica	27
FIGURA 2 – João Goston – Escrava doméstica	33
FIGURA 3 – Vincenzo Pastore.....	34
FIGURA 4 – João Stamato	34
FIGURA A – Jornal Clarim Alvorada	36
FIGURA B – Teatro Experimental Negro (TEN)	36
FIGURA C – Jornal Alvorada	36
FIGURA D – Símbolo do Movimento Negro Unificado (MNU)	36
FIGURA E – Movimento Black Soul – Rio de Janeiro	37
FIGURA F – Símbolo de resistência Movimento Negro.....	37
FIGURA G – Manifestação UNE/Afro.....	37
FIGURA 5 – Primeira e segunda páginas da revista <i>Étudiant Noir</i> (1935)	43
FIGURA 6 – Jornal Quilombo	48
FIGURA 7 – Óleo sobre tela – Rodrigo Buarque (2006)	50
FIGURA 8 – Detalhe – (iii) Tipo com traje real (Congo)	52
FIGURA 9 – Ana Balena, segunda esposa de Henrique VII (Séc. XVI)	52
FIGURA 10 – Augusto de Azevedo Militão (1970)	53
FIGURA 11 – Marc Ferrez – Negra da Bahia (1885)	56
FIGURA 12 – Tippu Top	58
FIGURA 13 – Fotografia retratando canteiros palestinos.....	58
FIGURA 14 – Élisabeth Louise Vigée – Le Brun – Self Portrait (1790)	59
FIGURA 15 – Composição calças odaliscas, túnica e turbante, Paul Poiret (1911)	60
FIGURA 16 – Túnica – Abajur, Paul Poiret (1912)	60
FIGURA 17 – Exemplos de turbantes usados na década de 1940.....	61
FIGURA 18 – Coco Chanel e Serge Lifar.....	62
FIGURA 19 – Greta Garbo – 1930.....	62
FIGURA 20 – Simone de Beauvoir -1950.....	62
FIGURA 21 – Mulheres Ioruba com traje em tecido <i>Adire</i>	63
FIGURA 22 – Lamido Sanusi em traje típico da aristocracia, 2014.....	64

FIGURA 23 – Traje masculino típico dos Tuaregue I	65
FIGURA 24 – Traje masculino típico dos Tuaregue II.....	65
FIGURA 25 – Diferentes registros do uso de turbantes	66
FIGURA 26 – Terno Zoot replica.....	70
FIGURA 27 – Aretha Franklin e James Brown	72
FIGURA 28 - Tony Tornado e Trio Ternura	73
FIGURA 29 – Negra tatuada vendendo cajus	85
FIGURA 30 – Charge satirizando a ascensão social da população negra	85
FIGURA 31 – Lamparina de J. Carlos 1928.....	86
FIGURA 32 – Campanha publicitária Melissa verão, 1980	92
FIGURA 33 – Campanha Melissa Verão com a marcação do direcionamento	92
FIGURA 34 – John Carlos e Tommy Smith (1968) Jogos Olímpicos do México.....	95
FIGURA 35 – Símbolo do Movimento Negro.....	95
FIGURA 36 – Temáticas e categorias: <i>Blog Cabeia!</i>	98
FIGURA 37 – Print - Perfil Blog Modices.....	100
FIGURA 38 – Perfil conciso - Identidade Social (Publicação BN (2)	119
FIGURA 39 – Perfil estendido - Identidade Social (Publicação GE)	119
FIGURA 40 – Perfil link - Identidade Social (Publicação GE)	119
FIGURA 41 – Tríade I - Composição da Identidade Social (Publicação BN (2)	120
FIGURA 42 – Perfil estendido - Identidade social (Publicação EB)	130
FIGURA 43 – Perfil estendido - Identidade social (Publicação CA)	130
FIGURA 44 – Perfil estendido - Identidade social (Publicação UBP)	130
FIGURA 45 – Tríade II - Composição identidade social.....	131
FIGURA 46 – Imagem e identidade social – CA	132
FIGURA 47 – Exemplo cabeçalho - Identidade visual UBP.....	140
FIGURA 48 – Exemplo menu - Identidade visual GE	140
FIGURA 49 – Exemplo rodapé - Identidade visual MO	140
FIGURA 50 – Exemplo - Dupla dimensão interpretativa da imagem	142
FIGURA 51 – IBN (3) - Cabelos descoloridos – Detalhe	142
FIGURA 52 – IBN (3.1) -Cabelos Descoloridos (Caio Castro) – Detalhe	142
FIGURA 53 – Exemplo 1 - Blog Papo de PM - Corte de cabelo	144
FIGURA 54 – Exemplo 2 - Blog Papo de PM – Sobrancelhas.....	144

FIGURA 55 – Exemplo 3 - Blog Papo de PM – Trajes.....	144
FIGURA 56 – IGE (3) - Imagem como questionamento – Apropriação cultural	146
FIGURA 57 – Turbantes na moda - Vogue Rússia (maio, 2011)	147
FIGURA 58 – Turbante na moda - Marie Clarie (março, 2013)	147
FIGURA 59 – Turbante na moda – Vogue Brasil (fevereiro, 2013)	147
FIGURA 60 – Imagem movimento de valorização	148
FIGURA 61 – I EB (2) - Estilo Black	150
FIGURA 62 – I UBP (4) - O último Black Power	150
FIGURA 63 – IGE (4) – Geledés	151
FIGURA 64 – IGE (6.1) – Geledés...	151

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – <i>Weblogs</i> selecionados	77
TABELA 2 – Publicações selecionadas	81
TABELA 3 – Planos e Ângulos	90

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1 – Eixos temáticos das publicações	83
---	----

LISTA DE SIGLAS

CA – Cacheia! – para cacheadas, crespas e em transição

EB – Estilo Black – Moda Afro para homens

EBM – Esse é só mais um blog de Moda

MO – Modices

UBP – O último Black Power

BN – Blogueiras Negras

GE – Geledés

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I: SANKOFA – História, Movimento Negro e Moda.....	23
Considerações iniciais.....	24
1.1. Na trama da história – Coser o futuro sem esquecer as linhas do passado.....	24
1.1.2. Movimento negro brasileiro e a conjuntura internacional	40
1.2. A tessitura dos tecidos – Sobre resistência e moda no movimento negro.....	49
1.2.1. Cortando os moldes – A herança africana e os modos de ressignificar.....	49
1.2.2. A imersão nos tecidos – O turbante e suas representações históricas	57
1.2.1. O mundo dentro de um turbante.....	68
1.2.3. Outras revoluções – O levante estético negro e a moda reinventada.....	69
CAPÍTULO II: EBAN – Entre moldes e croquis – O suporte e os caminhos da nossa jornada.....	75
Considerações iniciais.....	76
2.1. A inspiração que nos guia – Seleção, coleta e descrição dos corpora.....	76
2.2. A escolha dos pontos – Nosso aporte teórico metodológico	84
2.2.1. A imagem.....	84
2.2.2. O gênero na perspectiva da Análise do Discurso e o gênero Blog.....	96
2.2.3. (Id) entidades	102
CAPÍTULO III: NYANSAPO: Ateliê do Discurso – Análise dos dados.....	115
Considerações iniciais	116
3.1. Análises das publicações de blogs: Movimento Negro	117
3.1.2. Análise das publicações de blogs: moda e estética	128
3.1.3. Imagens identitárias e a moda no movimento.....	139
CONCLUSÃO.....	153
REFERÊNCIAS.....	161
ANEXOS.....	171



INTRODUÇÃO

PREÂMBULO

Os caminhos que seguimos, as pontes que ultrapassamos servem para confirmar que nada pode ser controlado, nada está seguro em nossas mãos. Se cheguei até aqui hoje foi porque segui em frente sem avistar o fim da jornada. Fui levada por intuições, interpelações e, principalmente, pela força de querer mudar e questionar o mundo em minha volta. Havia abismos no meio do caminho, mas não pude fugir, decidi me lançar.

A ideia inicial deste estudo precisou de um tempo de maturação para constituir-se como tal. Precisei amadurecer o meu próprio olhar e enxergar alguns sinais que estavam ali, mas que por algum motivo ainda não haviam se mostrado como um interessante campo de pesquisa. Iniciei os meus estudos na Faculdade de Letras (UFMG) em 2009, um pouco impressionada entre as várias possibilidades profissionais que o curso nos oferece e buscando conciliar algumas áreas de interesse pessoal (artes visuais, *moda* e fotografia) à minha formação acadêmica, o que parecia impossível em um primeiro momento. Entretanto, a partir do contato com a Análise do Discurso e, especialmente, com os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores (as) no Núcleo de Análise do Discurso (NAD/UFMG)¹ e, também, nas disciplinas ministradas pela professora Dra. Emília Mendes, descobri novas possibilidades para alcançar meus objetivos e sonhos dentro do universo acadêmico.

No ano de 2010, recebi o primeiro impulso para minha imersão na pesquisa com a Iniciação Científica (2010-2011), sob orientação da professora Dra. Ida Lúcia Machado e coorientação da professora Dra. Emília Mendes, na qual estudamos a construção da imagem de si a partir do discurso da *moda*². Tal estudo nos propiciou refletir sobre as possibilidades analíticas do discurso icônico, bem como investigar as estratégias utilizadas no universo da *moda* para a captação de seu público alvo.

Na esteira dos estudos discursivos, continuei trabalhando com a *moda*, todavia com o sentimento de que o discurso projetado por essa instituição poderia nos dizer mais que apenas a superficialidade de tendências e estilos a serem seguidos. Desse modo, durante o intercâmbio acadêmico realizado na Albert Ludwigs Universität Freiburg/Alemanha (2013-2014), busquei aproximar meus estudos a temas voltados para questão social, para a relação entre o contexto e o discurso projetado pela *moda*. Nesse sentido, trabalhei com editoriais

¹Disponível: <<http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/?web=nad&lang=1&page=858&menu=539&tipo=1>>. Acesso em: 11 de julho de 2017.

² O referido estudo intitulado *A imagem de si como estratégia de sedução: o caso da marca Melissa* foi realizado a partir do projeto *Análise do Discurso: Emoções, Ethos e Argumentação* fomentado pelo CNPQ.

investigando, por meio de um *corpus* imagético – a revista alemã *Fräulein*³, o retorno de símbolos dos movimentos sociais das décadas de 60/70 na indumentária e sua projeção na atual conjuntura socio-histórica. Nessa trajetória, em minhas pesquisas bibliográficas, deparei-me com o livro de Diana Crane, *A moda e seu papel social: classe gênero e identidades das roupas* (2006), o qual tratava o fenômeno por uma perspectiva menos descritiva das tendências e mais questionadora das ondas de estilos que circulavam socialmente. A leitura desse livro me proporcionou o diálogo com outros campos do conhecimento como sociologia, antropologia e ciências sociais, me instigando a posicionar diante da criação de padrões estéticos rígidos que interferiam, essencialmente, na percepção da imagem da mulher e de comunidades historicamente marginalizadas.

Não obstante, no mesmo período de intercâmbio, participei do processo de transcrição de uma pesquisa⁴ sobre a cultura política da juventude brasileira. Tal estudo contava com entrevistas de jovens oriundos do Vale do Jequitinhonha - MG, Belo Horizonte – MG e Rio de Janeiro, os quais relatavam, além de suas experiências com a política, suas vivências enquanto jovens periféricos. As falas dos participantes da pesquisa, no decorrer das transcrições, mostravam-se imbricadas com muitas questões complexas, como a construção do imaginário do negro e do pobre embasada, sobretudo, em relações de posse (bens materiais), de poder (branco *versus* negros) e de identidade, fato que me despertou interesse enquanto pesquisadora e analista do discurso. À vista disso, era possível identificar uma certa repulsa por parte dos entrevistados no que diz respeito à tentativa de aproximação de um jovem negro à cultura ocidental branca por meio do estilo e da indumentária, visto que esse ato caracterizava apenas uma camuflagem da real situação daquele sujeito e de suas mazelas impregnadas não na forma de vestir, mas na pele. Era, nas palavras de um dos entrevistados, um “negro disfarçado”. Desse modo, no decorrer das transcrições, pude perceber a importância que a estética (composição entre estilo de cabelo, roupa, acessórios etc.) tinha para a formação identitária dos jovens, assim como ocorreu em outros momentos históricos como no movimento *Panteras Negras* da década de 1960⁵.

³ *Fräulein* é uma revista alemã com sede em Berlim criada a partir de um conceito inovador que mistura características de uma revista feminina clássica e peculiaridades de um *Fanzine*, como o próprio editor e criador da revista, Götz Offergeld, ressalta. Trata-se de uma revista relativamente nova, já que sua primeira edição foi feita em 17 de novembro de 2010, obtendo na época grande repercussão na mídia escrita. Disponível em: <<http://www.fraulein-magazine.eu/about/>>. Acesso em: 11 de julho de 2017.

⁴ Pesquisa realizada no ano de 2013/2014 pelo cientista social Jonas Vollmer intitulado, *Politische Kultur im jungen Brasilien: die Bedeutung sozialer Ungleichheit und nachhaltiger Entwicklung für brasilianische Jugendliche* (*Cultura política brasileira: O significado de desigualdade social e desenvolvimento sustentável*).

⁵ Os *Panteras Negras* surgiram como herdeiros políticos de Malcolm X (1925-1965), um dos maiores defensores do Nacionalismo Negro nos Estados Unidos, formulando um novo conceito que definia política, social, cultural e esteticamente o povo negro nos EUA. Tinham como ideário a emergência do poder negro (*Black Power*)

Os discursos projetados nas interlocuções, em conjunto com as pesquisas sobre o papel social da *moda*, me interpelaram e fizeram surgir uma multiplicidade de indagações referentes à constituição identitária por meio de símbolos estéticos, sobretudo no movimento negro, dado que as lutas travadas contra o racismo e a discriminação social estavam intrinsecamente amalgamadas a imaginários sociais estéticos/deterministas. Destarte, tornava-se evidente a relação quase dorsal entre a estética negra – e isso leva em consideração as formas de adornar-se e a manipulação do próprio corpo – ao plano político e aos processos de afirmação étnica construídos desde o início da escravidão e refletidos na atual conjuntura por meio de mobilizações sociais, como a volta ao uso do cabelo crespo ou a retomada do turbante como símbolo de luta.

Comecei a trilhar o caminho trabalhando com o discurso da *moda*, mas sem perder de vista suas implicações sociais e os usos que os sujeitos fazem dela para se expressar ou resistir. O movimento negro, nesse contexto, me trouxe o fio condutor ligando a minha própria vivência como pesquisadora negra brasileira – interpelada por questões raciais – e os questionamentos sobre a construção identitária tão vivos na atual conjuntura socio-histórica. Aqui estou, seguindo os caminhos buscando novos desafios pronta para me lançar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o temor, a genuflexão, o desespero, o servilismo.

Aimé Césaire⁶

Em nossa pesquisa de mestrado realizar-se-á uma análise sobre o papel significativo da *moda* para construção de identidades, principalmente, em *blogs* pertencentes às pessoas simpatizantes ou inseridas nas lutas do movimento negro brasileiro. Para tanto, sabendo que “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito”

desmistificando o conceito de classe social, que desde o advento do marxismo, se tornara importante, mas, devido à sua amplitude e generalização negra, não dava conta da questão da diferença, obrigando parte da esquerda a redefinir seus paradigmas. (SILVA, 2001, p.33-34)

⁶ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*.p.27, 1978.

(CHARAUDEAU, 2015, p.13), teremos como *corpora* quatorze publicações de representantes do movimento negro e/ou simpatizantes da causa veiculados em *weblogs*, a saber; *blogs* de *moda* e beleza representados por (i) *Cacheia!*, (ii) *Esse é só mais um blog de moda*, (iii) *Estilo Black*, (iv) *Modices*, (v) *O último black power*) e *blogs* relacionados a movimentos sociais (vi) *Blogueiras Negras* e (vii) *Geledés*⁷. A escolha pelo ambiente virtual como base para a análise justifica-se pela ascensão desse meio como uma das principais ferramentas de manifestação política e social da pós-modernidade, a exemplo da *Primavera Árabe* (2010/2011)⁸, do movimento *Occupy Wall Street* (2011) nos Estados Unidos e no Brasil as jornadas de junho (2013)⁹ mobilizações de grande impacto social iniciadas no ciberespaço. Outrossim, acreditamos que a internet, e em especial a sua popularização, possibilitou que várias vozes, antes silenciadas, pudessem manifestar-se e figurar como protagonistas sociais de forma mais emancipada. Nesse contexto, deparamo-nos com um espaço propício para o confronto de ideias, discursos, construção e a desconstrução de identidades, assim como salienta Castells (2004);

Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objectivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui actuar na consciência da sociedade no seu conjunto. (CASTELLS, 2004, p. 170)

Desse modo, ao reconhecermos a internet como um espaço favorável tanto ao diálogo, quanto à tomada de palavra, objetivamos identificar e problematizar as identidades reivindicadas pelo movimento negro por meio da eleição de símbolos de luta nesse espaço multifacetado, visto que essas identidades são construídas não somente pela linguagem, mas pela junção de um sistema simbólico que determina o que estes indivíduos representam socialmente, por meio de modos ser e agir (WOODWARD, 2006).

⁷ Neste momento de nossa dissertação nos resguardaremos apenas a apresentação do nome dos *blogs* selecionados para a análise, dado que esclareceremos, mais precisamente no Cap. II *Eban – Entre moldes e croquis: o suporte e os caminhos de nossa jornada*, as características de cada objeto de análise de forma mais detalhada.

⁸ O termo *Primavera Árabe* designa as manifestações e levantes ocorridos a partir do final de 2010 nos países do Oriente Médio e Norte da África (Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmem e Barein) contra governos ditatoriais. Tais manifestações levou à reorganização das relações políticas da região provocando a queda de ditadores em muitos países como Tunísia e Egito. Para mais informações ver BRANCOLI, Fernando. *Primavera Árabe – praças, ruas e revoltas*. São Paulo: Destino, 2013.

⁹ O *Occupy Wall Street* foi um movimento popular iniciado no ano de 2011 nos Estados Unidos – Zuccotti Park (Distrito financeiro de Manhattan) – contra desigualdade social e econômica. Disponível em: <<http://occupywallst.org/>>. Acesso em: 18 de julho de 2107.

As publicações selecionadas para compor nossos *corpora* de análise possuem como proscênio o embate entre a questão racial no Brasil e a luta da população negra pelo reconhecimento de seu povo não apenas em um âmbito cultural, mas em todas as esferas sociais. Destarte, em nossa pesquisa, defenderemos a tese de que o discurso construído pelo movimento negro seria contra hegemônico e refletiria o desejo de superação das diferenças no que concerne à posição socio-histórica do negro, além de reivindicar a (re) construção de uma identidade coletiva dissociada do imaginário social de inferiorização racial¹⁰. Esse movimento, refletido nos discursos divulgados em ambiente virtual, colocaria em evidência um contexto peculiar na história do povo negro no Brasil, visto que segundo Silva e Rosemberg (2008);

O contexto sócio-histórico de produção, circulação e consumo de discursos raciais no Brasil contemporâneo apresenta diversos componentes a serem destacados: fomos o país que mais importou africanos (as) durante o regime escravista, fomos o último país a abolir a escravidão negra (somente em 1888), somos a segunda maior população negra mundial-depois, apenas, da Nigéria-aproximadamente oitenta milhões de brasileiros, o que corresponde a 46% dos que declaram negros (pretos ou pardos) [...] (SILVA & ROSEMBERG 2008, p.73)

Desse modo, estabelecemos a hipótese de que os símbolos de luta do movimento negro, inseridos no universo da *moda*, funcionariam como uma abertura para a discussão sobre o papel desse grupo na sociedade, seus valores e identidades, e que a retomada da estética afro – indumentária e adornos – possuiria uma função essencial na reconstrução dos imaginários sociodiscursivos naturalizados. Nesse contexto, como salienta Castilho (2009, p.34) a *moda* seria compreendida como um fenômeno capaz expressar características inerentes à comunidade negra, como um discurso impregnado por referências identitárias.

Após a apresentação das nossas motivações para o desenvolvimento do estudo sobre a construção identitária da população negra brasileira em um contexto virtual, bem como a delimitação dos objetivos, justificativas tese e hipótese que asseguraram os caminhos da pesquisa, buscar-se-á apresentar a organização dos capítulos de nossa dissertação e os conteúdos que serão tratados. Essa apresentação do conteúdo tem por finalidade situar nossa leitora e nosso leitor quanto ao percurso desenvolvido para chegarmos ao resultado do presente estudo.

¹⁰ Na atual conjuntura social é importante ressaltar que utilizaremos, nesta dissertação, o conceito de *raça* voltado para sua dimensão histórica, social, política e cultural. Desvinculada, assim, da crença purista de supremacia racial defendida por correntes teóricas deterministas. (GOMES, 2012, p.31).

No capítulo 1, *Sankofa: História, movimentos sociais e moda*, aproximar-se-á o nosso leitor da situação de comunicação e da historiografia que envolve o discurso dessa comunidade. Desse modo, apresentaremos alguns pontos que para nós mostram-se relevantes para a compreensão dos nossos *corpora*, divididos em seis tópicos, a saber, (1.1) *Na trama da história – Coser o futuro sem esquecer das linhas do passado*, (1.1.2) *Movimento negro brasileiro e a conjuntura internacional: Pan-africanismo e Negritude*, (1.2) *A tessitura dos tecidos: Sobre resistência e moda no Movimento negro*, (1.2.1) *Cortando os moldes: A herança africana e os modos de resignificar*, (1.2.2) *A imersão nos tecidos: O turbante e suas representações histórica e, por fim, (1.2.3) Outras revoluções: O levante estético negro e a moda reinventada*. Os dois primeiros tópicos têm por objetivo fazer uma retomada dos momentos históricos em que houve uma grande manifestação de resistência por parte da comunidade negra e as influências que esta recebeu de outras redes de mobilização no mundo. Já os tópicos 1.2, 1.2.1, 1.2.2 e 1.2.3 possuem como finalidade a interlocução entre o recorte central de nossa investigação o movimento negro e a *moda*. Em vista disso, gostaríamos de ressaltar que neste capítulo não trataremos de questões teórico-metodológicas, pois acreditamos que, primeiramente, é necessário adentrarmos no universo socio-histórico de nossa pesquisa para posteriormente situarmos nosso posicionamento quanto as teorias escolhidas para o tema.

No capítulo 2, *Eban: Entre moldes e croquis – O suporte e os caminhos de nossa jornada*, apresentaremos nossos *corpora* e o aporte teórico metodológico utilizado para análise. Desse modo, em um primeiro momento, trataremos da descrição dos *corpora*, no tópico intitulado *A inspiração que nos guia: seleção, coleta e descrição dos corpora*, dado que para compreendermos a construção das identidades nos *blogs* selecionados é importante conhecermos o lugar de pertencimento de cada discurso projetado, os sujeitos envolvidos na situação de comunicação e as características de cada *website*¹¹. Em um segundo momento, no tópico *A escolha dos pontos: Nosso aporte teórico metodológico*, nos ocuparemos da reflexão sobre a imagem e sua importância para a discussão proposta nesta dissertação, bem como um breve apontamento acerca do gênero *blog*. E por fim, versaremos sobre a questão das identidades e seu funcionamento no discurso apoiando-nos em um diálogo entre a Teoria Semiológica, Estudos Culturais e a Sociologia.

No capítulo 3, *Nyansapo: Ateliê do discurso*, nos debruçaremos nos *corpora*, primeiramente, esclarecendo a manifestação das identidades – discursivas e sociais – tanto nas publicações veiculadas a *blogs* de movimentos sociais, como também aos veiculados à

¹¹ Conjunto de páginas da rede (hipertextos) acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na internet. Disponível em: << <https://pt.wikipedia.org/wiki/Web>>> Acesso em: 14 de julho de 2017.

moda, estética e beleza. Posteriormente, voltaremos nosso olhar para as imagens inseridas nos textos, buscando investigar como essas participam, discursivamente, do jogo identitário.

Por fim, apresentaremos na *Conclusão* uma reflexão sobre os resultados encontrados nas análises, além de uma aproximação da discussão levantada ao atual contexto social. Além de esboçar algumas projeções para a continuidade do estudo. Destarte, poderemos compreender a importância de se tratar a questão identitária negra por meio da estética e da *moda*.

SANKOFA

HISTÓRIA , MOVIMENTO NEGRO E MODA

Considerações iniciais

Para prestar uma pequena homenagem à cultura africana e celebrar os laços existentes entre o continente e o Brasil, iniciaremos cada capítulo de nossa dissertação evocando palavras e símbolos de matriz africana que se aproximam da proposta dos nossos estudos. Desse modo, como abertura para a pesquisa, resgatamos o adinkra¹² **Sankofa** originário da língua dos povos akan da África ocidental, especialmente, Gana e Costa do Marfim. Este ideograma ligado à memória e a ancestralidade possui um simbolismo muito forte para a comunidade negra por significar o retorno as raízes, “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para traz”. Aprender do passado, construir sobre suas fundações: “Em outras palavras, significa voltar às raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana” (GLOVER, 1969 *apud* NASCIMENTO, 2008 p. 31) e esse será o nosso propósito neste capítulo. Resgatar os momentos históricos os quais a população negra se mobilizou em prol de uma mudança social para garantir um novo futuro e nos orientar em nossos caminhos.



1.1. Na trama da história – Coser o futuro sem esquecer as linhas do passado

O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão.

Frantz Fanon¹³

Ao nos aproximarmos historicamente da comunidade negra brasileira¹⁴ e de sua expressão estética/cultural podemos perceber que esta não pode ser dissociada de um plano político, social e ideológico. Sua aparência, suas indumentárias e adornos, a textura dos cabelos, a cor da pele, as características corporais, todos os traços que marcam uma origem

¹² Conjunto de ideogramas que compõem a escrita dos povos akan. (NASCIMENTO, 2008)

¹³ FANON, Frantz. *Peles negra, máscaras brancas*, p.26.

¹⁴ É importante salientar que a comunidade negra brasileira foi formada a partir de uma multiplicidade de povos de origem africana (principalmente da costa ocidental africana), os quais destacamos os Yorubá – chamados *nagô* -, os Dahomey – conhecidos também como *gegê* – e pelos Fanti-Ashanti – denominados *minas*. (RIBEIRO, 1922, p.114) e que ao nos referirmos a uma cultura afro-brasileira/comunidade negra brasileira não estaremos excluindo a influência desses povos em sua formação, mas sim destacando a construção de uma nova cultura originada da interseção entre os grupos africanos e suas vivências em terras brasileiras.

étnica, durante muito tempo (e ainda hoje), também foram marcas que delegavam a esse povo uma posição de inferioridade.

A partir de um processo de escravização, que no Brasil durou mais de três séculos, a população negra teve sua identidade desconstruída mediante um imaginário sociocultural que tinha como ponto de referência a valorização da cultura europeia e o deslocamento do indivíduo negro para o domínio do não ser, do desumano. Desse modo, por configurar-se como um importante marco para a construção do imaginário do indivíduo negro brasileiro, partiremos de um lugar comum, a escravidão, para conduzir nossas reflexões acerca dos movimentos de resistência delineados por esta comunidade mesmo antes de sua chegada em terras brasileiras.

A mudança na forma de exploração da recém colônia portuguesa iniciada em 1532, período de transição entre o contexto pré-colonial (1500-1530) moldado pela mercantilização dos recursos naturais, tais como pau-brasil, e a estruturação colonial com a inserção da produção agrícola, mais especificamente a cultura de cana de açúcar fortalecida entre 1580 e 1620, impulsionou o tráfico negreiro que naquele momento se consolidaria, após a tentativa frustrada do uso da força de trabalho indígena, como a principal mão de obra trabalhadora em terras brasileiras. Dessa maneira, o trânsito de embarcações permeadas por negros e negras capturados em suas próprias terras passou a tornar-se um hábito comum e lucrativo para Portugal que em 1454, segundo Schumacher & Brazil (2006, p. 15), já havia recebido da Igreja Católica o reconhecimento de posse dos territórios africanos descobertos e, portanto, o assentimento para a total exploração, seja de recursos naturais ou humanos, daquela terra. Essa abertura para a exploração auferiu lucros não apenas para os portugueses, pois muitos outros países aproveitaram a situação para realizar seus negócios, como podemos observar no relato de Francisco Pyrard (marinheiro francês que percorreu intensamente o caminho entre o continente Africano e o Brasil na virada do século XVII),

Tiram em troca de suas mercadorias, escravos, ali em tão grande número que mais não pode ser, e passa por certo que é esta uma das maiores e mais certas rendas de el-rei de Espanha em todas aquelas costas, porque lhe vêm sem dispêndio ou custo algum. **Por cada cabeça de escravo, grande ou pequeno, que dali sai, pagam-se dez cruzados, e quando chegam a outra terra para ser vendidos, ou ficar nela, pagam ainda trinta por cento do valor. Por isso, na primeira compra custam pouco mais que nada, e no navio só dispendem o mantimento, embora às vezes morra grande número deles.** [Grifos nossos] (PYRARD, 1611 *apud* CALDEIRA, 2008, p.89)

O relato apresentado revela-nos a lucratividade do comércio negreiro, visto que para manutenção deste depreendia-se um valor mínimo de investimento, uma vez que assegurar

a vida escrava durante as viagens não era, de todo modo, uma preocupação daqueles que os comercializavam, como salientado por Pyrrard (1611 *apud* CALDEIRA, 2008).

Nesse contexto de exploração, eram legítimas práticas que visavam retirar todos os traços simbólicos que poderiam delegar ao negro sua individualidade e, portanto, seu caráter humano. Assim, mesmo antes de embarcarem rumo à vida cativa, a população africana passava por um processo de “higienização” cultural e religiosa, raspavam-lhes os cabelos, ato extremamente agressivo à cultura africana, visto que “o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial” (GOMES, 2012, p.25). Outrossim, expurgavam suas crenças religiosas, quebravam laços familiares com rupturas jamais reconstruídas e após serem negociados e vendidos enfrentavam a dura viagem rumo à América em condições de total precariedade, como podemos constatar em um relato do reverendo Robert Wash, que acompanhou um grupo britânico de abordagem a um navio português em 1829. Segundo o sacerdote a embarcação;

[...]estava há 17 dias no mar e, durante esse período, 55 escravos mortos haviam sido atirados na água. Quando apresada, a embarcação ainda carregava 336 homens e 226 mulheres, num total de 562 cativos, “fechados sob escotilhas gradeadas, entre conveses”, confinados numa área “tão baixa que eles sentavam entre as pernas uns dos outros, e tão amontoados que não havia possibilidade de deitarem ou mudarem de posição, durante o dia ou à noite”. Cada um deles estava destinado a um senhor diferente, e por isso eram marcados, como “ovelhas”, com os sinais dos proprietários, impressos em seus peitos ou braços. (WASH, 1829 *apud* SCHUMAHER & BRAZIL, 2006, p. 21)

Apesar da condição de subalternidade delegada ao negro africano, existiam muitos levantes dentro das embarcações, pois, resistentes à condição escrava estes tomavam o interior dos navios e quando não conseguiam se desvencilhar daquela situação muitos deles atiravam-se ao mar temendo o que lhes esperariam. Assim, era comum que boa parte do contingente populacional negro transportado não chegasse ao ponto final de sua jornada.

Já em terras brasileiras e inseridos no regime escravista, os negros africanos não estavam destituídos das tentativas de apagamento de sua memória ancestral, pois estes, em condição de total subordinação, ainda eram despossuídos de seus nomes originais, um dos únicos registros de sua individualidade, e recebiam nomes cristãos como a vontade de seus senhores determinasse (RODRIGUES, 2010). Porém, em uma posição de resistência, era comum que os africanos não delegassem tão facilmente sua origem, mantendo, mesmo que

em ambientes restritos, seus nomes étnicos, relações parentais¹⁵, costumes culturais e religiosos, assim sendo, “o escravo assistia à missa e adorava ao mesmo tempo a Xangô e Ogum¹⁶. Confundiam-se na prática as tradições africanas e cristãs” (COSTA, 1999, p. 298) como uma possibilidade de manutenção da cultura africana, mesmo que esta não tenha deixado de sofrer notável interferência das relações socio-históricas estabelecidas no Brasil. [ver *Figura 1*];

Figura 1 - Escrava doméstica - Autor Desconhecido c. 1890



Fonte: <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/06/historia-do-brasil-como-vc-nunca->

Segundo Gomes (2012, p.132) nesse contexto “a subordinação do escravo ao senhor era absoluta e necessária ao sistema escravista”, à vista disso, havia um certo interesse em manter práticas que reduzissem o indivíduo negro a condição de máquina, sem vontade própria, despido de sua individualidade. Por conseguinte, a partir dessas práticas o senhor poderia manter sua “propriedade” - o negro - em posição de obediência e servidão como uma forma de adestramento corporal e mental¹⁷. Ainda sobre a condição do negro durante o escravismo podemos destacar a fala de Moura (1992, p.15/16),

¹⁵ Essas relações eram reestabelecidas pelo encontro de pessoas que não necessariamente constituíam vínculos sanguíneos entre si, mas que tinham em comum a língua ou a região de pertencimento na África (parentes étnicos).

¹⁶ Xangô (senhor da justiça, dos raios, do trovão e do fogo) e Ogum (senhor do ferro, da guerra, da agricultura e da tecnologia) termos procedentes da língua iorubá que designam dois importantes orixás do Candomblé, religião de matriz africana cultuada no Brasil. Para saber mais sobre as religiões de matriz africana e de suas relações no contexto brasileiro ver; Pierre. *Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Salvador: Corrupio, 2002.

¹⁷ A relação assimétrica estabelecida entre a figura do senhor e do escravo pode ser comprovada em anúncios publicados em jornais do século XIX no Brasil, nesse período tratar a população negra como posse e mero objeto era uma prática legitimada, inclusive, pela própria sociedade, como podemos observar no exemplo a seguir retirado do livro de Gilberto Freyre, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiro do século XIX*: “Vende-se huma

[...] o negro escravo vivia como se fosse animal. Não tinha nenhum direito, e pelas Ordenações do Reino podia ser vendido, trocado, castigado, mutilado ou mesmo morto sem que ninguém ou nenhuma instituição pudesse intervir em seu favor. Era uma propriedade privada, propriedade como qualquer outro semovente, como um porco ou cavalo. (MOURA, 1992, p.15/16)

Ainda que a repressão fosse uma constante na vida dos negros na sociedade escravista e que essa comunidade tivesse poucas possibilidades de manifestação social, no início do século XVI, instaurou-se um grande movimento histórico social de renitência à dominação do povo negro no Brasil, a *quilombagem*. Tal movimento, assim como a *marronnage* no Caribe e a *cimmarronage* na América Hispânica¹⁸, caracterizava-se por recorrentes manifestações de protesto e rebeldia contra a hostilidade da sociedade colonial, assim, concebemos, em consonância com Clóvis Moura (2004), como pertencentes a esse movimento não apenas a construção de quilombos (centro organizacional e unidade básica estrutural do movimento), mas também os vários levantes e revoltas executados durante todo o período escravista, como as insurreições baianas (rebeliões constantes de escravos contra o regime escravista que, em curtos intervalos, sucederam na Bahia)¹⁹ do século XIX e a ação de bandoleiros (grupos de quilombolas que agiam através de ataques em estradas, vilas etc. pilhando expedições, invadindo e roubando fazendas).

De acordo com Moura (1992, p.23), a *quilombagem* e, por conseguinte, o quilombo “estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele”. Ademais, com a organização dos quilombos, eram mantidas tradições e costumes oriundos do continente africano, portanto, tal movimento simbolizava, para além da resistência a preservação de uma cultura ancestral.

Nesse contexto, é importante salientar a dimensão do movimento de *quilombagem* em todo regime escravista. Esse teve sua manifestação endossada em todo perímetro territorial brasileiro onde a escravidão esteve presente, configurando-se não apenas como refúgio para negros e negras fugidos, mas também como apoio a toda população marginal daquela época

escrava por preço tão favorável que será incrível no tempo presente por tal comprá-la; a mesma escrava não tem vício e he quitandeira e só tem contra si huma figura desagradável e he o motivo por que se vende...” (Diário de Pernambuco, 23/9/1830).” (FREYRE, 1979)

¹⁸ Termo de origem espanhola, designa os movimentos de resistência escrava que deu origem à organização de comunidades livres negras na América Central, especialmente nas Antilhas. Tal movimento era caracterizado, segundo Bernd (1988) pela fuga de escravos, para o espaço agreste das matas, em busca da liberdade. Ver também obra de Roger Bastide (1974). *As américas negras: as civilizações africanas no novo mundo*.

¹⁹ RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 1945, Cap. II e III.

(MOURA, 1992). Nesse sentido, era corrente encontrar em um quilombo “índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral, bandoleiros, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar, mulheres sem profissão, brancos pobres e prostitutas” (MOURA, 1992, p.25) alternando de forma significativa a paisagem daquela comunidade.

No século XVII, por exemplo, um dos principais e mais emblemáticos representantes da *quilombagem* no Brasil era o Quilombo de Palmares ou República dos Palmares (de 1630 até, aproximadamente, final do século XVII) na Serra da Barriga, localizada onde encontra-se hoje o estado do Alagoas²⁰. Palmares alcançou grande reconhecimento por ser a maior tentativa de autonomia governamental fora do Continente Africano, tanto em extensão quanto em sua demografia. Segundo Moura (1992) no auge de sua formação o quilombo tinha uma população aproximada à 20.000 habitantes e uma extensão de 27.000 quilômetros quadrados, organização social semelhante à de tribos africanas com lideranças e conselhos, representando, desse modo, desconunal perigo aos domínios portugueses. Destarte, nas palavras de Moura (2004, p.337);

O sistema político de Palmares era também uma reprodução do que havia na África. Ninguém via como essa estruturação familiar, militar e política estava ligada às necessidades sociais da república, da produção, da reprodução demográfica, da sua defesa permanente em face das condições que criaram por força da existência de instituições repressivas organizadas para combatê-la.

Por conseguinte, a criação de quilombos, como o do Palmares, e a manifestação da comunidade negra por meio de rebeliões e ataques desestruturou significativamente as bases do colonialismo de forma contínua e, antes mesmo das primeiras manifestações abolicionistas²¹, consolidou-se como uma das mais importantes frentes de resistência negra no Brasil.

Posteriormente, com a abolição da escravidão na sociedade brasileira em 1888 e com a proclamação da República em 1889, observou-se um movimento diferenciado, mas, ainda sim, pouco satisfatório em relação à condição social do negro. Com a mudança do sistema econômico, de uma economia extrativista colonial de mão de obra essencialmente escrava,

²⁰ De acordo com Clóvis Moura em sua obra *História do Negro no Brasil* (1992) cerceando a contagem apenas entre os quilombos mais importantes brasileiros existiam mais de 136 acampamentos.

²¹ Segundo Moura (2004 p.15/16) as manifestações abolicionistas referem-se ao movimento iniciado, em um sentido amplo, entre 1879-1980. Tal movimento teve como pilar a classe média liberal não satisfeita com apenas extinguir o tráfico negreiro ou reivindicar medidas que melhorassem as condições de vida do escravo, desse modo, seu objetivo principal era a extinção da escravidão.

para a modernização dos meios de produção orientada progressivamente pela inserção da máquina no trabalho e no cotidiano do cidadão, surgiu a necessidade de reorganizar as estruturas sociais e assim inserir à nação brasileira aquele contingente populacional que, até então, não formava parte desta. Nesse momento, influenciados pelo determinismo biológico do fim do século XIX e início do XX²², uma parcela da elite intelectual brasileira formada por influentes pensadores, juristas, políticos e escritores, impulsionou o movimento que defendia a *mestiçagem* como principal meio para resolver o problema da população negra recém-liberta.

Desse modo, é importante salientar que, nesta pesquisa, trataremos o conceito de *mestiçagem*, em conformidade com Munanga (1999, p.21) como a totalidade de casos de cruzamento ou miscigenação entre populações biologicamente diferentes (no Brasil a mistura entre o negro, o indígena e o branco europeu). Porém, destacamos, nesta linha de pensamento, características e fenômenos que vão além do biológico, incorporando, desse modo, aspectos de origem social, psicológica e econômica. A *mestiçagem*, nesse contexto, não denominava apenas as misturas entre etnicidades, já que esta traduzia relações assimétricas entre os descendentes dessas misturas. Assim, os cruzamentos dispostos na configuração social não davam origem a um brasileiro, mas a multiplicidades distintas de categorias de indivíduos separados hierarquicamente. Nesse sentido, encontramos nos cruzamentos realizados no Brasil as seguintes distinções especificadas no ensaio *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro (1995);

- (i). Cruzamentos entre negros e brancos davam origem aos Mulatos;
- (ii). Cruzamentos entre brancos e índios davam origem aos Caboclos;
- (iii). Cruzamentos entre negros e índios davam origem aos Curibocas.

Essa separação, diferentemente da ocorrida nos Estados Unidos, onde havia uma cisão rígida entre negros (todo homem de cor independente de sua miscigenação) e brancos, expunha a tentativa de garantir o espaço social destinado ao homem branco e seus privilégios, visto que a ascensão social estava interligada às questões estéticas, mais especificamente à cor negra da pele (DAVIS, 2016). No capítulo XII do livro *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano (1961)* de Gilberto Freyre, podemos observar como

²² Crença que a biologia determina o comportamento humano, negligenciando os outros fatores como o social, o cultural, o ambiental e o político. No Brasil, como abordado por Munanga (1999), esse conceito era alicerçado pela crença da inferioridade das raças não brancas, especialmente se contrastada à raça negra, e a uma degradação da excelência branca quando misturada à outras raças, mestiçagem.

se delineava a experiência da miscigenação e como a sociedade do século XIX concebia o negro e sua integralização. Freyre (1961, p.633), citando Raymundo José de Souza Gayoso (1808), expõe uma curiosa tabela utilizada por estudiosos da época que pretendiam, a partir de cruzamentos, delimitar em quantas gerações conseguir-se-ia transformar um negro em um branco, segundo Gayoso (1808 *apud* FREYRE, 1961, p.633) na *Tabuada das misturas para ficar branco*;

1 branco com uma negra produz mulato

Metade branco, metade preto.

1 branco com uma mulata produz quartão

Trez quartos branco, e um quarto negro.

1 branco com um quartão produz outão

7/8 branco e 1/8 negro.

1 branco com outona produz branco

Inteiraente branco.

Gayoso (1808 *apud* FREYRE, 1961, p.633-634) continuando sua constatação, salienta que em uma primeira manifestação de miscigenação a aparência de negros e índios não são modificadas e esses, mesmo provenientes de uma mistura, são tratados como seus descendentes étnicos em uma posição de inferioridade. O autor salienta que a distinção de cor para o indígena só sofreria alteração (mudança para a aparência branca) em uma terceira geração e que para o negro essa sorte só viria em uma quinta geração. Tal mudança no aspecto físico, como aborda Gayoso, concederia ao negro os mesmos privilégios da população branca.

O fragmento destacado coloca em voga dois aspectos importantes os quais culminaram na percepção do negro que se arrasta até o século XXI. O primeiro seria a relação de inferioridade entre negro e índio e o segundo seria a impossibilidade de aceitação da comunidade negra e suas singularidades. À vista disso, evocamos a fala de Munanga (1999) referindo-se à condição do negro em comparação às demais raças em uma crítica à obra de Euclides da Cunha;

O negro era componente de uma raça inferior. Na tríade da mestiçagem, o português, apesar de demonstrar que já era mestiço, não deixa de ser a raça superior, aristocrática. O próprio índio que ele ressaltava não tinha capacidade de se afeiçoar às mais simples concepções de um mundo mental superior. Quanto ao africano, não há esforços que consigam aproximá-lo sequer do nível intelectual do indo-europeu. (MUNANGA, 1999, p.59)

A ideia inserida no movimento de apoio à *mestiçagem*, como retrata o excerto, não tinha como propósito a integração das diferentes raças encontradas no país, tais pensamentos, velados pelo imaginário da união nacional, tinham como plano de fundo a busca por uma solução para o problema da diversidade no Brasil. O incentivo à mistura entre o branco e as demais etnicidades, nesse contexto, funcionava como antídoto ou uma forma de cura para a população brasileira que, ao receber o sangue branco se purificaria, gradativamente, das influências negativas de populações inferiores, como a africana e a indígena.

A política adotada no país entre os séculos XIX e XX, desse modo, estruturou-se de forma articulada e ao mesmo tempo perigosa, pois, ao contrário do movimento explícito de segregação racial ocorrido na América do Norte e o Apartheid na África do Sul (1948-1994) legitimados por leis civis, no Brasil, tal segregação ocorreu a partir de uma roupagem de acolhimento, visto que tal abordagem, em um primeiro momento, parecia aceitável devido à preocupação aparente em criar uma identidade nacional formada a partir da multiplicidade étnica existente no país. Não obstante, em uma visão mais aprofundada dos estudos desenvolvidos na época²³, observamos, imerso em alguns pensamentos, um objetivo maior de dissolução dos traços negros e, assim, o embranquecimento da sociedade brasileira e o fortalecimento da ideologia do branqueamento.

A ideologia do branqueamento constituiu-se como uma forma de integração social para o negro. Assim, este deveria, por meio da assimilação dos valores culturais e morais do branco, inserir-se socialmente negando suas raízes e até mesmo suas características físicas e estéticas. Tal ideologia tinha por objetivo desmistificar a ideia de que no Brasil existia conflitos raciais e fortificar o imaginário que a sociedade brasileira era instituída harmonicamente. Assim, as bases do branqueamento,

[...] baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e menos adiantada “e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas. (SKIDMORE, 1989, p.81)

²³ Podemos destacar como principais representantes da intelectualidade da época (século XIX e início do XX) nomes como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Gilberto Freyre, entre outros.

Destarte, a implementação da política e da ideologia de branqueamento não teve efeitos positivos para a população negra, visto que “exerceram uma pressão psicológica muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram pela coação, forçados a alienar sua identidade transformando-se, cultural e fisicamente em brancos”. Destarte, com a imposição constante de uma identidade inalcançável, muitos negros, entendendo que o melhor caminho seria a assimilação da cultura europeia, aproximaram-se ao máximo do ideal branco, seja na forma de vestir ou negando o próprio corpo com intervenções que, assim como as mutilações provocadas pela escravidão, deixavam marcas irreversíveis na alma, como ilustram as fotografias em um momento de transição histórica para a comunidade negra brasileira, final do século XIX e início do XX, entre a proximidade da sonhada alforria e o desfrutar de uma liberdade velada. [Figura 2, 3 e 4]

Figura 2 - João Goston - Escrava doméstica c 1870, BA

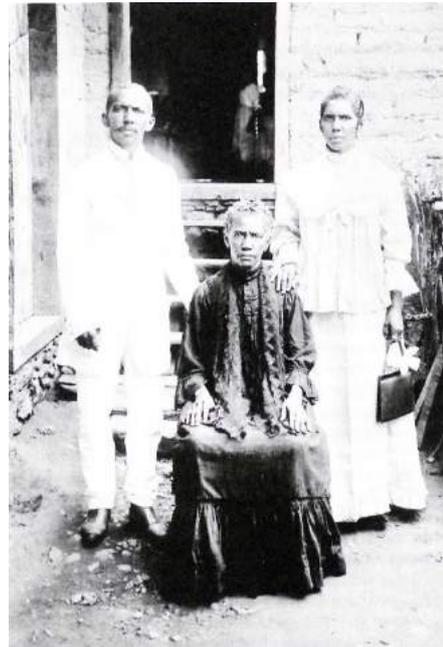


Figura 3 – Vincenzo Pastore – Vincenzo Pastore fotografa homem negro, em estúdio, c1900, SP



Fonte [Figuras 2 e 3]: Acervo IMS (Instituto Moreira Salles)

Figura 4 João Stamato, sem título, 1911



Fonte: NOVAI et al., 1998, p 51.

As referências aos poucos foram incorporadas com o objetivo de alcançar a tão “sonhada” redenção social, porém, deparando-se com o racismo e a falta de cumplicidade, a população negra começou a perceber que nada seria capaz de retirar-lhe daquela posição de inferioridade a não ser a ruptura, a resistência e a descolonização de sua própria mente. O caminho para a mudança estava, dessa forma, na reconstrução de uma consciência emancipada no reconhecimento do outro e de sua diferença não apenas por um olhar subalterno, mas sim, através da valorização das raízes africanas, da cultura e da beleza de suas características estéticas, como aponta Munanga (1986).

Análoga à investida da elite branca brasileira em assimilar a cultura e os traços da população negra, encontramos diversas manifestações políticas e sociais, organizadas autonomamente pelo povo negro, que serviram como fonte para a construção de um movimento social atento às causas desse contingente populacional marginalizado. Desse modo, deparamo-nos, em uma perspectiva histórica, com tentativas de enfrentamento ao regime desumano imposto aos negros em toda sua trajetória. Assim sendo, por entendermos a importância dessas manifestações socio-políticas desenvolvidas pela comunidade negra brasileira e por acreditarmos que esse percurso é relevante para analisarmos o papel social dos representantes dessa comunidade na atualidade, propomos a estruturação de um

esquema que organizará, cronologicamente, o percurso do movimento negro até o século XXI²⁴, como podemos observar a seguir;

²⁴A linha do tempo e sua respectiva legenda não tem por objetivo tonar o processo complexo pelo qual a população negra passou até a estruturação de um movimento social em algo estanque e linear, desse modo, torna-se imprescindível ressaltar que todo avanço aqui esquematizado foi perpassado por momentos de contradição, recuos e estancamento. À vista disso, para um aprofundamento das marcas temporais expostas na linha do tempo alvitrada, indicamos as seguintes obras F. Fernandes, *A integração do Negro na sociedade de classes*, 2.vol. e *O negro no mundo dos brancos* do mesmo autor, R. P. Pinto, *O movimento negro...*, Clóvis Moura, *História do Negro Brasileiro* consultadas, também, para a formulação do esquema.

ESQ. 1 Linha do tempo – A estruturação do Movimento negro no Brasil



Figura A



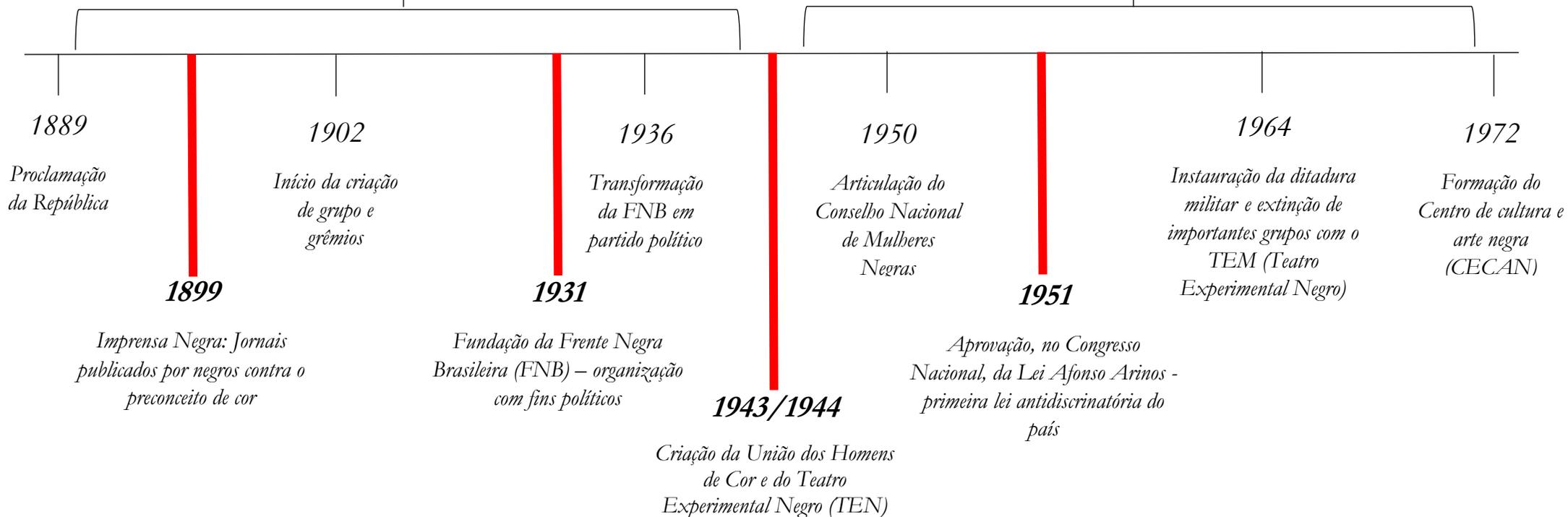
Figura B



Figura C

● *Primeira Fase: Primeira República ao Estado Novo (1889-1937)*

● *Segunda Fase: Segunda República à Ditadura Militar (1945-1964)*



● *Terceira Fase: Início do processo de redemocratização à República Nova*

● *Quarta Fase: Configuração de um novo Movimento negro*



ESQ. 1 Linha do tempo – A estruturação de Movimentos sociais negros no Brasil

Legenda: ESQ. 1 Linha do tempo – A estruturação de Movimentos sociais no Brasil⁵

- **Primeira Fase:** Neste período, emergiram organizações de diversos tipos, como clubes e associações que tinham como principal propósito lutar por uma posição social mais favorável para a população negra. Acreditavam na *mestiçagem* como forma legítima e positiva de inserção dos negros na sociedade. (DOMINGUES, 2007, p.102)

Estratégia de inserção social: Assimilação

Principal marco político social: Criação da Frente Nacional Brasileira (FNH) a qual veio a se tornar partido político em 1936, a retomada da atuação política com o fortalecimento da União dos homens de cor (UHC) e com a nova investida na imprensa com a publicação de jornais, tais como o Alvorada de 1945.

Influências de movimentos internacionais: Movimento Pan-africanista

- **Segunda Fase:** marcada pela recriação de entidades negras por todo país influenciada pelos movimentos dos direitos civis nos Estados Unidos e descolonização da África.

Estratégia de inserção social: Integracionista. (DOMINGUES, 2007, p.108)

Principal marco político/social: Criação do Teatro Experimental Negro (TEN) por Abdias do Nascimento, importante ativista dos direitos civis, artista e professor.

Influências de movimentos internacionais: Movimento de Negritude /Pan-africanismo e descolonização da África.

- **Terceira Fase:** Fortalecimento de publicação da chamada imprensa Negra com a veiculação de diversos jornais, tais como Africus (1982), Nizinga (1984), no Rio de Janeiro; Jornegro (1978), 41 O Saci (1978), Abertura (1978), Vissungo (1979), em São Paulo; Pixaim (1979), em São José dos Campos/SP; Quilombo (1980), em Piracicaba/SP; Nêgo (1981), em Salvador/BA; Tição (1977), no Rio Grande do Sul; além da revista Ébano (1980), em São Paulo. (DOMINGUES, 2007, p.111)

Estratégia de inserção social: Diferencialista (igualdade na diferença).

²⁵ As fotografias e figuras que fazem parte do ESQ.1 foram retirados das seguintes fontes, a saber; Figura A Disponível: <http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/verbetes/o_clarim_d_alvorada.html> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017. Figura B: Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2010/ju457_pag12.php> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017. Figura C: Disponível em: << http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/ativista-e-artista/?content_link=3>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017, Figura D: Disponível em: << <https://movimentonegrounificadoba.wordpress.com/page/2/>>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017, Figura E: Disponível em: << <https://musiqueatrois.wordpress.com/tag/movimento-black/>>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017, Figura F: Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/artigo-hamilton-cardoso/#gs.rgUdO78>>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017, Figura G: Disponível em: << <http://www.diarioliberalidade.org/brasil/antifascismo-e-anti-racismo/40658-douglas-belchior-%E2%80%99Co-brasil-%C3%A9-um-pa%C3%ADs-estruturalmente-racista%E2%80%9D.html>>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

Principal marco político/social: Formação de um movimento nacional. Criação do Movimento Negro Unificado (MNU), proposta de unificação de todos grupos antirracistas em nível nacional.

Influências de movimentos internacionais: Afrocentrismo, movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos da América e descolonização da África.

- **Quarta Fase:** Com a reestruturação dos movimentos sociais negros, observa-se o florescer de uma nova mobilização impulsionada pelos novos meios de comunicação, internet (redes sociais e *Blogs*) apoiada, principalmente, pela juventude negra. (DOMINGUES, 2007, p.119)

Estratégia de inserção social: Reconhecimento e exaltação das diferenças culturais/estéticas, retorno às origens Africanas.

Principal marco político/social: Política de cotas em universidades e criminalização do racismo.

Influências de movimentos internacionais: Movimento antirracismo

Apoiados nos eventos destacados no ESQ.1, observamos que as manifestações políticas estruturadas pela comunidade negra tiveram, de acordo com o ambiente sociocultural ao qual estavam imersos, diferentes estratégias para alcançar seu reconhecimento social. Seja pela assimilação cultural de seu opressor ou pela organização de grupos políticos, o povo negro nunca esteve indiferente a sua condição marginal.

As manifestações políticas, corporificadas, principalmente, a partir do final do século XIX, representaram a força de uma população organizada em campos de atividades e de experimentação social. Nessa perspectiva, no final da década de 90, o movimento afro-brasileiro sofreu uma transformação considerável em suas estratégias de atuação, este deixou de atuar, quase exclusivamente, em um cenário cultural e passou a ser referência contra a discriminação racial, a favor de uma reconstrução identitária negra (GOHN, 2003, p. 21), principalmente, pela inserção das reivindicações do movimento nas pautas do governo. Tal mudança teve, também, como propulsor a popularização dos meios de comunicação e, por conseguinte, a acessibilidade das camadas mais populares a recursos tecnológicos, como a internet e suas múltiplas plataformas sociais. Essa nova possibilidade de contato propiciou a articulação de ações coletivas oriundas tanto de movimentos sociais já consolidados, como também de agentes autônomos²⁶ que encontraram na abertura das redes de comunicação

²⁶ A título de exemplo em relação aos movimentos sociais podemos citar a página do MNU (Movimento Negro Unificado) na rede social *Facebook* (Disponível em: <<https://www.facebook.com/Movimento-Negro-Unificado-Brasil-MNU-200904580057528/>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017) e do Geledés (Instituto da Mulher Negra) (Disponível em : <<http://www.geledes.org.br/geledes/quem-somos/#gs.6rgIPMw>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017) e no que diz respeito às páginas autônomas destacamos a de Djamila Ribeiro,

uma possibilidade concreta de expor sua voz historicamente silenciada. Sabendo que apenas por meio da construção discursiva dissidente às formuladas pelas elites é que se pode estabelecer uma resistência, os negros passam a figurar outros papéis sociais, de coadjuvantes a protagonistas da própria vida, fora da sombra da coletividade, mas intrinsecamente ligados a ela, constroem discursos importantes para entendermos o atual momento do movimento negro brasileiro.

1.1.2 Movimento negro brasileiro e a conjuntura internacional: Pan-africanismo e Negritude

As múltiplas transformações que o movimento negro passou no Brasil, principalmente após a Proclamação da República (1889), como apontado no ESQ.1, foram mediadas por conjunturas internacionais de resistências e construção de novos olhares para a comunidade negra. Desse modo, abordar as manifestações que projetaram ideias e percepções sobre o significado de ser negro mostra-se relevante, visto que essas configuram-se como base para os discursos projetados na contemporaneidade pela comunidade negra.

Destarte, um dos movimentos mais expressivos do século XX, e que contribuiu de forma significativa tanto para a edificação da identidade negra, quanto para unificar os povos da diáspora²⁷ africana foi o movimento de *Negritude*,²⁸ iniciado, com essa nomenclatura, na Europa por estudantes negros oriundos de países colonizados entre eles o Haiti, Antilhas e Guiana Francesa. Tais estudantes, ao se depararem com a situação de segregação racial na sociedade europeia e influenciados por escritores e pensadores negros americanos, como W.E.B.Du Bois (1868-1963), perceberam que, apesar das intensas tentativas de aproximação à cultura branca ocidental, concebida como superior, a situação dos negros continuava a manter-se inalterada. Nesse sentido, a ideia que garantiria ao negro uma posição social

filósofa e ativista negra brasileira (Disponível em: <<
<https://www.facebook.com/djamila.ribeiro.1?fref=ts>>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017) e o canal no Youtube Afro e Afins de Nataly Neri que aborda questões relacionadas tanto ao ativismo quanto ao empoderamento negro (Disponível em: <
<https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdKrQg>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2017).

²⁷ Conceito usado para designar os negros de origem africana deportados (a partir de um processo de escravidão) para outros continentes e seus descendentes (os filhos de escravos na América etc.). (Munanga, 1986, p.82).

²⁸ Segundo Zilá Bernd (1988, p.20) no livro *O que é Negritude*, o termo negritude pode ser compreendido a partir de duas perspectivas, a saber; (i) em um sentido mais amplo onde o termo seria utilizado para se “referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra”, desse modo, mesmo que o termo tenha sua origem demarcada em 1934, poderíamos caracterizar todo ato de resistência negra, por exemplo movimentos quilombolas, revolução Haitiana (1804), como pertencente a atos de negritude; (ii) em uma sentido mais restrito, e que será utilizado neste tópico, Negritude com letra maiúscula representaria “um momento pontual na trajetória da construção de identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo.”

privilegiada pela aquisição de instrução (assimilação cultural) cairia por terra, visto que ainda era um pensamento naturalizado da época a relação entre raça e capacidade intelectual legitimada por importantes teóricos como Montesquieu (1689-1755) e Hegel (1770-1831). De acordo com Zilá Bernd (1988), a título de exemplo, Hegel em suas *Lições de Filosofia da História Universal (1822-1831)*,

[...] sustentou que nem os povos da África nem os da América estavam aptos a realizar a Idéia da Razão, estando, pois, condenados a “vagar no espaço natural, a menos que, pelo contato com os europeus-tocados pelo Espírito – essas hordas primitivas tomassem consciência de si”. (BERND, 1988, p.13)

Diante disso, percebemos a impossibilidade de reconhecimento social da comunidade negra, em uma condição de subalternidade, visto que nem mesmo o contato com a Europa, exposto por Hegel, garantiria para tal população, aos olhos do colonizador, uma mudança de posição social dissociada à questão racial.

O excerto, apesar de demonstrar a face mais obscura da discriminação racial, aponta também uma questão importante para a construção do movimento negro no século XX, a tomada de consciência, pois foi a imposição estabelecida pela falta de inserção social que propiciou uma mudança no reconhecimento do negro de si e de suas raízes ancestrais. Essa tomada de consciência teve sua manifestação em diversos países que receberam a população negra e que tiveram em seu contexto histórico um modelo econômico de mão de obra escrava. Nos Estados Unidos, por exemplo, Langston Hughes (1902-1967) e Dr. Du Bois (1868- 1963) -considerado o pai da *Negritude* - tiveram um papel significativo em promover a ideia que a população oriunda da África deveria se desvencilhar das amarras da assimilação e retornar as raízes culturais de seu povo ancestral. Destarte, foi por influência de Du Bois, entre 1920 e 1940 no Harlem (bairro negro de Nova Iorque), que surgiu o movimento literário denominado *New Negro* ou *Negro Renaissance*. Tal movimento tinha como proposta inicial afastar “os estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social” (DOMINGUES, 2005, p. 12). Contrapondo-se ao ato de lamento pela sua condição racial, exaltavam e glorificavam a cor negra de suas peles nas obras artísticas e literárias que criavam. Podemos citar, a título de exemplo, alguns dos principais representantes do movimento *Negro Renaissance*, Du Bois, criador do livro mais importante para os ativistas da época, *Almas Negras* (1903), mas também nomes como Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wrigh.

O sociólogo, historiador e ativista W.E.Burghardt Du Bois também teve um importante papel na luta contra o imperialismo e a libertação dos povos ainda escravizados

nas Américas. Nessa conjuntura, Dr. Du Bois, junto com Henry Sylvester Williams(1869-1911), foi também um dos representantes e fundadores mais expressivos do *Pan-africanismo*, movimento que, segundo Decrane (1962, p.13) era, em seus primórdios, “uma simples manifestação de solidariedade fraterna entre negros de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos da América do Norte” e que mais tarde tornou-se um dos expressivos movimentos políticos negro do século XX, organizando congressos e encontros em prol da reintegração dos povos africanos, sem pregar a volta à terra de origem (África)²⁹, “defendia os direitos destes enquanto cidadãos da América e exortava os africanos a se libertarem em sua própria terra”(MUNANGA, 1986, p.36) a partir de movimentos que exaltavam a religião e a cultura negra.

O movimento Pan-africano teve, ao longo de seu período de atuação, cinco congressos, a saber, Paris (1919), Londres (1921 e 1923), Nova Iorque (1927) e Manchester (1945) nos quais foram discutidos temas que expunham a preocupação da intelectualidade negra com a colonização e com o futuro do continente africano. Desse modo, os eventos realizados conformavam-se como uma importante frente de combate ao sistema colonialista pregando a liberdade e a soberania da África, com o objetivo de devolver ao povo negro o direito de dispor de suas origens sem serem alvos de discriminação e racismo. Todas essas imposições culminaram, após o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em sucessivas independências dos países colonizados, tais como a de Gana (1957) e Guiné (1958).

Retomando o movimento de *Négritude*, no ano de 1932 em Paris, um grupo de estudantes negros das Antilhas (Étienne Léro, René Menil, Jules Monnerot e outros) organizou uma revista denominada *Légitime Défense* (Legítima Defesa) com ideias que questionavam a política de submissão cultural e a opressão racial em defesa de uma independência intelectual e da liberdade estilística literária, posto que até aquele momento muitos escritores negros delegavam suas raízes para dedicar-se ao estilo europeu. De acordo com Munanga (1986, p.44), a revista tinha um caráter de manifesto e os estudantes que a escreveram “criticavam os escritores de seu país, que sempre plagiaram os modelos literários franceses”, destarte era inadmissível, naquele momento, a construção de obras artísticas e literárias que não assumissem, em sua essência, a pigmentação e a origem tanto daqueles retratados nas obras, quanto dos que as escreviam; a nova ordem era a valorização da cultura

²⁹ É importante salientar que um dos participantes do movimento Pan-africano, Marcus Garvey (1887-1927), conhecido por suas estratégias messiânicas “preconizou o regresso de todos os negros à África” e para isso entre 1919 e 1921 arquitetou um projeto de navegação chamado *Black Star Line*, tal ideia era rechaçada por Du Bois que, como havíamos salientado, buscava a emancipação do povo negro independente do lugar geográfico onde este se encontrava. (Decraene,1962, p.18)

negra e dos povos da diáspora. Apesar da revista *Légitime Défense* (1932) ter sido editada apenas uma vez, esta constituiu-se como um importante marco em razão de uma autonomia intelectual negra por encorajar outros impulsos que reestruturaram tanto a expressão literária, quanto as manifestações políticas de igualdade racial.

Dois anos mais tarde, em 1934, na esteira do movimento desenvolvido pelos estudantes antilhanos, foi publicada a revista *Étudiant Noir* (Estudante Negro) que pretendia, assim como a *Légitime Défense*, combater a assimilação cultural por meio da volta às origens africanas, mas sem deixar de conceber as teorias construídas na Europa como importantes ferramentas para compreender a modernidade. À vista disso, a mudança de posicionamento diante da produção intelectual ocidental foi, em certa medida, o grande diferencial entre as duas publicações realizadas na década de 30 na França. (MUNANGA, 1986, p.43) [Figura 5].

Figura 5 Primeira e segunda página da revista *Étudiant Noir* (1935)



Fonte: Banque Numérique des Patrimoines Martiniquais

Nesse grupo de ativistas, os nomes que mais se destacaram à frente da nova revista foram, segundo Domingues (2005), Aimé Césaire (Martinica) criador da palavra negritude, Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal). É importante salientar, nesse contexto, que o termo negritude, apesar de denominar o movimento iniciado já no começo da década de 30, só surgiu cinco anos depois da publicação da primeira edição da revista *Étudiant Noir* (1934) em um poema de Césaire intitulado *Cahier d'un Retour au Pays Natal* (Caderno de um regresso ao país natal - 1939). Nesse poema, o poeta e dramaturgo negro, na tentativa de jogar com as estratégias de discriminação de seu opressor, apropriou-

se da palavra *nègre*³⁰ do francês (usada para denegrir o negro em contraposição à *noir*, palavra que também se refere ao negro, mas de forma respeitosa), para ressignificá-la, a “intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *négritude* ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial” (DOMINGUES, 2005, p.29)³¹.

Para Aimé Césaire, o movimento de *Négritude* expressava a consciência de ser negro e, portanto, o reconhecimento da identidade desse povo com todas as suas particularidades. À vista disso, um dos principais objetivos do movimento, em seus primórdios, era o desafio da estruturação do mundo negro da realocação das culturas e costumes perdidos durante a diáspora. Conforme Munanga,

Identidade, fidelidade e solidariedade constituem [...] três aspectos de uma só personalidade cultural negra africana, tal como a perceberam os protagonistas da *négritude*. Cercá-la, celebrá-la, reivindicá-la contra a máscara branca imposta pela teoria da assimilação, era o principal objetivo do movimento da *négritude*, praticamente o único antes da guerra. (MUNANGA, 1986, p. 47)

Em contrapartida, Léopold Sédar Senghor (1906-2001) tinha uma perspectiva mais relacionado ao místico e ao exotismo da raça, pois acreditava na existência de uma “alma negra” intrínseca ao povo negro. Nesse sentido, o negro se contrapunha ao branco, visto que, de acordo com o escritor senegalês, o primeiro seria voltado para a emoção, e o segundo para a racionalidade. Tal concepção estaria embasada em uma vertente mais essencialista da identidade negra, visto que “enquanto a civilização europeia seria fundamentalmente materialista, os valores negros africanos estariam fundados na vida, na emoção e no amor, para Senghor, estes atributos constituíam um privilégio do negro” (DOMINGUES, 2005, p.31). Porém, apesar da tentativa de elevar as características de seu povo, Senghor acabou por legitimar uma visão preconceituosa em relação à capacidade intelectual dos negros, dado que se estes eram essencialmente voltados para emoção, logo, não poderiam ser capazes de desenvolver conhecimentos socialmente inseridos no domínio da razão, tais como a ciência,

³⁰ Em um contexto geral, podemos dizer que a palavra de origem francesa *nègre* pode ser equiparada à palavra *preto* (português brasileiro) e *nigger* (Inglês), expressões permeadas pela discriminação. Já a palavra *noir*, equivaleria à expressão *negro* e *black man*, utilizadas de forma respeitosa, apenas como forma designativa.

³¹ A estratégia utilizada por Césaire é uma ação mobilizadora atual de combate à discriminação, dado que, em pleno século XXI, observamos o uso do mesmo método por outro movimento que busca a igualdade de gênero, o movimento feminista. Nesse contexto, a palavra utilizada como símbolo de ressignificação foi “vadia”, termo que, segundo ativistas do movimento *Marcha das Vadias* (iniciado no Canadá em 2011 com o nome de *Slutwalk*), sempre foi utilizado por vários homens como justificativa para a realização de vários tipos de agressões contra a mulher. Tal movimento mobilizou mulheres de vários países, inclusive brasileiras, contrárias a culpabilização da vítima em casos de agressões. Para mais informações sobre tema consultar CHAVES, T.V. *Da Marcha das Vadias às vadias da marcha: discursos sobre as mulheres e o espaço*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2015. Disponível em: <<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000955335>>> Acesso em: 12 de abril de 2017.

tecnologia e o pensamento lógico. Esse fato deu origem a muitas críticas ao movimento de *Negritude*, pois tais pensamentos levavam os descendentes africanos ao lugar comum da dicotomia branco *versus* negros intrinsecamente ligadas a teorias etnológicas e deterministas típicas do século XIX, como a de Louis Agassiz (1807-1873) e, no Brasil, a de Nina Rodrigues (1862-1906), que consideram a existência da superioridade racial (BERND, 1988, p. 35).

Uma das mais estruturadas críticas dirigidas ao movimento de *Negritude* foi a do filósofo francês Jean-Paul Sartre, em seu famoso ensaio *Orfeu Negro*, de 1948. Nessa reflexão, Sartre expõe sua percepção sobre o movimento arquitetado pela elite negra afirmando que este era um instrumento ideológico progressista, o qual cumpria um papel reformista específico: colocar em questão o enrijecimento da dicotomia racial. Nesse sentido, o movimento antirracista de *Negritude* que, de certa forma, utilizava parâmetros raciais para combater a discriminação seria um estágio necessário para se alcançar uma organização social onde não existisse hierarquias baseadas em diferenças étnicas raciais, pois segundo o filósofo, em um primeiro momento, dever-se-ia enaltecer as diferenças para posteriormente superá-las. Nesse ponto de vista específico, podemos aproximar os pensamentos de Sartre aos do também filósofo Frantz Fanon (1925-1961), autor de *Peau noire, masques blancs* (traduzido para o português como *Pele negra, máscaras brancas* - 1952) que, segundo Munanga (1986), estabeleceu a ruptura da mística estruturada a partir da oposição negros *versus* brancos intrínsecos à teoria do movimento de *Negritude*.

Fanon, em seu ensaio, ainda questiona a ideia da existência de um ser tipicamente negro, o que trataria de maneira horizontal todas as culturas, línguas, características estéticas e psicológicas existentes entre as múltiplas comunidades negras. Segundo Fanon (2008, p.188),

Não é o mundo negro que dita minha conduta. Minha pele negra não é depositária de valores específicos. Há muito tempo o céu estrelado que deixava Kant ofegante nos entregou seus segredos. E a lei moral duvida de si própria. Como homem, aceito enfrentar o risco de ser aniquilado, a fim de que duas ou três verdades lancem sobre o mundo sua clareza** essencial.

As palavras do filósofo evidenciam a recusa de um essencialismo que pretendia construir uma identidade para a comunidade afrodescendente puramente subjugada a características universais entre todos os indivíduos de pele negra, assim como propunha Léopold Sédar Senghor. Para Fanon, nesse contexto, o povo negro deveria defender uma essência humana em contraposição à essência negra, fortificando a inexistência de diferenças raciais. Assim, o autor propõe por meio de uma ótica universalista/humanista a soma das lutas contra todas

as formas de opressão que tem em comum a humanidade como objeto (ROCHA, 2015, p.118).

Outros autores como Alfredo Margarido (1928-2010), Cheikh Anta Diop (1923-1986) e Marcien Towa (1931-2014) também esboçaram críticas ao movimento de *Negritude*, todavia, ao defrontarmos com as reflexões esboçadas por esses teóricos, reconhecemos dois pontos de encontro no que diz respeito aos descontentamentos diante da manifestação iniciada no século XX, a saber; a especificidade racial, que se refere à dicotomia já mencionada anteriormente nesse tópico (negro *versus* branco) e a existência de características psicofísicas inerentes a raça (negro emotividade *versus* branco racionalidade) e, portanto, a produtividade cultural e a primazia dada ao conceito de raça em detrimento do de classe. Assim, na esteira das reflexões feitas acerca da *Negritude*, os problemas enfrentados pela comunidade negra extrapolariam as questões puramente epidérmicas, desse modo, suas raízes estariam atreladas as condições opressivas devido a uma ordem social injusta, o que demonstra a aproximação desses teóricos aos pensamentos marxistas. Conforme Bernad (1988, p.39), delimitar os problemas dos negros apenas à questão racial, na visão dos críticos da *Negritude*, camuflaria a posição de inferioridade desse povo no jogo de classes e, assim, dificultaria a solidariedade entre os oprimidos na busca por melhores condições de vida.

Seguindo a trajetória da *Negritude* e seu encontro com as mobilizações negras brasileiras, podemos destacar o período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como importante marco para uma mudança substancial no engajamento dos representantes desse movimento. Nesse momento, as ações esboçadas pelos ativistas da diáspora³² deixam de figurar apenas no campo da cultura para constituir raízes políticas de engajamento. Segundo Petrônio Domingues (2005),

[...] o movimento da negritude entrou em uma nova fase, que podemos qualificar de militante. O mais importante, naquele instante, era colocar a ideologia da negritude a serviço da causa política maior: a libertação das colônias africanas do jugo europeu. Ultrapassando os marcos da literatura, a negritude encampa a luta pela conquista do poder, pela independência e assume, igualmente, um discurso de repúdio ao imperialismo e ao racismo. A criação poética adquire um caráter político.

³² A grosso modo, podemos entender a diáspora como a dispersão de um povo pelo mundo por motivo de imposição como perseguição política, religiosa, étnica ou guerras etc. Em relação à população africana Gilroy (1995, p.23 *apud* Costa, 2006, p.116), salienta que “a diáspora é um conceito útil porque ele especifica a popularização e o traço não idêntico (*nonidentity*) das identidades negras sem celebrações precipitadas. O conceito implica a possibilidade de traços comuns que não podem ser dados com garantidos. A identidade tem de ser demonstrada em relação à possibilidade alternativa de diferenciação, visto que a lógica da diáspora impõe o sentido de temporalidade e espacialidade, o qual ressalta o fato de que nós somos o que nós fomos.”

Nessa conjuntura, o movimento de *Négritude* aproximou-se das ideias do Pan-africanismo e exerceu influência mais amplificada em países da América. No Brasil, por exemplo, as ideias emancipadoras, iniciadas na Europa e nos Estados Unidos, alicerçaram a base do Teatro Experimental do Negro (TEN-1944), liderado por Abdias do Nascimento (1914-2011) poeta, ator e ativista.

O TEN, assim como o movimento de *Négritude*, tinha como principal objetivo a valorização da estética e da cultura negra, por isso as atividades desenvolvidas pelo movimento, tais como peças teatrais, obras literárias, concursos de beleza e publicações de jornais, colocavam o negro em posição de destaque desenvolvendo uma consciência identitária. O ativista Abdias do Nascimento (1966, p.79/80), afirma, nesse contexto, que o TEN não possuía um caráter político ou artístico restrito, na realidade tal movimento expressava um experimento psicossocial, tendo em vista a elevação do nível cultural e dos valores individuais do homem de cor. À vista disso, as atividades desenvolvidas pelo Teatro Experimental estavam expressas não apenas nos palcos, mas também em âmbitos educacionais como em projetos que incluíam a instrução da população negra por meio da cultura e do incentivo à produção artística. Assim, com apenas cinco anos de existência, o movimento liderado por Abdias conduziu a Conferência nacional do Negro (1949) e o I Congresso do Negro Brasileiro (1950), colocando em questão o protagonismo dos homens de cor na esfera intelectual de maneira emancipada, visto que até aquele momento os principais encontros para tratar dos problemas da população negra eram liderados por intelectuais que lidavam com tais questões a partir de uma ótica puramente descritiva, antropológica, etnográfica etc. (NASCIMENTO, 1966, p.122).

Outra ação que não se constituía, necessariamente, como movimento social, mas que sofreu forte influência da *Négritude* foi a chamada *Imprensa Negra*. Iniciada entre o final do século XIX e início do XX, essa rede de mobilização tinha um papel fundamental na organização da comunidade afrodescendente brasileira, difundindo ideais e unificando os negros que, até então, não tinham espaço nem voz na imprensa “branca”. Consequentemente, assim como os jornais franceses *Légitime Défense* e *Étudiant Noir*, publicações como a *Alvorada* (1945) e *Quilombo* (1948) exaltavam a identidade negra e lutavam para que a comunidade não se dispersasse diante da pressão social.

Figura 6 *Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, jul. 1949. 12 p.



Fonte: Acervo IPEAFRO - Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros

O movimento iniciado no Brasil, por influência de manifestações internacionais, propiciou uma nova maneira de enxergar o negro socialmente, rechaçando ações que o colocava em uma posição de subalternidade e exaltando, principalmente, suas características culturais e estéticas. Desse modo, mesmo interpeladas por críticas severas, assim como o movimento de *Negritude* na Europa, as manifestações desenvolvidas em território brasileiro caracterizaram “o caminho pelo qual se criou a consciência revolucionária da condição do negro, em face da dominação colonial, dos dilemas morais da civilização cristã e tecnológica e do destino do mundo negro, liberado das fontes de sua alienação humana e da vergonha aniquiladora dos outros” (FERNANDES, 2008, p.165). Portanto, independentemente das interpretações que os movimentos guiados pela *Negritude* tenham tomado, esta possui um valor afirmativo importantíssimo para a tomada de consciência de ser negro, para além das características culturais, geográficas e políticas de cada comunidade da diáspora. Visto que essas populações possuem em comum uma história moldada pelo olhar da discriminação e pelo racismo inseridos no contexto da escravidão.

1.2 A tessitura dos tecidos: Sobre resistência e *moda* no movimento negro

As roupas eram vistas simplesmente como “moda”, como bens descartáveis, deixando, crescentemente, de ser vistas como objetos modeladores, como materializações da memória, como objetos que trabalham sobre o corpo dos que as vestiam, transformando-o.

Peter Stallybrass³³

O processo de reconstrução e valorização do negro, esboçado nos tópicos 1.1 e 1.1.2 deste capítulo, asseveram que as lutas traçadas pela população da diáspora africana estavam amalgamadas com questões estéticas e culturais. Desse modo, a discriminação racial e a desvalorização das populações de descendência africana ancoravam-se, primeiramente, na superfície do significado de ser negro, em outras palavras, na cor da pele, nos traços corporais e nos modos de ser. À vista disso, entendendo que muitas dessas discriminações relacionadas à estética do povo negro ainda perduram no século XXI, é necessário realizarmos uma reflexão acerca das manifestações de resistência que envolveram, mormente, a construção de uma imagem afirmativa para o negro em ambientes pouco explorados pela história. Nessa conjuntura, encontramos no fenômeno da *moda*³⁴ o ensejo ideal para abordarmos a estética negra por um viés que foge ao lugar comum da inferioridade e que dialoga com os estudos esboçados em nossa pesquisa. Assim, transcendendo a concepção de *moda* como uma mera ferramenta para a distinção entre classe e gênero, podemos perceber que a escolha pelo vestuário e acessórios que ornamentam o corpo constitui, para diversas etnias, uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status e identidades e, como indivíduos inseridos no jogo social, o negro não está eximido dessas mediações (CRANE, 2006).

1.2.1. Cortando os moldes: A herança africana e os modos de ressignificar

Historicamente, a *moda*, enquanto conjunto de maneiras e usos coletivos que caracterizam um determinado grupo humano, teve suas primeiras manifestações, em uma perspectiva ocidental, no século XIV³⁵(CALANCA, 2008, p.51), todavia, como optamos

³³ STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória*, p.45.

³⁴ O termo *moda* é empregado nesta dissertação em seu sentido mais amplo, ou seja, como as mudanças sistemáticas nos estilos de vestimenta e nos demais detalhes da ornamentação pessoal, abarcando também às modificações periódicas efetuadas nos diversos setores da atividade social, na política, na religião, ciência, na estética.

³⁵ O século XIV é reconhecido como o marco inicial para a *moda*, ocidental, pois foi nesse momento que as Daniela Calanca (2008, p.51), a diferenciação estabelecida nesse momento “pode ser considerada uma revolução no modo de vestir [...]”, visto que “[...] estabelece as bases da indumentária moderna”, calças para o gênero masculino e vestido para feminino.

nesta pesquisa por privilegiar os contextos históricos e sociais em que a comunidade negra lutou contra a assimilação e a desvalorização do seu povo, elegeremos como ponto de partida para nossa reflexão o séculos XV e XVI (período marcado pela aproximação mais intensa entre a Europa e o continente africano e início do processo de escravidão no Brasil). Desse modo, retomando o contexto do início da colonização brasileira e as comunidades africanas que aqui desembarcaram, podemos perceber que estas, apesar da tentativa de destituição de suas marcas identitárias, traziam traços de diferentes povos oriundos, principalmente, da costa africana. À vista disso, é importante destacarmos, mais uma vez, que tanto as heranças culturais, quanto as estéticas de matriz africana encontradas atualmente no Brasil fazem parte de uma grande trama cultural que destacaremos, resumidamente, a partir da obra de Rodrigo Buarque inspirada na Santa Ceia de Leonardo da Vinci séc. XVI³⁶. [ver Figura 7]

Figura 7 Óleo sobre tela - Rodrigo Buarque (2006)



Fonte: SCHUMACHER et al.,2006, p.24-25

A tela de Buarque (2006) retrata representantes de diferentes povos africanos que estiveram presentes no Brasil – a partir de meados do século XVI – e, assim, contribuíram para a constituição do imaginário afro-brasileiro que lidamos na atualidade. Nesse contexto, podemos destacar as seguintes populações, da esquerda para direita, (i) tipo Ioruba (Nigéria), (ii) tipo Auhanti (Gana), (iii) tipo com traje real (Congo), (iv) mais à frente tipo Himba (Angola), (v) atrás tipo Etiope, (vi) tipo Auhanti (Gana), (vii) tipo Afrodescendente marcado

³⁶ Tela produzida especialmente para o projeto *Mulheres Negras do Brasil* (2006) livro que tem por objetivo resgatar a memória de personagens importantes para construção identitária do país.

pelo pano-da-costa ³⁷ e turbante (Gana), (viii) tipo Fulani (Mali), (ix) tipo Bérbere (Argélia), (x) tipo Himba (Angola), (xi) tipo Auhanti (Gana), (xii) tipo Luanda (Angola) (SCHUMACHER & BRAZIL, 2006, p.26/27). Com base na obra de Buarque (2006), podemos constatar que a composição estética dos povos africanos que aqui desembarcaram era diversificada e rica em detalhes. Cada população carregava consigo marcas importantes de sua linhagem cultural e geográfica expressadas em seus trajes, adornos, modos de manipular os cabelos e nas marcas grafadas na pele, visto que “a decoração corpórea constitui, principalmente para populações africanas e indígenas, uma lembrança periódica das origens à maneira dos mitos e em conformidade com eles” (CASTILHO, 2009, p.72). Assim, ao contrário do imaginário social construído para os negros africanos, embasada na hegemonia cultural³⁸, as comunidades negras possuíam singularidades que as contrastavam e marcavam suas identidades. Desse modo, entendemos que,

O corpo, nas sociedades africanas, tem um papel fundamental como suporte de signos, talvez por serem sociedades onde a cultura oral é predominante, o uso do corpo para enviar mensagens é fundamental, por meio das suas roupas e adornos representam e significam sua condição social e identitária. Tudo se combina para transmitir mensagens complexas sobre idade, estado, as fases da vida, a adesão de tribos ou grupos, poder e posição, riqueza, beleza e até mesmo a história pessoal (SOUZA, 2011, p.4)

Esse fato não afasta as a população de origem africana das relações que o indivíduo ocidental tem da estética corporal, visto que essa mesma lógica distintiva identitária sempre esteve presente na história da indumentária tanto em contextos europeus quanto em uma perspectiva africana, asiática, latina americana etc. Tomemos como exemplo a representação na *Figura 7* do *(iii) tipo com traje real (Congo)*³⁹ e a uma ilustração de uma mulher da nobreza italiana do século XVI. [ver *Figuras 8 e 9*].

³⁷ Tecido da costa ocidental africana.

³⁸ Segundo Nascimento & Nascimento (2008, p.138), a perspectiva hegemônica cultural postulava que “o negro teria chegado da América apenas na condição de escravo, e nunca como ser humano, criador e portador de sua própria civilização e tecnologia”, nesse sentido tudo o que se referia às comunidades de origem africana carregavam consigo a inferioridade de um olhar que via tais povos como primitivos e bárbaros.

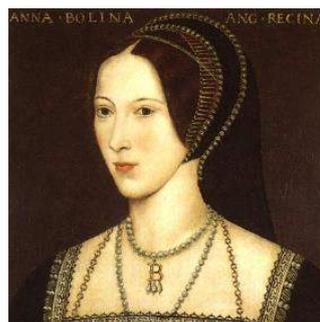
³⁹ A comunidade da tribo africana representada pela *Figura 8* pertence, provavelmente ao reino de Kuba (República Democrática do Congo – África Central). Essas populações são conhecidas pela produção de tecidos, semelhantes ao veludo, e ornamentos reais esplendorosos, usados em cerimônias tradicionais como casamentos e funerais (ANAWALT, 2011, p.540).

Figura 8 Detalhe - (iii) Tipo com traje real (Congo)



Fonte: SCHUMAHER
et al., 2006, p.24

Figura 9 Ana Bolina, segunda esposa de Henrique VIII (Séc. XVI)



Fonte: Wikipédia

Observa-se que as duas figuras, representantes da nobreza em cada uma de suas comunidades, aproximam-se pela exposição de joias (pulseiras e colares), bem como a utilização de tecido como marca da posição social, o que evidencia o caráter identitário da indumentária em ambos contextos socioculturais, visto que “as roupas podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência”(CRANE, 2006, p.22).

Apesar da importância identitária que o costume de se adornar possuía para a população negra, este foi reduzido quase a sua extinção durante o colonialismo no Brasil, pois “interessava aos escravocratas a desafricanização do africano escravizado porque a identidade africana representava o vínculo à terra, à ancestralidade, à religião, à liberdade e sobretudo, à soberania sobre a própria vida” (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2008, p.138). Dessa maneira, a destituição da indumentária e dos modos de ser do indivíduo negro eram as primeiras manifestações que concretizavam a passagem da vida liberta ao cativo. À vista disso, era comum que os recém-chegados do continente africano fossem incorporados aos modos da colônia portuguesa que tinha como parâmetro a estética europeia, vista como superior naquela conjuntura social. Destarte, de acordo com a função exercida por cada escravo, tais como trabalhadores domésticos no interior dos sobrados e da casa grande, lida na lavoura de cana ou nos engenhos, vendedores de quitudes nas ruas etc., destituía-se um tipo de vestimenta, visto que, apesar de não necessitarem de maiores cuidados, na perspectiva dos senhores da colônia, os negros deveriam adequar-se às regras de pudor da sociedade brasileira da época. Nesse contexto, era comum que as negras e negros domésticos se vestissem de forma minimamente aproximada aos seus senhores enquanto os escravos de ganho vestiam-se com trapos que lhes fossem oferecidos. Gilberto Freyre (2003,

p.529), citando uma publicação do *Jornal do Comércio* e do *Diário de Pernambuco*, adverte sobre as condições da indumentária dos escravos em Pernambuco no século XIX.

[...] uns ainda seminus, isto é, "só de tanga"; a maioria, porém, de "camisa de baeta encarnada e ceroula de algodão"; ou de "calça e camisa de estopa"; ou de "camisa de algodão grosso e calça de ganga". Molecas de vestidos de "panno da Costa com listras vermelhas"; pretas velhas de "vestidos de chita roxa, saia lila, preta por cima, panno da Costa azul com matames brancos, e lenço azul amarrado na cabeça. "Alguns negros de argola na orelha - ornamentação de sua terra que aqui lhes foi permitido conservar. (FREYRE,2003, p.529)

O relato expõe a realidade da maioria dos escravos durante a Colônia, o Império e boa parte do período da República, os quais, além das condições precárias de sobrevivência, eram destituídos de cuidados com vestes insuficientes e até mesmo a proibição do uso de sapatos, peça destinada apenas para homens brancos e negros libertos. Esse fato demonstra que o modo como os negros eram obrigados a se vestirem não significava apenas um descuido estético dos seus senhores, mas uma forma de delimitar e demarcar as relações de poder existentes entre os indivíduos. A tentativa de desnaturalizar o negro, determinando a forma como este deveria se vestir ou se comportar era um esforço comum na sociedade brasileira e os senhores eram responsabilizados, mesmo que muitas vezes não cumprissem esse dever, em manter a moral pública não deixando os negros em condições que contrariassem o decoro social. Em alguns lugares, como em Pernambuco, os donos de escravos deveriam pagar multas caso as normas não fossem devidamente cumpridas (FREYRE, 2003, p.528).

Figura 10 Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, c. 1870



Fonte: Acervo IMS (Instituto Moreira Salles)

A partir da fotografia de Militão Augusto de Azevedo (1870) [Figura 10], podemos observar, explicitamente com base na indumentária, as relações de poder estabelecidas no século XIX.

Nessa fotografia, encontramos a imagem de um senhor posando com seus cinco escravos, este encontra-se a frente em uma posição de autoridade e domínio, e os outros encontram-se atrás, em um segundo plano da imagem, afirmando a posição de superioridade do seu dono. Dando destaque ao segundo plano, é perceptível, pela feição dos escravos e por suas vestimentas, que existe, também, uma relação assimétrica entre eles, o escravo posicionado à direita do homem branco, por exemplo, dispõe de um traje mais apessoado com casaca, colete e corrente -talvez por ser um escravo doméstico- enquanto os demais apresentam-se em vestimentas mais simplórias (ALENCASTRO, 2008, p18). Porém, apesar das pequenas distinções entre os negros, podemos salientar que nenhum deles, independentemente de suas posições nos domínios do senhor, estão calçados, sinal da condição de cativos.

Além das relações citadas existia um costume peculiar para época (século XVIII e XIX) que envolvia, exclusivamente, o trato das escravas. Muitas famílias abastadas viam nas negras de casa uma forma de demonstrar para a sociedade suas riquezas, dessa forma era comum que em passeios pelas ruas da cidade muitas escravas acompanhassem suas sinhás adornadas com vestidos de cetim e joias como destaca Mattoso (1997, p.174) citando Professor Vilhena, sobre a vida das mulheres baianas;

As peças com que se ornem são de excessivo valor, e quando a função permite aparecem com **suas mulatas, e pretas vestidas com ricas saias de cetim, becas de lemiste finíssimo, e camisas de cambraia, ou cassa, bordadas de forma tal, que vale o valor três, ou quatro vezes mais que a peça; é tanto ouro , que cada uma leva em fivelas, cordões, pulseiras, colares ou braceletes, e bentinhos, que sem hipérbole , basta para comprar duas ou três negras, ou mulatas** como a que a leva: e tal conheço eu que nenhuma dúvida se lhe oferece em sair com quinze ou vinte, assim ornadas. [Grifo nosso] (VILHENA *apud* MATTOSO, 1997, p.174)

A aparente sofisticação das negras acompanhantes de suas sinhás, porém, não podia disfarçar o paradoxo existente no contexto da escravidão, posto que, mesmo ostentando tamanha riqueza nos seus corpos, as negras não poderiam deter aquilo que era mais valioso, sua liberdade.

Com a abolição da escravidão no Brasil (1888) e a Proclamação da República (1889), a relação de inferioridade estética e social se manteve acentuada, pois mesmo na condição de

libertos, os negros tinham poucas possibilidades de acender socialmente. A população negra, como discutido no *tópico 1.1* deste capítulo, foi incorporada ao novo contexto socio - histórico brasileiro com a perspectiva de mudança a partir da assimilação cultural, física e estética (mestiçagem) dos seus superiores, o que refletia, em muitos casos, na tentativa de aproximação aos modos da elite branca. De acordo com Wissenbach (2006, p. 54/55);

[...] nos momentos após a emancipação, a liberdade era um dom a ser orgulhosamente exibido e depois vivenciado. Sugestivamente, a mesma exibição foi encontrada entre relatos de forros na Bahia, só que estes, além de se calçarem e se vestirem como seus ex-senhores, traziam consigo guarda-chuvas⁴⁰, signo de dignidade social africana. (WISSENBACH, 2006, p. 54/55)

Os sapatos, exibidos como símbolos da liberdade, carregavam o paradoxo da futura imersão aos moldes sociais vigentes na época, alforriados e ao mesmo tempo cativos pela cultura da subordinação que, por muito tempo, dominaria a mente de muitos negros.

Apesar da imposição cultural existente no Brasil, especialmente no século XIX, é importante ressaltar que a comunidade negra, dentro de suas medidas, conseguiu ressignificar e reinventar seus atributos estéticos, no que se refere à indumentária. No nordeste do país, por exemplo, era visível a mistura entre a cultura africana e europeia nas roupas das baianas e quitandeiras pela cidade, desse modo, o sincretismo invadia também as saias que se arrastavam pelas calçadas no sobe e desce das ladeiras. Segundo Gilberto Freyre (2009, p. 224) sobre as mulheres negras do século XIX (2009, p. 224);

O que diz sem despreço algum pelo que se deva considerar primitivismo em adornos, “de baianas”, ao lado de sua fina adaptação, em seus trajos belamente mistos, de africanidades magníficas, de cores, as circunstâncias já brasileiras. Saias características do que parece, de velhas aristocratas das mais europeias só encontradas em fidalgas brasileiras. Tanto que viriam de séculos de opulência dessas saias repolhudas, tão exageradamente imitadas por rainhas afro-negras de maracatus. Curioso terem sido saias esculturais notados por Mr. Ford nas “baianas” que viu na própria Bahia. “Baianas” de origem étnica afro-negra, mas, nos trajos lusitanizados e abasileirados. (FREYRE, 2009, p. 224)

No excerto, Freyre (2009), apesar de esboçar uma crítica ao olhar de Mr. Ford em relação às baianas de Salvador, estabelece uma descrição repleta de detalhes da indumentária das mulheres negras no século XIX. Estas, atravessadas por culturas e religiosidades, carregavam no corpo uma reinvenção da condição de ser negro em um contexto latino americano. Sua vestimenta, composta por camisa de crivo, blusa de cabeção rendado ou bata, saia (beca),

⁴⁰ É importante ressaltar que no século XIX “a indumentária de gala exige o guarda-chuva como acessório. É preto para condizer com a exigência cerimonial da cor; mas é ainda hábito ibérico que se estendeu à colônia; na Bahia, ninguém o dispensava e era quase sempre de cor, informa Wethere” (TORRES, 1950).

xale de pano da costa, turbante, além dos argolões, braceletes, pulseiras, cordões de ouro ou prata, balangandãs⁴¹, colares de búzios compõem uma indumentária imersa em diversas culturas, como a nigeriana (os panos e saias vistosas, os xales da Costa, os braceletes e argolões), a muçulmana – Norte da África – (turbante), e também angola-cangolenses (miçangas e balangandãs) (RAMOS, 1946, p.198). A identidade negra construída extrapolava os limites da condição de submissão, visto que a mulher negra não era mais uma moldura para demonstrar a riqueza de senhor, mas sim a representação da autoimagem da comunidade negra estabelecida no Brasil. [Figura 11]

Figura 11 Marc Ferrez – Negra da Bahia c.1885. Salvador Bahia



Fonte: Acervo IMS (Instituto Moreira Salles)

O corpo negro ornamentado adquire, nesse contexto, uma dimensão que transcende o físico, projetando-se como fonte de ação e autonomia dentro da vida cotidiana.

O traje de beca, como representado nas fotografias da *Figura 11*, era utilizado em dias festivos e em cerimônias, como atos religiosos ou passeios domingueiros (SILVA, 2005, p.59). Porém, mesmo não se tratando de uma indumentária do cotidiano, alguns de seus

⁴¹ De acordo com Vidal no livro *O africano que existe em nós* (2004, p.70), os balangandãs são pequenos enfeites de prata, ouro ou corais utilizados como pingentes, em formas de figas, corações, frutas regionais, campainhas, sinos, chaves, pássaros, pequenos chifres. Estão presentes em correntes ou na cintura das negras e mestiças da Bahia, Pernambuco ou Minas Gerais.

elementos, como o turbante, transcenderam como símbolo da negritude no dia a dia da baiana, nos séculos XVIII e XIX, exercendo um papel simbólico na identificação das negras e de suas raízes. O turbante, adorno eleito como símbolo de luta pelo movimento negro brasileiro no século XXI, requer, nesse momento, um cuidado mais apurado quanto a sua inserção na cultura afro-brasileira. À vista disso, faremos um breve recorte histórico sobre a origem desse signo negro e de sua aparição em contextos brasileiros.

1.2.2. A imersão nos tecidos: O turbante e suas representações históricas

A preocupação em destacarmos o turbante enquanto símbolo de luta para comunidade negra vem de encontro com as atuais discussões que envolvem questionamentos sobre sua origem e a legitimidade de uso entre negros e brancos no Brasil⁴². À vista disso, nosso intuito neste tópico não será necessariamente delimitar ou atribuir a legitimidade de uso de tal adorno para um ou outro grupo, mas, sim, de realizar uma breve reflexão quanto a sua utilização em diferentes cenários históricos.

É bem certo que o turbante, enquanto indumentária, não é de uso exclusivo das comunidades negras. Em uma visão mais ampliada sobre o adorno, encontra-se registros de sua utilização como parte importante do traje de vários povos em diferentes pontos do mundo compondo tanto a indumentária masculina quanto a feminina. Na península arábica, por exemplo, o turbante compõe o traje masculino para proteção ao clima extremamente árido e às fortes rajadas de areia quente levantadas no deserto, funcionando como um importante componente para manter a umidade corporal em conjunto com uma túnica de manga longa e estreita e calça longa com elástico na cintura denominadas, respectivamente, como *thobe* e *sirwaal* (ANAWALT, 2011).

O turbante também é conhecido, em países do sul da península arábica, como um adorno de cabeça alternativo à composição mais usual o *kuttiyah*, uma touca branca; *agbutra*, um lenço quadrado dobrado; e o *agal*, um anel de corda ou cordão (ANAWALT, 2011, p.45

⁴² As discussões mencionadas referem-se aos casos divulgados na mídia, como os da estilista negra Rogéria Ferreira, impedida renovar o documento de identidade por usar turbante na hora de tirar a fotografia para o registro, ou o caso da jovem Thauane Cordeiro, questionada por ser branca e utilizar o adorno, e mais recentemente o caso da estudante Dandara Tomantzin, que teve o turbante retirado em sua festa de formatura. Todos os casos mostraram-se relevantes por propiciarem grande discussão em torno da utilização do torso e suas significações para a comunidade negra brasileira. As notícias podem ser acessadas a partir dos seguintes sites; caso (i) Rogéria Ferreira Disponível em: <<<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/moradores-do-rio-podem-usar-turbante-na-foto-da-identidade//>>> Acesso em 26 de abril de 2017. (ii) Thauane Disponível em << [>> http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1858068-jovem-com-cancer-e-repreendida-por-usar-turbante-e-desabafa-na-internet.shtml>> Acesso em 26 de abril de 2017.\(iii\) Dandara Tomantzin Disponível em << \[>> http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1878329-jovem-turbante-arrancado-em-festa-de-formatura-em-minas-gerais.shtml>> Acesso em 26 de abril de 2017.\]\(http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1878329-jovem-turbante-arrancado-em-festa-de-formatura-em-minas-gerais.shtml\)](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1858068-jovem-com-cancer-e-repreendida-por-usar-turbante-e-desabafa-na-internet.shtml)

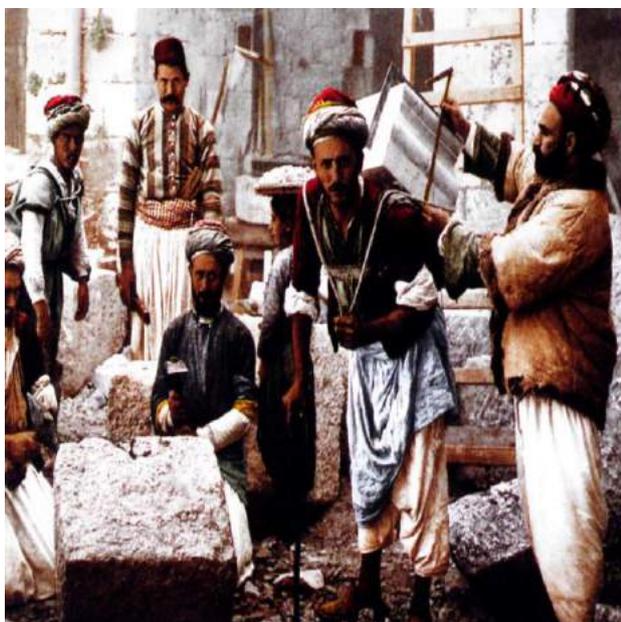
e p. 51). Esse uso do torso era bem semelhante ao encontrado no Mediterrâneo Oriental, como na Palestina, onde o vestuário masculino também contemplava uma touca, sobre a qual usavam um casquete de feltro vermelho (*fez* ou *tarbush*) combinado com um lenço formando um turbante [ver *Figura 12 e 13*]. No Planalto Iraniano, por sua vez, encontramos o registro do uso de turbantes também para as mulheres, segundo Anawalt (2011, p.73) “as mulheres curdas casadas usam um conjunto de calças largas típicas do Oriente Médio, uma ampla faixa na cintura, uma combinação de casaco comprido e um curto e um turbante feito de lenço franjado decorado com lantejoulas douradas e fios pretos trançados”.

Figura 12 Tippu Top poderoso comerciante de escravos em traje alternativo típico do sul da península arábica



Fonte: Oman and Zanzibar Virtual Museum

Figura 13 Fotografia colorizada do final do séc. XIX retratando canteiros palestinos



Fonte: ANAWALT, 2011.

No século XVIII, em um contexto europeu, ocorreram grandes mudanças em relação à moda indumentária, especialmente na França, onde começaram a surgir os primeiros profissionais especialistas (modistas de chapéus, chapeleiros etc.) em criar adornos para o cabelo e cabeça. Destarte, nesse movimento criativo direcionado à estética da cabeça surgiu um adorno semelhante ao turbante. Leventon (2009, p.318), no livro *História ilustrada do vestuário*, expõe a existência do ornamento em meio a uma profusão de chapéus, toucas e redes destinados à decoração da cabeça. De acordo com a autora, o turbante de 1760 assemelhava-se a uma touca e “era feita com uma quantidade grande de um tecido leve, arranjado suavemente em torno da cabeça”, como podemos observar no autorretrato de Elisabeth Vigée Le Brun [*Figura 14*].

Figura 14 Élisabeth Louise Vigée-LeBrun, *Self-Portrait*, 1790.



Fonte: Khan Academy

É importante salientar que ao sobrelevarmos o século XVIII como plano de fundo para a aparição do turbante, em um contexto europeu, queremos destacar sua entrada no ambiente da *moda* como parte importante da vestimenta de mulheres da alta sociedade, visto que a existência desse adorno já havia sido registrada, em pinturas, em ambientes destinados ao trabalho e em outras comunidades pouco destacadas no âmbito da *moda* indumentária.

Posteriormente, já durante a década de XX, a indumentária europeia passou por outra forte onda de mudança, esta causada pela influência de outras culturas, como as do Oriente Médio, e pelas transfigurações estruturais da sociedade, como as lutas sufragistas - iniciadas em 1897- e a II Guerra Mundial (1939-1945). Não obstante, as renovações no vestuário europeu ocorridas nessa época não retiraram o turbante do âmbito da *moda*; este, assim como a sociedade, modificou-se com o tempo e recebeu novos contornos modernos, sofisticados e até mesmo pragmáticos.

Um dos estilistas ícone do seu tempo, que traduziu o turbante para moldes mais modernos, foi Paul Poiret (1879-1944). Apoiado em uma linha criativa exótica e visionária, ele deu às mulheres da época novos contornos incluindo no vestuário uma dimensão menos pesada e afinada da cintura para baixo [ver *Figura 15 e 16*]. Na ótica de Poiret, a mudança da silhueta⁴³, com a retomada das túnicas, complementavam-se às referências exóticas que incluíam calças odalisca, cores vibrantes, botões como enfeite, chapéus pequenos e turbantes.

⁴³ A silhueta da época era representada por uma cintura elevada e apertada para alongar as pernas, além de blusa mais larga na metade superior do corpo (STEVENSON, 2012, p. 80).

As mulheres, nesse cenário, “estavam determinadas a ter o aspecto de uma escrava de harém do Oriente” (LAVIER, 1993, p.224) envolvidas pelo exotismo e sensualidade.

Figura 15 Composição calças odaliscas, túnica e turbante, Paul Poiret, 1911



Fonte: A.G.Nauta Couture

Figura 16 Túnica-Abajur, Paul Poiret, 1912



Fonte: STEVENSON, 2012

Entre 1939 e 1947, época marcada pela Segunda Guerra Mundial, o estilo adotado por grande parte da população feminina europeia seguia os traços da escassez de tecido e do retorno aos contornos de décadas passadas com o ajuste da cintura em roupas femininas. Muitos estilistas tiveram que adaptar o parâmetro de elegância à redução de matéria prima, desse modo, as linhas dos croquis passaram a ser severas, com a junção de ombreiras aproximada ao paletó e saias que mantinham o comprimento abaixo do joelho.

O turbante, nessa conjuntura, deixou de figurar apenas como um papel de adorno decorativo para ser um elemento prático do tempo de guerra, visto que era apresentado como “exigência de saúde e segurança nas fábricas [...], pois escondia cabelos despenteados que operárias não mais tinham tempo de arrumar, mantinha a cabeça aquecida e podia ser modelado com retalhos do mesmo tecido da roupa” (STEVENSON, 2012, p.134). Além disso, nessa mesma fase, os turbantes, em conjunto com chapéus, participaram do período de guerra como um instrumento de subversão ao domínio Alemão, pois, segundo Stevenson

(2012, p. 136/137), o estilo de chapéus e turbantes enormes utilizados na época demonstravam uma certa zombaria à ocupação nazista [ver *Figura 17*].

Figura 17 Exemplos de turbantes usados na década de 1940



Fonte: Tumblr

O turbante na Europa, como uma peça não necessariamente relativa à religião ou a culturas regionais, esteve condicionado ao mercado da *moda* em sua constante efemeridade. Em muitos momentos, esse adorno sofreu influências externas de culturas que serviam de base e inspiração para a construção de coleções de renomados estilistas ou para fazer parte do figurino exótico de artistas e intelectuais. Assim sendo, importantes nomes no universo *fashion*, artistas de cinema e intelectuais, como Coco Chanel (1883-1971) [*Figura 18*], Greta Garbo (1905-1990) [*Figura 19*], e Simone de Beauvoir (1908-1986) [*Figura 20*], aderiam ao

torço quanto forma de expressão e exteriorização de suas identidades, ressignificando a peça de acordo com seus propósitos de vida.

Figura 18 Coco Chanel e Serge Lijar



Fonte: Sheep & Stitch

Figura 20 Simone de Beauvoir -1950



Fonte: Beauviriana Tumblr

Figura 19 Greta Garbo - 1930



Fonte: Chic Vic

Direcionando nosso olhar para o continente africano, observamos que a utilização do turbante possui relações intrínsecas com desenvolvimento da cultura têxtil, desse modo, os registros de uso desse adorno são, na maioria dos casos, identificados na África Ocidental (Senegal, Guiné, Libéria, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Mali e Camarões) também conhecida como “Costa do tecido” pela magnífica variedade e técnicas de produção têxtil existente na região⁴⁴. De acordo com Leventon (2009, p.264), a região destacada produzia “tipos de algodão que forneciam fibras para o vestuário [...] de europeus, que, entre outras coisas, precisavam do algodão para sustentar suas indústrias têxteis impulsionadas pela Revolução Industrial.”. Além de ser conhecida por sua relação com os tecidos, a África Ocidental, a partir do século XVII, foi historicamente marcada pela comercialização de escravos o que explica, em certa medida, a relação da população negra brasileira com os turbantes, visto que algumas das comunidades enviadas ao Brasil possuíam uma base cultural de referência vinculada a utilização do torço como parte da vestimenta⁴⁵.

⁴⁴ Uma das técnicas de tecelagem mais conhecidas da África Ocidental é a em faixas, a qual “longas faixas estreitas -de algodão, algodão e seda ou algodão e raiom- são unidas pelas laterais para criar tecidos grandes de cores vivas e estampadas geometricamente” (ANAWALT, 2011), como os tecidos *kente* de Gana.

⁴⁵ Entendendo a magnitude e a diversidade cultural existente na África, é evidente que nossas pesquisas sobre a utilização do turbante não contemple todas as comunidades que fazem desse adorno uma parte de sua identidade estética, porém, estabelecer pontos de referência sobre a utilização do turbante apontar-nos-á alguns caminhos diante das discussões contemporâneas sobre o assunto e sobre a construção identitária da comunidade negra brasileira.

No oeste da Nigéria, coração do império Iorubá, presente no Brasil, encontra-se uma importante comunidade representada pela produção do *adire* (famoso tecido azul tingido com índigo). Essas populações, em estações de clima mais ameno, possuem como principal referência indumentária, para não mulçumanos, um manto de tecido *adire* sem cortes, enrolado no corpo e para mulheres, além do tecido, a combinação de turbante dando forma a um conjunto harmonioso [ver *Figura 21*]. Já ao norte da Nigéria, região semiárida, encontramos vestes que dialogam com os povos do Oriente Médio, com a presença de vestuários com cortes alongados e soltos, além do uso do turbante como forma de proteção ao sol e ao calor do clima, usado predominantemente por homens. Além da imposição determinada pelo clima árido do norte da Nigéria à vestimenta dos povos, especialmente dos homens, projeta significações que distingue os indivíduos pertencentes a comunidade. Assim, os homens pertencentes a aristocracia utiliza em momentos festivos (cerimônias) trajes compostos por manto bordado (*babban riga*), traje externo, um manto menor (*riga*), um turbante especial amarrado formando “orelhas” e um laço cumprido atrás simbolizando a palavra “Alá” em árabe (ANAWALT, 2011, p.558) [ver *figura 22*].

Figura 21 Mulheres Ioruba com traje em tecido adire



Fonte: Fancy Muffin

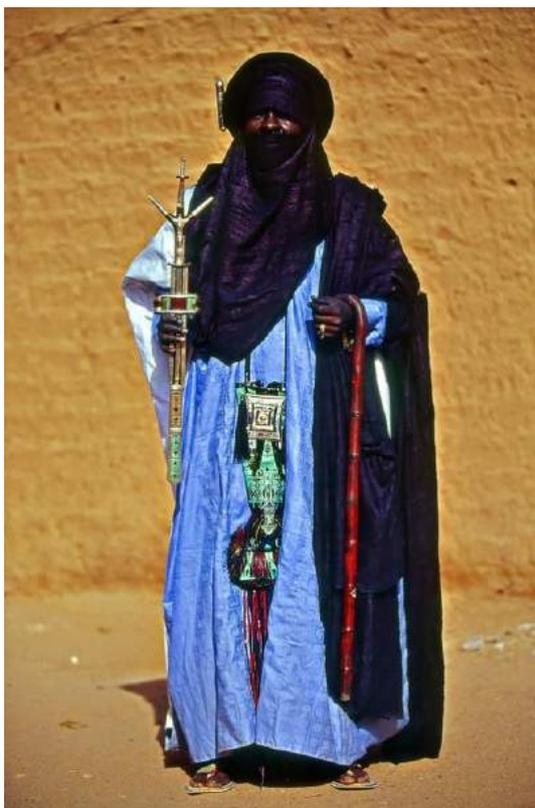
Figura 22 Lamido Sanusi em traje típico da aristocracia, 2014



Fonte: Central banker to Islamic king

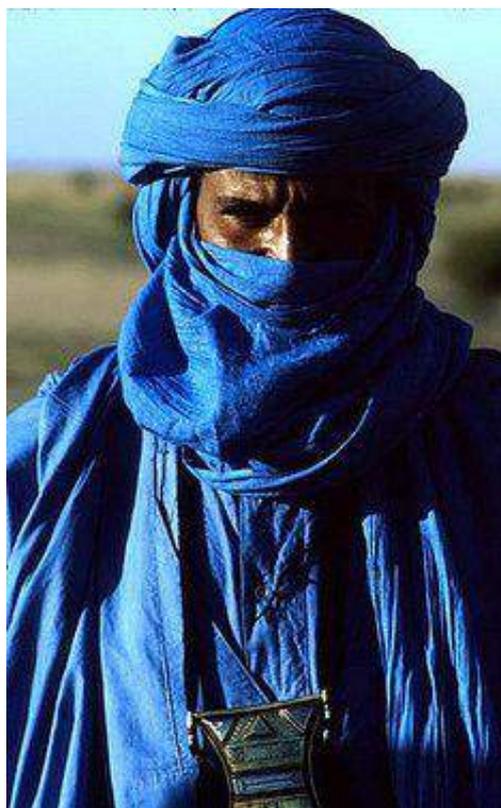
Na África setentrional, defrontamo-nos com as populações conhecidas como tuaregues – povos berberes nômades habitantes do deserto do Saara- que também possuem como parte da indumentária tradicional masculina o uso do turbante. Por utilizarem um traje que esconde o corpo completamente, deixando em evidência apenas os olhos, os tuaregues se autodenominam como “homens de véu”. O traje é composto por calça e camisa sob uma beca de algodão, geralmente em tons de azul e turbante (formado por um tecido que chega a medir 5m de comprimento) que, em função de sua extensão, possui a aparência de véu. O uso do torço como composição do traje tuaregue tem como função, além do refúgio contra o clima desértico, a proteção contra espíritos malignos por meio da boca, e o distanciamento social do homem em relação à família da esposa (ANAWALT, 2011) [ver Figuras 23 e 24].

Figura 23 Traje masculino típico dos Tuaregue I



Fonte: Desert Dreamer

Figura 24 Traje masculino típico dos Tuaregue II



Fonte: Flickr

No Brasil, o turbante foi inserido, possivelmente, à indumentária da população a partir do processo de escravidão com a incorporação de comunidades vindas do continente africano. Muitos pesquisadores, ao perceberem a importância que a peça significava, principalmente para negras escravas, registraram em seus relatos a composição trajada por muitas mulheres como um sinal quase silenciado da cultura que ainda vivia dentro de corpos corrompidos pela escravidão. Desse modo, assim como na África, os turbantes utilizados no Brasil misturavam-se à praticidade e à proteção, compondo o traje de trabalho inserido em contextos religiosos e de ancestralidade dos povos negros, como podemos observar no relato de Torres (1950, p. 441/442) sobre a indumentária das negras baianas;

Por verdadeiras que sejam as razões já várias vezes invocadas, de razão nacional, religiosa ou regional no modo de usar o torso, uma causa é certa: a contribuição individual parece representar, no arranjo do torso, papel importante. Ele é o elemento em que as crioulas dão largas à sua imaginação e espírito criador; por meio do torso, introduzem variantes ocasionais no seu traje. Talvez seja o elemento mais individualizador de toda a indumentária baiana. É feito em linho, algodão, seda; lisos ou bordados; em cores unidas ou de padrões geométricos por tecelagem ou de estampa. É o remate final da vestimenta e adapta-se, mesmo nas horas de trabalho, a fins utilitários para amortecimento de pesos carregados à cabeça e ajustamento da forma da cabeça ao plano inferior da peça a carregar.

Como registrado, o turbante trazia consigo algo emancipador em um momento o qual a comunidade negra era destituída de características identitárias. Assim, as formas de amarrar o tecido [Figura 25] marcavam, mesmo que simbolicamente, a territorialidade do povo negro e suas manifestações como indivíduo em contraposição à imagem animalésca destituída a esse povo, por isso, no período colonial, o adereço, em conjunto com outros elementos, tais como a utilização de sapatos, era relacionado à liberdade (SILVA, 2005, p.56).

Figura 25 Diferentes registros do uso de turbantes no Brasil 1-22 (1600-1950)



Fonte: TORRES, 1950

Não obstante, como salienta Gilberto Freyre (1961), baseando-se em um relato de Wertherell (Séc. XIX), existia uma certa repulsa no uso dos turbantes por algumas mulheres fruto do processo de miscigenação. Isso ocorria pois, ao se depararem com a dificuldade de inserção social, destituíam-se de seus traços culturais de origem africana e tentavam aproximar-se aos parâmetros europeus vigentes da época, assim

[...] as mulheres de cor da época geralmente traziam os cabelos cortados e cobertos com turbantes: moda que lhe pareceu expressão de asseio num país em que dominava o piolho nas cabeleiras até de senhoras aristocráticas, que por ostentação de classe alta e também de belo sexo, conservavam-nas tão compridas quanto lhes era possível. As negras crioulas e as mestiças é que, de ordinário, deixavam crescer o cabelo, como para demonstrarem que estavam acima da condição de usarem turbante. (FREYRE, 1961, p.100)

Como podemos observar, as imposições sociais de depreciação da cultura africana também se manifestaram através da estética. O turbante, em função disso, passou por um

processo de desvalorização ficando, em alguns casos, restrito ao contingente negro que possuía uma identificação forte com as raízes africanas relacionadas às crenças religiosas. As baianas, a título de exemplo, como símbolo da cultura afro-brasileira, mantiveram o turbante e outros elementos - balangandãs, pano da costa, rendas etc.- como forma de resgate da ancestralidade africana e, por isso, suas vestimentas peculiares imortalizaram o imaginário do brasileiro sobre seus aspectos estéticos. Nesse contexto, Debret (1768-1848), importante pintor e desenhista francês que possui muitos registros do período colonial no Brasil, aponta a existência de uma indumentária peculiar para as baianas, segundo o autor;

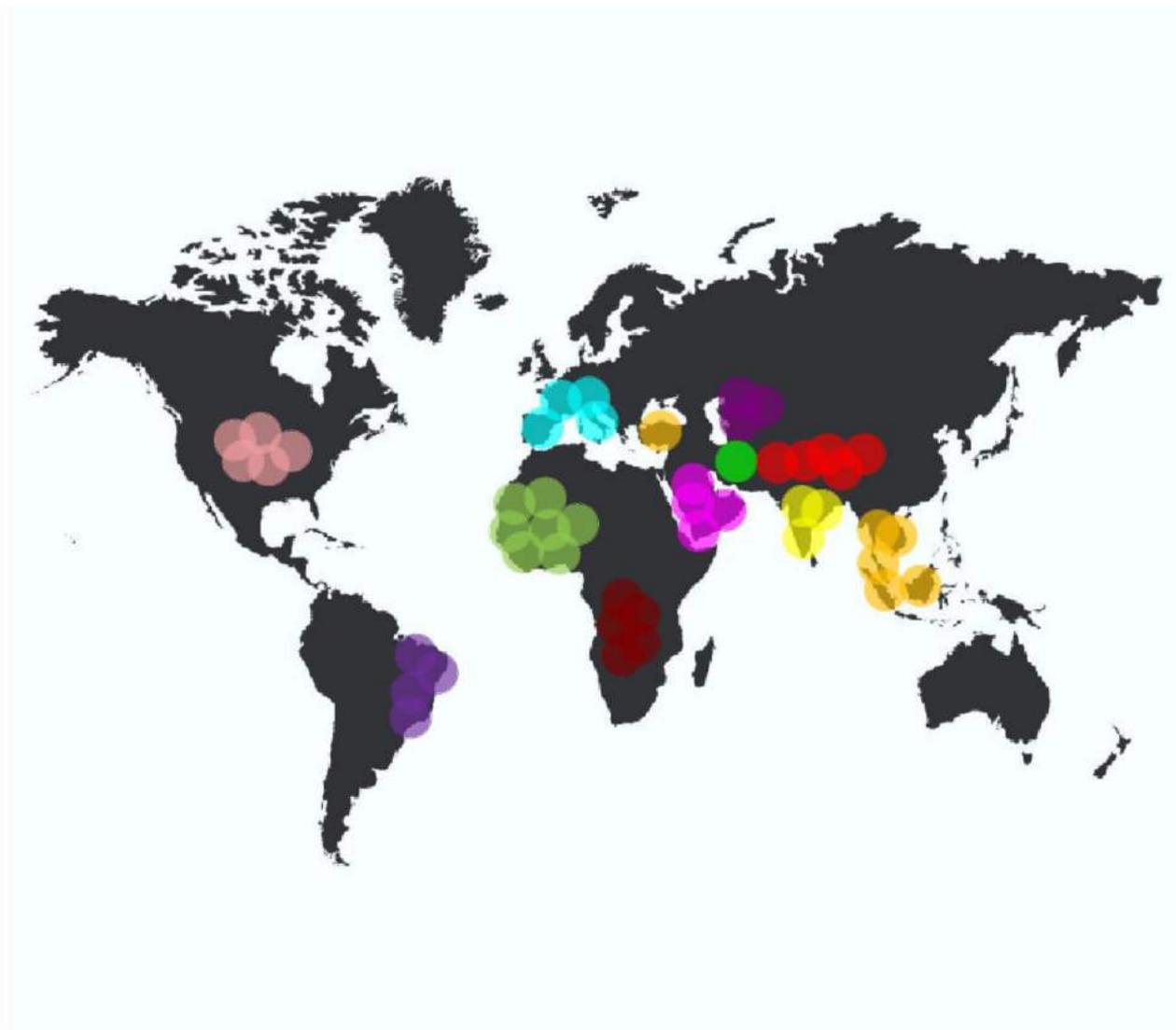
[...] a negra baiana se reconhece facilmente pelo seu turbante, bem como pela altura exagerada da faixa da saia; o resto de sua vestimenta se compõe de uma camisa de musselina bordada sobre a qual ela coloca uma baeta, cujo riscado caracteriza a fabricação baiana. (DEBRET,1940, p.222/223)

De acordo com Vidal no livro *O africano que existe em nós: fontes digitais afro-brasileiras* (2004) e complementando a observação de Debret (1940), o traje da baiana possui como pontos representativos da cultura africana os seguintes elementos “[...] a maneira de amarrar os panos em volta do corpo ou na cabeça. As várias pulseiras, anéis, colares de coral coloridos e diversificados, feitos com miçangas, ou fios presos bem junto ao pescoço”, características que perduram até os dias atuais (VIDAL, 2004, p.19).

Apesar da resistência da mulher baiana, o uso do turbante só voltou, lentamente, ao cotidiano das negras brasileiras como símbolo de orgulho ancestral a partir dos movimentos de valorização da cultura africana iniciada, especialmente, com a criação do TEN (Teatro Experimental Negro - 1944) e a organização de movimentos afirmativos que valorizavam a cultura e a estética negra no país, em oposição à assimilação cultural e à discriminação da cultura negra de matriz africana. Atualmente, projetos e ações individuais têm sido importantes para revigorar e fortalecer a projeção desse adorno que, ressignificado ao contexto brasileiro, representa a resistência aos moldes impostos socialmente. Dentre estes, podemos citar *Turbante-se* de Taís Muniz⁴⁶.

⁴⁶ O projeto *Turbante-se* é “uma plataforma que pesquisa a história, os significados e as formas práticas de usar um turbante ou *head wrap*. Fonte disponível em << <http://turbante-se.tumblr.com/sobre>>> Acesso em: 02 de maio de 2017.

1.2.1 O mundo dentro de um turbanteⁱ



Legenda

- | | | | |
|--|------------------------------|--|----------------------------|
| | <i>Península Arábica</i> | | <i>América do Norte</i> |
| | <i>Mediterrâneo Oriental</i> | | <i>América do Sul</i> |
| | <i>Planalto Iraniano</i> | | <i>África Ocidental</i> |
| | <i>Rota da Seda</i> | | <i>África Setentrional</i> |
| | <i>Ásia Central</i> | | <i>Europa</i> |
| | <i>Ásia Meridional</i> | | |
| | <i>Índia</i> | | |

ⁱ Mapa elaborado pela autora a partir de estudos sobre a ocorrência do turbante como forma de ornamento, indumentária ou elemento cultural/religioso.

1.2.3. Outras revoluções: O levante estético negro e a *moda* reinventada

Como observamos nos tópicos 1.1 e 1.1.2 deste capítulo, muitos movimentos ocorreram ao longo de seis séculos para a reconstrução identitária da comunidade negra. Tais ações, iniciadas com a luta pelo direito à liberdade, receberam a partir do século XIX novas motivações, visto que, mesmo com a condição da população negra, e com a abolição da escravidão, não se modificaram em suas raízes discriminatórias. Desse modo, a luta por um espaço social e, principalmente, pela desnaturalização de imaginários sociais que naturalizavam o negro como inferior não se resguardaram apenas ao ambiente político. Como podemos perceber, movimentos como o da *Negritude*, iniciado na Europa e difundido em diversos países que sofreram o processo de escravidão, instituíram a valorização cultural e estética negra como uma das principais bandeiras do movimento. Nesse contexto, encontramos manifestações de resistência negra, também na música, nas artes, na literatura, na dança e na *moda*.

Em uma conjuntura de dominação cultural, na qual a cultura ocidental branca sobrepõe-se às demais manifestações, é inevitável que relações assimétricas não se resguardem apenas ao cenário político e científico, por isso, durante muito tempo, a música, a indumentária e toda produção artística de populações historicamente marginalizadas, como a indígena e a negra, encontraram-se em um lugar de silenciamento. Todavia, apesar das imposições que essas comunidades sofreram, encontramos momentos na história em que houveram manobras, atos de resistência e ressignificação da produção artística dessas comunidades. À vista disso, como optamos por privilegiar contextos em que a *moda* foi o veículo motivador de transformações para o movimento negro, elegeremos neste tópico alguns exemplos de oposição aos moldes sociais que contribuíram para a individualização do negro.

No final do século XIX e início do século XX, a relação do indivíduo com a aparência mudou drasticamente, visto que, com a modificação dos meios de produção e a maior acessibilidade de produtos - como roupas, sapatos e acessórios - por todas as camadas sociais, as lacunas existentes entre classes tornaram-se, superficialmente, menos rígidas (CRANE, 2006). Assim, a adesão ao consumo e a aproximação à cultura indumentária das camadas mais privilegiadas socialmente mostrou-se como uma via mais favorável à tentativa de inserção social, já que o vestuário funcionava como uma camuflagem ou uma ilusão as verdadeiras condições sociais. Diana Crane (2006, p.135/136), discutindo sobre a relação da *moda* com a democratização e controle social, adverte que nesse contexto, “o vestuário era usado principalmente como meio de indicar status social, no sentido de afirmar o status

verdadeiramente adquirido ou reforçar a afiliação a grupos sociais específicos que se vestiam de um modo característico”. Desse modo, ainda que a conjuntura social favorecesse a adesão das camadas sociais desfavorecidas aos parâmetros eurocêntricos, nada impedia que a partir destes fossem constituídas outras significações dos modos de vestir. Entre 1930 e 1940, por exemplo, quando os estilos associados às subculturas étnicas eram desvalorizados, os negros americanos, impulsionados pelo *Jazz*⁴⁷ e pela onda de valorização negra do movimento *Negro Renaissance* (1920-1940), estabeleceram como vestimenta o terno estilo *zoot*, que tinha como principal característica o uso de linhas menos rígidas e tradicionais, paletós *oversize*⁴⁸ com comprimento até os joelhos, ombreiras e cores vibrantes (ALMEIDA, 2015) [ver *Figura 26*]. Esse tipo de vestuário era confeccionado e comercializado apenas em subúrbios, por isso o terno *zoot* “identificava quem o vestia como parte de uma cultura diversa da branca” (CRANE, 2006, p.361), marcando a identidade de grupos que compartilhavam costumes e estilos.

*Figura 26 - Terno Zoot réplica feita por
Chris Ruocco Tailors, 1994*



Fonte: Victoria and Albert Museum

⁴⁷ A grosso modo, o *Jazz* pode ser definido como um estilo musical de protesto que mistura ritmos africanos aos instrumentos europeus (piano, saxofone e trompete), tendo como principal característica a improvisação. Para saber mais sobre a história do *Jazz* consultar *História Social do Jazz* (2009) de Eric. J. Hobsbawm.

⁴⁸ Roupas que possuem como característica o uso de cortes volumosos e exagerados. Fonte disponível em: <<http://www.modaemoldes.com/blog/estilo-oversized-o-que-e-e-como-usar/>> Acesso em: 03 de maio de 2017.

O traje *zoot*, em conjunto com as manifestações musicais da época, expressava a identidade negra e a luta contra a assimilação cultural, visto que o vestuário;

[...] codificava uma cultura que exaltava uma identidade específica de raça, de classe, de local, de gênero e de geração. Os habitantes da costa leste que o usavam durante a guerra eram basicamente jovens negros e latinos de classe operária, cujos locais de vida e círculo social limitavam-se aos guetos da região noroeste, e o terno refletia uma luta pela negociação dessas identidades múltiplas em oposição à cultura dominante. (KELLEY *apud* CRANE, 2006, p. 362).

Assim como a desconstrução do terno foi um marco para a valorização da identidade negra entre as décadas de trinta e quarenta do século XX, o *Movimento pelos Direitos Civis* liderado pelo pastor Martin Luther King (1929-1968), nos Estados Unidos, em meados da década de 1950, concretizou o estabelecimento de um novo olhar do negro sobre a sua própria estética e seu lugar social. Tal movimento tinha como principal meio de ação a repulsa à violência e a desobediência civil como caminho para alcançar a liberdade e a igualdade entre todos (ALMEIDA, 2015, p.35). Na esteira dos movimentos pela igualdade, surgiram outras ações que defendiam, além da política igualitária a valorização da estética negra, como o movimento *Panteras Negras* (1968). Os *Panteras*, ao contrário dos ideais de ação de Luther King, não mediam esforços para a utilização da força física em a favor dos direitos da população negra, desse modo;

Com uma doutrina inspirada nos ideais marxistas, os *Panteras Negras* radicalizaram o discurso, atuando em diversas áreas, em uma busca incansável pela atenção de todos: protestos em locais públicos, passeatas e aparições armadas em bairros periféricos, que se transformavam em confronto direto com autoridades policiais e até mesmo o oferecimento de ajuda material a comunidades negras mais pobres, agitaram o final da década de 1960. (ALMEIDA, 2015, p.35)

Além das formas radicais de ação, os *Panteras Negras* destacavam-se por utilizarem uma forma peculiar de apresentar-se socialmente. Com a exposição de uniformes, o uso de boinas como referência militar, o cabelo em estilo *Black Power*⁴⁹ e o uso de luvas pretas, os jovens participantes do movimento político destacavam-se e inspiravam negros e negras a se libertarem dos moldes discriminatórios sociais. O cabelo crespo concebido “como um sinal diacrítico que imprime a marca de negritude no corpo” (GOMES, 2012, p.25) transformou-

⁴⁹ O movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos se fragmentou em 1966, quando Stokely, líder do *Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC)* — Comissão de Coordenação Estudantil Não Violenta, lançou a expressão *Black Power*, adotando postura mais revolucionária. O grito se espalhou pelo país e expressava a impaciência dos jovens diante dos contínuos ataques segregacionistas. Como os cabelos crespos estilizados marcaram o estilo negro da época, este ganhou o nome do movimento impulsionado por Stokely. Fonte disponível em << <http://revistaberro.com/especiais/consciencia-negra/o-black-power-sai-as-ruas/>>> Acesso em: 04 de maio de 2017.

se em ícone de luta nesse contexto consolidando o *Black is beautiful*⁵⁰ como marca da juventude negra em sua busca constante por valorização e reconhecimento.

Ainda durante a década de 1960, outro movimento que envolvia estilo de vida, vestuário, música e afirmação esteve presente no cotidiano da população em vários países no mundo. O *Black Soul*, que tinha como referência musical uma mistura entre a música gospel norte americana e a música profana, buscava retomar influências ancestrais do universo negro e exacerbar a identidade negra, nos Estados Unidos, por exemplo o movimento musical e cultural foi liderado por nomes como James Brown e Aretha Franklin [ver figura 27].

Figura 27 Aretha Franklin e James Brown



Fonte: That Eric Alper

⁵⁰ Termo utilizado pela juventude negra que significa a busca de uma origem pura, regatando traços perdidos pelo colonizador.

No Brasil o *Movimento Black Soul*, que viveu seu auge entre o final da década de 60 e início da 70, também demonstrou sua força política e cultural figurando como um importante polo contra o racismo e a discriminação (GOMES, 2012, p.194). A junção entre música, *moda* e estilo de vida caracterizava o movimento como um “grito” de enaltecimento identitário do negro brasileiro dando origem a debates “sobre a alienação e/ou colonialismo cultural” (GOMES, 2012) o que assemelhava o movimento iniciado no Brasil ao dos negros norte-americanos. A população negra que aderiu ao *soul* como estilo musical e de vida, nessa conjuntura, utilizava a indumentária como forma de expressão. Desse modo, não podia faltar nas roupas em bailes *black* ou no dia a dia óculos, “grandes chapéus, blazers (lascado atrás), terno branco, gravatas borboleta, longos casacos, calças estreitas na cintura e sapatos coloridos tipos plataforma” (ALVES, 2011, p.3) combinados com cabelos crespos exuberantes [ver *figura 28*].

Figura 28 - Tony Tornado e Trio Ternura no V Festival Internacional da Canção, da TV Globo, 1970



Fonte: Projeto Pulso

Muito influenciado pelos movimentos desenvolvidos no Estados Unidos na época, Tony Tornado foi um dos maiores representantes do *Soul* no Brasil. O cantor e, posteriormente, ator utilizou a junção entre estética e música para posicionar-se politicamente em várias de suas participações nos famosos festivais de música a década de 70. Suas performances, segundo Nacked (2012, p.6) desafiava a ditadura militar, que o considerava uma ameaça à ordem e uma influência negativa para população negra ligada ao radicalismo dos *Panteras Negras*. O estilo de vestir e a música negra, exaltados nos anos 60/70, ainda se configuram como uma importante forma de expressão para a essa população, visto que até hoje existem espaços de resistência dentro das grandes cidades – como o *Quartirão do Soul em Belo*

*Horizonte*⁵¹ – que utilizam a expressão cultural desta época como uma forma de enaltecer a cultura *Black*.

⁵¹ Movimento iniciado na cidade de Belo Horizonte surgiu como uma forma de se reencontrarem os amigos que frequentavam os chamados bailes *black* no centro da cidade nos anos 70 e que, com o passar dos anos, foram sendo expurgados para a periferia da cidade (RIBEIRO, 2008, p.136).

EBAN

ENTRE MOLDES E CROQUIS - O SUPORTE E OS CAMINHOS DE NOSSA JORNADA

Considerações iniciais

Após nossa imersão histórica na temática da dissertação buscaremos, neste capítulo, traçar os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, como a apresentação detalhada do *corpus*, a metodologia utilizada para a análise e o nosso suporte teórico. Por isso, escolhemos o *Adinkra Eban*, também da comunidade africana ocidental, que significa amor, segurança e proteção para representar o capítulo, pois esse é o momento de nos assegurarmos nos caminhos que percorremos até o ponto final de nossa dissertação. Desse modo, objetivar-se-á aproximar o nosso leitor dos mecanismos de análise, tendo em vista que nosso *corpus* se constitui da junção entre dois discursos, a saber, o verbal e o icônico inseridos no gênero *weblog*, o qual é um dos vetores mais representativos do discurso de movimentos sociais, em conjunto com redes sociais de comunicação virtual como *Facebook*, *Twitter* etc.



2.1 A inspiração que nos guia: Seleção, coleta e descrição dos *corpora*.

Nosso *corpora* é composto por quatorze publicações de representantes e/ou simpatizantes do movimento negro brasileiro divulgados em sete *weblogs* selecionados com base nos seguintes critérios, a saber; (i) os *weblogs* deveriam relação com o movimento negro, ações afirmativas e estética negra; (ii) os idealizadores dos *blogs* deveriam ser pessoas comprometidas e/ou participantes de redes de mobilizações políticas/sociais; (iii) *a priori*, os movimentos sociais aos quais os idealizadores dos *weblogs* fossem filiados deveriam ser atuantes, principalmente, no Brasil; e, por último, (iv) que esses *weblogs* possuíssem reconhecimento diante da comunidade negra brasileira. Desse modo, com base nos critérios expostos, foram selecionados os seguintes *weblogs* para a análise;

Tabela 1 – *Weblogs* selecionados⁵²

⁵² Com o intuito de simplificar a leitura dos dados coletados utilizaremos como forma de identificação as seguintes siglas para cada *weblog* analisado, a saber;

Blogs de Moda

CA (Cacheia! – para cacheadas, crespas e em transição) – Autora da publicação: Maressa de Souza

EB (Estilo Black – Moda Afro para homens)

EBM (Esse é só mais um blog de Moda)

MO (Modices)

UBP (O último Black Power)

Blogs de movimentos negros e ativistas

BN (Blogueiras Negras)

GE (Geledés)

Weblog de moda	Idealizadores	Endereço eletrônico
<i>Cacheia! (CA)</i>	Maressa de Souza, Mariana Boaretto, Ana Catarina e Raysa França	http://cacheia.com/
<i>Esse é só mais um blog de moda (EBM)</i>	Wanessa Yano	https://esseesomaisumblogdemoda.wordpress.com/blog/
<i>Estilo Black (EB)</i>	Ale, Wesley e Woosh	http://www.estiloblack.com.br/
<i>Modices (MO)</i>	Carla Lemos	http://modices.com.br/
<i>O último black power (UBP)</i>	José Carlos Ângelo	http://www.ultimoblackpower.com.br/
Weblog de movimentos negros e ativistas	Idealizadores	Endereço eletrônico
<i>Blogueiras Negras (BN)</i>	Instituto da mulher negra /Publicações realizadas em um projeto coletivo.	http://www.geledes.org.br/
<i>Geledés (GE)</i>	Coletivo de mulheres negras com aproximadamente 200 autoras.	http://blogueirasnegras.org/

Tabela 1 Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos dados coletados para compor o corpus da análise

Como podemos observar na *Tabela 1* foram selecionadas, como base para nossa análise, páginas que se dividem em dois eixos temáticos diferentes (*moda* e Engajamento Social/Movimentos sociais), mas que se convergem na tônica de assuntos relacionados ao universo da população negra. À vista disso, com o intuito de esclarecer a atuação das páginas em lutas como, a antirracista, de empoderamento e direito civil, realizaremos um resumo das principais proposições dos *blogs* e plataformas de informação supracitados.

Os *blogs* de *moda*⁵³ na atualidade estabelecem papéis mais abrangentes que apenas a descrição ou a publicação de novas tendências do mundo *fashion*, o que observamos, na verdade, é uma orientação à mesclagem de assuntos que dialoguem tanto a estética do público alvo quanto uma abertura para discussões políticas sociais. Nesse sentido, a abordagem de muitas páginas selecionadas nesta pesquisa foge ao comum, ao esperado, visto que além de tratar de efemeridades como cores, texturas e modelagens, esboçam alternativas ao padrão pré-estabelecido socialmente e questionam a engessamento da *moda* e, principalmente, do corpo. Ainda sobre as páginas selecionadas, gostaríamos de salientar que mesmo não nos embasando em questões de identidades de gênero para a seleção, optamos por incluir ao *corpus* dois *blogs* de *moda* que abordem, especialmente, a estética das masculinidades (*Estilo Black* e *O último Black Power*) por pretendemos desmitificar a ideia que a *moda* e a estética só competem ao âmbito feminino e por querermos diversificar os discursos, ainda que nosso recorte temático, dentro da fronteira temporal, tenha nos limitado em algumas contemplações importantes⁵⁴, como, explicitamente, da comunidade LGBTQ⁵⁵. Dando continuação à nossa explanação sobre o *corpus*, destacaremos as principais características de cada *blog*, distribuídos em ordem alfabética, embasando-nos, especialmente, na fala dos próprios idealizadores de cada página.

O primeiro *blog*, *Cacheia*⁵⁶, criado em 2013 possui autoria coletiva formada por quatro mulheres de três diferentes estados brasileiros, Ana Catariana e Raysa França ambas de Minas Gerais, Mariana Boaretto de São Paulo e Maressa de Souza da Bahia. A proposta do *blog* é discutir e apresentar dicas sobre a transição capilar, ou seja, processo que elimina a química do cabelo deixando-o crescer até chegar ao aspecto natural, estabelecendo, assim, um movimento de resistência aos moldes que caracterizam cabelos com texturas diferentes (crespos e cacheados) como fora dos padrões estéticos ligados ao belo. A página, nesse sentido, possui como principais referências temáticas a auto aceitação, o racismo, feminismo e padrões de beleza, pontos importantes e que possuem grande impacto no movimento negro, visto que tanto o cabelo quanto as características físicas desses indivíduos são, até

⁵³ Nesta dissertação reconhecemos como *weblogs* de *moda* todas as páginas que tratam sobre estética, sejam estas relacionadas à indumentária, ao adorno ou até mesmo ao corpo, como os cabelos.

⁵⁴ Em nossa seleção primeira, havíamos abarcado o *Blog Gorda e Sapato* como parte do *corpus*, porém no tempo destinado à coleta dos dados nenhuma postagem da referida página se enquadrou aos subtemas escolhidos como base para a atual pesquisa. Desse modo, deixamos o endereço do Blog como importante referência para a comunidade LGBTQI. Disponível em :<<http://gordaesapatao.com.br/sobre/>> Acesso em: 08 de maio de 2017.

⁵⁵ A sigla refere-se à lésbicas, gays, bissexuais, travestis e a perspectiva adotada pelos Estudos Queer. Para saber mais acessar << <http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>>>. Acesso em: 08 de maio de 2017.

⁵⁶ Disponível em: << <http://cacheia.com/>>> Acesso em: 10 de maio de 2017.

hoje, as principais bases da discriminação racial. Desse modo, a página *Cacheia!* torna-se relevante para a composição dos nossos *corpora* na medida que coloca em evidência uma das marcas simbólicas da identidade negra, já que “o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo” dessa comunidade, carregando significados sociopolíticos e culturais (GOMES, 2012, p.25).

O segundo *blog* selecionado foi o *Esse é só mais um blog de moda*⁵⁷ idealizado pela empresária e artesã Wanessa Yano de São Paulo. Suas publicações têm como ênfase design, *moda* e arte além do protagonismo da produção negra nesses cenários. Mais que empreendedora a autora do *blog* dedica-se a projetos sociais desenvolvendo oficinas de artesanato para crianças em ONGs. Sua marca *Ayé Acessórios*⁵⁸ possui grande aceitabilidade pela comunidade negra por enaltecer e resgatar elementos ancestrais e símbolos africanos a partir de um olhar moderno e inovador. Já o terceiro *blog* que compõe a temática *moda*, *Estilo Black* (2013), possui como característica particular a preocupação com a estética das masculinidades dentro do universo *fashion*. A página composta por publicações colaborativas entre três autores, Ale, Wesley e Woosh, discute a marginalização das características físicas e estéticas da comunidade negra e a representatividade dessa população tanto na *moda* quanto na mídia. Nas palavras dos próprios organizadores, a página “surgiu com a intenção de compartilhar a *moda black*⁵⁹ e fazer com que cada pessoa possa ter um lugar para se referenciar e deixar suas ideias para que outros descubram também a beleza negra”⁶⁰

O *blog Modices*, por sua vez, possui uma visão menos centrada em questões raciais, apesar de ter como pauta, frequentemente, tais assuntos em seus materiais de divulgação. Construído em 2007, no Rio de Janeiro, com o propósito de mostrar tendências do mundo da *moda* e, especialmente, os gostos da idealizadora da página, Carla Lemos, a plataforma de informação, durante seus dez anos de existência, passou por muitas transformações e, atualmente, conta com uma equipe que produz o conteúdo divulgado na página. Desse modo, o *blog*, antes visto como apenas uma plataforma de *moda*, tornou-se em um espaço de discussão, representatividade, sororidade⁶¹ com atuação social direta, a partir da construção

⁵⁷ Disponível em: << <https://essesomaisumblogdemoda.wordpress.com/>>> Acesso em: 10 de maio de 2017.

⁵⁸ Disponível em: << <https://www.facebook.com/lojaayeeaccessorios>>> Acesso em: 10 de maio de 2017.

⁵⁹ Os autores do *blog* ao utilizarem a palavra de origem inglesa *black* para referir-se à beleza negra estão fazendo referência ao movimento de iniciado, com essa denominação, nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970 que tinha como uma de suas bandeiras a exaltação da cultura e da beleza negra com a consagração do cabelo com volume e textura natural como símbolo da época (*Black Power*). (ALVES, 2011)

⁶⁰ Disponível em: << <http://www.estiloblack.com.br/p/quem-somos.html>>> Acesso em: 11 de maio de 2017.

⁶¹ Segundo o dicionário *Priberam* sororidade significa a relação de união, de afeição ou de amizade entre mulheres, semelhante à que, idealmente, haveria entre irmãs ou a união de mulheres com o mesmo fim, geralmente de cariz feminista. Disponível em: << <https://www.priberam.pt/dlpo/sororidade>>> Acesso em: 11 de maio de 2017.

de ambientes, fora da internet, para dar voz ao seu público como o *Textão coletivo* - evento para discutir *moda* e empoderamento com leitoras e influenciadoras – e o *Cine Modices* - sessão de cinema sobre mulheres para leitoras⁶². O nosso último *blog* da sessão *moda* conhecido como *O.U.B.P (O último black power, 2014)*, assim como o *Estilo Black*, possui uma proposta voltada para o público masculino, apesar de divulgar e publicar textos que tratam de assuntos sem delimitação identitária de gênero. Seu idealizador o carioca José Carlos Ângelo, dono da marca *Snipper*, aborda em sua página questões referentes ao ambiente da *moda*, decoração e arte sempre priorizando a representatividade da comunidade negra⁶³.

Para a temática Movimentos negros e ativistas, foram selecionados apenas dois *blogs* a saber, *Blogueiras Negras*⁶⁴ e *Geledés*⁶⁵, essa escolha por delimitar a seleção vem de encontro com a característica particular de ambas plataformas de publicação, visto que estas produzem artigos e textos com base na colaboração de um número considerável de autores, por exemplo, segundo a própria descrição da página *Blogueiras Negras*, atualmente, participam do corpo de colaboradoras do *blog* aproximadamente 200 autoras, o que atinge nossa expectativa quanto a diversidade discursiva dos *corpora*. A página *Blogueiras Negras* faz parte de um projeto de 2012⁶⁶ que objetiva a manutenção de um espaço que dê voz à mulher negra e as suas demandas sociais, utilizando a escrita como ferramenta de combate ao racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e gordofobia, apresentando-se como um espaço de acolhimento e empoderamento. Apesar de sua ampla rede de autoras, suas publicações são sempre monitoradas por um grupo, liderado por Charô Nunes e Larissa Santiago, que coordenam e analisam os artigos divulgados sempre voltados para a questão da negritude e dos desafios enfrentados pela mulher negra na sociedade. De acordo com Nunes, a missão do espaço virtual está intrinsecamente conectada a ressignificação do universo “feminino afrocentrado através da gravação de nossas histórias teorias e sentimentos. A produção escrita é a principal forma em que nós construímos a nossa identidade como mulheres negras de ascendência africana”.⁶⁷ Seguindo o mesmo estilo de publicação do *Blogueiras Negras* a página *Geledés* teve sua formação a partir do Instituto da Mulher Negra criado em 30 de abril

⁶² Disponível em: << <http://modices.com.br/>>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

⁶³ Disponível em: << <http://www.ultimoblackpower.com.br/>>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

⁶⁴ Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

⁶⁵ Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/>>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

⁶⁶ O projeto *Blogueiras Negras* tem sua origem marcada por um outro movimento intitulado *Blogagem Coletiva Mulher Negra* que tinha como proposta a aproximação de discussões acerca do Dia da Consciência Negra e do Dia Internacional da Não Violência Contra Mulher Negra. Disponível em: <<https://blogagemcoletivamulhernegra.wordpress.com/quem/>> Acesso em: 11 de maio de 2017.

⁶⁷ Excerto retirado da apresentação do *blog* no tópico *Missão*. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>> Acesso em: 12 de maio de 2017.

de1988⁶⁸. O portal possui uma linha de publicações semanal e conta com a colaboração de vários ativistas, blogueiros e pesquisadores para a manutenção da página que tem como eixo temático questões raciais, de gênero, diáspora africana, discriminação e preconceito. A página, atualmente, possui como coordenação executiva a Profa. Dra. Sueli Carneiro, ativista do Movimento Feminista e do Movimento Negro brasileiro e coordenadora do Projeto PLP 2.0, aplicativo de combate à violência contra a mulher vencedor do Desafio de Impacto Social Google de 2014⁶⁹. Como pode-se observar todas as páginas selecionadas como fonte para o nosso *corpus* possuem em suas raízes o engajamento em desmistificar imaginários sociais naturalizados socialmente em relação à comunidade negra, partindo do discurso como ferramenta para dar protagonismo às vozes socialmente silenciadas. Desse modo, com o intuito de contribuir para as causas defendidas pelos protagonistas das páginas, partiremos da análise da fala (publicações) dos próprios colaboradores dos *blogs* para compreender a *moda* como fenômeno de resistência no movimento negro da contemporaneidade.

Após a primeira etapa de seleção das páginas iniciou-se, em junho de 2015, a segunda fase de nossa pesquisa, a coleta das publicações. Nesta fase optou-se por realizar uma coleta, parcialmente, retroativa de 1 de janeiro à 31 de dezembro de 2015, a qual respeitaria um critério relacionado ao tema das publicações que deveria relacionar-se aos seguintes tópicos; (i) estética, (ii) *moda* e (iii) identidade. A observação diária dos *blogs* resultou na construção de um *corpus* composto por 14 textos, a saber;

Tabela 2 – Publicações Selecionadas

Weblog de moda	Textos selecionados	Data de publicação
CA	Cabelo crespo está na Moda? ⁷⁰	14/08/2015
EBM	Mas será, que estou me apropriando de um acultura que é minha? ⁷¹	10/09/2015
EB	Estilo e afirmação em uma única peça ⁷²	28/02/2015
MO	Revista a gente julga pela capa ⁷³	27/10/2015

⁶⁸ O Instituto da Mulher Negra (Geledés) configura-se como uma organização política brasileira não-governamental de mulheres negras contra o racismo e o sexismo atuando em diversas áreas da sociedade no combate à discriminação racial. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/#gs.B1vDtWk>> Acesso em: 12 de maio de 2017.

⁶⁹ Disponível em: << <https://desafiosocial.withgoogle.com/brazil2014>>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

⁷⁰ Disponível em: << <http://cacheia.com/2015/08/cabelo-crespo-esta-na-moda/>>>. Acesso em: 14 de agosto de 2015.

⁷¹ Disponível em: << <https://esseeisomaisumblogdemoda.wordpress.com/2015/09/10/mas-sera-que-estou-me-apropriando-e-uma-cultura-que-e-minha/>>>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

⁷² Disponível em: << <http://www.estiloblack.com.br/2015/02/estilo-e-afirmacao-em-uma-unica-peca.html>>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

⁷³ Disponível em: << <http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-cap/>>> Acesso em: 27 de outubro de 2015.

UBP	Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris ⁷⁴	05/11/2015
Weblog de movimentos negros e ativistas		
BN (1)	Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento ⁷⁵	02/02/2015
BN (2)	Mulher negra e auto estima: Uma negação diária ⁷⁶	01/06/2015
BN (3)	Cabelo pintado é um símbolo de resistência ⁷⁷	18/09/2015
GE (1)	Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar identidade da mulher negra ⁷⁸	04/02/2015
GE (2)	Nem sem cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo ⁷⁹	27/05/2015
GE (3)	Está na moda ser preto, desde que você não seja preto ⁸⁰	13/06/2015
GE (4)	A moda com identidade de Mônica Anjos ⁸¹	15/07/2015
GE (5)	É preciso ser negro além da estética ⁸²	29/10/2015
GE (6)	Resultado da pesquisa Xongani: moda e ancestralidade ⁸³	10/11/2015

Após a identificação da temática correspondente às categorias pré-estabelecidas, os textos selecionados foram coletados por meio da captura de tela transformada em imagem pelo recurso de *Print Screen*⁸⁴, esse recurso nos possibilitou analisar além dos dados linguísticos/discursivos os elementos imagéticos que fazem parte da publicação, visto que o a imagem, neste contexto, apresenta-se como uma importante fonte discursiva, capaz, assim como o discurso linguístico, de projetar identidades e significações. Desse modo, foram

⁷⁴Disponível em: <<http://www.ultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html>> Acesso em: 05 de novembro de 2015.

⁷⁵Disponível em: << <http://blogueirasnegras.org/2015/02/02/relato-de-uma-transicao-como-empoderamento-e-reconhecimento/>>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

⁷⁶ Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/06/01/mulher-negra-e-autoestima-uma-negacao-diaria/>> Acesso em: 01 de junho de 2015.

⁷⁷ Disponível em: << <http://blogueirasnegras.org/2015/09/18/cabelo-pintado-e-um-simbolo-de-resistencia/>>>. Acesso em: 18 de setembro de 2015.

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/>> > Acesso em: 04 de fevereiro de 2015.

⁷⁹ Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/nem-seu-cabelo-nem-seu-turbante-va-te-livrar-do-racismo/#gs.1Okxk6g>>> Acesso em: 27 de maio de 2015.

⁸⁰ Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/#gs.b5Hgh0A>>> Acesso em: 13 de junho de 2015.

⁸¹ Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/a-moda-com-identidade-de-monica-anjos/#gs.cgnKS2E>>>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

⁸² Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/e-preciso-ser-negro-alem-da-estetica/#gs.kvLH98Q>>> Acesso em: 29 de outubro de 2015.

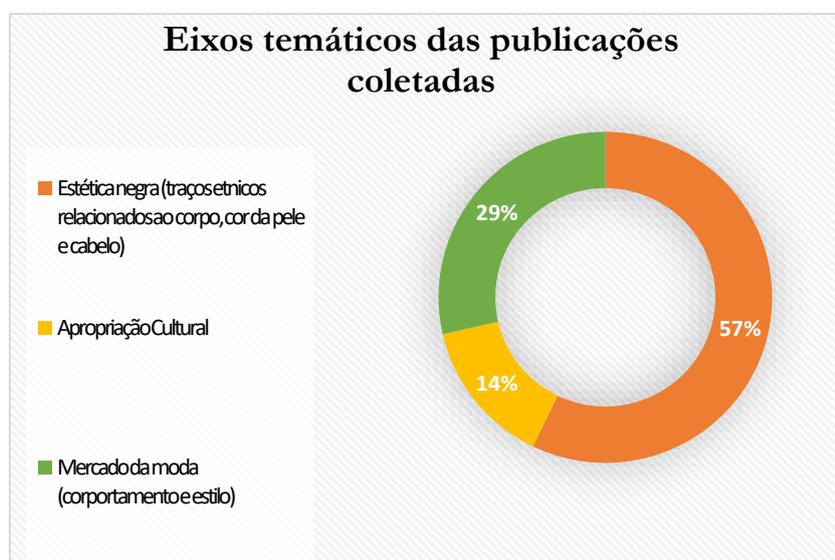
⁸³ Disponível em: << <http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.pDnA71E>>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

⁸⁴ *Print Screen* é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a Área de Transferência. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Print_screen>. Acesso em 11 de novembro de 2015.

realizadas 78 capturas de tela⁸⁵, para contemplar toda publicação, das quais foram destacadas 36 imagens.

Com o propósito de elucidar o conteúdo dos textos selecionados destacamos um gráfico⁸⁶ com a delimitação dos eixos temáticos do nosso *corpus* a seguir,

Gráfico 1 Eixos temáticos das publicações



Fonte: Elaborada pela autora, 2017

Os dados expostos no gráfico representam o total de publicações coletadas no período de um ano (2015) e, nesse tempo, observamos que mais da metade das publicações (57%) se encontravam no eixo temático da estética, dado relevante que coloca em evidência a urgência em tratar de uma temática que se configura em uma atmosfera paradoxal, visto que as características físicas e as escolhas estéticas da comunidade negra são ao mesmo tempo ponto de libertação e rejeição social.

Após um primeiro contato com os dados coletados, realizamos um processo de separação das imagens e do material linguístico, para que, assim, cada discurso fosse observado em suas singularidades e posteriormente confrontados entre si. Tal divisão justifica-se, especialmente, por acreditarmos que tanto o discurso verbal quanto o discurso icônico possuem especificidades que, ao serem analisados separadamente, nos possibilitará uma perspectiva mais abrangente das identidades construídas para, posteriormente, refletirmos sobre o que o discurso verbo-icônico pode nos oferecer. Dessa forma, gostaríamos de ressaltar que a divisão proposta não tem por objetivo estabelecer uma relação assimétrica entre o discurso imagético e verbal, o que almejamos, *a priori*, é construir uma

⁸⁵ Ver Anexo IV.

⁸⁶ No gráfico apresentado os números em porcentagem correspondem aos seguintes dados coletados; 14 publicações: 100%, 5 publicações: 36%, 4 publicações: 29%, 3 publicações: 21%, 2 publicações: 14%.

estrutura de análise que proporcione ao leitor uma imersão nos *corpora* e em suas múltiplas possibilidades de moldar identidades. Assim sendo, realizaremos a descrição de nossa base teórica metodológica contemplando as duas atmosferas discursivas, icônica e linguística, de nosso objeto de estudo.

2.2. A escolha dos pontos: Nosso aporte teórico metodológico

2.2.1 A imagem

As imagens têm a faculdade de nos comover, nos indignar, nos fazer rir, nos persuadir, nos distrair, nos fazer fantasiar; podem ser produtos de alucinações, estabelecer o cenário de nossos sonhos, povoar nosso inconsciente, enfim, são parte integrante de nossa paisagem cotidiana – seja ela urbana ou rural, seja ela consciente ou inconsciente.

Emília Mendes

A imagem, enquanto produtora de discursos, apresenta-se como um importante objeto de análise em nossa pesquisa, posto que se observarmos a história da comunidade negra, esta foi contada e legitimada, muitas vezes, por meio da veiculação e naturalização de imagens relacionadas ao exotismo, ao olhar científico ou até mesmo ao âmbito do cômico e caricatural. À vista disso, tanto as imagens discursivas, quanto as imagens visuais⁸⁷ projetadas para os negros ao longo de sua história, a partir do contato com a cultura ocidental, contribuíram, desse modo, para o engessamento de imaginários sociodiscursivos⁸⁸ que até hoje refletem na discriminação e desvalorização do negro. Durante o período colonial, por exemplo, muitos pintores⁸⁹ encontraram no Brasil um ambiente favorável para compor a paisagem de suas pinturas, e os negros eram figuras recorrentes desses testemunhos iconográficos que ilustraram livros importantes da história do Brasil.

As imagens dos negros e africanos realizadas, principalmente, entre os séculos XVIII e XIX no Brasil sofriam grandes intervenções que objetivavam aproximar a imagem da população africana às projeções do público europeu que esperava a demonstração de algo

⁸⁷ É importante salientar que, neste artigo, tomaremos a imagem como “objeto simbólico concreto (não-verbal), formado por suportes ou canais comunicativos que não são nossos neurônios, como, por exemplo, páginas de revistas, telas de cinema, visores de TV, fachadas ou laterais de prédios usados para afixar imagens publicitárias, o mármore das esculturas, os papéis das fotografias, as telas e tintas das pinturas e demais obras artísticas (etc).” (GALIARI, 2013, p.358).

⁸⁸ Podemos compreender a noção de imaginários, em conformidade com as teorizações de Patrick Charaudeau, “como uma proposta de visão do mundo que se apoia sobre saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem excluir ou sobrepor uns aos outros.” (Tradução nossa) (CHARAUDEAU, 2007c, p.59)

⁸⁹ Dentre os principais pintores e ilustradores que deixaram seus testemunhos visuais do Brasil entre os séculos XVIII e XIX, podemos destacar a ilustradora escocesa Maria Dundas Graham Callcott (1785-1842), o alemão Edouard Hildebrandt (1818-1869) e o barão dinamarquês George Heinrich Von Lowenstern (1776-1858). (SHUMAHER & BRAZIL, 2006)

jamais visto. Nesse contexto, muitos negociantes dessas imagens, em especial os livreiros “contratavam coloristas que, em busca do que concebiam ser o pitoresco e o exótico, desconhecendo aquele remoto universo brasileiro que as figuras retratavam, recorriam ao artifício e esbanjavam cores, na questionável suposição de que o resultado final seria do gosto da clientela”, assim, um dos principais ilustradores da época e que sofreu com as modificações de suas obras foi o pintor e desenhista francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) autor do importante livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839) (SCHUMAHER & BRAZIL, 2006, p.32). [Figura 29]

Em outros momentos históricos, como entre os séculos XIX e XX, com o desenvolvimento da imprensa ilustrada brasileira, algumas ilustrações relacionadas à figura do negro aproximaram-se ao caricatural, os desenhistas, neste sentido, não economizavam nos exageros dando destaque, não apenas as cores, mas também aos traços mais característicos da comunidade negra como os lábios, os cabelos e, no caso das mulheres os seios e os quadris projetando, por meio do discurso imagético, o racismo impregnado nas raízes da sociedade brasileira [Figura 30].

Figura 29 - Negra tatuada vendendo cajus, aquarela sobre papel, 1827, Jean Baptiste Debret



Figura - 30 Charge satirizando a ascensão social da população negra. Festa da Glória. Angelo Agostini, Revista Ilustrada, ano IV, nº173. Rio de Janeiro, 1879. Acervo Biblioteca Nacional



Fonte: Blog Dezenove e Vinte

Fonte: Brazil et al.,2006, p.190

As representações imagéticas veiculadas na imprensa dessa época refletiam a adesão da elite às teorias que legitimavam a ideia de superioridade racial difundidas no Brasil, como mencionado no *capítulo I* desta dissertação, principalmente, por autores como o médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e o advogado e literato Silva Romero (1851-1914). Segundo Munanga (1999, p.110), a produção intelectual da elite brasileira do final do século XIX e início do XX tinha como fundamento “a busca pela assimilação dos membros dos grupos étnicos-raciais diferentes na “raça” e na cultura do segmento étnico dominante da sociedade”, destarte a manutenção de práticas que afirmavam tais pensamentos extrapolavam o ambiente científico e demonstravam força em veículos de comunicação consumidos diariamente pela sociedade brasileira, como jornais e revistas. A título de exemplo, podemos destacar a pesquisa realizada pelo Prof. Dr. Nobuyoshi Chinen em sua tese de doutorado intitulada *O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros (2013)*⁹⁰, a qual evidencia a presença e a forma de representação dos personagens negros na mídia, especialmente, em quadrinhos.

O trabalho de Chinen (2013) faz um levantamento minucioso das formas e dos preconceitos engessados por meio da ótica humorística e que moldaram o imaginário social relativo à comunidade negra e seus traços culturais. Nesse estudo, um importante dado a ser mencionado é a forma como o negro era ilustrado em muitos quadrinhos, em *O Tico-Tico (1905)*, primeira revista a publicar histórias em quadrinhos no Brasil, a personagem Lamparina [*Figura 31*], criada por J. Carlos, ilustrava de forma quase animalesca “uma menina africana com todos os estereótipos mais óbvios, a começar pelo porte físico. Braços exageradamente longos como os de um macaco, modo de andar igualmente simiesco. Para completar, a indumentária era composta por uma tanga de pele de felino sobre o corpo” (CHINEN, 2011, p.67). Nesse sentido, a personagem Lamparina, assim como outros personagens criados na época, coloca em evidência a dificuldade que a população negra teve, e ainda tem, de construir uma imagem positiva para si, longe dos estigmas de inferioridade replicados durante séculos, visto que tal representação não se limitava ao ambiente humorístico dos quadrinhos nos jornais estendendo-se, posteriormente, à mídia televisiva e as publicidades reforçando, assim, estereótipos e a naturalização do racismo. Com base no exposto, torna-se relevante trabalharmos, na atual conjuntura, não apenas as imagens que

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/pt-br.php>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

representam o negro, mas também as imagens que o próprio negro escolheu para construir e reafirmar sua identidade.

Figura 31- *Lamparina* de J. Carlos 1928



Fonte: *Blog do Gutenberg*

Desse modo, por nos filiamos a corrente teórica da Análise do Discurso Franco-Brasileira, escolhemos como base metodológica para as análises das imagens projetadas nos textos a proposta de Mendes (2013) que trabalha a materialidade icônica em suas múltiplas possibilidades significativas. A metodologia de análise apresentada pela autora, apoiada na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau ([1983]2014), na Retórica e nos estudos de Aumont ([1993]2002), expõe a possibilidade de explorar a imagem a partir de duas macrodimensões, (i) Macrodimensão situacional e a (ii) Macrodimensão retórico-discursiva. Nesse contexto, Mendes nos instiga a pensar a imagem através de categorias analíticas, outrora, destinadas apenas ao verbal levando em consideração as particularidades do discurso icônico e suas projeções plásticas e técnicas. Destarte, as macrodimensões proposta por Mendes (2013), organizam-se em uma grande, na qual cada uma das dimensões situacional e retórica-discursiva se desmembram em subcategorias que explicaremos a seguir com base na *Grade de Análise de Imagens* (2013) [cf. Anexo I].

Iniciaremos nossa explanação sobre a referida grade de análise começando pela Macrodimensão situacional da imagem e do texto. Tal dimensão caracteriza-se por abarcar elementos importantes para determinar “as condições de produção dos discursos sociais” (MENDES, 2013, p.131). Nela encontramos;

(a). *Os sujeitos da linguagem* – a grade de análise inicia-se por um dos pontos centrais da Teoria Semiolinguística⁹¹, a identificação dos sujeitos participantes da situação de comunicação. Desse modo, encontramos nesse espaço o sujeito comunicante (Euc) e o sujeito interpretante (Tui) seres sociais inseridos no espaço externo da situação de comunicação. Além do sujeito

⁹¹ A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau ([1983], 2014), a qual nos embasamos nesta dissertação, será melhor explicada no tópico 2.2.3 (Id) entidades referente à questão da identidade na perspectiva da Análise do Discurso.

enunciador (Eue), ser discursivo projetado no papel, e o sujeito destinatário (Tud) aquele ser para o qual se constrói a enunciação inseridos no espaço interno da situação de comunicação. A identificação dos parceiros do ato de linguagem é de suma importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa, visto que é por meio deles que podemos discernir sobre os contratos firmados e sobre as identidades defendidas ou reivindicadas no discurso. Desse modo, estaremos atentos, nesta instância, para as identidades sociais e discursivas marcadas no espaço interno e externo do discurso icônico por meio de implícitos e explícitos, como a escolha dos autores das publicações pelas imagens inseridas no texto.

(b). *Os gêneros de discurso* – apoiados na perspectiva adotada por Charaudeau (2004) a qual estabelece que o gênero é concebido a partir da situação do discurso e, portanto, possui um caráter situacional, reconhecemos nesta Macrodimensão Situacional seu lugar de pertencimento. Destarte, a concepção de gênero eleita para nossa investigação distancia-se de categorias rígidas que tentam rotular textos por meio de características fixas (MENDES, 2013). No nosso caso, como trabalhamos com um *corpus* multimodal envolvendo a inserção de gêneros imagéticos distintos, como ilustrações, fotografias de *moda*, fotografias artísticas etc., esta mobilidade conceitual de gênero nos favorece por possibilitarmos uma abertura maior para análise.

(c) *Estatuto factual ou ficcional de um gênero e o caso da mentira* – Os estatutos do gênero são uma importante base para a análise dos dados, visto que é a partir do reconhecimento desses traços que o analista poderá saber qual tratamento dará ao *corpus* selecionado para análise. À vista disso, os estatutos factual e ficcional podem ser naturalmente delimitados por meio do contrato de comunicação, por exemplo, quando vemos um desenho animado ou lemos uma fábula temos, a priori, estabelecido um contrato que garante aquela produção um estatuto ficcional, o mesmo ocorre quando assistimos um noticiário televisivo ou lemos uma notícia em um jornal os quais relacionam-se ao estatuto factual.

Como em todos conceitos existem casos que fogem à regra ou que transitam entre as duas esferas estabelecidas, assim podemos encontrar gêneros que, apesar de possuírem um tipo de estatuto, ficcional ou factual, apresentam em sua constituição traços de outros estatutos. Como no caso dos editoriais de *moda* (estatuto factual) que utilizam de recursos técnicos e da encenação para criar uma atmosfera sedutora para um determinado público (recursos ficcionais) com o intuito de vender produtos existentes no mundo real. Esse tipo de fenômeno é chamado de ficcionalidade colaborativa ou no caso inverso factualidade colaborativa (MENDES, 2013, p.134). Existem casos em que não há a intenção de desvelar o aspecto ficcional da imagem, nessa conjuntura pretende-se passar por verdade algo que na

realidade não é o que pode causar conflitos e contradições sociais, como o caso citado por Mendes (2013) da brasileira que divulgou fotos de uma agressão ocorrida da Suíça que, na realidade, não era verídica⁹².

(d). *Os efeitos de real, de ficção do gênero* – os efeitos de real, ficção e gênero são determinados a partir dos estatutos factual e ficcional como apresentado por Mendes (2008) no artigo “Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero”⁹³. Segundo a autora “todos os efeitos, sem restrições, podem ocorrer em qualquer um dos estatutos, ou seja, num gênero ficcional podemos ter efeitos de ficção e num gênero de estatuto factual, encontramos efeitos de real” (MENDES, 2013, p.135), porém para identifica-los é necessário ter acesso aos saberes enciclopédicos, levando em consideração os processos de intericonicidade⁹⁴ e intertextualidade⁹⁵. Diante disso, amparados pelos estudos de Mendes (2008) em diálogo com as teorizações de Charaudeau (1983,1992) como salienta a referida autora, pode-se conceber a existência de três tipos de efeitos, a saber; (i) de real – definido por fazer referência “ao mundo vivido, do real, do experienciado”-(ii) de ficção – que visa a simulação ou construção de mundos possíveis, muitas vezes, relacionados à gêneros de estatuto ficcional, (iii) de gênero – este efeito é identificado quando observa-se a utilização de traços característicos de um gênero em outro, como um efeito ilusório (MENDES, 2013, p136).

Direcionando nosso olhar para a dimensão técnica/discursiva da *Grade de Análise de Imagens* encontramos a Macrodimensão retórica discursiva. Esta subdividida em duas categorias, (a) Elementos técnicos da imagem fixa e (b) Dimensão discursiva e de efeitos ambas desmembradas em subcategorias que serão exploradas a seguir;

(a) Elementos técnicos da imagem fixa

(1.a) *Elementos plásticos* – nesta categoria coloca-se em evidência a superfície da imagem, sua organização ou composição como se diz nos estudos tradicionais da imagem (AUMONT, 1993). Nesse sentido, procurar-se-á observar com mais cuidado toda contextura estética envolvida na exposição icônica, como sua geometria, a luminosidade, a combinação de cores

⁹² Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultnot/internacion.al/2009/12/16/ult1859u2066.jhtm>>. Acesso em: 16 de maio de 2017.

⁹³ Artigo publicado no livro *Análises do Discurso hoje VII* organizado por Gláucia Lara P. et alii.

⁹⁴ O conceito de intericonicidade pode ser entendido como a relação entre imagens que circulam na memória coletiva de uma dada sociedade levando em consideração “imagens externas, que supõem a consideração de todo o catálogo memorial da imagem junto ao indivíduo, e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou até fantasiadas, que assombam o imaginário. (COURTINE, 2013, p.44)

⁹⁵ O termo intertextualidade, a grosso modo, ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros.* (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p.288).

e no caso mais específico da pintura e da fotografia os tipos de materiais usados e a técnica empregada para se alcançar o resultado final.

(2.a) *Planos e ângulos de visão* – a categoria de planos e ângulos figura, na presente análise, como um ponto significativo gerador de sentido, visto que, a disposição dos objetos/pessoas no quadro da imagem estabelece a relação do produtor do discurso icônico com o que foi retratado. Desse modo, recorreremos aos modos de classificação de planos e ângulos utilizados por Mendes (2013) com base nos estudos de Vergueiro (2012) em conjunto com as teorizações de Gerbase (2012) no livro *Primeiro Filme: Descobrimo, Fazendo, Pensando* elencados no quadro a seguir,

Tabela 3: Planos e Ângulos

Planos	Descrição
Geral	Enquadramento amplo, a câmera encontra-se distante do objeto o que dá à imagem uma amplitude espacial maior.
Total ou de conjunto	Neste plano o objeto retratado ocupa um espaço considerável do ambiente, mas ainda se pode observar outros elementos em sua volta. Tal plano permite que o expectador reconheça os rostos das pessoas retratadas, mas não permite que sejam observados detalhes.
Médio	No caso da captura de uma figura humana, esta é enquadrada por inteiro, deixando apenas um pouco de espaço entre a moldura a cabeça e os pés. (GERBASE, 2012) ⁹⁶
Americano	Plano comumente utilizado pela mídia (MENDES, 2013, p.141), retrata a figura humana do joelho para cima.
Primeiro Plano	Segundo Vergueiro (2012, p.42) o primeiro plano seria aquele cujo enquadramento coloca-se na altura dos ombros.
Meio primeiro Plano	Neste plano a figura humana é retratada da cintura para cima. ((GERBASE, 2012) ⁹⁷
Detalhe, pormenor ou close-up	Neste plano a câmera enquadra um detalhe do objeto retratado. No caso de uma figura humana uma parte do corpo,

⁹⁶ É importante salientar que para Vergueiro (2012), o plano médio refere-se ao enquadramento da cintura para cima, enquanto para Gerbase (2012) este plano refere-se a captura da figura humana por inteiro em um enquadramento mais aproximado, desse modo como em nosso *corpus* encontramos vários casos que se inserem na perspectiva adotada por Gerbase (2012), optamos por incluí-lo à nossa lista de categorias. O plano médio, na visão de Gerbase (2012) seria denominado como meio primeiro plano.

	olhos, boca etc. ou pequenos objetos como um botão, por exemplo.
Ângulos	
Ângulo de visão médio	Também conhecida no meio cinematográfico como Ângulo Normal, este ocorre quando o ângulo se encontra à altura dos olhos do interlocutor.
Ângulo de visão superior	Conhecido como Plongée (palavra de origem francesa que significa mergulho), nele a cena é retratada de uma perspectiva que vai de cima para baixo.
Ângulo de visão inferior	Este ângulo faz a função contrária ao Plongée, desde modo a ângulo de visão encontra-se de baixo para cima (Contra-Plongée).

(3.a) *O ponto de vista da imagem* – esta categoria projeta na imagem um certo direcionamento do olhar do espectador e, portanto, pode dar margem à uma variação de sentidos evocados. Segundo Aumont (1993, p.156) o ponto de vista pode designar três registros de significação, (i) “um local, real ou imaginário, a partir do qual uma cena olhada; (ii) “o modo particular como uma questão pode ser considerada”; (iii) enfim, uma opinião, um sentimento com respeito a um fenômeno ou a um acontecimento”. Tais registros de significação ancoram-se, principalmente, no enquadramento escolhido para a imagem e ao foco dado ao que está sendo retratando. Esse recurso é muito utilizado no gênero publicitário, o qual utiliza, além dos recursos discursivos, técnicas de composição imagética para dar destaque ao produto vendido, como podemos observar na publicidade de sandálias da marca Melissa de 1980 [Figura 32], esta usa como recurso de captação o enquadramento da modelo e a sua própria postura na fotografia como uma forma de direcionar o olhar do espectador para o produto anunciado [Figura 33] (SANTOS, 2016).

Figura 32 Campanha publicitária Melissa verão, 1980

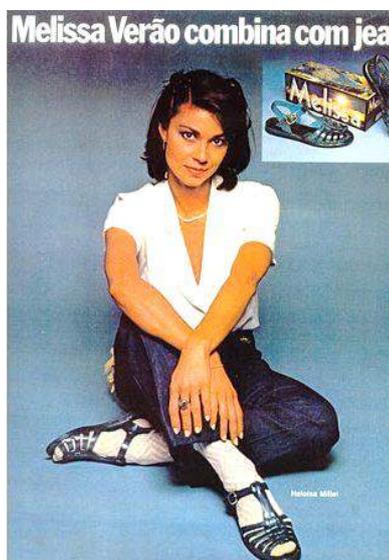
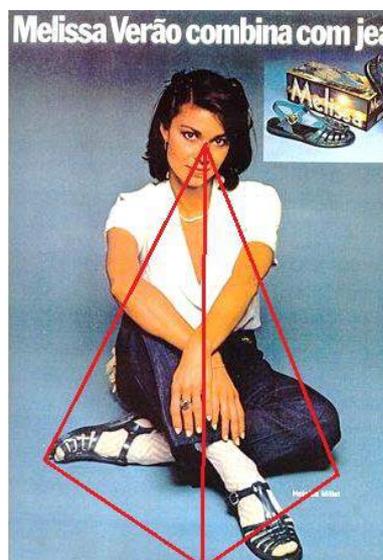


Figura 33 Campanha Melissa Verão com a marcação do direcionamento de olhar em vermelho.



Fonte: SANTOS, 2016

(4.a) *Funções da moldura* – ainda na perspectiva apresentada por Aumont (1993, p.144), a moldura pode ser concebida como aquilo que estabelece o limite da imagem em sua materialidade. Esta, podendo manifestar-se em formas concretas, como as molduras que encontramos em obras de arte em museus, ou abstratas como a delimitação sensível da imagem. Por conseguinte, a moldura pode interferir na leitura de uma determinada imagem desempenhando, nesse sentido, funções visuais, econômicas, simbólicas ou narrativas. (MENDES, 2013)

(b) Dimensão discursiva e de efeitos

(1.b) *Modo de organização do discurso* – Para a presente análise nos deteremos a elucidar os modos de organização do discurso, porém direcionando nosso olhar para sua ocorrência em objetos puramente imagéticos. Desse modo, não será o nosso propósito debruçarmos sobre os modos de organização, assim como propõe Charaudeau ([1983], 2014), visto que os estudos publicados pelo autor exploram sistematicamente todas as características desses modos de organização em relação ao trato linguístico/discursivo. Destarte, nos apoiaremos na leitura realizada por Mendes (2013) explorando, a partir da teoria Semiolinguística, a manifestação dos modos (i) enunciativo, (ii) descritivo, (iii) narrativo e (iv) argumentativo no discurso icônico.

O modo (i) enunciativo, como aponta a teoria Semiolinguística, é composta por três formas distintas que o sujeito se posiciona em relação ao dito, a saber, a alocação

(engajamento do interlocutor no discurso), a elocução (responsabilização do dito pelo sujeito) e a delocução (o afastamento do eu no discurso). Logo, no discurso icônico, tais formas de posicionar-se na cena apresentam-se de forma aproximada ao que acontece no discurso verbal. De acordo com Mendes (2013, p.143), o fenômeno da alocação pode ser identificado “quando temos personagens nos olham diretamente e nos colocam na cena, de forma quase interativa”, já na elocução o autor da imagem, seja esta uma fotografia, uma pintura ou ilustração, se coloca em cena e participada dela de forma concreta. Esse modo de posicionar-se no discurso icônico, atualmente, pode ser exemplificado a partir “da prática do selfie, na qual pessoas se auto fotografam, numa releitura do autorretrato, e postam imagens em redes sociais.” (MENDES, 2013, p.144) A terceira forma de posicionar-se, a delocução, manifesta-se na imagem quando “o expectador observa a cena retratada pelo fotógrafo ou pintor, sem fazer parte dela e sem a priori, encontrar as marcas de um “eu”” (MENDES, 2013, p.144). À vista disso, a delocução apresenta-se como uma possibilidade de neutralizar os traços autorais de uma obra, como ocorre no fotojornalismo, mas não impede que, em alguns casos, traços estilo sejam identificados.

Prosseguindo nossa explanação sobre os modos de organização, o modo (ii) descritivo possui como função a identificação, a qualificação, a nomeação e a localização dos seres, levando em consideração os possíveis sentidos evocados em cada situação de comunicação; o modo (iii) narrativo, por sua vez, apresenta-se em discursos icônicos os quais nos possibilitam construir uma relação temporal, espacial e a identificação de personagens, como uma pequena narrativa ou história; e, por último, o (iv) modo argumentativo, o qual participa do discurso icônico como uma espécie “de prova, de exemplo, de contra-argumento”. Nas palavras de Mendes (2013, p. 146) e ancorados nos estudos de Amossy (2013)⁹⁸ sobre argumentação, “as imagens se inseririam na dimensão argumentativa, elas não possuem marcas explícitas de argumentação, mas podem construir estratégias de persuasão”, visto que em alguns contextos uma imagem pode ser, fundamentalmente, mais eficaz que qualquer estratégia argumentativa.

(2.b) *Imaginários sociodiscursivos* – na esteira dos estudos desenvolvidos por Charaudeau (2006, 2007), podemos compreender os imaginários sociodiscursivos como enunciados/imagens que transitam na sociedade e que, muitas vezes, permeiam a memória coletiva de uma determinada comunidade. Esses enunciados, quando interligados em forma de rede de pensamentos produzem valores que podem mudar de acordo com o contexto social, com o lugar de pertencimento, o grupo social e a posição temporal de referência. Desse modo, é

⁹⁸ Cf. AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2013.

relevante ressaltar que os imaginários sociodiscursivos transitam “em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2006, p.207). Nesse sentido, observando a relevância do nosso *corpus* imagético para a produção de valores identitários negros, entendemos que os imaginários sociodiscursivos também podem se manifestar por uma linguagem verboicônica, visto que esta denota “indícios de como uma sociedade cria representações sobre várias questões” (MENDES, 2013, 147), como padrões estéticos, racismo, machismo etc.

(2.c) *Efeitos etóticos* – O conceito de *ethos*, imerso na tradição oral da retórica, possui grande valor para todas as manifestações discursivas, sendo estas verbais ou icônicas, visto que representa a imagem do Euc (Sujeito comunicante) em sua enunciação, em outras palavras, a imagem de si no discurso. O *ethos*, nesse sentido, transita entre o efêmero e o estável, dado que se projeta de múltiplas maneiras no discurso, mas sem perder sua ligação com a sua fonte de projeção, o sujeito e sua corporalidade. De acordo com Kebrat-Orecchioni (2010, p. 125) o *ethos*,

[...] está ligado ao corpo: por mais trabalhada que seja a comunicação, sempre ficará algo de irremediavelmente pessoal no timbre da voz, nas mímicas, na postura, na aparência geral. Essas *bases corporais do ethos* podem ser vistas como uma limitação (cada um dispõe de um leque relativamente restrito de indicadores éticos, e não pode, por conseguinte, compor *ad libitum* qualquer *ethos*), mas é, ao mesmo tempo, a garantia de uma relativa estabilidade.

No caso do discurso icônico não podemos assegurar esta ligação corpórea do *ethos*, de forma explícita, em todas situações, visto que nem sempre as imagens projetadas no discurso foram, de fato, produzidas pelo sujeito comunicante e, portanto, não carregarão seu traço nas entrelinhas imagéticas, como no caso do discurso oral no qual temos referências importantes dessa corporalidade (gestos, a voz, a roupa etc.). No caso de gêneros multimodais, partimos do pressuposto que as escolhas das imagens para compor o discurso funcionam como uma projeção do *ethos* que o locutor pretende passar com aquela enunciação.

(2.d) *Efeitos patêmicos* - na esteira dos estudos discursivos de Patrick Charaudeau (2007) tomaremos o *pathos* (emoção) a partir de uma perspectiva distinta a apresentada pelos estudos da Psicologia das Emoções que concebe a emoção como social e da Sociologia das Emoções que o percebe como interpretativo e interacionista. Nesse sentido, esclarecemos que, ao contrário das áreas de conhecimentos citadas, o objeto da análise do discurso

[...] não pode ser aquilo que os sujeitos efetivamente sentem (o que é vivenciar a *cólera*), nem aquilo que os motiva a querer vivenciar ou agir (porque ou em que ocasião se vivencia a *cólera*) tampouco as normas as normas gerais que regulam

as relações sociais e se constituem em categorias que sobredeterminam o comportamento dos grupos sociais. (CHARAUDEAU, 2007, p. 1)

Destarte, a emoção no domínio dos estudos discursivos só pode ser concebida por meio de uma relação de troca amparada pela teoria do sujeito e, por conseguinte, pela situação de comunicação como um efeito visado sem ter garantia do efeito produzido. Por exemplo, em nosso *corpus*, muitas vezes, a imagem funciona como um dispositivo que visa despertar sentimentos comuns aos sujeitos pertencentes à comunidade negra, como a compaixão e a comunhão no caso de imagens relacionadas à ancestralidade ou a indignação em imagens que dialogam com as desigualdades vivencias por esse povo. Todavia, não é possível mensurar se o efeito patêmico pretendido foi realente o suscitado pela interação, dado que para nós analistas do discurso “a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu “re-sentimento” em um sujeito específico, em situação particular” como salienta Charaudeau (2007, p.5).

c) Dado paraimagéticos e dados paratextuais

No referido quadro de análise existe um espaço destinado a dados que possam auxiliar o pesquisador na compreensão do objeto investigado. Este espaço tem por objetivo elencar informações que figuram no ambiente externo da situação de comunicação e que, portanto, devem ser buscadas em outras fontes não pertencentes ao gênero selecionado. À vista disso, como salienta Mendes (2013), este espaço é importante para o desenvolvimento de estudos imagéticos, pois, diferentemente do discurso verbal, o discurso icônico não contempla categorias semânticas e sintáticas precisas. Os dados paraimagéticos, nesse sentido, podem estabelecer relações entre outras imagens (intericonicidade) [ver *Figura 34* e *Figura 35*], como quando um artista produz uma imagem com base em outra ou fazer referências à situações e contextos específicos o que pode influenciar na interpretação feita na análise.

Figura 34 John Carlos e Tommy Smith (1968) Jogos Olímpicos do México



Fonte: Blog Historiando

Figura 35 Símbolo do Movimento Negro



Fonte: Geledés

No caso do movimento negro, a título de exemplo, algumas imagens, quando analisadas levando em consideração o contexto sociohistórico (dados paraimagéticos), trazem informações representativas capazes de envolver tanto *efeitos patêmicos*, quanto *efeitos etóticos*. As imagens que retratam pessoas negras com os punhos cerrados voltados para céu possuem uma relação intrínseca com a história do movimento negro mundial. Esta saudação, replicada em várias imagens e ilustrações, representa o orgulho de ser negro e a luta contra a discriminação racial, além de fazer referência direta à saudação *Black Power* do partido Panteras Negras. No caso da *Figura 31*, os atletas John Carlos e Tommy Smith, que realizaram a saudação nos Jogos Olímpicos do México (1968) sofreram sanções duríssimas pelo ato, estes foram expulsos de suas delegações mesmo amparados por suas conquistas nos jogos. Essas informações não podem ser resgatadas apenas com os elementos da imagem, no entanto possuem um valor imensurável para a análise, o que justifica a atenção dada na metodologia escolhida para o *corpus* à categoria paraimagética.

2.2.2 O gênero na perspectiva da Análise do Discurso e o gênero *weblog*

Colocar-se no papel cotidianamente é também uma nova maneira de se desnudar e de decifrar o próprio interior...

Denise Schittine⁹⁹

Antes mesmo de adentrarmos à questão do gênero *weblog* gostaríamos de realizar uma pequena explanação sobre como o conceito é visto à luz da Teoria Semiológica (CHARAUDEAU, [1983], 2014). Para tanto, partiremos das teorizações de Patrick Charaudeau (2004, 2010) o qual considera que o gênero é caracterizado situacionalmente podendo, assim, sofrer modificações com o decorrer do tempo. Segundo o autor os gêneros devem ser analisados levando em consideração dois planos, a saber, (i) a situação de comunicação, ou seja, aquilo que dá forma ao “domínio da prática” e (ii) as visadas que condizem com uma certa intencionalidade que demarca a expectativa empregada no ato de linguagem.

A situação de comunicação exerce um papel fundamental no estudo desenvolvido nesta dissertação, visto que esse plano é estruturado a partir das identidades dos parceiros, um dos principais objetos de nosso estudo, da finalidade do ato de fala, do lugar que eles ocupam na troca e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza. Desse modo, é nesse plano que se pode perceber os limites do jogo de expectativas imersas na troca

⁹⁹ SCHITTINE, 2004.

lingueira. Já as visadas, correspondentes aos propósitos psico-socio-discursivos, podem ser definidas por dois critérios: a posição do EU como enunciador e sua relação de força ligando-o ao TU (intenção pragmática); e a posição que o TU, nas mesmas circunstâncias, deve ocupar. Ainda sobre as visadas, de acordo com Charaudeau (2004, 2010), estas podem ser classificadas em seis diferentes tipos: (a) Prescrição- EU está em uma posição de autoridade em relação ao TU; (b) Informação- com objetivo de difundir algum conhecimento o EU se encontra em um duplo plano de autoridade e legitimidade enquanto o TU está na posição de dever saber; (c) Incitação – EU não ocupa uma posição de autoridade e, por isso, deve utilizar da persuasão e/ou sedução para instigar TU a fazer algo; (d) Solicitação – EU se encontra em uma posição desfavorável em comparação à TU que, nesse contexto, tem o dever de responder a algo, (e) Instrução- EU dispõe da legitimidade e da autoridade, pois acumula as funções de saber -fazer e de transmissão desse saber, TU, à vista disso, se encontra na posição de dever saber fazer de acordo como os parâmetros moldados pelo EU; e por fim, (f) Demonstração- EU é detentor da verdade e do saber para comprová-la, como um especialista.

A perspectiva adotada por Charaudeau (2004, 2010) amplia a noção de gêneros discursivos extrapolando algumas concepções que elegiam apenas aspectos recorrentes do texto como norte para a identificação de gêneros, muitas vezes, entre uma ancoragem mais social e uma mais formal. Estas concepções, como salienta o próprio autor, não deixam de serem eficazes para determinados estudos com objetivos analíticos específicos, porém, para nossa pesquisa tais perspectivas reduziriam o objeto em suas possibilidades discursivas. Desse modo, a escolha por adotar a Teoria Semiológica como base para compreendermos o gênero *weblog* vem de encontro com a vicissitude de partirmos da situação de comunicação e não de um protótipo idealizado, visto que, observando a efemeridade temporal sofrida pelo gênero *blog*, seria difícil compreendê-lo por meio dessas constantes muito rígidas. À vista disso, propomos uma rápida exposição sobre a constituição do gênero *weblog* e sua finalidade no atual contexto sociodiscursivo para emprendermos um movimento de imersão no *corpus* de nossa dissertação.

Os *weblogs*¹⁰⁰, como eram conhecidos nos primórdios de sua projeção social, surgiram no final do século XX com uma base inicialmente voltada para o compartilhamento de links com um comentário sucinto. Esses tipos de *blogs*, conhecidos como filtros, a partir de 1999, tornaram-se cada vez mais escassos com o lançamento de uma nova modificação na

¹⁰⁰ O termo *weblog* foi cunhado, segundo Orihuele (2007), por Jorn Barger em 1997 cinco anos depois da primeira manifestação dessa plataforma de compartilhamento em rede.

plataforma que facilitava seu uso por pessoas comuns e a identificação destes por meio de uma URL¹⁰¹. Nesse contexto, os *blogs* passam a ser utilizados como um diário pessoal na internet menos complexo, mais acessível ao cidadão comum e rápido no sentido de ter uma grande rotatividade de postagens. O novo suporte em rede possibilitou que pessoas anônimas pudessem ser lidas e ouvidas sem que precisassem desenvolver relações face a face com seus leitores, interlocutores, a priori, desconhecidos (SHITTINE, 2004, p.14) além de levar para a rede assuntos próprios sem a intervenção de intermediários como acontece em sites que passam pelo processo de edição e revisão.

Segundo Orihuela (2007) uma das principais características do *blog* é a postagem que compõem a parte substancial do gênero e traz ao suporte à mobilidade e rapidez de circulação de informações tão requisitadas no ambiente virtual. Os *posts*, nesse contexto, são anotações e textos ordenados segundo a cronologia inversa (com as mais recentes primeiro), em que cada uma possui um endereço URL (link permanente), traço que facilita a análise desse tipo de dado e sua localização na rede, mesmo que o *blog* deixe de existir. Em alguns casos, as publicações são arquivadas cronologicamente e quando o *blog* possui mais de uma temática, por categorias ou assuntos como podemos observar no *blog Cacheia!* uma das páginas selecionadas para compor nosso *corpus* de análise [ver *Figura 36*].

Figura 36 Temáticas e categorias: Blog Cacheia!



Fonte: Blog Cacheia!

¹⁰¹ URL ou localizador padrão de recursos é, a grosso modo, um endereço virtual que permite a localização de páginas na internet.

O *blog Cacheial*, destacado na *Figura 33*, mantém a estrutura por subcategorias: *resenhas, colorações, cortes, cronograma capilar, receitas caseiras, transição capilar, dicas, inspirações, vegan, low/no poo*¹⁰², *salões, pessoal*, todas relacionadas a uma temática central, assim como a maioria dos *blogs* analisados. Nesse sentido, a plataforma de compartilhamento se distâcia do caráter de diário íntimo destacado por Schittime (2004) que tinha por finalidade apenas o compartilhamento de vivências e histórias relacionadas ao âmbito privado e particular.

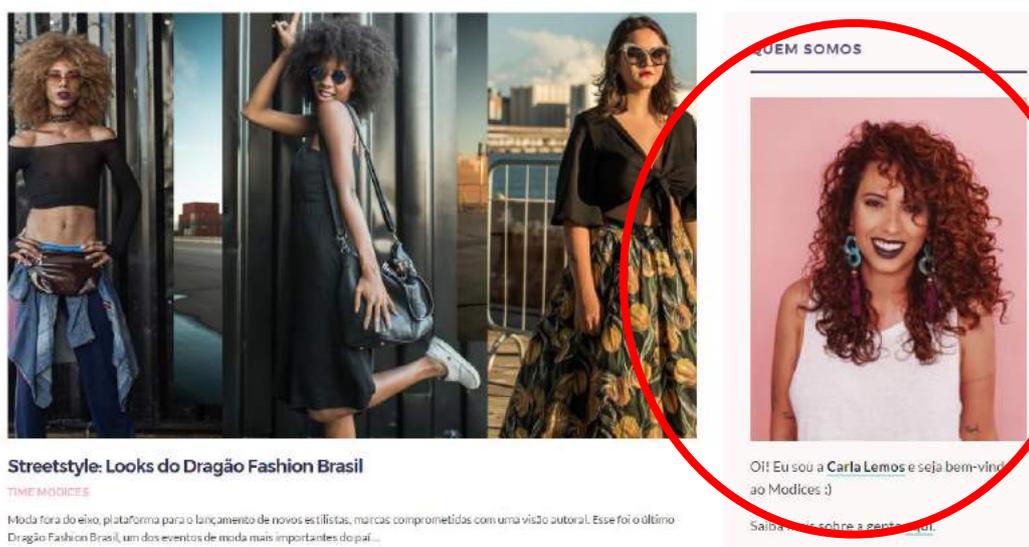
Atualmente, observamos que o contrato firmado a partir do gênero *blog* se estabelece por meio de uma relação dialética. Existe a preocupação em manter um aspecto mais intimista e informal em muitas páginas, mas o interlocutor, ao contrário do que ocorria na escrita de um diário no papel, preocupa-se em delinear seu público alvo ideal; destarte, o idealizador do *blog* deixa de escrever para si para pensar em um outro que compartilha vivências, opiniões e interesses comuns. Nesse sentido podemos considerar o gênero *weblog* como,

[...] um meio a princípio pessoal (embora haja blogs em grupos), que funciona sem editores e sem prazos, sem fins lucrativos, e que é escrito, em geral, pelo prazer de compartilhar informações ou como veículo de expressão. Diante da “realidade jornalística”, o blog possui uma resposta mais rápida, mais impressionista e mais pessoal do que os meios de comunicação tradicionais e, por sua vez, contribui para ampliar as fronteiras da realidade midiática. (ORIHUELA, 2007, p.6)

Ainda na esteira dos estudos de Orihuela (2007), observamos que existem, na atual conjuntura, alguns aspectos estruturais que se repetem nas páginas de compartilhamento e que caracterizariam o gênero e suas finalidades na atualidade. Em nosso *corpus*, por exemplo, identificamos como constantes em todos os casos os seguintes elementos: (a) a identificação do autor (es) por meio de um perfil, (b) a delimitação de um conteúdo editorial, (c) a manutenção de um design de interface que diferencia o *blog* dos demais, além de um ambiente destinado a comentários e discussões de cada postagem [ver *Figura 37*].

¹⁰² O Low/no poo é uma técnica que consiste em utilizar shampoos sem sulfato (ou com pouco sulfato) com o objetivo de manter os óleos naturais do cabelo. Disponível em: << <http://cacheia.com/2013/11/perguntas-frequentes-sobre-a-tecnica-low-e-no-poo/>>>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

Figura 37 Print - Perfil Blog Modices



Fonte: Blog Modices

No tocante as visadas, observamos que cada postagem poderia trazer uma abordagem diferente e, portanto, uma visada distinta. À vista disso, na seleção feita para nossa análise, encontramos não apenas uma, mas duas visadas principais a de informação e a de demonstração as quais projetam o EUC (Sujeito comunicante) como um ser legitimado para falar sobre determinado assunto¹⁰³. Esse aspecto confirma a fala de Orihuela (2007) sobre os produtores de *blogs* contemporâneos, pois segundo o autor “a grande maioria dos blogueiros é composta por pessoas que escrevem sobre o que sabem, o que gostam, o que lêem ou o que acontece na mídia” e até mesmo sobre suas experiências de vida como no caso dos *blogs* ligados a redes de mobilização negra escritos por atores que se auto identificam como negros.

O *weblog* como gênero originário da rede, configura-se como um mecanismo de comunicação importantíssimo para grupos marginalizados socialmente, visto que com a expansão desse meio de comunicação “o poder das elites de determinar o que era notícia por intermédio de um sistema de disseminação rigidamente controlado foi abalado” (HEWITT, 2007, p.102), mesmo que o acesso à internet não seja totalmente democratizado no Brasil. A *blogosfera*, como é denominado o universo dos *blogs*, faz parte, assim, de um novo cenário da comunicação em rede é figura como produtor de comunidades ativas e socialmente engajadas além de promover discussões que fogem à pauta das mídias tradicionais. Os *blogs*, assim como

¹⁰³ As visadas encontradas em cada publicação serão melhores detalhadas no terceiro capítulo desta dissertação no tópico 3.2 quando trataremos da manifestação da identidade no discurso.

outras redes de comunicação (redes sociais, fóruns e os wikis¹⁰⁴) permitem ou facilitam a integração de grupos geograficamente e socialmente dispersos como salienta Orihuela (2007).

Com base no que expusemos sobre o gênero *weblog* e atentos aos estudos desenvolvidos na perspectiva da Análise do Discurso acreditamos que “é difícil definir o gênero como um protótipo ou como uma esquematização abstrata, visto que há componentes demais de ordem diferente que intervêm para a composição” (CHARAUDEAU, 2004, p.39), o gênero *blog*, nessa conjuntura, passou por diversas modificações, ou melhor dizendo, regularizações orientadas pela situação de comunicação e pelas novas pretensões dos sujeitos envolvidos na interlocução. Destarte, o que era um espaço destinado apenas a troca de confidências ou a exposição do cotidiano tornou-se uma plataforma que desperta interesse da mídia, da publicidade e em muitos cidadãos comuns, dado que muitas pessoas imersas nesse meio instituíram a propriedade de um *blog* como uma profissão como aborda Orihuela (2007, p.17)¹⁰⁵.

Gostaríamos de salientar que, para a presente dissertação, não abordaremos a questão dos gêneros discursivos de forma aprofundada, visto que não é o nosso objetivo principal para a atual pesquisa. Desse modo, o que traçamos aqui foram algumas perspectivas relevantes para a compreensão e a delimitação de nosso olhar para o referido conceito e que nos proporcionará uma direção na influência do *blog* em nosso *corpus*. Cientes disso, reiteramos o ponto de vista por nós adotado concernente à Análise do Discurso (Teoria Semiolinguística) segundo a qual, “uma definição dos gêneros de discurso passa pela articulação entre três níveis e a correlação (e não em implicação sucessiva) dos dados que cada um desses níveis propõe” (CHARAUDEAU, 2004, p.38), ou seja, o nível situacional, o nível das restrições discursivas e o nível da configuração textual, assim sendo, o conceito de gênero habita um espaço complexo entre a rigidez de suas características de base, pelas zonas de manobra propiciadas por cada situação de comunicação e, também, por cada objeto analisado.

A seguir, dando continuidade à exploração do nosso universo teórico-metodológico, abordaremos a questão das identidades e como este importante tópico é tratado em correntes dos Estudos Culturais, Sociologia e da Análise do Discurso Franco-Brasileira.

¹⁰⁴ Sites criados exclusivamente para a escrita colaborativa, como a enciclopédia Wikipédia.

¹⁰⁵ De acordo com pesquisa realizada pela empresa de análise de tráfego online Syomos em 2016 o Brasil possui a quarta maior rede de blogueiros do mundo com 4,9% do total, ficando atrás apenas do Japão com 4,88%, Reino Unido com 6,75% e Estados Unidos com 29,22%. Disponível em: <<https://sysomos.com/reports/bloggers/>> Acesso em: 31 de maio de 2017.

2.2.3 (Id) entidades

A trajetória de lutas e resistências traçada pela comunidade negra nos revela que, desde a diáspora africana, as principais reivindicações desse povo quase sempre perpassaram os campos da estética, da aparência, contra uma imagem negativa construída em torno de mitos e imaginários socioculturais engessados, que no decorrer do tempo emergiam-se em forma de racismo. No caso do Brasil, assim como em outros países que passaram por um processo de escravidão, o racismo incide sobre os negros “não somente em decorrência de um pertencimento étnico [...], mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo” (GOMES, 2012, p.31), como a forma de lidar com o cabelo, os adornos utilizados para se enfeitar, as características faciais etc. Nessa perspectiva, torna-se relevante voltarmos nossos olhares para discursos projetados em torno de uma reflexão sobre a imagem do negro e, conseqüentemente, o que esses discursos objetivam alcançar, visto que, pensar os valores culturais, a inserção do negro em todas as camadas sociais, sua relação com o corpo e sua aparência instiga-nos a ir além das barreiras históricas ideológicas impostas a tal população.

As percepções de uma sociedade ocidental que só concebia o negro positivamente se este estivesse ligado ao exotismo, ao excêntrico, ao caricato, por exemplo, vem sendo questionadas e confrontadas por discursos contra hegemônicos publicados, principalmente, em ambientes virtuais. Tais discussões lideradas por indivíduos autônomos, interligando questões sobre a estética negra e a construção de identidades amparadas por símbolos de resistência, colocam em voga a complexidade do movimento negro moldado na pós-modernidade. Temas como apropriação cultural, o uso de símbolos de resistência na *moda*, o retorno ao cabelo natural, a valorização da cultura afro-brasileira são algumas das preocupações expostas nos discursos projetados por essa comunidade e que estarão em nossas discussões. Desse modo, pensando nos aspectos supracitados, propomos a imersão em discursos projetados por militantes do movimento negro e/ou simpatizantes da causa no que diz respeito à construção de uma resistência baseada, a priori, na *moda*/estética, identidade (s), corpo e discurso. Para tanto, em conformidade com a atual conjuntura social, elegemos, como base para a reflexão proposta, textos de autoria dos próprios representantes da comunidade negra publicados em *Weblogs*, que serão contrastados com algumas vertentes teóricas (Análise do Discurso Francesa - mais especificamente a Semiologia de Patrick

Charauadeau-, Antropologia, Sociologia e Estudos Culturais) importantes para pensarmos os temas abordados.

Ao imergimos em nossos *corpora* e refletirmos sobre a aventura interdisciplinar aqui proposta podemos nos questionar, qual a relação da *moda* com o discurso do movimento negro? Em que sentido essa discussão poderia agregar a tal movimento uma mudança significativa a ponto de pensarmos em uma resistência estética? A estética é realmente relevante para uma discussão tão complexa quanto a inserção da comunidade negra em todos os patamares da sociedade pós-moderna?

A pós-modernidade, inserida em um sistema capitalista mais fluido e menos restrito que estruturas sociais anteriores, nos coloca em confronto com uma sociedade que não compreende mais a indumentária como uma simples forma de separação de classes. Na atualidade, a forma como o indivíduo se apresenta socialmente, sua aparência ou escolhas estéticas estão entrelaçadas com a construção de visões de mundo e, portanto, da própria identidade. Segundo Crane (2006, p.21);

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extremamente rica.

E é pensando nessas alternativas que a *moda* encontra o movimento negro na atualidade em forma de questionamento a padrões estéticos que o deixaram à margem, estabelecendo um diálogo entre o passado ancestral africano para, assim, moldar novas possibilidades de resistir¹⁰⁶, visto que a partir da escolha de símbolos (vestimenta, adornos etc.) é possível estabelecer ou marcar identidades.

Tendo em vista o exposto, em uma primeira aproximação com nossos *corpora*, podemos observar que a eleição do turbante como adorno funciona, para a comunidade negra, como um significante importante da diferença e, portanto, uma delimitação de um

¹⁰⁶ Observamos, para além do universo negro, um crescente movimento que visa ampliar a diversidade/resistência à padrões estéticos na indústria da *moda*, não apenas na composição de roupas e *looks*, mas também na diversidade de tamanhos (como o movimento *plus-size*) e de gênero (a criação de coleções sem gênero), por exemplo. Esse movimento tem fomentado a abertura de marcas alternativas e a discussão sobre a quebra de padrões que objetivam enquadrar o corpo dos (as) consumidores (as) à um padrão, muitas vezes, inatingível. Para mais informações sobre o assunto ver: BETTI, Marcella Uceda. *Beleza sem medidas? Corpo, gênero e consumo no mercado de moda plus-size....?* Disponível em: <<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13052015-115256/pt-br.php>>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

espaço psicossocial¹⁰⁷ de origem e pertencimento. Como podemos constatar no fragmento da publicação EB.1 (Estilo e afirmação em uma única peça) sobre o uso do turbante, [Fragmento 1]

*Precisamos nos vestir a caráter! Quero dizer, que a estética que adotamos leva consigo um discurso, uma mensagem, e representa algo. Quando um negro começa a refletir aspectos ligados a sua ancestralidade o processo de afirmação de uma identidade se torna mais forte e perceptível.*¹⁰⁸ (LIMA, 2015)

Desse modo, a partir da fala de Lima (2015), apreendemos que o uso do turbante manifesta algo superior a simples escolha estética do que vestir. Para o autor, tal peça, reconhecida por conectar a população negra às tradições africanas, atua como um símbolo de luta, e, portanto, uma forma de afirmação da identidade negra na contemporaneidade.

Pensando na questão da identidade e em sua relevância para nossa pesquisa, podemos afirmar que esta revela-se como um ponto crucial em vários campos do saber, como a sociologia, a psicologia, a filosofia e, atualmente, também para os estudos linguísticos, principalmente, a Análise do Discurso. Tal interesse multidisciplinar em relação à temática justifica-se, especialmente, pela relação intrínseca do tema com o sujeito e suas percepções de mundo, visto que a identidade, em uma concepção mais geral, é o que dá ao sujeito a possibilidade de consciência de sua própria existência a partir do entrecruzamento de olhares, do reconhecimento do outro e da diferença. Em outras palavras, a identidade é relacional e depende de algo exterior a ela, ou seja, de outra (s) identidade (s), para existir (Woodward, 2006, p.9).

É bem certo que por muito tempo, o conceito de identidade¹⁰⁹ estava atrelado a uma visão “individualista”, que o contemplava como a essência do indivíduo, ou o que o tornava

¹⁰⁷ O termo psicossocial utilizado nesta pesquisa se refere a relação entre o convívio social do ponto de vista da psicologia. Consiste, desse modo, em um ramo de estudo que abarca os aspectos da vida social em conjunto com a psicologia clínica.

¹⁰⁸ Transcreveremos, ao logo desta parte da pesquisa, fragmentos das publicações coletadas exatamente como se encontram na fonte.

¹⁰⁹ A grosso modo, em uma perspectiva histórica, podemos elencar três momentos distintos em que o conceito de identidade sofreu mudanças significativas, a saber;

(i). Identidade como centro essencial do “eu” (Iluminismo - século XVIII): Neste momento, nos deparamos com uma concepção que compreendia o indivíduo como um ser centrado, unificado e composto de capacidades racionais, de consciência de ações e do próprio ser. A identidade consistia, desse modo, em um núcleo interior que florescia no momento do nascimento mantendo características imanentes ao indivíduo, mesmo que este se desenvolvesse ao longo da vida.

(ii) Concepção interativa da identidade: (séculos XIX e XX): Nesta perspectiva, a identidade é construída a partir da interação entre o “interior” ou a essência do sujeito e o “exterior” a sociedade, à vista disso acreditava-se que a identidade sofria influências de pessoas importantes para o desenvolvimento do indivíduo e das relações estabelecidas socialmente. Tal relação com o exterior era o que mantinha o sujeito atrelado à estrutura social e cultural ao qual estava imerso. Porém, apesar dessa interação, ainda existiam características imutáveis que se mantinham ao longo da vida de cada indivíduo.

singular diante dos outros. No entanto, principalmente com o nascimento de novos movimentos intelectuais, Iluminismo e pós-Iluminismo (séculos XVIII e XIX), a concepção de identidade sofreu mudanças importantes para a compreensão do homem enquanto sujeito. Nesse contexto, a identidade passou a estabelecer uma relação intrínseca com o outro, o sujeito com outros sujeitos e com o ambiente sociocultural ao qual estava inserido, estabelecendo, assim, um ponto de vista mais sociológico da questão.

Segundo Stuart Hall (2006, p.11), “[...] a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo político”, a essência do sujeito iluminista, dessa forma, passa a ser mutável de acordo com suas experiências de vida e com o ambiente cultural a sua volta. No entanto, mesmo com a perspectiva de uma mutabilidade identitária descrita por Hall (2006), a identidade, em uma visão global, prendia o sujeito a uma estrutura ou cultura. Dessa forma, o sujeito nascido em um determinado país, por exemplo, estava condicionado a levar os traços, costumes e modos daquele lugar como características essencialmente constitutivas de sua identidade, o que tornava esse fenômeno mais “unificado e predizível” (HALL, 2006, p.12). Destarte, partindo da concepção do sujeito sociológico e observando o atual contexto das comunidades que sofreram o processo da diáspora surgem as seguintes indagações: como uma população nascida em um país diferente de sua linhagem étnica pode manter traços de sua ancestralidade, sem que esta tenha contato com sua origem? Existiria, então, uma fragmentação identitária, já que muitos dos descendentes africanos nascidos em outros países estabelecem relações tanto com sua comunidade histórica quanto com seu lugar de nascimento¹¹⁰?

Segundo Hall (2003, p.66) na maioria dos casos de dispersão de comunidades pelo mundo, existe uma multiplicidade de possibilidades para a manutenção ou assimilação de tradições, assim, uma mesma pessoa pode sofrer influências do local de câmbio e ao mesmo tempo manter suas referências históricas ancestrais, mesmo que estas sejam modificadas, reinventadas ou ressignificadas. Desta forma, as identidades formadas a partir desse deslocamento estarão sujeitas a modificações e fragmentações de acordo com as experiências vividas, à vista disso seria incoerente amalgamar o indivíduo a uma identidade fixada em uma

(iii) Identidade na pós-modernidade: (Final do século XX e início do XXI): A identidade neste contexto não possui um caráter fixo, o sujeito possui uma certa liberdade para assumir não apenas uma, mas também diferentes identidades ao longo de sua vida ou em momentos diferentes, destarte, contrariamente às concepções citadas anteriormente, não existe nesta ótica um núcleo ou um “eu” coerente responsável pela projeção de uma identidade/essência. (HALL, 2006)

¹¹⁰ No caso desta pesquisa nos referimos, especialmente, à relação existente entre o continente africano e o Brasil.

nacionalidade, pois esta pode sofrer interpelações oriundas do contato com outras identidades (nacionais, culturais, étnicas etc.)

Atualmente, com a globalização e os avanços dos meios de comunicação, percebe-se que o modelo de identidade estabelecido a partir do sujeito sociológico não se enquadra mais ao contexto do homem pós-moderno. Lidamos, por conseguinte, com um sujeito fragmentado, que oscila, sem identidade (s) fixa (s), transformado pelas interpelações socioculturais que sofre continuamente, como ocorreu com os negros descendentes da diáspora africana no Brasil. Na atual conjuntura socio-histórica, convivemos com a construção de identidades múltiplas que reivindicam para o indivíduo negro algo além de seu pertencimento à um grupo homogêneo e horizontal. Assim sendo, observamos o florescer de inquietantes e multifacetadas composições identitárias para o negro dentro de suas singularidades, como podemos observar em um dos perfis dos *weblogs* analisados;

[Fragmento 2]

Joyce Berth - Arquiteta e urbanista, Feminista Interseccional Negra em construção, mãe esquisita, poeta torta e tonta, gosto de pornografia, flerte eterno com o cinema, excêntrica e desligada vivendo entre o profano e o sagrado e só gosto de quem gosta de mim. (BERTH, 2015)

A composição identitária delineada por Berth (2015) nos revela a complexidade de identificações que cada indivíduo carrega em sua contínua formação. A autora permeia entre uma multiplicidade de identidades, muitas vezes, contraditórias em uma visão social mais conservadora, como a justaposição da identidade de mãe (socialmente categorizada na ordem do sagrado) com o gosto pela pornografia (categorizado na ordem da imoralidade) o que confirma o caráter fragmentado do conceito de identidade que tratamos nesta pesquisa. O perfil ainda nos revela que a identidade negra, no caso supracitado, se constitui não apenas no âmbito privado do lar ou da família, Berth extrapola as barreiras da condição domesticada do negro e expõe sua identidade política e social ao identificar-se como feminista interseccional negra, melhor dizendo, feminista que considera as lutas das feminilidades em virtude não apenas do gênero, mas também da raça e classe social.

O excerto destacado, além de evidenciar o caráter fragmentário das identidades na contemporaneidade, apresenta outro aspecto constituinte do conceito, a noção de diferença, dado que ao delimitá-las a autora coloca-se em uma posição de dissemelhança em relação ao outro, como se afirmasse sou isso e não aquilo. Tomaz Tadeu Silva (2000) problematizando a correlação entre a produção de identidades e a diferença salienta a complexidade inscrita no processo de afirmação identitária, por exemplo, Berth (2015) declara “sou negra”, mas esta certificação não se finda apenas em um vínculo étnico racial, visto que imbricada ao

cerceamento de seu pertencimento está a negação de uma multiplicidade de identidades outras, como “não sou indígena”, “não sou branca”, “não sou asiática” etc. Tais negações podem parecer óbvias na superficialidade da construção de um perfil para um *weblog*, porém se pensarmos na formação da população brasileira e na complexidade de suas matrizes sociais, poderemos constatar que o fato da autora demarcar sua negritude desloca imaginários sociodiscursivos sobre o que significa ser negro no Brasil uma percepção atravessada pela marginalização, racismo, desigualdade e pela luta por poder como discutido no capítulo I desta dissertação. Em razão disso, compartilmos da ideia que;

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples designações gramaticais. (SILVA, 2000, p.82)

Desse modo, ao pensarmos na questão da identidade, nesta pesquisa, estaremos estabelecendo antes de tudo uma reflexão sobre as diferenças e conseqüentemente sobre as relações de poder que estas estabelecem na atual conjuntura social. Conseqüentemente, por acreditarmos que as lutas do atual movimento negro brasileiro reivindicam algo além do reconhecimento de uma relação binária assimétrica (negros x brancos), observaremos a questão da diferença por uma perspectiva que assume a construção identitária como um processo de afirmação e reivindicações de espaços sociais, políticos, estéticos, culturais etc.

Outro teórico importante para compreendermos a manifestação identitária seria o sociólogo Manuel Castells (1999). Em sua perspectiva teórica sociológica o autor apresenta a identidade por meio de uma ótica marxista em que as relações de poder seriam estabelecidas através da união de indivíduos em prol de um ideal comum. Assim, a identidade seria,

[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p.22)

Nesse sentido, dando protagonismo a identidade social, Castells (1999) adverte que esta sempre se manifestará em uma relação de poder e na transição da posição social desses atores. Em decorrência disso, o sociólogo atribui a existências de pelo menos três formas e origens de construção identitária; (a) a *Identidade Legitimadora* – esta seria determinada pelas

instituições em posição de dominância dentro da estrutura social e teria como finalidade reafirmação/segurança de um espaço privilegiado; (b) *a Identidade de Resistência* – estabelecida, segundo o autor, por atores sociais que se encontram em uma condição de desvalorização e subalternidades em comparação aos atores da identidade legitimadora. Desse modo, os atores pertencentes as estas identidades estariam em uma situação de reversão das estruturas sociais e, por fim, a (c) *Identidade de projeto* – que ocorre quando, a partir apropriação de materiais culturais, os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de mudar sua posição no jogo hierárquico social. A percepção de Castells (1999), a pesar de categorizar as identidades sociais, mostra-se relevante por não enrijecer estas categorias e por apresentar uma certa mobilidade entre as modalidades identitárias sociais. Destarte, para o teórico, qualquer ator social estaria em condições de figurar qualquer uma das posições identitárias mencionadas mediante a negociações e mediações sociais, como observamos na trajetória histórica social dos negros.

É bem certo que as identidades, como processo de construção de significados, não podem ser dissociadas da linguagem, já que esta está no centro da construção do sujeito, tanto em uma esfera individual quanto coletiva (CHARAUDEAU, 2015), sendo a responsável pela comunicabilidade e por consequência, pela vida em sociedade. Desse modo, a linguagem, como conjunto estruturado de signos, é a responsável por dar sentido as identidades projetadas discursivamente pelo sujeito em múltiplas situações de comunicação. Porém, como essas identidades se manifestam em discursos materializados em atos de linguagem¹¹¹. Existiriam certas regularidades discursivas que nos permitiriam delimitar identidades, como as reivindicadas pela comunidade negra? Quais categorias linguísticas me possibilitariam observar as manifestações identitárias no discurso? Pensando em nosso objeto de análise e na possibilidade de observarmos a manifestação identitária em discursos projetados por participantes e/ou simpatizantes do movimento negro, delimitaremos, neste momento, nossas filiações teóricas quanto ao campo dos estudos linguísticos.

Por acreditarmos na existência de um homem social, constituído pela cultura ao qual está inserido e por partilharmos a ideia de que este, enquanto sujeito-falante projeta anseios dessa sociedade, mas sem perder sua individualidade garantida por seu caráter psicossocial, encontramos na Teoria Semi linguística de Patrick Charaudeau ([1983]2014)¹¹², a direção

¹¹¹ Grosso modo, o ato de linguagem se refere ao encontro dialético baseados em dois processos, a saber; um processo de produção – composto por EU que se dirige ao TU- destinatário e um segundo processo de interpretação estabelecido por um TU interpretante, constrói, desse modo, uma imagem EU locutor. (CHARAUDEAU, 2014, p.44)

¹¹² Teoria apresentada pela primeira vez no livro *Langages et discours* (1983) e posteriormente divulgada no Brasil no livro *Linguagem e Discurso: modos de organização* (2014).

para refletirmos o papel do negro na sociedade brasileira. Tal teoria, constituída a partir do diálogo entre pesquisas em Etnometologia¹¹³, Antropologia, Sociologia e Pragmática deu origem a uma metodologia de análise que leva em consideração uma profusão discursiva (reconhecendo as variantes culturais de cada conjuntura histórica), ligando os fatos da linguagem entre si em três vias, a saber; linguística, psicológica e sociológica.

Em resumo, a Teoria Semi linguística concebe o ato de linguagem como um projeto de fala constituído de duas dimensões uma externa material (circuito do fazer), o lugar da instância situacional onde encontramos os responsáveis pela projeção desse ato (Parceiros)[ver *Anexo II -Quadro da situação de comunicação*]. E por uma dimensão interna (circuito do dizer) e subjetiva do projeto de fala, lugar da instancia discursiva que podemos interpretar como uma encenação da qual participam seres de fala (Protagonistas). Na dimensão externa do projeto de fala, denomina-se, nesta teoria, os parceiros do ato como Sujeito Comunicante (Euc) e Sujeito Interpretante (Tui), ambos ativos e responsáveis pela significação do ato, segundo Machado (2001, p.49), “trata-se de seres historicamente determinados, parceiros reais da troca languageira que têm uma **identidade (psicológica e social)** e que são ligados por um “contrato de “comunicação””[destaque nosso]. No processo de significação do ato, por sua vez, o Euc se apropria dos elementos linguísticos em determinado contexto, levando em consideração uma certa intencionalidade. Já o Tui, interpreta o sentido em função do seu contexto de produção e dos seus saberes acumulados partilhados ou não com o Euc. Assim sendo, não é possível assegurar que os sentidos pretendidos no ato serão alcançados, visto que existe uma relação assimétrica entre os parceiros da comunicação. Desse modo, o Euc é levado a se dirigir a um sujeito destinatário (Tud) idealizado teoricamente capaz de compreender o ato em sua totalidade, nas palavras de Charaudeau (2015, p.47), “o Tud (sujeito destinatário) é um sujeito de fala, que depende do EU, já que é instituído por este último. Pertence, portanto, ato de produção produzido pelo EU”.

O sujeito destinatário está localizado no nível interno e, portanto, subjetivo do projeto de fala acompanhado do sujeito enunciador (Euc) que é, sem grandes pormenores, uma imagem projetada pelo sujeito comunicante de sua intenção como produtor do ato,

¹¹³ A grosso modo, refere-se a corrente sociológica desenvolvida por Harold Garfinkel (1967) na qual a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um e que em todos os momentos podemos compreender as construções sociais que permeiam nossa conversa, nossos gestos, nossa comunicação etc. Para saber mais consultar: GARFINKEL, H. O que é etnometodologia? In: _____. Studies in ethnomethodology. Cambridge: Polity Press, 1996 [1967]. Cap. 1. P. 1-34. Tradução de Adauto Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/TeoriaeCultura/article/view/2035>> Acesso em: 16 de março de 2017.

neste sentido, o Eue é um ser de fala obrigatoriamente presente no ato de linguagem, mesmo que subjacente. Observando a situação de comunicação exposta, é importante salientar que, assim como o sujeito interpretante pode ou não reconhecer o destinatário idealizado, ele também constrói uma imagem do enunciador que pode ou não coincidir com a projeção do comunicante, assim, o ato de linguagem é arquitetado a partir do “jogo” dialético entre suas instâncias de produção e interpretação, produzindo múltiplos sentidos.

Desse “jogo” dialético, baseado em um acordo implícito entre os sujeitos do ato, nasce o contrato de comunicação que nas palavras de Charaudeau (2014, p.56);

[...] pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de *reconhecimento* análoga à sua. Nesta perspectiva, a ato de linguagem torna-se uma *proposição* que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de conivência.

Destarte, o contrato seria a “garantia” da compreensão entre os interlocutores, possibilitando o sucesso da comunicação, objetivo maior do ato de linguagem.

A rigor, o ato de linguagem, organizado entre um espaço de estratégias e intenções, é produtor de significações provenientes da interdependência do espaço externo e interno da situação de comunicação estruturado a partir de três níveis: o situacional, o comunicacional e o discursivo (CHARAUDEAU, 2005). O nível situacional, desse modo, é um espaço destinado ao circuito externo da comunicação e é onde podem ser apreendidos os tipos de restrições envolvidos no ato de linguagem, a finalidade da troca, as circunstâncias materiais (dispositivo), o domínio do saber (legitimidade dos sujeitos) e, o que é mais valioso para nossa pesquisa, a **identidade social** dos sujeitos. No que diz respeito ao nível comunicacional, podemos avultar a presença dos modos de falar e escrever, a funcionalidade dos dados da situação e, por fim, a **identidade discursiva**; já o nível discursivo, apresenta-se como o lugar de intervenção do sujeito falante. Com base no exposto, entendemos que o ser de palavra, edificado no e pelo discurso, apresenta-se a partir de uma dupla base identitária, uma assegurada pela legitimidade do sujeito e outra construída no enunciado.

Na percepção da Semiolinguística charaudeana, a identidade social seria aquela que precisa ser reconhecida socialmente por um outro na percepção da diferença e da posição deste sujeito no mundo, ou seja, é a que confere a legitimidade do sujeito à fala. A legitimidade, assim, seria instituída com o objetivo de “justificar os efeitos e os gestos daquele que age em nome de um valor que deve ser reconhecido por todos os membros de um grupo. Ela depende, portanto, das normas institucionais que regem cada domínio de prática social,

atribuído *status* e poderes a seus atores” (CHARAUDEAU, 2006, p.65). Por exemplo, em relação à comunidade negra, durante muitos anos e independente de posição social ou formação, a legitimidade à fala não era conferida a esse contingente social, visto que o imaginário social que ligava esse povo ao âmbito da irracionalidade era tão significativo que amparava a destituição de parâmetros institucionais, como títulos acadêmicos etc. À vista disso, alguns movimentos como o da *Negritude*, mencionado no capítulo I (Tópico 1.2), questionavam o reconhecimento legitimidade e identidade social do povo negro, reivindicando o espaço que fora destituído desta população. Atualmente, a reivindicação deste espaço acontece, também, por meio da apropriação de novos recursos comunicacionais, como é o caso da mobilização em redes sociais da internet, visto que este espaço, aparentemente democrático, possibilita a projeção discursiva de grupos marginalizados como protagonistas de suas vivências e histórias¹¹⁴.

Sensíveis a esse aspecto da identidade social, podemos afirmar que esta é psicossocial, dado a sua composição por traços psicológicos e sua determinação pela situação de comunicação, já que sua estruturação deve levar em conta um “saber-fazer” reconhecido por regulações sociais, como reconhecimento institucional/científico ou por uma posição de testemunha do vivido. Além disso, vale ressaltar que a identidade social, ou seja, identidade do sujeito comunicante, expressa-se por meio da imbricação de dados tocantes aos aspectos biológicos, psicossociais – como já mencionado anteriormente- e, também, por dados comportamentais (CHARAUDEAU, 2009). Por isso, para delimitarmos a identidade social dos sujeitos comunicantes em nossos *corpora* utilizaremos, além da materialidade discursiva das publicações, os dados dos perfis inseridos no próprio *blog* e, quando necessário, buscaremos apoio em outros meios de comunicação.

Em relação à identidade discursiva, podemos dizer que esta é construída pelo EUC para responder a seguinte indagação: Estou aqui para falar como? Quais estruturas e estratégias vou mobilizar para assegurar meu empreendimento comunicacional? Nesse sentido, observa-se que a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada de palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sociodiscursivos alicerçados em duas estratégias: (a) a credibilidade e (b) a captação.

A estratégia de credibilidade, segundo Charaudeau (2009), intrinsecamente ligada à defesa de um *ethos*, isto é, de uma imagem de si no discurso, ancora-se na construção de um projeto de fala que assegure a verdade das asserções do sujeito falante e sua sinceridade. O

¹¹⁴ É importante salientar que a questão da identidade discursiva e da legitimidade da população negra serão detalhadas de forma mais aprofundada no próximo capítulo que tratará das análises de nossos *corpora*.

sujeito falante, nesse sentido, pode se valer de atitudes discursivas para alcançar a finalidade da comunicação, como a atitude de neutralidade que visa o apagamento de marcas linguísticas que denotem qualquer vestígio de julgamento ou experiências pessoais no discurso, ou o distanciamento que tem como característica a projeção de um Eue aproximado à um especialista, o qual analisa sem mostrar emoção “tanto para explicar as causas de um fato, comentar os resultados de um estudo, quanto para demonstrar uma tese”. Em contrapartida, a atitude de engajamento manifesta-se em conformidade com um sujeito (mais ou menos consciente) que toma a posição e, conseqüentemente, insere-se na enunciação por meio da escolha de argumentos, palavras e modalizações.

No que concerne a estratégia de captação, podemos destacar que esta manifesta-se em situações em que o sujeito comunicante não está para o seu interlocutor em uma posição assimétrica, ou de autoridade. Desse modo, o sujeito estaria na condição de seduzir, “fazer-crer” e seu interlocutor de “dever-crer”. Logo, a pergunta a se fazer para esta estratégia seria “Como fazer para que o outro possa ser tomado pelo que digo? ”. Com este propósito o sujeito possui, pelo menos, três alternativas as quais destacaremos resumidamente a seguir em conformidade com as explicações de Charaudeau (2009):

- i. *Atitude polêmica* – trata-se do confronto do sujeito comunicante que ataca seu interlocutor com a intenção de destruí-lo discursivamente.
- ii. *Atitude de sedução* – baseia-se na mútua identificação entre os participantes da troca linguageira. Nesse caso, o sujeito comunicante utiliza imaginário comuns com o intuito de captar a atenção de seu interlocutor ideal.
- iii. *Atitude de dramatização* – essa atitude caracteriza-se pela inserção no discurso de histórias e dramas da vida com o intuito de comover o interlocutor. Destarte, são mobilizados valores afetivos concernentes ao imaginário coletivo objetivando um fazer-sentir.

Tendo em vista as delimitações das manifestações identitárias no discurso, podemos afirmar que a identidade discursiva está sempre em construção, em conformidade com cada enunciação proferida pelo sujeito e de suas escolhas estratégicas para compor o discurso, porém, é importante ressaltar, que esta não possui autonomia em relação à identidade social. Nesse sentido, as duas modalidades identitárias figuram a partir de uma inter-relação na qual a identidade discursiva teria como ponto de partida a identidade social do sujeito comunicante e esta última a fixação de construções psicossociais.

Os pensamentos de Charaudeau (2009) que coloca a construção identitária a partir do entrecruzamento de discursos imersos na complexidade das raízes sociais estabelece um diálogo com o posicionamento de pesquisadores sensíveis à problemática da identidade de populações negras. Nessa conjuntura, Munanga (1999, p.14) adverte que a identidade “é sempre um processo de construção e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, território, cultura, religião, situação social, etc”, ou, na perspectiva da Análise do Discurso, por imaginários relacionadas à crença, ao corpo, à história, ao espaço e às relações sociais (CHARAUDEAU, 2015, p. 22/23). Mediante ao exposto, poderíamos pensar, para além da identidade individual construída discursivamente, a existência de uma identidade coletiva que interligaria sujeitos pertencentes a grupos sociais mediante a partilha de imaginários. À vista disso, a identidade coletiva funcionaria como um lugar de pertencimento comum das mediações mais gerais de uma comunidade. Por isso, é importante ter em vista que,

[...] a identidade de um grupo não é a soma das identidades individuais, e a opinião de um grupo não é o resultado da adição das opiniões individuais. Os julgamentos que fazemos sobre o mundo e as opiniões que acreditamos ser individuais se mesclam às do grupo, tornando-se mais globais. E, quanto mais expressivo é o grupo em número de indivíduos, mais gerais e abstratas são essas representações: a opinião de um grupo é o *menor denominador comum* das opiniões de cada um, o que oculta as particularidades individuais. Na identidade coletiva, *um* mais *um* não são dois, mas um novo *um* que engloba ambos. (CHARAUDEAU, 2015, p.15)

Desse modo, é normal que indivíduos pertencentes à movimentos sociais mesmo partilhando ideias e imaginários tenham, também, suas particularidades identitárias. No caso da população negra e dos movimentos que partem em defesa desta comunidade, por exemplo, a construção identitária do grupo perpassa uma constituição histórica social embasada na memória da escravidão, no estigma de grupo marginalizado e excluído das posições de comando na sociedade, porém, apesar desse encontro em um espaço mais geral das identidades é bem certo que exista dentro desse grupo confrontos e embates que extrapolam a concepção homogeneizadora de grupos sociais.

A identidade, tendo em vista esses confrontos, passam por um movimento de atração e rejeição imbricados com a percepção da diferença mencionada anteriormente na ótica dos Estudos Culturais. Assim sendo, conforme Charaudeau (2015), o movimento de atração trata da fascinação comum que temos pelo outro e da tentativa de partilhar, ou muitas vezes incorporar o outro, visando o apaziguamento das diferenças. Em relação ao segundo movimento de rejeição, este denota a não aceitação do outro em suas diferenças ou que exista

outrem que tenha pensamentos distintos aos cultivados individualmente ou por um grupo específico. É evidente que estes movimentos, em certa medida, podem ser transformados, quando levados a extremos, em comportamentos negativos e a projeção de *estereótipos* e preconceitos, como no caso da comunidade negra, já que a negação da possibilidade de aceitar as diferenças culturais, estéticas e religiosas desse povo resultou em sua marginalização social e, portanto, na fragmentação de sua consciência identitária de grupo. Segundo Munanga,

O ponto chave para explicarmos a grande dificuldade da população negra em conquistar uma consciência de identidade coletiva não está necessariamente vinculada à problemas discursivos, organizacionais etc. Esse problema, na verdade, advém dos “fundamentos da ideologia racial elaborada a partir do fim do século XIX a meados dos séculos XX pela elite brasileira. (MUNANGA, 1999, p.15)

A ideologia mencionada pelo antropólogo refere-se ao movimento eugenista defendido pela elite intelectual brasileira e que procurava incorporar a população negra à cultura branca recorrendo ao branqueamento desta comunidade a partir da mestiçagem, o que exemplifica o movimento de rejeição por meios físicos, ideológicos e discursivos. À vista disso, nesta dissertação, estaremos atentos às manifestações identitárias agora projetadas pelos próprios negros em seus discursos. Observando, especialmente, os recursos linguísticos (estratégias e atitudes), além da projeção de identidades concernentes a coletividade apoiada na discussão da estética dessa população.

Destarte, no próximo capítulo analisaremos nossos *corpora* a fim de ver com mais clareza como essas identidades emergem em duas situações comunicativas distintas, a saber; os *blogs* de *moda* e *blogs* relativos à defesa dos direitos da comunidade negra inseridos em uma mesma temática a estética e os símbolos de luta.

NYANSAPO

ATELIÊ DO DISCURSO - ANÁLISE DOS DADOS

Considerações iniciais

Assim juntos e sem nome devemos continuar nosso sonho nosso trabalho reinventando as nossas letras recompondo nossos nomes próprios tecendo os laços firmes nos quais ao riso alegre do novo dia enforcaremos os usurpadores de nossa infância.

Abdias Nascimento¹¹⁵

Nyansapo, ideograma Adinkra representante da sabedoria, engenhosidade, inteligência e paciência nos guiará no presente capítulo no qual buscar-se-á abarcar as análises linguísticas-discursivas e icônicas dos nossos *corpora*, tendo em vista a construção identitária produzida pelos sujeitos de fala e as estratégias utilizadas para a (re) construção da identidade negra por meio da *moda* e da estética. Para tanto, estruturar-se-á as análises a partir de dois tópicos: (3.1.2) Análise das publicações de *blogs* relacionados ao movimento negro e a (3.1.3) Análise das publicações de *blogs* ancorados em temáticas sobre a *moda* e a estética, os quais serão formados por duas subdivisões que tratarão de delinear, sucessivamente, como as imagens escolhidas para compor as publicações participaram do processo de construção identitária e, por fim, como o discurso imagético e linguístico contribuíram para a delimitação de uma percepção sobre a *moda* e a estética negra na atual conjuntura social.

A estruturação das análises vem de encontro com a nossa preocupação em evidenciar cada manifestação discursiva em suas singularidades, para, posteriormente, explorarmos os diálogos e afastamentos encontrados em cada caso apresentado. Desse modo, gostaríamos de salientar que cada tópico de nossa análise basear-se-á nas categorias analíticas semiolinguísticas de Charaudeau (2009, 2015) no que concerne à manifestação identitária no discurso (Identidade social e Identidade discursiva), como abordado no Cap.II (tópico 2.2.3 (*Id entidades*) desta dissertação, além de explorar a imagem como importante recurso de captação e reafirmação no contexto das publicações em *weblogs*.



¹¹⁵ IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros). Disponível em: << http://www.abdias.com.br/poesia/olhando_espelho.htm>> Acesso em: 19 de julho de 2107.

3.1 Análises das publicações de *blogs*: Movimento Negro

As mudanças tecnológicas e o advento da internet propiciaram uma revolução no que diz respeito à comunicação e à interação entre os indivíduos na atual conjuntura socio-histórica. A partir da comunicação via internet e da inserção das chamadas redes sociais no dia a dia algumas barreiras, antes intransponíveis, passaram a ser maleáveis permitindo que atores sociais historicamente silenciados conseguissem manifestar-se apresentando suas demandas e insatisfações por meio de suas próprias vozes, partindo de suas próprias vivências e perspectivas. Nesse sentido, os movimentos sociais favoreceram-se desta abertura, visto que esses não estavam mais totalmente presos ao poder das elites que controlavam o que poderia ou não ser dito a partir de um sistema de comunicação extremamente rígido, como jornais, revistas, televisão e rádio. A internet, nessa conjuntura, possui um papel fundamental para a “democratização” dos espaços de fala sejam estes ocupados por indivíduos ou por grupos. Destarte, a comunicação online passou “a cumprir um papel de infraestrutura organizacional dos movimentos, sendo fundamentais para que estes não se tornem “uma simples sequência de reações desarticuladas de pouca representatividade” (CASTELLS,1999, p.18), mas sim uma grande rede de mobilização. Diante do exposto, mostra-se relevante contemplarmos os discursos projetados por populações anteriormente destituídas do direito à fala em um momento histórico peculiar, o qual podemos observar as manifestações discursivas desses indivíduos por meio de uma interação mais direta e sem entremeios como ocorre em ambiente virtual. Por isso, neste tópico, privilegiaremos as projeções discursivas de indivíduos imersos no universo do movimento negro e suas percepções sobre temáticas como *moda* e estética, a fim de compreendermos a (re) construção identitária desse povo.

Para tanto, elegemos como base para nossa análise, assim como descrito no Cap.II (tópico 2.1 *A inspiração que nos guia: Seleção, coleta e descrição do corpus*), dois *blogs* representativos para o movimento negro brasileiro *Geledés*¹¹⁶ e *Blogueiras Negras*¹¹⁷ que possuem como principal meio de ação a mobilização e a informação da comunidade negra por meio de publicações que reúnem olhares e discursos de vários representantes desta comunidade. À vista disso, organizaremos nossa análise por meio das manifestações discursivas projetadas em oito publicações dos referidos *weblogs*: *Geledés* – (i) Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar identidade da mulher negra, (ii) Nem seu cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo, (iii) Está na moda ser preto, desde que você não seja preto, (iv) Moda com

¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/>>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>> Acesso em: 14 de junho de 2017.

identidade de Mônica dos Anjos, (v) É preciso ser negro além da estética e para o *Blogueiras Negras* – (vi) Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento, (vii) Mulher negra e auto estima: uma negação diária, (viii) Cabelo pintado é símbolo de resistência, levando em consideração as temáticas pré-estabelecidas para esta dissertação (*moda*, estética e identidade). Posto isto, salientamos que os textos analisados não serão transcritos, neste momento, em sua totalidade devido à extensão de muitas publicações, desse modo partiremos de excertos que possam demonstrar como ocorre a construção identitária da comunidade negra por meio do discurso em um contexto de reflexão sobre sua própria estética.

Lembramos que tanto a identidade social quanto a identidade discursiva do sujeito não podem ser desmembradas da situação de comunicação, por isso ressaltamos que para o presente recorte a situação de comunicação configura-se por meio de um engajamento político, social de resistência e luta, visto que lidamos nos dois *weblogs* (*Geledés e Blogueiras Negras*) com sujeitos que procuram através do discurso defender ideias ao ponto de querer-fazer com que seu auditório/interlocutor compartilhe de seus posicionamentos. Desse modo, nos deparamos com um sujeito político que “se encontra em uma dupla posição: ser o portador e o garantidor de valores fundadores de uma certa “idealidade social”, e, ao mesmo tempo, promover a adesão do maior número de cidadãos a estes valores” (CHARAUDEAU, 2009, p.6) partindo das ambições de uma construção identitária coletiva da comunidade negra. Assim, a situação de comunicação, delimitada por uma interação virtual, no gênero *blog*, de temática política social e engajadora nos permite vislumbrar os possíveis comportamentos discursivos empregados pelo sujeito comunicante em sua enunciação, ou seja, sua identidade discursiva. Quanto à identidade social, esta apesar de ser construída previamente, poderá manifestar-se total ou parcialmente no discurso, já que o sujeito de fala poderá optar por ocultá-la, enaltece-la ou até mesmo transgredi-la em conformidade com suas proposições discursivas como veremos posteriormente nas análises do *corpus*. Mediante os esclarecimentos, iniciaremos nossa análise partindo, a priori, da delimitação das identidades sociais dos sujeitos falantes para, subsequentemente, lidarmos com as identidades discursivas projetadas em nosso recorte de análise.

A identidade social, ancorada na legitimidade do sujeito de fala, estabelece-se na composição das publicações de acordo com a própria estrutura do *weblog* e/ou designer escolhido para a composição do portal de compartilhamento. Desse modo, a identidade social do sujeito comunicante se apresenta nas publicações de pelo menos quadro formas distintas, a saber; destacada do texto em forma de um perfil conciso, destacado no texto em

forma de perfil estendido, por meio de um link¹¹⁸ que direcionará o leitor para uma página *web* na qual este poderá se informar sobre a posição social do sujeito comunicante, e, por último, diluída no discurso projetado na publicação [ver *figuras 38, 39 e 40*].

Figura 38 Perfil conciso - Identidade Social (Publicação BN (2) - Mulher Negra e auto-estima: Uma negação diária).



Fonte: Blog Blogueiras Negras

Figura 39 Perfil estendido - Identidade Social (Publicação GE - Nem seu cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo)



Fonte: Blog Geledés

Figura 40 Perfil link - Identidade Social (Publicação GE- Está na moda ser preto, desde que você não seja preto).

Por Rodrigo Teles Medrado, do Dente di Leão

Fonte: Blog Geledés

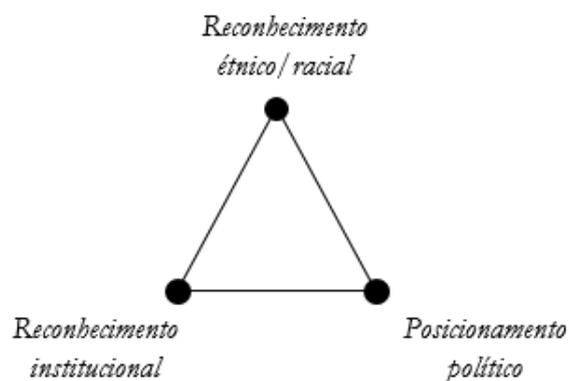
Em alguns casos também pode-se observar a utilização de dois ou mais recursos para delimitação da posição social do sujeito comunicante como uma forma de reafirmação ou confirmação do que foi destacado por intermédio do perfil. À vista disso, mesmo que já exista um local destaque para as informações referentes ao sujeito de “carne e osso”, como diria Charaudeau, podemos identificar em muitas publicações a construção de uma identidade social diluída nas escolhas linguísticas discursivas.

Nas *figuras* expostas anteriormente, podemos observar a composição entre dois critérios fundamentais para a delimitação da identidade social do sujeito comunicante e de sua legitimidade como sujeito apto a fala, a saber; (i) a exploração do sujeito como testemunha do vivido e (ii) a ancoragem do sujeito a partir da sua posição de experto acudido por uma instituição ou, como no caso da *Figura 40*, por uma outra plataforma de

¹¹⁸ O link pode ser compreendido como trecho, palavra ou ícone que conecta um ponto a outro em documentos e sites. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/link>>. Acesso em: 21 de junho de 2017.

comunicação. Desse modo, o primeiro exemplo apresentado (*Figura 38- Perfil conciso - Identidade Social Publicação BN (2)*), expõe a construção de um sujeito social que delimita sua posição por meio de uma tríade:

Figura 41 Tríade I - Composição da Identidade Social (Publicação BN (2))



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Luana Vieira, sujeito comunicante da publicação “Mulher negra e auto estima: Uma negação diária”, coloca-se, em primeiro lugar, como estudante de Ciências Sociais pela UEM (Universidade Estadual de Maringá) o que lhe dá direito à fala tanto por sua especialidade como cientista social, quanto pela relação que esta tem com uma instituição de ensino superior pública reconhecida institucionalmente. Esse fato, além de legitimar a escrita do sujeito comunicante, instaura um movimento de aproximação aos parâmetros sociais e culturais da sociedade atual que delimita como sujeitos de fala legítimos aqueles que, pelo olhar do outro, possuam fundamentação teórica e racional para lidar com fatos da vida. Outro fator importante para delinear a identidade social de Vieira está em sua posição diante da relação étnica/racial, dado que para a situação de comunicação se auto identificar como pertencente à comunidade negra garante ao sujeito falante o direito à fala por ser testemunha do vivido, ou seja, por aproximar-se das questões discutidas não apenas por um olhar teórico, mas também a partir do que tange à sensibilidade e a partilha de vivências. Destarte, é conveniente ressaltar que em outras situações de comunicação a relevância de expor a identidade étnica do sujeito falante apresenta-se como um dado irrelevante, ou melhor dizendo, não usual, visto que tal referência, apresentada no perfil, não se trata de uma estrutura ligada ao gênero *blog*, mas a um posicionamento político ligado ao lugar de pertencimento do sujeito comunicante (comunidade negra), assim como a delimitação de uma orientação ideológica - o feminismo.

A identidade social na *Figura 39*, apesar de aproximar-se da tríade apresentada anteriormente, possui mais traços psicossociais. Berth, embora explore também a sua posição étnica racial, institucional e política, emprega no perfil traços que vão de encontro com o psicológico e que extrapolam sua relação com a comunidade negra. Esse fato demonstra sua preocupação em se diferenciar de uma possível horizontalização ou homogeneização de grupo reforçando sua individualidade respondendo ao questionamento “*quem sou eu no grupo?*” (CHARAUDEAU, 2015, p.15) fora dos estereótipos e naturalizações, como abordado no Cap.II (Tópico: *(Id) entidades*), no qual destacamos o perfil da autora para trabalhar a questão da diferença. Já no terceiro exemplo – *Figura 40*- o autor opta pelo distanciamento de suas características sociais no perfil e utiliza como recurso para assegurar sua legitimidade o amparo em um outro veículo de comunicação. Desse modo, a identidade social de Medrado torna-se mais evidente apenas nos traços linguísticos apresentados no discurso evidenciando uma estratégia de “mascaramento” identitário no perfil.

Em uma visão geral dos perfis publicados, podemos perceber que as escolhas quanto a apresentação da identidade social baseia-se na exploração do sujeito comunicante de traços que se aproximam a tríade apresentada na *Figura 39*, levando em consideração, principalmente, o reconhecimento étnico/racial, institucional e político do sujeito mesmo que este eleja como modo de exposição dos traços sociais recursos mais simples e concisos como apresentado nas *Figuras 38 e 40* ou de forma estendida como observado na *Figura 39*.

No que concerne à manifestação da identidade social no discurso propriamente dito, observamos que dentre as nove publicações analisadas neste tópico cinco¹¹⁹ delas utilizaram no texto o recurso do testemunho como forma de legitimar a fala e delimitar a posição do sujeito comunicante, como ocorre na publicação *BN (1)* – “Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento” de Rebeca Nascimento. Nesse contexto, a partir de um relato da vida pessoal da autora, o sujeito falante explora uma identidade ligada à sua posição não apenas de observador da narrativa, mas de um sujeito que sente as experiências na própria pele. Por exemplo, quando Nascimento aborda a questão da estética capilar negra e o processo de transição, esta não parte de experiências vivenciadas por outrem sua relação com o texto e com o interlocutor torna-se corporal, ou antropológica no sentido amplo da palavra como podemos observar no excerto a seguir;

[Fragmento 3]

¹¹⁹ *BN(1)- Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento, BN (2)- Mulher negra e autoestima: uma negação diária, BN (3) Cabelo pintado é um símbolo de resistência, GE(2)- Nem se u cabelo, nem seu turbante vão te tirar do racismo, GE(3)- Está na moda ser preto, desde que você não seja preto.* Ver textos e análises na íntegra Anexo III.

Quando completei dez anos já acreditava de verdade que era muito necessário colocar algo para relaxar os cachos ou alisar de uma vez por todas meus fios. Não entendia a diferença entre processos, mas mesmo assim decidi usar química. O produto fedia bastante e a moça que aplicava dizia que era assim mesmo e que para ficar bonita eu precisava aguentar e sacrificar. Fiquei feliz com o resultado do cabelo molhado saindo do salão naquela tarde. Não sabia o que viria depois disso. O cabelo secou, ressecou e eu queria mais do que aquilo. (NASCIMENTO, 2015) ¹²⁰

O relato destacado, mesmo que endossado em uma experiência pessoal da infância de Nascimento, não deixa de permear o imaginário de muitos negros e negras, já que a negação da própria aparência e a experiência com a tentativa de aproximação aos padrões estéticos enaltecidos socialmente figuram como fatos do cotidiano da comunidade negra. Segundo Gomes (2012, p.27), “o cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem, e como tal, comunica e informa sobre relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, uma vez que representa algo mais, algo distinto de si mesmo” e que tem o poder de articular sujeitos em suas experiências de vida intrínsecas a uma ancestralidade étnica racial. Desse modo, utilizar como ponto chave a própria história para tratar de um assunto comum entre um determinado grupo social dá ao sujeito comunicante a legitimidade necessária como portador do saber do vivido, do experimentado ou do que é sensível a memória histórica de um determinado povo.

As publicações que ancoram a construção discursiva por meio de relatos da vida do próprio sujeito comunicante não encontram na legitimação institucional – como a formação acadêmica ou profissional - aspectos relevantes para dar ao sujeito o direito à palavra. Destarte, o que nos parece mais significativo, nesse contexto, seria a existência de um sujeito falante que assume o papel de representante de uma comunidade socialmente marginalizada e que, como participante desta partilha das mesmas experiências, em outras palavras, da mesma identidade coletiva associada à memória histórica social. Nessa conjuntura, o papel da memória é de suma importância para o estabelecimento de uma identidade social fundamentada na interligação de vivências, visto que a memória como um “fenômeno construído coletivamente” (POLLAK, 1992) estabelece entre negros e negras de vários pontos do mundo uma interligação justificada, sobretudo, pelas interferências que o confronto com a sociedade ocidental ocasionou na cultura desse povo. Nesse sentido, o

¹²⁰ Disponível em: <<<http://blogueirasnegras.org/2015/02/02/relato-de-uma-transicao-como-empoderamento-e-reconhecimento/>>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

relato de situações envolvendo a estética (manipulação dos cabelos e os cuidados com o corpo), o racismo e a falta de representatividade, no recorte apresentado em nosso *corpus*, tornam-se recorrentes como uma garantia da legitimidade do sujeito de fala.

Partindo para a projeção da identidade no discurso, em sua materialidade, e na afirmação/rejeição da identidade social no âmbito linguístico podemos afirmar que as identidades discursivas das publicações analisadas se apoiam na defesa de um *ethos* estruturado a partir da combinação entre as estratégias de captação do interlocutor ideal e da credibilidade. Destarte, de acordo com o percurso traçado em cada uma das situações de comunicação, o sujeito enunciador do discurso projeta-se utilizando ora atitudes que evidenciam o engajamento do sujeito comunicante na temática abordada, ora mostrando-se neutro para dar prioridade ao discurso projetado. Posto isso, buscaremos no presente momento de nossa análise evidenciar como a identidade discursiva se manifestou, especificadamente, no *corpus* referente ao discurso dos movimentos sociais. Para tanto, iniciaremos a exposição da análise por meio da junção de recursos que se mostraram recorrentes no decorrer da leitura dos textos e as principais estratégias utilizadas para alcançar os objetivos de cada situação comunicativa.

Iniciando pela relação entre as estratégias de credibilidade e captação do público alvo, dentre as publicações analisadas, percebemos a coexistência das duas estratégias em muitos discursos. Desse modo, ora o sujeito enunciador preocupava-se em determinar uma posição de verdade do que estava sendo dito e, portanto, asseverar a autenticidade do discurso, ora utilizava da sedução e persuasão para conseguir a adesão de seu parceiro na troca comunicativa. Por exemplo, na publicação “Está na moda ser preto, desde que você não seja preto de Rodrigo Medrado” (*GE (3), 2015*), que trabalha a correlação entre o movimento negro e a efemeridade de adesão à cultura deste povo por pessoas brancas apenas em situações convenientes como uma *moda* passageira, deparamo-nos com uma construção discursiva iniciada pelo afastamento do EU-enunciador. Porém, posteriormente, Medrado começa a projetar-se no discurso delimitando sua posição de engajamento na causa do movimento negro. Esse fato pode ser observado na passagem entre o primeiro parágrafo da publicação e o segundo o que chamaremos, neste caso, de *transição de engajamento*.

[Fragmento 4]

É bem comum encontrar nas redes sociais algumas pessoas defendendo a ideia de que o racismo não existe (em geral pessoas brancas, mas ainda é possível encontrar algumas pessoas pretas com a síndrome de Holiday) usando argumentos batidos como o da “democracia racial” e de que no Brasil o problema é social e não racial.

***Vejo** também um esforço muito grande em disfarçar todos esses problemas com uma atitude que não **consigo** deixar passar batida, algo que faz parte do movimento “ser negro ta na moda”. Neste movimento **vemos** pessoas brancas se vestindo com temas africanos, usando turbante, fazendo parte de diversos movimentos negros e até renegando a cor da sua própria pele (é **sei** que não faz sentido, mas **vamos lá**).*

***Quem me conhece** sabe que **sou** totalmente a favor da integração entre povos e culturas. Sabe que **vejo** com bons olhos jovens pretos e brancos juntos, discutindo o destino do nosso país. O que me incomoda é ser preto apenas quando lhe convém. (MEDRADO, 2015) [grifos nossos]*

Sensíveis à situação de comunicação exposta no excerto destacado, podemos constatar que o EUE, a partir do segundo parágrafo, muda seu posicionamento aderindo a primeira pessoa do singular como pessoa gramatical. Esse movimento possui um valor representativo para o discurso, dado que podemos perceber o sujeito enunciativo, responsável pelo discurso projetado, como um indivíduo que toma uma posição explícita sobre o assunto abordado e que, por conseguinte, se engaja discursivamente. O autor, ainda pensando na estratégia de credibilidade, coloca-se como uma pessoa conhecida no universo do movimento negro ao evocar com segurança, no parágrafo iniciado pela frase “Quem me conhece sabe que sou totalmente a favor da integração entre povos e culturas”, uma identidade social previamente construída de militante, engajado e flexível quanto à comunhão entre negros e brancos. A estratégia de credibilidade, nessa conjuntura, atenuada pela atitude de engajamento produz “um discurso de *convicção* destinado a ser partilhado pelo interlocutor” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 143).

Em um segundo momento, no entanto, é possível perceber que Medrado inclui seu interlocutor ideal na publicação passando a utilizar a primeira pessoa do plural (nós), como se ele quisesse dizer que as perspectivas defendidas ali fizessem parte de uma visão consensual de um grupo – movimento negro – em oposição ao outro, situado discursivamente como não-preto ou branco. Sabemos que a diferença é um fruto da construção identitária e que o cerceamento dessas diferenças de si com o outro demonstra uma percepção da própria existência no mundo e, conseqüentemente, figura como um importante fator a ser observado. Segundo Silva (2000, p,75), “a identidade depende da

diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”, desse modo o Eue da publicação joga com as diferenças existentes entre negros e brancos para construir sua posição identitária discursiva. Seria como se Medrado afirmasse implicitamente que; ele – o sujeito branco – não é quem eu sou, portanto, não possui a historicidade e a legitimidade ancorada na experiência de vida para tomar a palavra ou utilizar símbolos culturais e estéticos representativos para a comunidade negra, mesmo que este se coloque flexivelmente ao diálogo.

No tocante à estratégia de captação manifestada em situações em que o Eu-falante não está, para seu interlocutor, em uma relação de autoridade (CHARAUDEAU, 2009, p.4), percebemos que esta se manifesta no discurso de Medrado por meio da atitude de dramatização, isto é, através da descrição de fatos da vida pessoal o que permite, em alguns casos, mobilizar certas emoções socialmente partilhadas. O sujeito enunciador, nesse sentido, descreve, de forma sucinta, uma pequena referência de sua infância/adolescência e dá a entender que sua relação dentro do ambiente escolar foi permeada pelo conflito entre os abusos sofridos (racismo) e o silenciamento de seus colegas, como podemos observar no excerto a seguir;

[Fragmento 5]

Estudei em uma escola pública, mas que por muitos motivos era composta por muitos alunos brancos, e sei que o silêncio do “amigo” dói tanto quanto a piada racista. (MEDRADO, 2015)

O trecho destacado além de evidenciar um fato que, mais uma vez, atinge a memória de muitos negros brasileiros – a discriminação em ambiente escolar – também esclarece a identidade social do sujeito falante, pois estabelece uma oposição entre o próprio Eue e os demais alunos da escola, ou seja, o sujeito negro em uma escola pública composta por um número considerável de alunos brancos.

A atitude de dramatização adotada no texto de Medrado apareceu em outras três publicações que fazem parte do *corpus* desta seção. À vista disso, acreditamos que, quando o sujeito falante aborda questões referentes à estética negra ou sobre assuntos que poderiam concatenar temáticas que apontam para questões raciais, o relato da própria experiência configura-se como um meio importante para aproximar o sujeito de fala de seu interlocutor, como podemos observar no fragmento retirado da publicação “Mulher negra e auto estima: Uma negação diária” de Luana Vieira (BN (2), 2015);

[Fragmento 6]

Toda vez que alguém diz que sou bonita, sinto vontade de dizer: “será?”. E a questão não é a falta de educação ou modéstia, como podem pensar alguns, a questão é uma estrutura violenta moldando e conformando padrões de beleza, que por mais que eu tente (e nem tento muito), jamais vou me adequar, é questão de toda uma construção de mundo que vem me fazendo sentir o contrário, há mais de vinte anos. (VIEIRA, 2015) [grifos nossos]

O fragmento evidencia, novamente, a adesão dos sujeitos falantes pelo uso tanto da primeira pessoa quanto da atitude de dramatização em suas construções discursivas identitárias. Todavia a relação da autora com o interlocutor, neste caso, aproxima-se muito ao formato de alguns textos publicados em *blogs* dos primeiros anos de sua popularização (início dos anos 2000), quando muitos desses possuíam um caráter mais pessoal e um tom quase de desabafo íntimo. Essa estratégia parece-nos mais uma forma aproximação do sujeito falante às experiências e vivências de seu interlocutor ideal, dado que uma das bases de referência para a construção da identidade discursiva está na manipulação dos imaginários sociodiscursivos, isto é, no manuseio “da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 207). No caso da publicação de Vieira, podemos perceber que existe uma alusão a construção histórica de inferiorização do corpo negro frente aos padrões estéticos pré-estabelecidos socialmente, evidenciando que o “processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: a infância, adolescência, juventude e vida adulta” (GOMES, 2012, p.122). O corpo do indivíduo negro, nesse sentido, se estabelece como um espaço conflituoso, marcado pela mobilidade entre a aceitação da própria forma de ser e a negação dos traços raciais naturalizados, por muito tempo, no domínio do não-belo.

Ainda imersos na temática sobre o corpo e o cabelo do indivíduo negro e sua representatividade simbólica social, podemos destacar a publicação “Coletivo resgata tranças e penteados para valorizar identidade da mulher negra” (*GE (1), 2015*) de Danilo Mekari. Nessa construção discursiva, observamos uma estratégia que entrecruza duas atitudes para arquitetar a identidade do sujeito comunicante. Nesse contexto, o autor do texto estabelece

um certo afastamento do discurso e deixa de ocupar a posição de protagonista, para dar visibilidade ao assunto abordado por meio da voz de outros atores sociais. Sua posição de engajamento ainda é evidente no texto, visto que as atitudes de distanciamento – determinada por um julgamento frio e controlador de um especialista – e de neutralidade – evidenciada pelo apagamento de qualquer juízo de valor do sujeito comunicante – não são identificadas no discurso. O que existe, nesse enquadramento é a elevação ou destaque da voz de um segundo EUE que utiliza, assim como a maior parte das publicações, o relato de vida como uma forma de aproximação e captação do interlocutor, como podemos observar no fragmento a seguir;

[Fragmento 7]

A trança possui a tradição de um aprendizado geracional, quando mães e avós ensinam as filhas a usá-las e praticá-las. Para Nina, trata-se de “um patrimônio imaterial”. “Minha mãe me ensinou a fazer trança quando tinha sete anos, eu aplicava muito nas bonecas. Morávamos com minhas primas e passei a trançar o cabelo delas. Como eram três meninas em casa, uma trançava o cabelo da outra”, rememora Denna, que quando adolescente, passou a trançar em salões de beleza. (MEKARI, 2015) [grifos nossos]

A sequência retirada da publicação de Mekari, além de expor o uso de marcas da atitude de dramatização, citada anteriormente, traz ao discurso um outro recurso importante quanto se trata da valorização estética e cultural da população negra; a tradição. Segundo Hall (2003, p.29), a evocação da tradição por muitos negros que sofreram o processo de diáspora se estabelece como uma retomada daquilo que é pertencente a uma identidade coletiva/cultural, algo atemporal que interliga o passado ao presente e, conseqüentemente, ao futuro como uma linha contínua, mesmo que ressignificada em conformidade com o contexto social e histórico. À vista disso, a historicidade possui um papel de extrema importância para a constituição de uma memória coletiva que justifique uma identidade relacionada à cultura e aos costumes de um povo, pois é a partir deles que uma dada comunidade pode unir elementos diversos (como o trato com os cabelos e com o corpo) para assegurar uma linhagem ancestral (DIOP, [1959]2014) e mobilizar sentimentos comuns de pertencimento.

Os textos analisados neste tópico dialogam entre si quanto às estratégias utilizadas para a aproximação do público alvo ideal, visto que em todos os casos – em intensidade mais e menos elevada – o sujeito comunicante utiliza a própria experiência de vida ou seu

engajamento para construir sua credibilidade discursiva, assim como para atrair seu interlocutor. Desse modo, observamos que, se compararmos a estruturação da identidade dentro do universo linguístico que leve em consideração tanto um sujeito social quanto um sujeito discursivo, no caso das publicações analisadas, estaremos diante de uma identidade ancorada, essencialmente, nas experiências de vidas de seus sujeitos comunicantes exacerbando o papel de engajamento destes na luta pela remodelação de uma identidade negra. É perceptível, nessa conjuntura, que a identidade social – quase sempre alicerçada pela identidade étnica do sujeito comunicante – é reafirmada no decorrer da construção discursiva, destarte não há uma tentativa de mascaramento ou apagamento dos dados biológicos, psicossociais e relativos ao comportamento do sujeito de fala. A aproximação do sujeito comunicante figura, nessa situação de comunicação, como um dado elementar para captar a atenção do interlocutor que é levando a sentir e partilhar as experiências expostas nas publicações.

Mediante as explicações sobre a construção da identidade social e discursiva nas publicações de movimentos sociais e/ou de simpatizantes da causa do movimento negro, realizar-se-á uma breve síntese das análises realizadas sobre a construção da identidade, mas agora, em uma perspectiva voltada para as publicações imersas no universo da *moda*, estética.

3.1.2 Análise das publicações de *blogs: moda e estética*

No presente tópico buscar-se-á expor as análises realizadas sobre a ocorrência das identidades (sociais e discursivas), mas partindo de um *corpus* alicerçado no ambiente da *moda*, comportamento e beleza. Para esse fim, buscamos elencar *blogs* que, além de se proporem falar sobre o mundo *fashion*, fossem sensíveis às questões referentes ao movimento negro, nesse sentido foram selecionadas cinco plataformas de comunicação, cada uma contribuindo para a análise com uma publicação, a saber; CA (Cacheia!) – “Cabelo crespo está na moda?”, EBM (Esse é só mais um blog de moda) – “Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?”, EB (Estilo Black) – “Estilo e afirmação em uma única peça”, MO (Modices) – “Revista a gente julga pela capa”, UBP (O último black power) – “Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris”, como elucidado no Cap. II desta pesquisa. Desse modo, assim como na análise apresentada para os *blogs* de movimentos negros e/ou simpatizantes, partiremos de excertos para demonstrar a ocorrência identitária no discurso para, posteriormente, observarmos as perspectivas adotadas pelos sujeitos de fala sobre a complexa relação da *moda* com os símbolos culturais de uma determinada comunidade.

Com o intuito de esclarecer melhor as diferenças existentes entre os *blogs* escolhidos para compor nossos *corpora* gostaríamos de salientar que diferentemente dos *blogs* referentes ao universo dos movimentos sociais, as plataformas de comunicação que trabalham com a *moda*, comportamento e beleza se estabelecem em uma situação de comunicação distinta. Nessa conjuntura, observa-se uma estrutura contratual que se aproxima à midiática, entre a tensão das visadas de *fazer saber* – visto que o sujeito comunicante quer que seu interlocutor saiba das melhores tendências da *moda*, como se vestir bem, ou qual é o melhor produto de beleza a ser utilizado – e a visada de *fazer sentir* – “que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência” (CHARAUDEAU, 2006, p. 86). Porém, no caso dos *blogs* de *moda*, para além da incitação ao consumo de objetos, existe uma pretensão em “vender” um estilo de vida, de aparência e comportamento, nesse caso o principal produto seria a identidade social do sujeito comunicante o protagonista do ato de linguagem.

Nesse ponto de vista, é comum que esse tipo de *blog* se ancore em uma figura central, a qual ditará os comportamentos, perspectivas, e posturas a serem seguidas. Assim, o sujeito comunicante figura uma posição de autoridade e liderança legitimada ora por instituições, como no caso de sujeitos com formação em *moda* e designer, ou pela própria popularidade adquirida no ambiente virtual. À vista disso, a identidade social do sujeito falante projeta-se como uma importante forma de delinear a composição discursiva dos *blogs* de *moda*, dado que é a partir dela que podemos saber, em maior ou menor profundidade, os traços psicológicos, biológicos e comportamentais dos sujeitos comunicantes. À vista disso, em detrimento aos pontos ressaltados, iniciaremos a exposição de nossa análise tomando como ponto de partida a construção da identidade social nos *blogs* de *moda* selecionados.

Com base na análise das publicações podemos observar que no caso dos *blogs* de *moda* e estética, como a atenção está voltada para o sujeito comunicante, a construção da identidade social está direcionada à um espaço específico e destacado nas plataformas de comunicação, o perfil. Desse modo, mesmo que exista, quase sempre, indícios linguísticos de uma estruturação identitária social imersos no texto, encontramos um espaço para expor os traços psicossociais, biológicos e, principalmente, profissionais do sujeito falante como poderemos observar nas figuras a seguir [ver *figuras* 42¹²¹, 43, 44]

¹²¹ Figura 39 – Wesley Lima

Baiano, jornalista e militante. Com 23 anos, metade de suas experiências e relações políticas foram construídas na luta pela terra. Assumir sua negritude, transcendendo seu imaginário e transpondo a estética, demorou um pouco mais para acontecer. Porém, se faz presente, reafirmando valores ancestrais, estudando e criticando as

Figura 42 Perfil estendido - Identidade social (Publicação EB - Estilo e afirmação em uma única peça)



Wesley Lima

Baiano, jornalista e militante. Com 23 anos, metade de suas experiências e relações políticas foram construídas na luta pela terra. Assumir sua negritude, transcendendo seu imaginário e transpondo a estética, demorou um pouco mais para acontecer. Porém, se faz presente, reafirmando valores ancestrais, estudando e criticando as relações impostas.

Hoje, Wesley Lima, escreve para jornais como **Brasil de Fato** e **Sem Terra**. Trabalha como blogueiro a cinco anos, adora moda, dança afro, samba de roda, teatro, filmes e musicais. Para Ele o estilo é a consequência de uma construção repleta de referências, aquilo que se propõe como estética dialoga intimamente com saberes e relações. *“O negro dentro deste contexto, precisa olhar-se como tal e compreender a importância de se apoderar de sua negritude”*.

Fonte: *Blog Estilo Black*

Figura 43 Perfil estendido - Identidade social (Publicação CA - Cabelo crespo está na moda?)



MARESSA DE SOUSA

Maressa, 21 anos, baiana. Graduanda em Ciências Sociais. Ama filmes e livros de ficção e aventura. Para ela, a transição capilar marcou o início de muitas outras transformações.

Fonte: *Blog Cacheia!*

Figura 44 Perfil estendido - Identidade social (Publicação UBP - Estilista Carol Barreto lançará no dia...)

Sobre

Quem Escreve.



José Carlos Angelo, conhecido como Jota, carioca, 29 anos, formado em Letras, mas decidiu seguir o caminho da moda, hoje atua na área de fotografia e produção de moda, no desenvolvimento da sua própria linha de roupas, a Snipper, como blogueiro do OUBP.

Conheça a loja virtual : <http://snipper.iluria.com/>

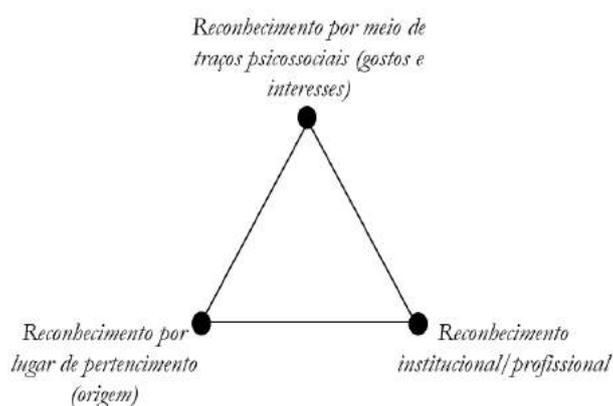
Fonte: *Blog O último Black Power*

relações impostas. Hoje, Wesley Lima, escreve para jornais como **Brasil de Fato** e **Sem Terra**. Trabalha como blogueiro a cinco anos, adora moda, dança afro, samba de roda, teatro, filmes e musicais. Para ele o estilo é consequência de uma construção repleta de referências, aquilo que se propõe como estética dialoga intimamente com saberes e relações. *“O negro dentro deste contexto, precisa olhar-se como tal e compreender a importância de se apoderar de sua negritude.”*[Transcrição nossa]

No primeiro perfil apresentado de Wesley Lima (EB – Estilo Black), podemos perceber a delimitação de alguns campos identitários, tais como o lugar de origem (Bahia), sua idade (23 anos), a profissão (jornalista/escritor nos jornais *Brasil de fato* e *Sem terra*), seu papel social (militante/movimento sem-terra e negro) e, particularmente, seu auto reconhecimento étnico (negritude). Todos esses traços destacados pelo sujeito de fala lhe conferem direito à tomada de palavra, não por se tratar de um especialista em *moda* e estilo, mas por ser um sujeito imerso na cultura afro-brasileira e, por isso, um indivíduo engajado dentro da comunidade negra. Nesse sentido, seus traços psicossociais são entrelaçados com sua própria percepção do que significa ser negro e o que significa ter estilo a partir da sua negritude. Já no perfil de Maressa Sousa (CA- Cacheia!?), podemos perceber que a delimitação da posição social do sujeito comunicante – cientista social. – lhe confere a legitimidade necessária à fala, em nome de um saber reconhecido institucionalmente, como especialista em questões referentes à sociedade. Além disso, a confissão de sua experiência no processo de transição, em um *blog* que tem como temática principal o cabelo, dá pertinência ao relato publicado, visto que Sousa está amparada pela posição de testemunha do vivido ou por seu engajamento na causa. O terceiro perfil, de José Ângelo (UBP – O último black power), ainda no que se refere aos traços identitários, estrutura-se a partir de campos identitários que levam em consideração, assim como os exemplos anteriores, a origem (ser carioca), a profissão/formação acadêmica (graduação em Letras), além da exposição da relação do sujeito falante com o universo da *moda* (trabalho como fotógrafo e produtor de *moda* e o desenvolvimento da própria marca).

Em uma visão geral dos cinco perfis/identidades sociais analisados podemos depreender que os saberes eleitos para demonstrar a posição social dos sujeitos de fala estão intrinsecamente ligados a, pelo menos, três traços fundamentais: (i) traços psicossociais (gostos e interesses), (ii) traços de pertencimento (origem), e, por último (iii) traços de reconhecimento institucional ou profissional. [ver *figura 45*].

Figura 45 Triade II - Composição identidade social (Publicações de blogs de Moda)



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

À vista disso, é notório que para a situação de comunicação inserida no ambiente da *moda* estabelecer uma identidade social mais ampla e dinâmica, em muitos casos, sem marcação ética/racial ou ideológica parece ser a estratégia mais viável para construir a legitimidade do sujeito comunicante. Por isso, em quase todas as publicações, verificamos um destaque nas informações profissionais e que ligavam o EUC a uma instituição, como na *figura 41*, na qual Lima expõe sua experiência com o jornalismo colocando em destaque as instituições para as quais este escreve. Outro ponto relevante a ser evidenciado é que todos os perfis encontrados nos *blogs* de *moda* trazem consigo uma referência imagética do sujeito comunicante, dado que neste ambiente uma das principais formas de aproximação ao público alvo está embasada na constituição da imagem ou estilo do sujeito de fala. Porém, no caso do *blog Cacheia!* existem alguns elementos na composição da fotografia de Maressa de Sousa [*figura 46*] que vão além da mera exposição de estilo e que, por isso, merecem destaque em nossa análise, pois estes ultrapassam os limites da mera demonstração imagética do sujeito de fala.

Figura 46 Imagem e identidade social - CA (Publicação - Cabelo crespo está na moda?)



Fonte: Blog Cacheia!

A composição entre imagem e o discurso projetado no perfil de Sousa nos oferece elementos significativos para sua construção identitária social. Desse modo, ao nos depararmos com a imagem escolhida para compor o perfil, percebemos uma contextura entre o falado e o icônicamente exposto, visto que Maressa aparece na foto com símbolos importantes para a comunidade negra, o cabelo *Black Power* e o pente garfo que durante as décadas de 60 e 70 – século XX – representaram para essa comunidade no Brasil e também nos Estados Unidos a reafirmação e valorização da identidade negra. Segundo Gicomini;

[...] em meados dos anos sessenta o cabelo negro sofreu sua maior mudança desde que os africanos chegaram na América. A percepção do cabelo deixou de ser um

estilo e se tornou uma afirmação [...] O cabelo passou a simbolizar ou bem um movimento contínuo em direção à integração no sistema político americano ou um clamor crescente pelo poder negro e o nacionalismo negro [...]. Foi uma época em que o cabelo assumiu uma posição central – tal como os cartazes, emendas constitucionais e as passeatas – na definição de uma identidade negra frente ao mundo exterior. (BYRD; THARPS *apud* GIACOMINI, 2006, p.202-203)

E esse movimento de valorização das características físicas e estéticas da comunidade negra parece estar presente continuamente no discurso projetado por Maressa e por outros sujeitos comunicantes de nossa análise, como pode ser observado também no perfil de Wesley Lima no excerto “o estilo é consequência de uma construção repleta de referências, aquilo que se propõe como estética dialoga intimamente com saberes e relações. “O negro dentro deste contexto, precisa olhar-se como tal e compreender a importância de se apoderar de sua negritude” (EB – LIMA, 2015). A evocação da palavra negritude mostra, nesse contexto, que o sujeito falante possui conhecimento histórico sobre as lutas da comunidade negra, pois este conceito, desenvolvido na década de cinquenta na França, refere-se “a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1988, p.20) o que caracteriza sua aproximação da temática principal do *blog* e sua legitimidade embasada no engajamento.

No que concerne à construção da identidade discursiva nas publicações analisadas, percebemos que como a relação estabelecida entre o sujeito comunicante e seu interlocutor não se inicia, *a priori*, apenas no contato com texto a identidade social encontra-se diluída. Em muitas publicações, por exemplo, podemos identificar o sujeito comunicante não por estratégias que denotem sua identidade social (traços psicossociais, biológicos etc.), mas pelo uso de um estilo na escrita que aponta para uma identidade pré-construída a longo prazo. Destarte, o que podemos salientar é a demonstração, nas entrelinhas do texto, de escolhas linguísticas/vocabulares ligadas ao desempenho profissional (blogueiro/blogueira, especialista em *moda*), à relação do sujeito comunicante com seu interlocutor e de suas experiências enquanto líderes de opinião. É o que se pode ver na publicação de Carla Lemos (MO – Modices) “Revista a gente julga pela capa” na qual a blogueira aborda a falta de representatividade de mulheres negras nas capas de revistas.

[Fragmento 8]

*Era um daqueles dias de **novela do Manoel Carlos. Tava eu e o Vitor andando #deboas pelas ruas arborizadas do Leblon, quando avisto na esquina seguinte o cartaz com a capa da edição de Outubro/2015 da Vogue Brasil.** (LEMOS, 2015) [Grifos nossos]*

A partir do *fragmento 8* podemos perceber uma certa familiaridade da autora do *blog* com seu interlocutor, dado que esta utiliza de fatos do cotidiano, ou de informações referentes a sua vida pessoal para dar à publicação um tom mais despojado. Como uma conversa entre amigas. Desse modo, caso o leitor da publicação não seja um seguidor assíduo do *blog* não perceberá algumas informações inseridas nas palavras de Lemos e que se relacionam a sua identidade social. Por exemplo, o fato de Lemos inserir algumas alusões ao universo carioca, como o bairro Leblon, as novelas de Manoel Carlos – que quase sempre são ambientadas no Rio de Janeiro – apontam para seu lugar de pertencimento, visto que a blogueira falante nasceu e ainda mora no Rio de Janeiro. Outro ponto a ser destacado é a referência a um outro sujeito **Vitor**, seu marido, fotógrafo de *moda* e co-fundador do Modices, dado que é tratado na publicação como algo já conhecido pelo interlocutor. Ademais, o uso do verbo “estar” na primeira pessoa do singular (Modo Indicativo – Pretérito imperfeito) na forma utilizada na oralidade “tava” também traz ao texto uma certa informalidade que constrói uma identidade social mais voltada a descontração para a autora do *blog*, assim como o uso da hashtag¹²² “#deboas” para compor o texto.

Não obstante, no tocante as marcas referentes ao âmbito profissional, encontramos no texto “Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?”¹²³ de Wanessa Yano, algumas marcas linguísticas discursivas que esboçam uma identidade social, mas que não há uma preocupação em realizar uma apresentação formal do sujeito comunicante para legitimar sua fala, como um espaço destinado à uma apresentação de perfil no corpo do texto. Destarte, ao adentrarmos na leitura do artigo, encontramos algumas marcas que nos levam ao encontro de uma identidade apoiada, principalmente, no reconhecimento pela performance, ou seja, por sua habilidade em realizar alguma coisa.

Em muitos momentos, à vista disso, conseguimos reconhecer o papel significativo da autora do texto como empreendedora de *moda*, já que esta faz uma reflexão sobre o seu próprio ofício e, também sua posição de engajamento por se colocar como de testemunha dos fatos, bem como podemos observar no *fragmento 9*;

¹²² Segundo publicação do site Marketing de conteúdo a hashtag pode ser conceituada como uma palavra chave antecipada pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando nas Redes sociais. Cada hashtag criada é transformada em um hiperlink que irá direcionar a pesquisa para todas as pessoas que também marcaram os seus conteúdos com aquela hashtag específica. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/o-que-e-hashtag/>> Acesso em: 30 de junho de 2017.

¹²³ Ver publicação completa em Anexo III.

[Fragmento 9]

*E para que eu pudesse chegar a tal ponto em mesma **comecei a questionar o meu trabalho, dentro da Ayê**¹²⁴ e observar se não estava fazendo o mesmo **quanto empreendedora**. E isto interferiu muito no meu trabalho, foi exatamente onde busquei um viés alternativo para mantê-lo, esse foi o ponto chave para que eu fosse atrás da **minha identidade quanto criadora, e quanto mulher negra**. (YANO, 2015) [Grifos nossos]*

Assente ao excerto, podemos constatar que o sujeito comunicante ressalta seu papel social – empreendedora de *moda* – o que lhe confere a legitimidade necessária para obter a palavra diante do assunto abordado. Além disso, por se tratar de uma discussão em torno da apropriação cultural africana pela *moda*, a autora também se torna legítima à fala por estar em uma posição de testemunha do vivido, em outras palavras, a auto identificação como **mulher negra** (de descendência africana) lhe confere uma sabedoria adquirida através de suas experiências dentro do universo afro.

No que concerne à manifestação da identidade discursiva nas publicações imersas no universo da *moda*, podemos destacar que pela proximidade de muitos sujeitos falantes da luta contra o preconceito, a discriminação e o racismo em relação ao negro, a maioria das identidades discursivas ancoram sua credibilidade a partir de uma atitude de engajamento. Tal atitude, de acordo com as teorizações de Charaudeau (2009),

[...] leva o sujeito, contrariamente ao caso da neutralidade, a optar (de maneira mais ou menos consciente) por uma tomada de posição na escolha de argumentos ou de palavras, ou por uma modalização avaliativa trazida a seu discurso. Esta atitude destina-se a construir a imagem de um sujeito falante como “ser de convicção”. A verdade, aqui, confunde-se com a força de convicção daquele que fala, e espera-se que esta influencie o interlocutor. (CHARAUDEAU, 2009, p.5)

Ou seja, pelo sujeito comunicante estar em uma posição de *fazer – saber*, este imprime em sua fala estratégias discursivas que transparecem tanto seu posicionamento diante de um determinado assunto, quanto as perspectivas que deveriam ser aceitas pelo interlocutor ideal. À título de exemplo, destacaremos a construção identitária realizada na publicação *Cabelo crespo está na moda?* (CA, 2015) de Maressa de Sousa. Nesse contexto, observamos que o sujeito enunciativo, em um primeiro momento, chama a atenção de seu interlocutor para a importância de se discutir o assunto, aproximando-o da temática a partir da exposição de

¹²⁴ Ayê Acessórios – marca criada em março de 2012 por Wanessa Yano, com o intuito de criar acessórios artesanais com referências étnicas valorizando o artesanato. Disponível em: << <https://ayeaccessorios.lojaintegrada.com.br/pagina/quem-somos.html>.>> Acesso em: 29 de junho de 2017.

conceitos que possam apresentar questionamentos no decorrer da reflexão proposta. Destarte, a construção da identidade discursiva se estrutura no embate entre duas perspectivas sobre a estética negra, o cabelo crespo é *moda* ou não?

A começar pela retomada de fatos históricos, a escravidão da população negra no Brasil, passando pela desvalorização da estética desse povo, a autora estabelece uma linha de raciocínio que, adverso a uma atitude de neutralidade, deixa em evidência seu posicionamento acerca da inclusão ou não de características estéticas da população negra no âmbito da efemeridade da *moda*. Nesse sentido, destacamos dois fragmentos do texto publicado que evidenciam os posicionamentos de Sousa.

[Fragmento 10]

*A linguagem é fonte de poder. Assim, **designar esse movimento apenas como “moda” pode representar a redução de um ato político de luta e resistência que pode ser consumida.*** (SOUSA, 2015) [Grifos do autor]

[Fragmento 11]

Lançar os cabelos cacheados no plano daquilo que é “diferente”, “exótico”, abre espaço para uma tolerância passageira, que pode até durar apenas uma estação. Aliás, esse espaço é bem pequeno. Aparentemente, nele só cabem os ondulados (perfeitamente desarrumados?!) e cacheados definidos. (SOUSA, 2015) [Grifos do autor]

Nos excertos destacados, identificamos a postura do sujeito enunciador, contrário à inclusão da estética negra na *moda*, como uma marca importante que demonstra sua posição de engajamento. Essa posição concede suporte à credibilidade da identidade discursiva construída no texto, visto que caracteriza o sujeito falante como um ser de influência, de convicção dentro do movimento negro.

Ainda sobre a construção da identidade discursiva, a estratégia de captação no gênero *blog* de *moda*, estética e comportamento figura como um dos subterfúgios mais relevantes, pois é por meio desta estratégia que o sujeito comunicante se projeta no jogo de arregimentar seu público alvo para manter-se “vivo” no ambiente virtual. Desse modo, com o objetivo de responder a perguntar “Como fazer para que o outro possa ser conquistado por minhas palavras? Os sujeitos comunicantes do nosso *corpus* de análise valeram-se de uma mistura entre a persuasão (fazer pensar recorrendo à razão) e a sedução (fazer sentir recorrendo à

emoção). Como podemos observar na publicação de Wanessa Yano do EBM (Esse é só mais um blog de Moda) “Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?”

Sustentada, principalmente, por atitudes de engajamento, a identidade discursiva elaborada constrói-se em conformidade com as tomadas de posição da autora do texto, Wanessa Yano. Esta propõe uma reflexão sobre o tema “apropriação cultural” e utiliza como base argumentativa a fala da jornalista e escritora Zipporah Gene para dar credibilidade à perspectiva defendida. Conforme o posicionamento proposto, Yano utiliza estratégias discursivas que também lhe possibilita conquistar a adesão de seu interlocutor, como o movimento duplo de inclusão no texto, como porta-voz de uma discussão, e no grupo, quando a autora de inclui à comunidade para a qual esta se direciona. Tais estratégias são marcadas, sobretudo, pelas escolhas linguísticas como o uso da primeira pessoa do singular (eu) e depois um deslocamento para a primeira pessoa do plural (nós), como podemos observar nos excertos;

[Fragmento 12]

*Dado a este momento quatro anos de Ayê o ponto X da questão que por muitos lugares onde **andei me tornei** uma persona non grata, por ter certas ideologias, e por algumas vezes não pensar em osmose.*
(YANO, 2015)

[Fragmento 13]

*E talvez **não tenhamos** feito isso, e talvez **se tivéssemos** hoje não teria uma moça Africana dizendo não se apropriem das roupas, das pinturas tribais.* (YANO, 2015)

Entendemos que para alguns gêneros textuais o uso da primeira pessoa (singular e plural) não é muito bem visto por dar ao discurso um teor pessoal, no entanto ao adentrarmos na construção realizada por Yano, percebemos que tal uso possui uma função importante para a captação do público alvo, visto que coloca o interlocutor em pé de igualdade com o sujeito comunicante. Em relação ao segundo fragmento, o uso do verbo na primeira pessoa do plural estabelece uma relação de compatibilidade e identificação com o movimento negro. Desse modo, a autora expõe sua vulnerabilidade e reponsabilidade diante da temática exposta.

Concernente com a perspectiva adota por Charaudeau (2009), entendemos que a estruturação da identidade discursiva se fundamenta, essencialmente, a partir dos modos de tomada de palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sociodiscursivos, por isso ela caracteriza-se por ser mais maleável no sentido de estar sempre

em construção no discurso. Outrossim, é possível percebermos que a construção identitária no discurso, apesar de se valer de um determinado número de estratégias e atitudes discursivas, pode se manifestar de múltiplas maneiras, à vista disso deparamo-nos em nosso *corpus* com discursos que, apesar de estarem imersos em uma postura engajada, souberam externar seus posicionamentos por meio do uso, mais ou menos explícito, de recursos linguísticos que denotam a presença de uma identidade social forte. Nesse sentido, é possível reconhecer que contrária as estratégias usadas no exemplo anterior, publicação de Wanessa Yano, o qual o sujeito falante se mostrava nitidamente no discurso, outras amostras como do *blog* UBP (O último Black Power – “Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris”), o sujeito falante se mostra mais distanciado, porém não deixa de posicionar-se nas entrelinhas, como podemos verificar no excerto a seguir que trata da composição de materiais para a produção da coleção de Carol Barreto – personagem principal da publicação de José Ângelo.

[Fragmento 14]

*A cartela de materiais é composta por tecidos pretos e off White de **alta qualidade** que com **perfeição** dos fios ao acabamento, mistura fibras naturais [...]. A estes se agregam as técnicas artesanais de Manipulação e Transformação Têxtil num conjunto que provoca uma **explosão de cores** [...]. (ÂNGELO, 2015) [Grifos nossos]*

. O uso de adjetivos e de expressões que qualificam o trabalho da estilista evidencia, também, mesmo que o sujeito falante não fale abertamente, que este valoriza e admira o trabalho realizado, deixando claro seu posicionamento em relação ao projeto de Carol Barreto. Desse modo, o desenvolvimento do discurso se estabelece não pelo excesso de exaltação da imagem do próprio sujeito comunicante, mas por meio da demonstração de seus conhecimentos sobre o universo da *moda* e a pertinência de suas escolhas linguísticas. Essa composição de captação leva o interlocutor a um mergulho no processo criativo da estilista apresentada. Assim, podemos depreender que as atitudes discursivas utilizadas por Ângelo lhe conferem a credibilidade necessária para envolver seu público alvo.

No que concerne a totalidade das publicações analisadas neste tópico, podemos constatar que a identidade discursiva construída no texto vem de encontro com a afirmação da identidade social exposta por meio dos perfis. Esse fato confirma que ambas identidades (discursivas e sociais) são intrinsecamente interligadas,

[...] pois sem a identidade social não há percepção possível do sentido e do poder da identidade discursiva, e sem a identidade discursiva não há possibilidade de estratégias discursivas, sem as quais não há possibilidade para o sujeito de se individualizar, o que corresponderia a um sujeito sem desejo. (ALMEIDA, 2016, p.83)

Nessa conjuntura, o que se torna relevante não é, necessariamente, a aproximação do sujeito comunicante de seu destinatário ideal através da partilha do vivido, como ocorre nas publicações de ativistas e/ou simpatizantes do movimento negro. O que queremos dizer, na verdade, é que existe sim um lugar comum de pertencimento, mas que isso não é exacerbado ao ponto de se tornar o principal elo entre os participantes do ato de linguagem. Por conseguinte, o que toma maior visibilidade para captar e seduzir o público alvo é a capacidade do sujeito comunicante projetar-se como expert em *moda* e em assuntos relacionados à estética, em outras palavras, a sustentação do *saber-fazer*.

No próximo tópico, dando continuidade as análises realizadas, faremos uma síntese do estudo de nosso *corpus* imagético, com o intuito de verificar como os sujeitos comunicantes utilizam o discurso icônico para apoiar suas identidades – discursivas e sociais a favor de uma perspectiva para o papel da *moda* no movimento negro.

3.1.3 Imagens identitárias e a *moda* no movimento

Desde a inserção dos *weblogs* no ambiente virtual, aproximadamente no final do século XX, muitas mudanças ocorreram na estrutura desse gênero. A incorporação de ferramentas mais dinâmicas que traziam certa facilidade para a interlocução entre os *blogueiros* e seu público alvo transformou essa, à priori, rede de compartilhamento em uma plataforma de comunicação com milhares de acessos e seguidores. Uma das mudanças mais significativas dos *blogs*, com o decorrer dos anos, foi a redução do espaço destinado ao texto e a inserção, cada vez maior, do discurso icônico, o que deu a possibilidade para que esta rede de comunicação criasse uma forma peculiar para se identificar visualmente, como uma espécie de gramática visual própria. A incorporação de elementos gráficos mais sofisticados e personalizados – como cabeçalho, menu e rodapés (GUIMARÃES, 2012, p.64), por exemplo, deram aos *blogs* uma identidade visual, uma forma de distinção diante das demais plataformas de comunicação. [ver *figuras 47,48,49*]

Figura 47 Exemplo cabeçalho - Identidade visual UBP



Fonte: Blog O último Black Power

Figura 48 Exemplo menu - Identidade visual GE



Fonte: Blog Geledés

Figura 49 Exemplo rodapé - Identidade visual MO



Fonte: Blog Modices

Porém, para a presente pesquisa procuraremos nos atentar não para a construção identitária da imagem visual dos *weblogs* analisados, mas sim para a relação existente entre os discursos projetados pelos sujeitos comunicantes, em cada situação de comunicação, e as escolhas icônicas imersas na discussão sobre a estética da comunidade negra.

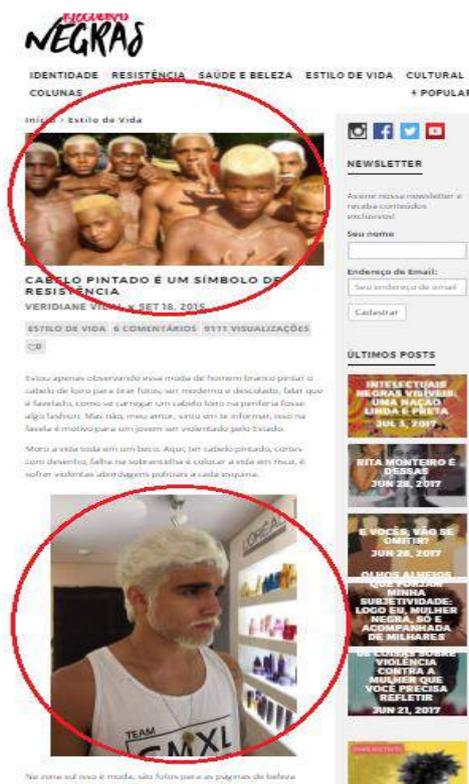
Em nosso percurso no universo do discurso icônico, observamos a ocorrência de quarenta e cinco imagens nos *corpora* de quatorze publicações (9 publicações de *blogs* relacionados ao movimento negro e 5 publicações de *blogs* de *moda*, comportamento e estética), sendo que em todas as publicações houveram, pelo menos a utilização de uma imagem como suporte para o texto construído. Desse modo, considerando o número de imagens analisadas, encontramos alguns traços e recursos imagéticos que se repetiram em alguns dos nossos dados, por isso procuraremos neste tópico compilar, de maneira mais

sintética, as principais estratégias imagéticas utilizadas para compor os textos e, assim, buscar compreender o papel desse sistema semiótico icônico para a questão apresentada em nossa dissertação. Salientamos ainda que os quadros utilizados como metodologia de análise encontram-se em sua completude em nossos anexos (Anexo IV – Análise de imagens).

Nos *corpora* selecionados para formar parte desta dissertação, observamos que a relação entre a imagem e o extrato linguístico-discursivo ia além de uma relação baseada na descrição ou na mera ilustração dos fatos abordados. Assim sendo, as imagens escolhidas para compor os discursos projetados por sujeitos falantes intrinsecamente ligados a movimentos sociais ou que se sensibilizam com as demandas de comunidades historicamente marginalizadas mostravam-se capazes de mobilizar e produzir efeitos de sentido, importantes para composição das perspectivas defendidas no texto. Assim, tendo em vista que a imagem “é o resultado da percepção direta que um sujeito tem do mundo físico, de uma impregnação, no seu cérebro e na sua memória de sujeito, o que produz uma "imagem mental" como primeiro enquadramento do mundo” (CHARAUDEAU, 2013, p.383), constatamos que esta seria capaz de produzir efeitos de sentido muito antes que o interlocutor da interação linguageira tivesse contato com o texto propriamente dito. Desse modo, é possível depreender que o *corpus* imagético aqui analisado possuíse uma dupla esfera interpretativa, a saber, uma que o ligaria ao discurso projetado – contribuindo para a afirmação ou contestação de ideias e perspectivas – e outra que leva a imagem para uma dimensão mais voltada ao interlocutor, mobilizando ou não imaginários, memórias e afetos que podem ser ou não compartilhados com o sujeito comunicante. Diante do exposto e a partir de uma visão geral dos *corpora* (icônico e linguístico), podemos observar que as imagens inseridas nas publicações analisadas demonstravam uma relação baseada em pelo menos quadro aspectos: (i) a imagem como forma de questionamento às estruturas estéticas da sociedade, (ii) a imagem como afirmação da tradição e cultura negra – movimento de valorização e, por fim, (iii) a imagem como uma representação de um modelo simbólico a ser seguido dentro de um grupo.

No tocante ao primeiro aspecto destacado, podemos sobrelevar a publicação de Veridiane Vidal intitulada “Cabelo pintado é um símbolo de resistência” (*BN (3), 2015*). Esse texto do *Blogueiras Negras* traz consigo a junção de duas fotografias [ver *figura 50*] que, em um primeiro olhar, demonstram apenas os cabelos descoloridos – uma tendência do segundo semestre de 2015 – sendo utilizado ora por jovens negros, ora por um ator de telenovelas, Caio Castro.

Figura 50 - Exemplo - Dupla dimensão interpretativa da imagem: a estética a partir de duas perspectivas - BN(3)



Fonte: Blog Modices

Todavia, a partir do contato com o texto de Vidal, podemos perceber que existe uma relação muito mais profunda envolvida na disposição das duas imagens inseridas no texto. [ver figuras 51 e 52].

Figura 51 - IBN (3) - Cabelos descoloridos - Detalhe



Fonte: Blog Modices

Figura 52- IBN (3.1) -Cabelos Descoloridos (Caio Castro) - Detalhe



Fonte: Blog Modices

A imagem IBN(3) apresenta em sua constituição o primeiro plano (enquadramento do peito para cima) e o ângulo frontal para retratar os jovens. O ponto de vista escolhido favorece a exposição de vários sujeitos dentro do enquadramento dando destaque, principalmente, à estética dos cabelos que se repete em todos os sujeitos retratados. O jovem posicionado no lado direito superior da foto parece conter um pouco do produto utilizado para o

procedimento estético capilar no rosto, o que sugeri que a modificação dos cabelos foi realizada pelos jovens naquele momento, de maneira artesanal como um tipo de “ritual” que envolve o grupo. Já na imagem *IBN (3.1)*, observamos também o primeiro plano como forma de enquadramento, mas ao contrário da primeira imagem, a perspectiva escolhida é o 3/4, na qual a câmera faz um ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus com o nariz da pessoa retratada. Esse tipo de ângulo é comumente utilizado para mostrar, no âmbito do universo *fashion*, a estética de cabelos, por isso observamos que o ponto de vista escolhido colabora para evidenciar os detalhes de estilo utilizados pelo ator. Ademais, a ambientação da foto – mostrando ao lado direito produtos da marca L’Oreal ¹²⁵- insinua que o procedimento capilar feito por Caio Castro, além de ser realizado em um lugar especializado, foi feito com produtos de qualidade e por profissionais. Destarte, enquanto a imagem *IBN (3)* nos evoca imaginários intrinsecamente relacionados à cultura de comunidades carentes a *IBN (3.1)* leva o procedimento capilar realizado para a esfera do glamour, da modernidade e sofisticação.

A predileção por utilizar as duas imagens na publicação faz parte de uma construção discursiva que visa questionar alguns parâmetros sociais, muitas vezes, tratados na superficialidade da questão étnica racial do país, mas que trazem grandes impactos para a manutenção de desigualdades sociais e para o racismo, como podemos ver no discurso projetado por Vidal.

[Fragmento 15]

Moro a vida toda em um beco. Aqui, ter cabelo pintado, cortes com desenho, falha na sobrancelha é colocar a vida em risco, é sofrer violentas abordagens policiais a cada esquina. (VIDAL, 2015)

Nesse sentido, a relação assimétrica entre identidades sociais e a escolha pela estética, pela individualidade de manipular o próprio corpo é colocada à tona, visto que o tratamento social dado para cada um dos sujeitos destacados nas imagens insere-se em uma complexa relação entre uma tendência de beleza e *moda versus* a discriminação racial.

Concordamos com Crane (2006, p. 43) quando a autora salienta que a “moda contribui para redefinir identidades sociais ao atribuir constantemente novos significados aos artefatos”, entretanto, quando essas ressignificações estão inseridas em um contexto socio-

¹²⁵ L’Oréal é uma empresa multinacional francesa de cosméticos com sede em Clichy. Fundada em 1909 por Eugène Schueller, é especializada em produtos para cabelos (xampus e colorações), perfumes, protetores solares e produtos dermatológicos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/L%27Or%C3%A9al>>. Acesso em: 06 de julho de 2017.

histórico o qual as identidades estão intrinsecamente relacionadas à classe social, ao lugar de pertencimento e a questões étnicas raciais algumas escolhas estéticas podem transforma-se em imaginários sociais desfavoráveis à identidade de indivíduos historicamente marginalizados. Por exemplo, no *blog Papo de PM*¹²⁶, podemos observar a construção de um perfil para a identificação de jovens imersos na marginalidade por meio de traços relacionados, principalmente, a estética corporal e as escolhas indumentárias. [ver *figuras 53, 54, 55*]¹²⁷

Figura 53 - Exemplo 1 - Blog Papo de PM - Corte de cabelo



A maioria faz desenho a base de máquina. Fácil de se observar. Apesar de que parece moda isso nos morros agora, alguns fazem desenhos da erva maldita, pintão o cabelo com água oxigenada etc.

Figura 54- Exemplo 2 - Blog Papo de PM - Sobrancelhas



Outra modinha deles é colocar alguns cortes nas sobrancelhas.

Figura 55 - Exemplo 3 - Blog Papo de PM - Trajes



Há anos é tudo a mesma coisa: Bermuda estilo surfista e camisa de marca. Nike e Cyclone já foram elite. Agora é a vez da Puma, Gang, ecko, quiksilver, billabong, enfim gostam das melhores marcas, pois gostam de ostentar.

Fonte: Blog Papo de PM

O exemplo exposto, contraposto com a publicação de Vidal, evidencia que para alguns grupos sociais o direito a escolha estética ultrapassa o simples desejo de inclusão ou diferenciação dentro de um determinado grupo. Nesse sentido, as formas de interpretar o mundo, transpostas por meio da *moda*, configuram-se como uma forma de resistir à

¹²⁶ O *weblog Papo de PM* não possui um esclarecimento sobre a identidade dos responsáveis pelas publicações, desse modo não podemos afirmar que o conteúdo exposto na página possui realmente uma relação com a Polícia Militar. Ademais, salientamos que a utilização dos exemplos citados tem por objetivo expor alguns imaginários sociais que circulam em nossa sociedade sobre a construção de perfis intrinsecamente relacionados à estética do indivíduo e suas escolhas indumentárias e as formas de manipulação do corpo.

¹²⁷ Disponível em <<http://www.papodepm.com/2010/07/perfil-dos-trafficantes-nos-aglomerados.html>>> Acesso em: 10 de junho de 2017.

imposição social de padrões que não incluem todo tipo de corpo, etnia e classe social, fato exposto pelo sujeito comunicante da publicação *Cabelo pintado é um símbolo de resistência* (BN (3), 2015) em tom de protesto.

[Fragmento 16]

Para brancos de endereço dito respeitável isso é moda, para um jovem negro periférico é uma transgressão que faz a nossa PM racista ver a sua estética, que é empoderamento, como coisa de bandido, cultura do tráfico, neguinho pinchado, freio de mão de viatura. É criminalizar de uma forma racista e preconceituosa algo que faz parte da construção da própria identidade, do ser jovem negro e favelado. Cabelo pintado? Não pode, é coisa de bandido! Certos tipos de roupas, adereços e acessórios? Não pode, é coisa de bandido! (VIDAL, 2015)

A compostura entre as imagens e a publicação de Veridiane Vidal, além de evidenciar um problema social, explicita o posicionamento da *blogueira* diante da *moda* e sua utilização como ferramenta de empoderamento dentro do movimento negro. Dessa forma, a *moda* é reivindicada como um mecanismo de construção identitária importante para deslocar a percepção, até mesmo de integrantes do próprio movimento negro brasileiro, quanto sua estética e cultura, dado que, segundo a autora do texto, somente o retorno as raízes ancestrais africanas e o enaltecimento de símbolos historicamente marcados como pertencentes a essa comunidade não seriam suficientes para retirar a população negra de uma posição social desfavorável. A necessidade de colocar em voga outros tipos de construções estéticas, como as de jovens moradores de periferias, mostra-se uma necessidade e uma ato de resistência dentro do movimento negro.

Citando caso análogo, que nos esclarece a composição imagética de questionamento, podemos destacar a publicação *Está na moda ser preto, desde que você não seja preto* (GE(3) MEDRADO, 2015) que discorre sobre a apropriação de símbolos culturais da comunidade negra por pessoas brancas sem a reflexão entre componentes intrínsecos à historicidade desse povo, tais como o racismo, a discriminação, a falta de representação e a marginalização social. Com o intuito de ilustrar o contexto exposto, Medrado – sujeito comunicante referida publicação – utiliza uma das fotos da campanha Arezzo verão – As favoritas (2008). [ver *figura 56*]

Figura 56 - IGE(3) - Imagem como questionamento – Apropriação cultural



Fonte: Blog Geledés

A peça publicitária escolhida pelo autor do texto, encenada por três atrizes renomadas da teledramaturgia brasileira – Cláudia Raia, Mariana Gimenez e Patrícia Pillar – no que se refere ao estrato icônico apresenta uma construção que inclui um enquadramento do peito para cima (Primeiro Plano) e o ângulo frontal, privilegiando tanto os detalhes da coleção apresentada como a expressão facial das atrizes. A composição de cores, formada principalmente pelas tonalidades de azul, laranja, vermelho, rosa, branco e preto, funcionam como jogo em que o destaque fica sempre para os acessórios (em tonalidades mais marcantes) como é o caso dos turbantes.

Destarte, a compostura de mulheres brancas e uma das referências simbólicas do movimento negro concatenou para a aproximação da discussão levantada por Medrado envolvendo, não apenas a o uso do adorno, mas a apropriação de diversos traços culturais pelas estruturas sociais, como expresso pelo sujeito comunicante da publicação no excerto;

[Fragmento 17]

Vejo também um esforço muito grande em disfarçar todos esses problemas com uma atitude que não consigo deixar passar batida, algo que faz parte do movimento “ser negro ta na moda”. Neste movimento vemos pessoas brancas se vestindo com temas africanos, usando turbante, fazendo parte de diversos movimentos negros e até renegando a cor da sua própria pele (é, sei que não faz sentido, mas vamos lá).

Ser preto no samba, no hip hop, no candomblé, ser preto assim é fácil. Gostaria que essas mesmas pessoas fossem “pretas” quando a polícia abordou com violência meu irmão na rua, quando uma pessoa perde uma vaga de emprego por ser preta. Quando um canal de TV exibe um programa com teor racista.
(MEDRADO, 2015) [Grifos nossos]

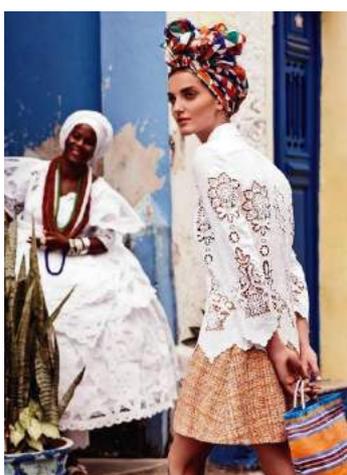
O discurso destacado questiona a inserção dos elementos culturais e estéticos da comunidade negra no âmbito da efemeridade, de uma tendência passageira que pode ser consumida e deixada em um curto período de tempo, como ilustra a publicidade da marca Arezzo (2008), enquanto muitos representantes dessa comunidade, que concebem tais elementos como parte importante de uma identidade coletiva, continuam sendo subjugados socialmente. À vista disso, a exposição de elementos simbólicos na *moda* sem que estes possuam alguma representação direta à cultura que faz parte é um fato recorrente e substancialmente questionável por pessoas inseridas em movimentos sociais, visto que, além de utilizarem tais símbolos como mercadorias, a indústria da *moda* tem deixado de lado, também, a referência étnica racial ao tratarem desses elementos. [ver figuras 57, 58 e 59]

Figura 57 Turbantes na moda I



Fonte: *Vogue Rússia*, maio, 2011

Figura 58 Turbante na moda II



Fonte: *Marie Claire*, março, 2013

Figura 59 Turbantes na moda III



Fonte: *Vogue Brasil*, fevereiro, 2013

Nas *figuras 57, 58 e 59*, podemos observar casos análogos os quais a cultura africana transita como referência e/ou tendência na *moda*, mas que, em contrapartida, não há uma indicação alusiva e valorativa da própria população negra, que passa a habitar o cenário do editorial apenas como mote de inspiração (*figura 57*) ou como uma simples composição cenográfica (*figura 58 e 59*). O uso dos turbantes¹²⁸, a figuração da baiana, e as expressivas estampas perdem seu valor identitário e transformam-se em adornos que perpassam apenas a superfície histórica e cultural da comunidade a qual faz alusão. Desse modo, a escolha dos sujeitos comunicantes por abordarem a questão da apropriação cultural demonstra a necessidade de reconhecer um lugar de pertencimento e a história da população negra voltada para a valorização dos seus traços culturais não apenas quando estes são consumidos por outrem, mas em todas as suas dimensões religiosas, raciais, estéticas e culturais.

Dando continuidade à nossa análise, gostaríamos de destacar a ocorrência da imagem como forma de mostrar a tradição e a cultura negra – movimento de valorização – na publicação: *GE(1) Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar a identidade da mulher negra* de Danilo Meraki composta por seis imagens expostas a seguir.

Figura 60 Imagem movimento de valorização - I GE da esquerda para direita IGE 1.1, IGE 1.2, IGE 1.3, IGE 1.4, IGE 1.5 e IGE 1.6



¹²⁸ O caso específico do turbante foi tratado de forma diferenciada, observando a importância desse elemento para a comunidade negra brasileiro no Cap. I mais especificamente no tópico *1.5 A imersão nos tecidos: O turbante e suas representações históricas*.



Fonte: Blog Geledés

As imagens eleitas para análise, apesar de serem constituídas por estratégias técnicas distintas¹²⁹, carregam uma narrativa que transfere o trato com o cabelo para a esfera da tradição, da ancestralidade e da partilha, retomando, conseqüentemente, “a manipulação do cabelo como uma das muitas formas criadas pelo homem e pela mulher, no plano da cultura, para afirmar sua condição humana” (GOMES, 2012, p. 207) em busca de uma identidade cultural. Nessa perspectiva, Stuart Hall (2003, p.29), ao abordar o que realmente significa construir uma identidade que emerge da coletividade esclarece que é essencial manter um laço com o passado, como uma espécie de linha contínua, o que o autor chama de tradição. Nessa conjuntura, a tradição seria “sua fidelidade as origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade" retomada, em nosso exemplo, pela tradição afro-brasileira de manipular os cabelos.

As fotografias expostas, adjudicadas pelo propósito de enaltecimento da cultura negra, dão visibilidade maior à ação praticada, como nas figuras *GE 1.1, 1.3, 1.4 e 1.6*, as quais usam o plano detalhe para evidenciar o trançado, o turbante e outros procedimentos realizados pelas mulheres do grupo. Esse cuidado com o cabelo do negro (a) é reafirmado, ainda no discurso projetado na publicação de Danilo Mekari que diz;

[Fragmento 18]

O cabelo é uma das partes mais intrincadas do corpo negro. Especificadamente na mulher ele parece com muita força: a mulher negra não é referência nem padrão de beleza na sociedade [...] Por conta disso, sofremos muita violência estética e isso gera várias conseqüências, principalmente no processo de formação ao longo da vida. (MEKARI, 2015)

¹²⁹ Ver anexo IV.

Já nas *figuras IGE 1.2 e 1.5*, observamos um outro tipo de estratégia técnica, nesses casos os planos utilizados conjunto (a câmera revela uma parte significativa do cenário) e o médio (o enquadramento inclui o sujeito retrato em sua completude, deixando espaço acima da cabeça e abaixo dos pés) permitem que possamos contemplar a maioria dos componentes da cena trazendo um sentimento de inclusão, partilha e coletividade. Nesse caso, existe um afastamento da estética negra como algo que pudesse ser inserido na *moda*, dado que a lida com os cabelos é concebida, nessa conjuntura, como algo relacionado a uma retomada identitária perdida, ou melhor dizendo, esvaziada por meio do processo de escravização.

As imagens que estruturam um contexto o qual são retratadas figuras representativas para a comunidade negra como exemplos simbólicos a serem seguidos aparecem em nossos *corpora* em pelo menos cinco publicações, a saber; “Estilo e afirmação em uma única peça” (EB), “Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris” (UBP), “A moda com identidade de Mônica dos Anjos” (GE4) e” Resultado da pesquisa Xongani: moda e ancestralidade” (GE6). Nesses textos são retratados casos de negros inseridos no universo da *moda* e que trouxeram a influência africana para as passarelas como forma de reconhecimento da própria cultura. [ver *figuras 61, 62, 63 e 64*]. Desse modo, as imagens inseridas nos textos procuram destacar o negro em uma posição de poder e supremacia.

Figura 61 - I UBP(4) - O último Black Power



Fonte: Blog O último Black Power

Figura 62- I EB (2) - Estilo Black



Fonte: Blog Estilo Black

Figura 63 - IGE (4) - Geledés



Fonte: Blog Geledés

Figura 64 - IGE (6.1) - Geledés



Fonte: Blog Geledés

Por conseguinte, as escolhas técnicas para compor essas imagens procuram exaltar a figura retratada evidenciando sua identidade ligada a cultura afro-brasileira. Todas as fotografias utilizam como enquadramento o plano médio que tende a aproximar a figura do seu interlocutor, além disso os ângulos, em quase todas as composições imagéticas, são frontais buscando estabelecer uma relação simétrica entre os sujeitos imersos na interação. Observamos ainda que os sujeitos retratados utilizam algum adorno que ressalta a ligação desses com a negritude, seja pelo uso do turbante, do cabelo crespo, trançado ou pelo uso de tecidos com estampas africanas.

Ao contrário das demais imagens, a *figura 61*, da publicação “Estilo e afirmação em uma única peça” (EB), é a única que expõe um representante da comunidade negra sem sua identidade social. Isso acontece, pois, o objetivo do texto projetado é a inserção do turbante como parte do vestuário cotidiano do homem negro. Destarte, a exposição do modelo vem de encontro com uma projeção imagética de um estilo a ser seguido, uma forma de vestir que aproxima o negro de sua identidade cultural, bem como salienta o autor da publicação Wesley Lima.

[Fragmento 19]

O “Murban¹³⁰”, turbante, é um acessório que consegue reunir estilo, elegância e afirmação. Transitando no guarda roupa feminino e masculino, a peça nunca sai de moda por

¹³⁰ Turbante para homens.

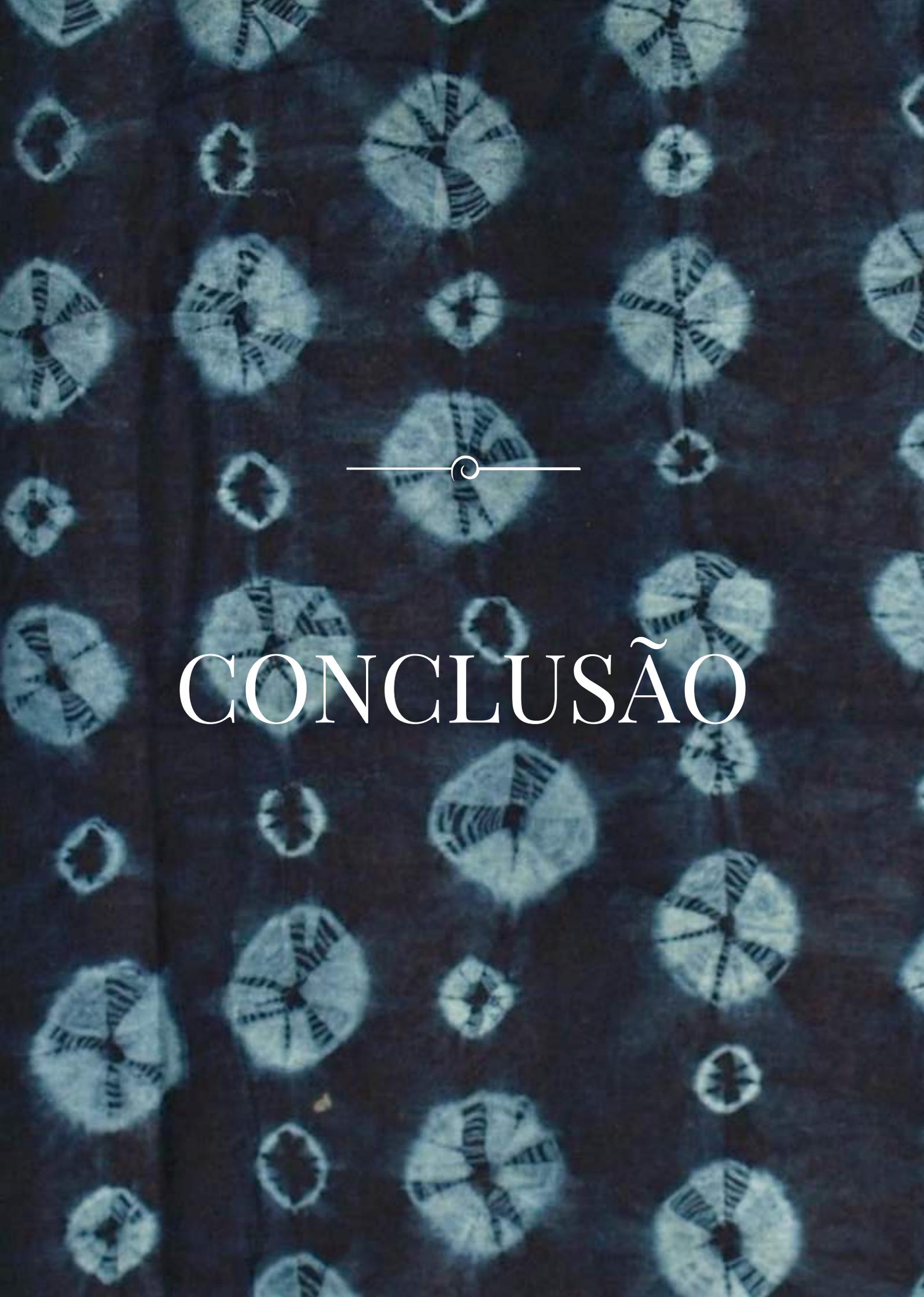
representar uma história e a cultura do povo africano e de outros países, como a Índia.

Titulado como cora [sic] e símbolo de poder, o turbante se moderniza a partir das diversas composições possíveis, porém, as amarrações que dão forma e contraste ao look são os mesmos de gerações passadas.

Ou seja, existe uma história por detrás disso tudo. [Grifos nossos]

Lima, sujeito comunicante da publicação, usa em seu discurso vários argumentos que aproximam seu interlocutor ideal do turbante. O autor, em um tom mais brando, abre a possibilidade de uso do símbolo cultural e histórico da comunidade negra como acessório que além de tornar o *look* mais elegante e atrativo estabelece uma relação de afirmação da cultura africana. Por isso, no discurso construído pelo sujeito falante, não nenhuma restrição quanto ao uso do adorno, mas sim a estímulo pelo seu uso por todos.

Em face dos exemplos e análises expostas, observamos que tanto as identidades discursivas e sociais, quanto as imagens inseridas nos textos estabelecem uma intenção maior de construção identitária coletiva a partir da exaltação de elementos simbólicos, tradições e formas de manipular o corpo como um “capital cultural”. Em decorrência disso, as publicações que fazem parte dos nossos *corpora*, independentemente de suas relações com o movimento negro ou com o universo da *moda*, incluem em sua base discursiva a defesa de uma sociedade mais igualitária atenta as demandas da comunidade negra em todos os níveis sociais. Os argumentos e as estratégias discursivas, à vista disso, mesclam-se em tomadas de posição que ora asseguram o uso da estética negra na *moda*, ora movimentam-se para uma posição de afastamento dessa possibilidade. Nada obstante, o que pode ser confirmado, por meio dos discursos projetados, é que as principais reivindicações quanto a estética negra e sua projeção na *moda* se inserem no âmbito da crítica a estrutura social que trata os indivíduos negros e seus descendentes de forma dissemelhante mesmo quando a sua própria cultura está em voga.



CONCLUSÃO

No percurso desta dissertação, buscamos analisar como ocorre a construção identitária da comunidade negra brasileira em relação à moda, a partir de publicações veiculadas em blogs da década de 2010. Por meio de um corpora composto por quatorze publicações de sete *blogs* (*Cacheia!*, *Estilo Black*, *Esse é só mais um blog de Moda*, *Modices*, *O último Black Power*, *Blogueiras Negras e Geledés*) interligados pela temática central do recorte proposto para reflexão – moda, estética e identidade – procuramos identificar quais estratégias discursivas os sujeitos comunicantes das publicações utilizaram para compor o discurso projetado, a fim de estabelecer uma perspectiva sobre a inserção de símbolos estéticos da comunidade negra na *moda*.

Nesse sentido, ancoramos como nossos objetivos principais de pesquisa (i) à realização de uma reflexão em torno da construção identitária negra no Brasil, (ii) uma investigação sobre o papel da *moda* nas lutas contra a discriminação racial e a valorização cultural dessa comunidade, além da (iii) ampliação da concepção de identidade no discurso. Tendo em vista nossos objetivos, partimos da hipótese de que os símbolos de luta do movimento negro, inseridos na *moda*, funcionariam como uma abertura para a discussão sobre o papel desse grupo na sociedade, seus valores e identidades, e que a retomada estética afro, tais como a indumentária e adornos, possuiriam uma função essencial para a desnaturalização de imaginários sociais de inferiorização.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos inicialmente, buscamos realizar uma imersão histórica levando em consideração a trajetória de resistências da população negra e sua relação com a *moda*. Desse modo, foi possível compreender o ponto de partida de muitos discursos e perspectivas projetadas em nosso objeto de análise e retomar conceitos, como o de negritude, comumente utilizados pelos sujeitos comunicantes das publicações a fim de legitimar seus discursos. Tal conceito, utilizado em nossos corpora para se referir a “tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1988, p.20), mostrou-se como base para interligar a população negra em torno de um propósito maior, a edificação de uma identidade coletiva voltada para a valorização desse povo a partir de suas raízes ancestrais. À vista disso, esboçar uma linha histórica conectando as manifestações políticas sociais e o uso da moda e da estética como forma de resistência nos auxiliou na compreensão contextual das publicações selecionadas.

Nessa conjuntura, o aporte teórico metodológico ao qual nos apoiamos, Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau (2006, 2009, 2010, [1983]2014, 2015), as teorizações

de Stuart Hall (2003, 2006), de Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Manuel Castells (1999), Diana Crane (2006), além de outros teóricos complementares como Nilma Lino Gomes (2012) e Kabenguele Munanga (1986, 1996) foram essenciais para analisarmos as manifestações discursivas das publicações selecionadas. Dado que, a partir da junção entre os teóricos e as perspectivas de diferentes áreas do conhecimento, Análise do Discurso, Estudos Culturais, Sociologia e Antropologia, foi possível apreender mais profundamente as identidades projetadas em cada situação de comunicação.

Voltando nosso olhar para as análises, em um primeiro momento pudemos perceber algumas diferenças em relação à construção das identidades discursivas e sociais nos *blogs* direcionado para temas como *moda* e beleza e os *blogs* que tinham como cerne o movimento negro. No primeiro *corpus*, a título de exemplo, observamos que as identidades construídas se voltavam, de modo geral, para a individualidade e legitimação do sujeito comunicante. Assim, o fator mais relevante para as construções discursivas era a edificação de um sujeito que demonstrasse sabedoria e credibilidade no ambiente da *moda*. Nesse contexto, os posicionamentos diante da inserção de símbolos estéticos da cultura negra no mundo *fashion* oscilaram na medida em que a proposta do *blog* se mostrava mais ou menos aberta à diversidade do público ideal e ao mercado.

Portanto, publicações como “Cabelo crespo está na moda?” do *blog Cacheia!*, que possui como proposta central o empoderamento da mulher negra e de sua estética, embasou-se em um discurso totalmente contrário à projeção do cabelo crespo como um estilo, ou tendência na *moda*. A proposta defendida pela autora da publicação, Maressa de Sousa, levou a questão do cabelo crespo para o lado político defendendo a posição que o movimento de retorno ao cabelo natural significa mais que a designação de uma nova *moda* – efêmera – pois esse ato reduziria a mobilização apenas “a uma tendência que pode ser consumida”. Essa tomada de posição aproxima-se à perspectiva adotada por movimentos sociais das décadas de 60/70 – como o Movimento de Consciência Negra¹³¹ – os quais pregavam a “rejeição de padrões estéticos que lembravam a herança branca europeia e a exaltação dada à cultura africana como forma de promover o autoconhecimento do negro” (GOMES, 2012, p.191), uma característica também presente no discurso de redes de mobilização negra brasileira da atualidade.

¹³¹ Nos referimos aqui ao Movimento de consciência Negra contra o regime do Apartheid (África do Sul), o qual ajudou a formular novas estratégias de combate ao racismo e a discriminação racial, sendo um deles a valorização da estética negra inspirando jovens negros de vários países no mundo. (GOMES, 2012, p.191)

Já a publicação, “Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?” do blog *Esse é só mais um blog de moda*, apesar de ter como plano fundo a figura do sujeito comunicante, Wanessa Yano, estabelece, concomitantemente, uma reflexão sobre a inserção da estética negra na *moda* e a possibilidade de reinvenção das referências afro para a composição de tendências *fashion*. Yano, nesse sentido, propõe um discurso engajado, mas que coloca a comunidade negra como corresponsável diante da apropriação de elementos simbólicos de origem afro, como podemos observar no fragmento a seguir sobre a *moda Afro-Brasileira*.

[Fragmento 20]

[...] *nossa moda Afro-Brasileira está com sua identidade em construção muito do que temos hoje sólido até aqui é uma releitura ou cópia da moda Africana, o uso demasiado de tecidos africanos para denominar afro. É nitidamente visto em nossa moda. E por isto digo, falar de moda, sobre moda é dizer sobre todos os assuntos de cunho social, econômico, político o que está atrelado a concepção da moda tudo ao seu redor é moda. [sic] (YANO, 2015)*

Como observado no excerto a *blogueira* e designer Wanessa Yano não descarta a inserção de referências afro na *moda*, porém chama a atenção para um momento de transição pelo qual a *moda Afro-Brasileira* passa na atualidade. O discurso toma, assim, um tom mais moderado no que concerne à possibilidade de criação de novos moldes estéticos por meio de símbolos e referências africanas.

Em contrapartida, os *blogs* de movimentos sociais e/ou simpatizantes da causa negra, por não estabelecerem uma relação de empreendedorismo com a *moda*, edificaram um discurso explicitamente voltado para a valorização do negro, afastando a estética dessa população da posição de tendência *fashion*. As publicações, desse modo, buscaram a projeção do sujeito comunicante – suas vivências e histórias – com o intuito de conquistar a adesão do público alvo quanto aos pontos de vista defendidos. Destarte, por meio da partilha de experiências pessoais, observamos a construção de um discurso que se repetiu em todos os textos analisados, a proposição de estabelecer uma linha comum entre os negros brasileiros levando em consideração a historicidade desse povo e, principalmente, as lutas em prol de seu reconhecimento social, tal como podemos perceber no texto “Nem seu cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo” escrito por Joyce Berth da plataforma *Geledés*.

*O empoderamento do negro começa, quando ele cria consciência da realidade dolorosa que o cerca e passa a se auto afirmar como negro se opondo a isso no seu próprio meio social. **E o cabelo black deve ser uma consequência disso, uma marcação de território que respalda ações políticas em todo espaço social ocupado e não um fato solitário esvaziado de sentido prático.** Há que saber da sua história, das lutas dos antepassados, dos problemas que enfrentamos na contemporaneidade e passar a partir dessa reflexão repensar caminhos de atuação dentro e fora dos movimentos negros. [Grifos nossos] (BERTH, 2015)*

Tendo em vista o excerto destacado, podemos salientar que apesar dos discursos partirem de experiências individuais, esses projetam-se como uma importante forma de modulação do povo negro em sua coletividade. À vista disso, existe uma preocupação em construir uma imagem para o interlocutor, como se o sujeito comunicante dissesse como o indivíduo negro deveria se portar socialmente para afirmar-se representante legítimo dessa comunidade. Nesse ponto, evidenciamos, assim como aborda Charaudeau (2015, p.15/16), a existência de uma construção identitária de grupo dissociada do embate entre “ser conjunto” contra um “um outro-inimigo” voltada para o resgate de traços ancestrais ligados à memória histórica e social compartilhada entre a comunidade negra. No tocante ao uso da estética negra na *moda*, no contexto das publicações voltadas para o movimento negro, constatamos que em todos os textos os sujeitos comunicantes se posicionaram contrários a inserção dos símbolos de origem afro na *moda*. Segundo os autores, o cabelo *Black*, as estampas de origem africana, o turbante, pinturas corporais etc., quando tratados como acessórios ou tendência *fashion* são esvaziados de sentido transformando-se em um produto que pode ser comercializado e, portanto, socialmente banalizado.

Nesse sentido, com base nos discursos analisados pudemos compreender que a discussão em torno da imersão de símbolos africanos na *moda* vai além da simples imposição de quem pode ou não pode usar determinado adorno. O embate, à vista disso, figura em uma dimensão maior e mais complexa do que escolhas individuais, pois perpassa a questão da discriminação e as “representações coletivas negativas construídas em torno do negro no contexto da cultura e das relações raciais brasileiras” (GOMES, 2012, p.326). Destarte, muitos dos sujeitos comunicantes dos nossos *corpora – blogs* de movimentos sociais e de *moda* e beleza – lançaram questionamentos sobre quem realmente é legitimado a utilizar a *moda* afro, se a marginalização está interligada não à símbolos, mas à pele, à história e aos moldes

sociais. Por exemplo, em fevereiro de 2017 ocorreu nas redes sociais e em outras plataformas de comunicação *on-line* uma grande discussão em torno do uso do turbante por indivíduos de pele branca. Tal discussão foi suscitada pela publicação de uma jovem curitibana¹³² que relatou ter sido repreendida por mulheres negras quanto ao uso do torso, o que foi motivo de grande comoção social, dado que a protagonista da publicação passava por um tratamento contra o câncer e utilizava o turbante como adorno para lidar com a queda de cabelo. Dada a situação, muitos textos foram publicados¹³³ em várias plataformas de comunicação com o intuito de tratar da apropriação cultural e, também, da legitimidade negra em questionar o uso de um adorno de origem africana. Desse modo, durante aproximadamente quinze dias, observamos o trânsito de discursos que perpassavam a superficialidade da questão, já que muitos mencionavam apenas o uso do turbante de maneira individualizada e não a complexa relação racial existente ali.

O uso do turbante para a comunidade negra representa, assim como o cabelo crespo, um ato político de resistência, visto que esses são questionados e discriminados diariamente por ostentarem tais símbolos. Nessa conjuntura, o protagonismo dado ao fato relatado pela jovem de Curitiba só evidencia a falta empatia da mídia e sociedade quando o assunto é a discriminação racial contra o negro. No Brasil, segundo dados do levantamento realizado pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (2015/2016)¹³⁴, dentre os grupos analisados como maiores vítimas de denúncias de violações de direitos humanos, (i) crianças/ adolescentes, (ii) pessoas com deficiência, (iii) população LGBT, (iv) pessoas em situação de rua e (v) idosos, quando observado a distinção étnica racial a população negra se destaca em quatro dos cinco grupos como a camada mais vulnerável. No entanto, raramente tais casos de racismo ou discriminação recebem o mesmo espaço na mídia em plataformas de publicação *on-line*.

Tendo em vista os fatos mencionados e as análises realizadas no percurso de nossa pesquisa, concluímos que os símbolos do movimento negro brasileiro imersos no universo da *moda* figuram como uma abertura para a discussão da posição social dessa comunidade na medida que os próprios ativistas negros, como mostrado nos *blogs*, tomam a palavra e

¹³² Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1858068-jovem-com-cancer-e-repreendida-por-usar-turbante-e-desabafa-na-internet.shtml>>>. Acesso em: 17 de julho de 2017.

¹³³ O caso mencionado nos chamou a atenção não somente pela grande repercussão social, mais também porque alguns textos que fazem parte dos nossos *corpora*, como “Está na moda ser preto, desde que você não seja preto” do *blog* Geledés, foram republicados com o intuito de ajudar a esclarecer a questão da apropriação cultural.

¹³⁴ Disponível em: << <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/janeiro/ApresentaoASCOMDisque100.pdf>>> Acesso em: 17 de julho de 2017.

problematizam o tema. Nesse contexto, o ciberespaço destaca-se como um ambiente de resistência, o qual propicia o entrecruzamento de discursos e perceptivas conflitivas promovendo a elevação de vozes historicamente silenciadas. Não obstante, apenas a inclusão de elementos da cultura africana no uso social, como vimos nos casos relatados, não é suficiente para dissipar imaginários de inferiorização, visto que esses transitam somente na superfície da realidade racial brasileira, a qual rechaça o indivíduo negro, mas exalta sua cultura quando apropriada por outrem.

Nesse sentido, não foi possível confirmar as hipóteses levantadas no início da pesquisa em sua totalidade, já que a retomada da estética negra, apesar de figurar como essencial para reconstrução e valorização da identidade dos negros brasileiros, em muitos casos, não foi eficaz para asseverar uma mudança de conduta social quanto ao racismo e a discriminação desse povo. Assim como asseguram os *blogueiros* das publicações analisadas, acreditamos que a construção de uma identidade negra deve ser asseverada por meio de um processo de reafirmação diária e de uma organização coletiva para alterar as relações sociais brasileiras cunhadas desde o processo de escravização. Por isso, a criação de espaços destinados à reflexão do papel social do negro, como os coletivos de escritores em rede (*Blogueiras Negras* e *Geledés*), e mobilizações que visam resgatar e valorizar a cultura afro, como o *Coletivo Manifesto Crespo*¹³⁵, são de extrema importância para superar o racismo que coloca empecilhos na mobilidade individual, social, política, econômica e educacional da população afro-brasileira.

No que concerne às identidades projetadas a partir da discussão sobre a estética negra, concluímos que estas manifestam-se a partir de uma ótica da resistência coletiva, assim como propõe Castells (1999), dado que os sujeitos comunicantes dos textos publicados, apesar de conseguirem certa visibilidade no ciberespaço, ainda se encontram em uma situação de mobilidade e reversão de estruturas sociais a fim de garantir uma nova identidade ou, como denomina Castells (1999), uma identidade projeto capaz de mudar a posição marginal que o povo negro ocupa na atualidade. Tendo isso em vista, observamos que maioria dos sujeitos falantes dos *blogs* utilizaram estratégias de reafirmação, partindo do indivíduo – uso da primeira pessoa do singular – em direção ao coletivo – deslocamento para a primeira pessoa do plural, para alcançar seu interlocutor. Dessa forma, as identidades sociais eram

¹³⁵ Coletivo formado por mulheres negras e citado na publicação “Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar identidade da mulher negra” do *blog Geledés* que atua por meio da reflexão e prática acerca das particularidades e potencialidades do corpo negro. Disponível em <<
<http://www.manifestocrespo.org/sobre/>>> Acesso em: 18 de julho de 2017.

sempre asseguradas, reafirmadas e enaltecidas nas entrelinhas do discurso, como uma forma de garantir a empatia do público alvo a partir de vivências ligadas pela historicidade negra.

Como possibilidades futuras de pesquisa, pensamos que seria interessante investigar as construções identitárias da população negra brasileira a partir de sua movimentação em âmbito internacional e de suas relações identitárias com o país de origem (Brasil) e o continente africano, visto que ao migrarem para outros países esses são interpelados por questões que inclui, novamente, a assimilação cultural do país de destino e a resignificação da própria identidade. Desse modo, vale indagarmos: Existe alguma aproximação em relação aos discursos projetados pelo movimento negro no Brasil e os negros migrantes? A questão da identidade negra também é importante para indivíduos negros residentes em outras conjunturas sociais? Existe alguma mobilização em torno das questões raciais negras no exterior que dialogue com os movimentos salientados em nossa dissertação? A relação do negro com sua estética muda quando esse está imerso em uma cultura dispare?

Voltando para o presente estudo, almejamos que a nossa pesquisa possa contribuir tanto para os estudos identitários no discurso como também para o debate em torno das questões raciais no Brasil. Desse modo, desejamos que esse tema permeie não apenas a esfera acadêmica, mas que possamos inseri-lo em todos os meios sociais ou seja na educação, mídia, ciberespaço, política ect. A marginalização da população negra, assim como tantas populações caracterizadas como “minorias”, vem se mostrando como uma grande ferida em nossa história, causando mortes, violências e contribuindo para a manutenção de distâncias sociais. Por isso, ao darmos um ponto final nesta pesquisa, sabemos, assim como os militantes do movimento negro, que estamos dando apenas um pequeno passo para uma grande caminhada que envolve, acima de tudo, a luta pela liberdade e reconhecimento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.p.11-93.

ALMEIDA, Deyse Pinto de. *Os diferentes papéis da moda no universo Hip Hop*. Juiz de Fora, 2015.124p. Dissertação (Arte, Moda: História e Cultura). Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora.

AUMONT, J. *A imagem*. Lisboa: Edições texto & grafia, 2002.

ANAWALT, Patricia Rieff. *A história mundial da roupa: com mais de mil ilustrações, novecentas coloridas*. São Paulo: SENAC: São Paulo, 2011. 608 p

ALVES, Amanda Palomo. Tony Tornado e a moda black: postura, gestual e indumentária. *Revista África e Africanidades*, Brasil, ano IV, n. 13, 2011. Disponível em: <<
<http://www.africaeafricanidades.com.br/>>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: DIFEL, 1974

BENTO, Maria Aparecida Silva & CARONE, Iray (orgs.). *Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003

BERND, Zilé. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BITTENCOURT, Renata. *Modos de Negra e Modos de Branca: O retrato “Baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX*. Campinas, 2005. 182p. Dissertação (Mestrado em História da Arte e da Cultura). Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Universidade estadual de Campinas.

BRINGEL, Breno M. & GOHN, Maria da Glória (orgs.). *Movimentos sociais na era global*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

CALDEIRA, Jorge (orgs.). *Brasil: História contada por quem viu*. São Paulo, SP: Mameluco, 2008.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade. A Era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. *A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004

CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística e Identidade cultural: uma relação paradoxal. LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (orgs.). *Discurso e (des) igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Linguagem e discurso. Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos*. Revista Signos, 43(suppl.1):77-90.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional", In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In MACHADO Ida Lúcia; MENDES, Emília (org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007a. Disponível em: < <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisaocomo.html> >. Acesso em: 26 de maio 2017.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p. 11-27.

_____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discours*. Vol. 4. Paris, Harmattan, 2007c, p 49-63

_____. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso, In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27., 2005

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. A imagem do negro no humor gráfico brasileiro do século XIX até meados do século XX. *Revista Via Atlântica – USP*, São Paulo. N.18, 2011. Disponível em: << [file:///C:/Users/sabri_000/Downloads/50740-63038-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sabri_000/Downloads/50740-63038-1-SM%20(1).pdf)>> Acesso em: 20 de abril de 2017.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a República*. 6. ed. São Paulo: Unesp, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.

- CRANE, D. *A Moda e seu Papel Social*. Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981]
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. 3. ed. São Paulo: 1940-1954. 4v.
- DECRAENE, Philippe. *O Pan-Africanismo*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1962.
- DIOP, C. A. (2014). *A Unidade Cultural da África Negra*. Chicago: Third World Press. (Original work published 1959)
- DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122.
- _____. Movimento da Negritude: Uma breve reconstrução histórica. In: *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan. -jun. 2005
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.
- FREYRE, Gilberto; DEL PRIORE, Mary; FONSECA, Edson Nery da. *Modos de homem & modas de mulher*. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- _____. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2.ed. aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas Sociais, 1979.
- _____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- GALINARI, Mellianro Mendes. Hipóteses para uma análise discursiva das imagens. In: MENDES, Emília (Coord.); MACHADO, Ida Lucia; LIMA, Helcira Maria Rodrigues; LYSARDO-DIAS, Dylia (Orgs.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p.355-369
- GERBASE, Carlos. *Cinema: Primeiro filme, descobrindo, fazendo, pensando*.RS: Artes e Ofícios, 2012.
- GIACOMINI, Sonia Maria. A alma da festa. *Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. 308 p.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____, *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3. Ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- HALL, Stuart Quem precisa da identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 1º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HEWITT, Hugo. *Para entender a reforma da informação que está mudando nosso mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.
- HOBBSAWM, E. J.; SÁBAT, Hermenegildo. *História social do jazz*. 6.ed. rev. e ilustr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. O ethos em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; & MELLO, Renato. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 3. p.117-135.
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- LEVENTON, Melissa.; ALMENDARY, Livia. *História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- MACHADO, I.L.; MELLO, R. (org.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.
- MACHADO, I.L. Uma teoria de análise do discurso: A Semiolinguística. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia.; MELLO, Renato de. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001.
- MATTOSO, Katia M. de Queiroz. A Opulência na província da Bahia. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MENDES, Emília (Coord.); MACHADO, Ida Lucia; LIMA, Helcira Maria Rodrigues; LYSARDO-DIAS, Dylia (Orgs.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013
- _____. Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero. In: MACHADO, Ida L.; LARA, Gláucia. P. M.; EMEDIATO, Wander. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008, v. 2.p. 199-220.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, (RJ): Vozes, 1999.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas*. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- _____. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1992

MOURA, Clovis; MOURA, Soraya Silva. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004.

NACKED, Rafaela Capelossa. Identidades em diáspora: O movimento black no Brasil. *Revista Desenredos*, Terezina, Piauí, n. 12, 2012. Disponível em: <<<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/12-artigo-Rafaela-BlackMusic.pdf>>>. Acesso em: 16 de julho de 2017.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: Significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. *Teatro Experimental do Negro: testemunhos*. Rio de Janeiro: Editora GRD, 1966

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 21 Jun. 2017.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas (Org.). *Blogs: revolucionando os Meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

RAMOS, Arthur. *As culturas negras no Novo Mundo: o negro brasileiro - III*. 2. ed. ampliada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. 373p. (Brasílica; v.249)

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. *Identidade e Resistência no urbano: O quarteirão do Soul em Belo Horizonte*. Tese (Organização do Espaço). Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 193f. 2008, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Antirracismo, negritude e universalismo em *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. In: *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano VIII, nºXV, USP, Agosto/2015.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945.

SANTOS, Sabriny S. A imagem de si como estratégia de sedução: O caso da marca Melissa. In: I CONGRESSO DO NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DA IMAGEM – NINFA/UFMG. *O borboletar do método*, 2016, Belo Horizonte. *Anais ...*2016.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

SCHUMAHER, Schuma.; BRAZIL, Érico Vital. SENAC. *Mulheres negras do Brasil*. Ed. condensada. Rio de Janeiro: REDEH, Senac, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Nelson Fernando Inocência da. *Consciência negra em cartaz*. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Referencialidade e Representação: Um resgate do modo de construção de sentido nas penças e balangandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto*. 2005. 232 f. Dissertação (Estudos Teóricos nas Artes Visuais do Nordeste) – Escola de Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. "Brasil: lugares de negros e brancos na mídia". In: DIJK, Teun A. van (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, M^a da Graça Maiole de. *A Pença de Balangandãs: origem, usos e significados*. Maringá: 2011.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

STEVENSON, N.J. *Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012

TORRES, A. H. *Alguns aspectos da indumentária crioula baiana*. 55f. Tese (Antropologia e Etnografia). Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, 1950.

VERGER, Pierre; NOBREGA, Maria Aparecida da. *Orixás, deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela. *Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012, p.31-64.

VIDAL, Júlia. *O africano que existe em nós: Fontes Digitais Afro-brasileiras*. São Paulo: Balaco, 2004.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS, Fernando A. (org.), *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 53-55.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p.73-102.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela. *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012, p.31-64.

SITES CONSULTADOS – FONTE DAS FIGURAS E FOTOGRAFIAS

FIGURA 1 – Escrava doméstica

Disponível em: << <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/06/historia-do-brasil-como-vc-nuncaviu.html>>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

FIGURA 2 – João Goston – Escrava doméstica e FIGURA 3 – Vincenzo Pastore – Vincenzo Pastore Fotografia homem negro

Disponível em: << <http://www.ims.com.br/ims/explore/acervo-a-z>>> Acesso em: 03 de março de 2017.

FIGURA 4 – João Stamato - NOVAI & SEVCENKO. *História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*, 1999, p. 51.

FIGURA 5 – Primeira e segunda páginas da revista *Étudiant Noir* (1935) Imagem coletada no *Banque Numérique des Patrimoines Martiniquais* Disponível em :<< <http://www.patrimoines-martinique.org/?id=121&lang=en>>> Acesso em: 07 de abril de 2017.

FIGURA 6 – Jornal Quilombo: Vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, 1949

Disponível em: << <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-04/>>>. Acesso em: 07 de abril de 2017.

FIGURA 7 – Óleo sobre tela – Rodrigo Buarque (2006) SCHUMAHER, Schuma.; BRAZIL, Érico Vital. SENAC. *Mulheres negras do Brasil*. Ed. condensada. Rio de Janeiro: REDEH, Senac, 2006.

FIGURA 8 – Detalhe – (iii) Tipo com traje real (Congo). Idem.

FIGURA 9 – Ana Balena, segunda esposa de Henrique VII (Séc. XVI). Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Bolena>>. Acesso em: 8 de abril de 2017.

FIGURA 10 – Augusto de Azevedo Militão (1970). Disponível em: << <http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/militao-augusto-de-azevedo>>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

FIGURA 11 – Marc Ferrez – Negra da Bahia (1885). Disponível em: << <http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/marc-ferrez>>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

FIGURA 12 – Tippu Top, poderoso comerciante de escravos em traje alternativo típico do sul da península arábica. Disponível em: << <http://geography.name/tippu-tip/>>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

FIGURA 13 – Fotografia colorizada do final do séc. XIX retratando canteiros palestinos. ANAWALT, Patricia Rieff. *A história mundial da roupa: com mais de mil ilustrações, novecentas coloridas*. São Paulo: SENAC: São Paulo, 2011. 608 p

FIGURA 14 – Élisabeth Louise Vigée – Le Brun – Self Portrait (1790) . Disponível em: << <https://www.khanacademy.org/humanities/ap-art-history/late-europe-and-americas/enlightenment-revolution/a/vige-le-brun-self-portrait>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 15 – Composição calças odaliscas, túnica e turbante, Paul Poiret (1911). Disponível em: << <https://agnautacouture.com/>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 16 – Túnica – Abajur, Paul Poiret (1912). STEVENSON, N.J. *Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012

FIGURA 17 – Exemplos de turbantes usados na década de 1940. Disponível em: << <http://fashioninhistory.tumblr.com/page/8> >>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 18 – Coco Chanel e Serge Lifar. Disponível em: << <http://sheepandstitch.com/history-of-the-headband>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 19 – Greta Garbo – 1930. << <https://chicvic.com/2013/04/05/the-flower-power-suit-part-3-totally-tubular-turban/1930s-greta-garbo/>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 20 – Simone de Beauvoir -1950. << <http://beauvoiriana.tumblr.com/page/14>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 21 – Mulheres Ioruba com traje em tecido *Adire*. Disponível em: << <http://shopfancymuffin.tumblr.com/post/120771295594/alaayemore-adire-yoruba-tie-and-dye-textile>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 22 – Lamido Sanusi em traje típico da aristocracia, 2014. Disponível em: << <http://blogs.reuters.com/photographers-blog/2014/08/15/from-central-banker-to-islamic-king/>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 23 – Traje masculino típico dos Tuaregue I. Disponível em: << <http://desert-dreamer.tumblr.com/post/8215536059/tuareg>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 24 – Traje masculino típico dos Tuaregue II. Disponível em: << <http://desert-dreamer.tumblr.com/post/8215536059/tuareg>>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FIGURA 25 – Diferentes registros do uso de turbantes no Brasil 1-22 (1600-1950). 7 Fonte: Torres, H.A. Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana. In: Cardernos Pagu. Nº 23.

Campinas.2004Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200015> Acesso em: 02 de maio de 2107

FIGURA 26 – Terno Zoot replica feita por Chris Ruocco Tailors, 1994. Disponível em: << <http://www.vam.ac.uk/content/articles/p/powerdressing-zoot-suits/>>>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

FIGURA 27 – Aretha Franklin e James Brown. Disponível em: << <http://jakes-take.com/2012/03/the-20-best-aretha-franklin-collaborations-part-three/>>>. Acesso em : 17 de julho de 2017.

FIGURA 28 - Tony Tornado e Trio Ternura no V Festival Internacional da Canção, da TV Globo, 1970. Disponível em: << <http://projetopulso.com.br/tem-que-ler-a-era-dos-festivais-uma-parabola/>>>. Acesso em: 17 de julho 2017.

FIGURA 29 – Negra tatuada vendendo caju, aquarela sobre papel, 1827, Jean Baptiste Debret. DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. 3. ed. São Paulo: 1940-1954. 4v.

FIGURA 30 – Charge satirizando a ascensão social da população negra. Festa da Glória. Ângelo Agostini, Revista Ilustrada, ano IV, nº173. Rio de Janeiro, 1879. Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: << http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia_ld.htm>>. Acesso em: 15 de abril de 2017.

FIGURA 31 – Lamparina de J. Carlos 1928. CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FIGURA 32 – Campanha publicitária Melissa verão, 1980. SANTOS, Sabriny S. A imagem de si como estratégia de sedução: O caso da marca Melissa. In: I CONGRESSO DO NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DA IMAGEM – NINFA/UFMG. *O borboletar do método*, 2016, Belo Horizonte. *Anais ...2016*

FIGURA 33 – Campanha Melissa Verão com a marcação do direcionamento de olhar em vermelho. Idem.

FIGURA 34 – John Carlos e Tommy Smith (1968) Jogos Olímpicos do México. Disponível em: << <https://historiandonanet07.wordpress.com/2016/03/03/black-power-nos-estados-unidos-o-movimento-por-direitos-civis/>>>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

FIGURA 35 – Símbolo do Movimento Negro. Disponível em: <<
<https://www.geledes.org.br/artigo-hamilton-cardoso/>>>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

FIGURA 57 – Turbantes na moda - Vogue Rússia (maio, 2011). Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/explore/vogue-r%C3%BAssia/?lp=true>.> Acesso em: 06 de julho de 2017.

FIGURA 58 – Turbante na moda - Marie Clarie (março, 2013). Disponível em:
<<https://fashionstylist20.wordpress.com/2013/02/12/denisa-dvorakova-by-nicole-bentley-for-marie-claire-australia-march-2013/>>. Acesso em 6 de julho de 2017.

FIGURA 59 – Turbante na moda – Vogue Brasil (fevereiro, 2013). Disponível em:
<<http://vogue.globo.com/lifestyle/festa/Baile-Vogue/noticia/2016/01/pop-africa-o-que-esperar-do-baile-de-gala-e-fantasia-da-vogue-2016.html>>. Acesso em: 6 de julho de 2017.



ANEXOS

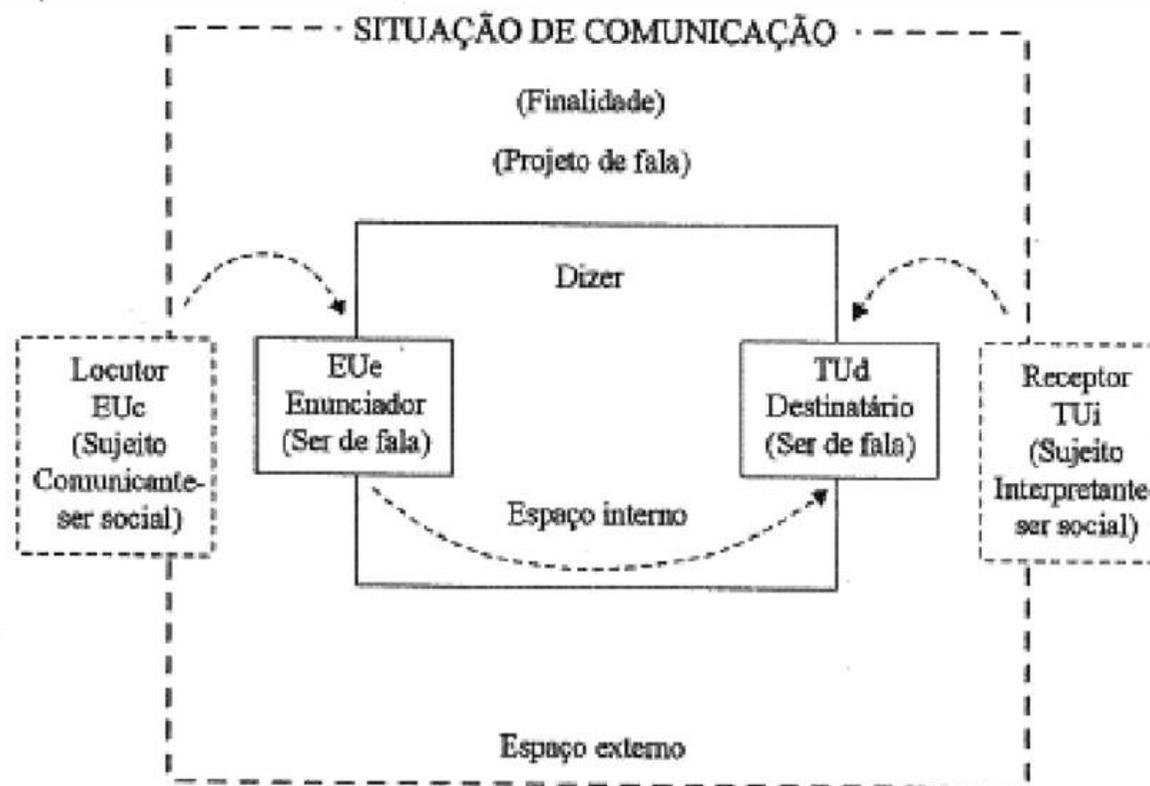
ANEXO I – GRADE DE ANÁLISE DE IMAGENS

ANEXO - GRADE DE ANÁLISE DE IMAGENS - [elaborada por Emilia Mendes] [versão 2013]

Tab. I	MACRODIMENSÃO SITUACIONAL DA IMAGEM E DO TEXTO			MACRODIMENSÃO RETÓRICO-DISCURSIVA DOS ELEMENTOS ICÔNICOS								DADOS DE APOIO PARA-IMAGÉTICOS
				ELEMENTOS TÉCNICOS DA IMAGEM FIXA				DIMENSÃO DISCURSIVA E DE EFEITOS				
	SUJEITOS DO DISCURSO [EUC, EUE, TUD, TUI]	GÊNERO & ESTATUTO FACTUAL/FICCIONAL	EFEITOS [DE REAL, DE FICÇÃO E DE GÊNERO]	ELEMENTOS PLÁSTICOS	PLANOS E ÂNGULOS	PONTOS DE VISTA	FUNÇÕES DA MOLDURA	MODO DE ORGANIZAÇÃO DESC. NAR. & ARG.;	IMAGINÁRIOS SOCIO-DISCURSIVOS	ELEMENTOS ETÓTICOS (ETHOS)	EFEITOS PATÊMICOS VISADOS (PATHOS)	
GÊNERO												
Tab. II	MACRODIMENSÃO SITUACIONAL DA IMAGEM E DO TEXTO			MACRODIMENSÃO RETÓRICO-DISCURSIVA DOS ELEMENTOS VERBAIS								DADOS DE APOIO PARATEXTUAIS
				CATEGORIAS DE LINGUA (e organização enunciativa)				DIMENSÃO DISCURSIVA E DE EFEITOS				
	SUJEITOS DO DISCURSO [EUC, EUE, TUD, TUI]	GÊNERO & ESTATUTO FACTUAL/FICCIONAL	EFEITOS [DE REAL, DE FICÇÃO E DE GÊNERO]	ALOCUÇÃO DELOCUÇÃO E ELOCUÇÃO	MODALIZADORES E MARCADORES	OUTRAS CATEGORIAS QUE FOREM PERTINENTES PARA A ANÁLISE.	MODO DE ORGANIZAÇÃO DESC. NAR. & ARG.;	IMAGINÁRIOS SOCIO-DISCURSIVOS	ELEMENTOS ETÓTICOS (ETHOS)	EFEITOS PATÊMICOS VISADOS (PATHOS)		
GÊNERO												

Fonte: MENDES, 2013, p.152

ANEXO II – QUADRO SUJEITOS DA LINGUAGEM



Fonte: CHARAUDEAU, 2014 [1983], p.52

ANEXO III – ANÁLISES DAS PUBLICAÇÕES

LEGENDA

● Identidade Discursiva

● Identidade Social

1. BLOGS DE MODA E BELEZA

CA (Cacheia!) - Maressa de Sousa (16/08/2015)

Cabelo crespo está na moda?

Hoje proponho uma conversa inadiável. O movimento de volta ao cabelo natural está nas ruas. E quando falo aqui de movimento, não considero que a rigor exista de fato um grande grupo organizado em torno de fins comuns. Tratam-se de gestos individuais, de ações pontuais de pessoas que decidiram passar pelo processo de transição capilar, algumas vezes até sem saber que ela tem esse nome. E tratam-se também de vários grupos que de maneira independente ou interligada, se formam em torno da transição de capilar e questão afins, promovendo encontros, eventos, ações, etc; Brasil afora.

A partir do momento em que constatamos que o cabelo natural, especialmente o cabelo crespo, é marcado por uma série de símbolos, fica clara a **potência da volta ao natural**. Nossos corpos são pensados a partir da cultura, e é a partir da cultura que o que é “bonito” ou “feio” é concebido. A história brasileira marcada pela escravidão negra deixou uma herança perversa de racismo. Assim, a cor da pele, o formato do nariz, a espessura dos lábios e a textura do cabelo da população negra foram colocados ao longo do tempo, na esfera das características ruins, negativas, não belas. Nos corpos circulam padrões de beleza. **Nos corpos residem os focos de opressão e resistência. Sob essa perspectiva, a relação entre cabelo crespo e a questão identitária aparece.**

Agora assistimos o puxar de cordas. De um lado, aqueles que defendem que a volta ao cabelo natural que tem crescido nos últimos anos não é “moda”. De outro, jornais, revistas, programas televisivos, dentre outras mídias que abordam o assunto sob essa perspectiva.

A batalha pelos possíveis significados da volta ao cabelo natural evidencia o poder explícito das palavras, um poder que não deve ser ignorado. A linguagem é fonte de poder. Assim, **designar esse movimento apenas como “moda” pode representar a redução de ato político de luta e resistência a uma tendência que pode ser consumida.**

Cabelo crespo está na moda?

A moda carece de reconhecimento e adesão. Muita gente tem buscado um modo pra usar os cabelos cacheados confiantes que eles “**estão na moda**”, “**em alta**”, que são “**tendência**”. Isso é inegável. O crescimento do número de produtos e serviços com essa finalidade está aí. Por outro lado, causa estranhamento para muitas mulheres que passaram pela transição capilar ou que sempre usaram seus cabelos naturais ouvir que os cabelos “**estão na moda**”. Essa noção de que os cabelos naturais só estão sendo usados assim porque “estão na moda”, oculta o fato de que o cabelo natural é tal como é. As pessoas parecem ter esquecido que existem cabelos naturalmente bonitos sem ajuda de produtos químicos e que **ter os fios naturais não significa, necessariamente, “ter personalidade”, “ter estilo**”. Usar o cabelo natural às vezes é simplesmente escolher usar o cabelo natural. Ponto.

Lançar os cabelos cacheados no plano daquilo que é “diferente”, “exótico”, abre espaço para uma tolerância passageira, que pode até durar apenas uma estação. Aliás, esse espaço é bem pequeno. Aparentemente, nele só cabem os ondulados (perfeitamente desarrumados?!) e cacheados definidos. **Os cabelos crespos continuam na outra ponta, pouco representados**. Diante disso, fica difícil comemorar. A moda não contempla a todos. Deixa negras, gordas e crespas de lado.

A moda é demasiadamente mutável e nos lança num estado constante de desatualização e de inadequação. Por isso mesmo, a tentativa de enquadrar a experiência de volta ao natural enquanto “moda” e só como “moda” causa desconforto. **A moda é passageira, tem data para começar e terminar, coloca seus seguidores sob a pena de mudarem ou serem deixados para trás**.

O movimento de volta ao natural pode falar de outras coisas e levar nos levar a outros rumos: um processo crescente de valorização da estética negra, de empoderamento de mulheres, de criação de novos espaços de discussão. Assim, o cabelo natural representa para muita gente um caminho que começa a ser trilhado, que ainda vai enfrentar muitas curvas mas que avança sem volta.

Fonte: “Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”. Nilma Lino Gomes, Autêntica, 2008

“O que é ser Contemporâneo”. Giorgio Agamben, Argos, 2009.

Identidade Social

¹Assim como outras publicações em *Blogs* não encontramos no decorrer do texto, de forma explícita, recursos que nos possibilitariam esboçar uma identidade social do sujeito comunicante, embasada na legitimidade. Desse modo, recorreremos à descrição, perfil da autora, que apesar de não estar no corpo do artigo faz parte da publicação. A breve descrição sobre a autora, Maressa de Souza, diz:



MARESSA DE SOUSA

Maressa, 21 anos, baiana. Graduanda em Ciências Sociais. Ama filmes e livros de ficção e aventura. Para ela, a transição capilar marcou o início de muitas outras transformações.

Figura 1 Identidade social - Maressa de Sousa

Observamos, que a composição entre imagem e o discurso nos oferece elementos significativos para a construção identitária social de Maressa. A delimitação de sua posição social, cientista social em formação, lhe dá a legitimidade necessária, em nome de um saber reconhecido institucionalmente, à fala como especialista em questões referentes à sociedade. Além disso, a confissão de sua experiência no processo de transição capilar dá pertinência ao relato publicado, pois esta está amparada pela posição de testemunha do vivido. Em relação à imagem, percebemos que existe uma composição entre o falado e o icônicamente exposto, Maressa, aparece na foto com símbolos importantes da comunidade negra, o cabelo *black power* e o pente garfo, reafirmando sua simpatia com os propósitos do movimento negro.

Identidade Discursiva

A construção identitária discursiva no artigo “Cabelo crespo está na moda”, elaborada por Maressa Sousa, toma corpo a partir de estratégias ou atitudes discursivas de engajamento. O sujeito enunciativo, em um primeiro momento, chama a atenção de seu interlocutor para a importância de se discutir o assunto aproximando-o da temática a partir da exposição de conceitos que possam apresentar dúvidas no decorrer da reflexão proposta. Desse modo, a construção da identidade discursiva se estrutura no embate entre duas perspectivas sobre a estética negra, o cabelo crespo é moda ou não?

¹ Disponível em: <<http://cacheia.com/2015/08/cabelo-crespo-esta-na-moda/>> (Acesso em: 25/01/2017)

A começar pela retomada de fatos históricos, a escravidão da população negra no Brasil, e passando pela desvalorização da estética de tal povo, a autora estabelece uma linha de raciocínio que, adverso a uma atitude neutra, deixa em evidência seu posicionamento sobre a questão levantada. Observemos, a título de exemplo, dois fragmentos do texto publicado em que podemos identificar tais tomadas de posição de forma mais explícita².

[Fragmento 1 – Anexo]

*A linguagem é fonte de poder. Assim, **designar esse movimento apenas como “moda” pode representar a redução de ato político de luta e resistência a uma tendência que pode ser consumida.***

[Fragmento 2 – Anexo]

Lançar os cabelos cacheados no plano daquilo que é “diferente”, “exótico”, abre espaço para uma tolerância passageira, que pode até durar apenas uma estação. Aliás, esse espaço é bem pequeno. Aparentemente, nele só cabem os ondulados (perfeitamente desarrumados?!) e cacheados definidos.

Nos excertos destacados, percebemos a postura da autora, contrária à inclusão da estética negra na moda, e seu comprometimento com o movimento negro. Essa posição dá sustentação à credibilidade do texto, visto que caracteriza o sujeito falante como um ser de influência, de convicção dentro do movimento negro. Já no que se refere às estratégias de captação, podemos apontar a atitude de aproximação do sujeito falante em relação ao seu interlocutor. Em vários momentos observamos o uso da primeira pessoa do plural (nós), o que sinaliza um movimento de partilha do vivido, um traço de identificação em direção ao interlocutor do texto.

EB (Estilo Black) - Wesley Lima (28/03/2015) Estilo e afirmação em uma única peça

² Disponível em: <<http://cacheia.com/2015/08/cabelo-crespo-esta-na-moda/>> (Acesso em: 25/01/2017)
Os fragmentos exemplificados não possuem alterações de formatação, portanto, esclarecemos que todos os destaques encontrados nos fragmentos estão em acordo com a publicação original.

O "Murban", turbante, é um acessório que consegue reunir estilo, elegância e afirmação. Transitando no guarda roupa feminino e masculino, a peça nunca sai de moda por representar uma história e a cultura do povo africano e de outros países, como a Índia.

| esta peça possui o poder de atrair os olhares |

Titulado como cora e símbolo de poder, o turbante se moderniza a partir das diversas composições possíveis, porém, as amarrações que dão forma e contraste ao look são os mesmos de gerações passadas. Ou seja, existe uma história por detrás disso tudo. Quando pensamos nas amarrações, cores, estampas e tamanhos percebemos que isso é relativo, ficando por conta da criatividade. O importante é ressaltar sua identidade. O mais bacana é que você consegue utilizar este acessório com roupas esportivas ou até mesmo sociais. O limite é o seu bom senso. | o turbante representa a resistência e a força de uma cultura que permanece viva |

Precisamos nos vestir a caráter! Quero dizer, que a estética que adotamos leva consigo um discurso, uma mensagem, e representa algo. Quando um negro começa a refletir aspectos ligados a sua ancestralidade o processo de afirmação de uma identidade se torna mais forte e perceptível. Claro que não vai ser um acessório que determinará isso, porém, existe um projeto em disputa e afirmar um determinado aspecto sociocultural representa o fortalecimento de um povo e de uma história. Pensando nisto tudo, é possível mesclar estilo, personalidade e informação de moda com um debate político e uma identidade ancestral.

Análise da publicação

Identidade social

No decorrer do texto podemos reconhecer poucas marcas linguísticas que nos dariam embasamento para a construção de uma identidade social do sujeito comunicante, porém, a partir de uma apresentação encontrada no próprio blog “Estilo Black” nos deparamos com informações importantes que poderiam nos ajudar a edificar a identidade social do autor da publicação. A delimitação do lugar de origem (Bahia), da profissão (jornalista), seu papel social (militante) e, particularmente, a seu reconhecimento identitário (negro) confere ao autor um poder de fala legítimo, já que ele cumpre com pontos importantes para obter reconhecimento social, a saber, a posição de testemunho por ser militante da causa negra e por ser reconhecido como tal, o de experto por ter uma titulação conferida institucionalmente.

Identidade discursiva

Podemos observar que o sujeito comunicante da publicação inicia seu discurso utilizando estratégias que lhe conferem a credibilidade de um experto em Moda, como um *personal stylist*. O autor do texto, ao instituir o turbante como um acessório que está sempre na moda e ao relacioná-lo a culturas diferentes mostra ter conhecimento no assunto, mesmo que não inclua em seu discurso nenhum elemento que lhe daria embasamento sobre as afirmações históricas esboçadas. Percebemos ainda o entrelaçamento entre duas estratégias discursivas o de distanciamento (quando o autor utiliza o verbo ser na 3º pessoa do modo indicativo) e o da inclusão (quando o autor utiliza a 1º pessoa do plural no modo indicativo), essas estratégias mostram que em alguns momentos o sujeito comunicante senti necessidade de se aproximar do seu interlocutor, a priori pessoas simpatizantes do estilo/estética da comunidade negra.

EBM (Esse é só mais um blog de Moda) - Wanessa Yano (10.09.2015): Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?

Deixa, deixa, deixa, eu dizer o que penso dest a vida preciso demais desabafar...”

A introdução deste texto me faz a voltar a alguns pontos tão certos quanto ao maracatu de Chico Science. Dado a este momento quatro anos de Ayê o ponto X da questão que por muitos lugares onde andei me tornei uma persona non grata, por ter certas ideologias, e por algumas vezes não pensar em osmose.

Introduzo texto meu com a frase de Solano Trindade, repetida diversas vezes e talvez mais conhecida por Raquel Trindade. “Pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte ” E talvez não tenhamos feito isso, e talvez se tivéssemos hoje não teria uma moça Africana dizendo não se apropriem das roupas, e das pinturas tribais. A verdade é que há muita gente utilizando pinturas faciais, expondo a sua criatividade, ou copiando sem saber o que é, e sem saber a tamanha importância disto para algumas pessoas.

O texto Can Black people culturally appropriate one other? – Pessoas Negras podem se apropriar de outras? da Africana Zipporah Gene, tocou muita gente na ferida, revirou a cabeça de muita gente por aqui. (se você não leu, pode ler traduzido na fanpage traduzindo empoderamento , só clicar aqui)

Meu pensamento sobre o assunto é: Acontece que muita, muita gente ainda não entende exatamente o que é a Apropriação Cultural, e como ela acontece, isto faz com que muitas vezes ataquemos quem não tem nada haver com isto. Ex: Logo após a publicação do

texto, pessoas que estão inseridas ao Pan Africanismo foram ferozmente atacadas sendo acusadas de Apropriação cultural.

Ponto um, essas pessoas que atacaram não entendem o que é apropriação cultural, ponto dois eles mal sabem o que é o Pan Africanismo. E acaba rolando de Minoria atacar minoria, oi?! E ponto e o foco principal continua lá inalterado. O ponto X da questão da Zipporah Gene referente as roupas, e os tecidos não é a Apropriação cultural, mas sim contexto de propriedade intelectual. Quando em seu artigo ela menciona: " Yes, I know that African-inspired prints are poppin' right now and many African designers have chosen to showcase certain styles to the global fashion scene, but it appears to me and my African friends that it's been taken a step further. I understand that, for the most part, many of my own Black American friends are well meaning when they talk about African fashion, but the end result is still the same

"Sim, eu sei que estampas inspiradas em padrões africanos estão "bombando" no momento e muitos designers africanos optam por mostrar alguns estilos à cena global de moda, mas parece para mim e para alguns amigos africanos que isso está indo além. Entendo que, em sua maioria, muitos de meus amigos negros americanos tem boas intenções quando falam sobre moda africana, mas os resultados terminam sendo os mesmos"

E o mesmo tem acontecido por aqui, entendam a moda Afro-brasileira está em construção, passamos por períodos mutiladores em nossa história, de fato não conseguimos enxergar o óbvio, **passamos por quase 300 anos de escravidão**, e até os dias de hoje a população negra tem tido o seu desenvolvimento escasso, totalmente carente de infraestrutura básica. O mais novo tem tomado a frente e feito a mudança. **Quando eu escrevi sobre 7 mulheres que faziam moda na primeira pessoa** é para dizer isto. E se você parar para analisar nenhuma delas tem mais de 70 anos; conseguem me entender?

Ela diz " , mas os resultados terminam sendo os mesmos" E para que eu pudesse chegar a tal ponto **eu mesma comecei a questionar o meu trabalho, dentro da Ayê** e observar se não estava fazendo o mesmo quanto **empreendedora**. E isto interferiu muito no meu trabalho, foi exatamente onde eu busquei um viés alternativo para mantê-lo, esse foi o ponto chave para que eu fosse atrás da **minha identidade quanto criadora, e quanto mulher negra**.

Acontece, que **não podemos** inibir isto! E **acontece comigo, com você e com várias outras pessoas**. A necessidade de termos algo que nos deixe próximos a **nossas crenças religiosas, sociais ou políticas**, É a ausência desta representatividade por meio destas insígnias,

que faz com que olhemos coisas que nos inspiram e remetem a esta herança cultural pelo qual amaríamos ter e reproduzimos, compramos um lindo tecido africano vamos a uma costureira, mostramos a foto e Plaaaaau! E estamos prontos para desfilar. Sem nos aprofundarmos na atmosfera criativa e recriarmos algo novo, algo diferente.

Entenda o texto não diz: " Não usem" o texto diz: " Não façam igual"

A Questão da Apropriação Cultural.

Primeiro que muito se debate sobre apropriação e muitas vezes a discussão não tem fim, vira um rio de ofensas. Há quem concorde, mas há também quem discorde. O ponto não é dizer sobre ser ou não a favor e sim explicar de uma forma com que dê para se compreender, aí se é a favor ou contra é algo muito particular.

Podemos dizer que Cultura é uma teia de aspectos e características criadas pelo homem, sendo elas ideias, costumes, leis, crenças dentre outras que constituem o convívio social. A Cultura é algo abstrato totalmente mutável ela caminha conforme o surgimento de novos hábitos e com a mudança de antigos hábitos. E saiba que é totalmente errado você dizer " fulano não tem cultura. " Não existe homem sem cultura acontece que o fulano tem a cultura diferente e divergente a sua. Para que possamos compreender a apropriação cultural é necessário saber sobre o sistema econômico em que vivemos. A partir desta muita coisa fará sentido. O Capitalismo tem por meio de produção e distribuição através da propriedade privada com fins lucrativos. E a classe social está relacionada ao poder aquisitivo \$. \$, sendo assim será consolidado como classe dominante aquele X grupo que detém o poder aquisitivo maior. Logo tudo dentro dentro do Capitalismo pode ser comercializado inclusive a cultura.

Entenda a apropriação cultural só ocorre dentro do capitalismo, porque dentro da formação deste sistema sócio econômico há uma divisão de classes. A apropriação cultural ocorre de fato quando há o comércio de algo que é sagrado para um determinado grupo cujo não faz parte, não tem interligação, aculturação e até mesmo intercâmbio cultural com quem o oferta. No texto a autora enfatiza " não será muito até que a Zara comece a vender pinturas tribais faciais. Ela já vende estampas dashiki*" Ela utiliza a Zara como exemplo, pois não é uma marca que é destinada aos Africanos, não é acessível a todos os Africanos, e não tem ligação nenhuma com a Cultura Africana. A Marca quebrou o sagrado, e comercializou um vestuário que possuía valia cultural, desconectou suas raízes e embutiu valor financeiro. Se isto pode? Dentro da consolidação do sistema capitalista tudo é gerado a partir da produção e distribuição da propriedade privada, ou seja, pode! E a afeta apenas os grupos explorados.

Aqui no Brasil um dos maiores casos é o que ocorreu com a Farm. Mas isto de fato ocorre corriqueiramente na indústria da moda, que não há novidade alguma, nisso!

No ano de 2015 o SPFW em parceria com o Museu Afro – Brasil trouxe estilistas Africanos para falar sobre a contemporaneidade da arte africana para o Brasil, O Africa Africans que tinha como proposta promover a moda Africana e a arte Africana. A promoção da Exposição no Museu após o desfile era de tirar toda a concepção caricata do olhar sobre a Moda e a arte Africana. Talvez você se pergunte, mas porque não havia artistas e estilistas brasileiros? Porque a nossa moda Afro-Brasileira está com a sua identidade em construção muito do que temos sólido até aqui é uma releitura ou cópia da moda Africana, O uso demasiado de tecidos africanos para se denominar afro. É nitidamente visto em nossa moda. E por isto digo, falar de moda, e sobre moda é dizer sobre todos os assuntos de cunho social, econômico, político que esta atrelado a concepção da moda tudo ao seu redor é moda.

Baseando-se na construção do Brasil a sua minoria é constituída por Negros, Indígenas, Nordestinos, homossexuais, idosos, imigrantes dentre outros tantos como é que pode-se dizer que estou me apropriando de uma outra cultura cuja a minha ancestralidade faz parte. O termo apropriação vem de tomar para si, dominar, se apropriar de algo e neste artigo há uma sutil provocação em dizer: “Olha você aponta os apropriadores, mas você faz o mesmo!” E isto Também no AfroPunk.

E então Zipporah Gene aponta: . “Você pega uma vestimenta tradicional, uma pintura ou traço, com toda conotação religiosa e histórica, dilui isso e usa ocasionalmente, quando quer parecer descolado. Pergunte a si mesmo, de que forma isso é melhor? Não estou tentando começar uma guerra, mas gostaria que todos percebem a hipocrisia que é uma pessoa usar um piercing de septo Fulani, usar um djellaba, usar pinturas típicas dos Yorubás, tudo isso enquanto clama que é uma forma de respeito. É uma miscelânea, uma justaposição, uma bagunça de costumes religiosos, étnicos e culturais que grita ignorância e falta de sensibilidade cultural. Sim, exatamente, mesmo quando utilizados por pessoas negras.”

Na minha cabeça as menções da Zipporah estão muito claras, como é que você pede respeito desrespeitando o sagrado de outras culturas usando estes artefatos sagrados? De forma que não os utiliza em seu cotidiano, apenas para se fazer incluído em um determinado grupo, ou local, mesmo que você seja negro, isto também ofende. Quando ela se refere as pinturas típicas dos Yorubás, ela também está dizendo sobre nós Brasileiros, Que no período escravista tivemos o maior número de homens africanos escravizados e a sua maioria de

origem Yorubá. Quando ela se remete a caracterização para ser descolado ela impulsiona o olhar sobre o caricato, não são pinturas que usamos no cotidiano, mas que diz sobre uma cultura que foi conservada durante séculos, sobre tradições africanas que se mantêm vivas por meio da cultura de resistência que são as religiões de matrizes africanas aqui no Brasil. Estas pinturas que vocês usam no rosto é uma caricatura do que? Significa o que? Será que não ofende ninguém aqui? O que eu vou usar como base é um artigo que eu uso sempre do Professor Kabengele Munanga o "Arte Brasileira: O Que é, Afinal?" Neste artigo o Professor Kabengele Munanga diz:

“para que os elementos culturais ou artísticos possam ser retidos na memória de um indivíduo cortado de suas raízes é preciso que eles pertençam ao seu núcleo de existência, pois este é o último que sobrevive a ruptura. É ele que alimenta a cristalização dos elementos na memória individual e se torna mais eficaz combinado com a preservação e especialmente na continuidade de elementos culturais na nova sociedade.

Podemos concluir que a continuidade e a recriação dos elementos da arte africana no Brasil não foram integrais, porque a totalidade de suas estruturas social, política econômica e religiosa não foi transportada para o novo mundo.” (Mostra do redescobrimento Arte Afro-Brasileira, pag 100) O que temos feito é buscar o resgate a partir da nossa ancestralidade, não analisando que os nossos ancestrais tiveram suas culturas de raiz mutiladas, e que então muito dos seus elementos culturais não foram transportados, como os tecidos africanos, os piercings de Septo que estão embutidos na cultura Fulani, dentre outros artefatos. Na nossa formação cultural muito pouco destes elementos estão embutidos o grande exemplo são os tecidos, as capulanas que não temos nenhum fundamento histórico na produção da estamparia Africana aqui no Brasil.

O ponto que é válido lembrar é que os homens africanos que aqui foram escravizados vieram com uma herança imaterial e que foram ficando estas heranças através de seus hábitos, e assim constituindo a cultura Afro-brasileira. Já nos dias atuais também não há presença de fabricações deste tipo, contudo estamos intercambiando estes materiais através dos imigrantes que aqui se fazem presente. E existe um porém se você cria algo com base neste tipo de material, logo não atenderá uma demanda por que eles são limitados. Muitos destes tecidos contam histórias de períodos históricos neles podemos encontrar cenas de caça e de guerra, religião e política, valores étnicos e morais. Cada cor matriz possui um significado, e eles são essenciais para a identificação dos povos africanos, por isto hoje há alguns tecidos como o Kente que são ícones do patrimônio cultural africano no mundo. E

os mais desejados com Adinkras são fabricados e utilizados apenas em ocasiões especiais. E o ato da Zipporah Gene de afirmar a apropriação vem do fato de desconectar as raízes destes artefatos e embutir outros valores, sejam financeiros, ou morais.

A nossa base história tem outros elementos, como as Joias Crioulada Palha da costa, os búzios e outros elementos que resistiram ao tempo junto com as nossas manifestações culturais de resistência. Para que possamos identifica-los é necessário desmembrar tudo o que foi consolidado aqui a partir da Cultura Africana. Como os turbantes que aqui tem sua singularidade seu significado devidamente mantido pelas culturas de resistência, e agregado pelas nossas lutas sociais, onde deixa de ser um acessório e passa a contar a história da construção do empoderamento da mulher negra. Se tornando um dos nossos patrimônios históricos.

Em moda quando falamos sobre vestuário o colocamos como um transferidor, nele possui insígnias com características pessoais, sociais e históricas. E a nossa construção em moda contará com este período, pois estes elementos estão intimamente ligados a nossa formação da moda Afro-brasileira, remete-se ao período pelo qual debatemos a edificação da nossa identidade, Porque nós quanto diáspora buscamos através destes elementos um modo de resgatar e reafirmar a nossa negritude.

O Texto Can Black people culturally appropriate one other? – Pessoas Negras podem se apropriar de outras?É sobre isto, a África que você abraça se aconchega e sobre os filhos dela desmembrados ao mundo que anulam. Sobre suas propriedades intelectuais que assimilamos e copiamos. Então eu te pergunto, neste resgate você não anula aquele de quem você compra o Tecido? Pois há diversos imigrantes africanos invisibilizados. E quais são as políticas de inclusão que estamos desenvolvendo para a interação participação e a manutenção destes imigrantes quanto parte colaborativa na nossa formação histórica? Você já pensou nisso?

Tendo em vista a situação econômica nacional, por algum momento em sua cabeça passou que estes produtos, podem se tornar artigo de luxo, com a cotação do dólar alta? E que podemos minimizar os gastos, ou até mesmo parar de consumir.Parando para se analisar de que hoje muitos destes imigrantes que vivem do comercio destes produtos o quão é importante políticas inclusivas para a manutenção dos mesmos aqui? São pontos que precisamos começar a parar para pensar e não apenas como vitimas invisibilizadas mas como pessoas. **O nosso vestuário** através preservação deles que se faz político, é deles que vêm o

tecido pro turbante colorido, as saias, os vestidos, as pulseiras, a introdução para um moda afro brasileira contemporânea.

Foi através da perspectiva do Sankofa que nos fez a movimentar para traçar de forma sólida a nossa perspectiva em moda que se faz presente neste período de construção.

A partir do momento em que compreendermos como parte integrante deste processo, aí sim consigo enxergar o desmembramento das sustentações culturais Brasileira que foram consolidadas a partir da Cultura Africana. Sem a influência da moda Afro – Americana. E você qual é o seu pensamento sobre? Conte para nós! Se achar melhor compartilhe com os amigos, a introdução ao debate está feita! O princípio para o debate como este é ter empatia, para com o assunto, e para com as pessoas que possam a vir concordar e principalmente discordar. E deixar claro que. E que por menor que seja o tema ele é importante para cada um criar o seu pensamento sobre o assunto, ele faz parte de uma desconstrução. 😊



Análise da publicação

Identidade social

A identidade social do sujeito comunicante no texto, *Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?* apresenta-se diluída. Podemos perceber que existem algumas marcas linguísticas discursivas que esboçam essa identidade, mas que não há uma preocupação em realizar uma apresentação formal do sujeito comunicante para legitimar sua fala, como um espaço destinado à uma apresentação de perfil no corpo do texto. Porém, ao adentrarmos na leitura do artigo, encontramos algumas marcas que nos levam ao encontro de uma identidade apoiada, principalmente, no reconhecimento por sua performance, em muitos momentos conseguimos reconhecer o papel significativo da autora do texto no universo da moda, e por seu engajamento em questões relacionados ao universo negro por essa se colocar em uma posição de testemunha dos fatos, como podemos observar no trecho destacado da publicação: ³

[Fragmento 3 – Anexo]

E para que pudesse chegar a tal ponto eu mesma comecei a questionar o meu trabalho, dentro da Ayê e observar se não estava fazendo o mesmo quanto empreendedora. E isto interferiu muito no meu trabalho,

³ Disponível em: << <https://esseeomaisumblogdemoda.wordpress.com/2015/09/10/mas-sera-que-estou-me-apropriando-e-uma-cultura-que-e-minha/>>> Acesso: 26 de janeiro de 2017.

foi exatamente onde eu busquei um viés alternativo para mantê-lo, esse foi o ponto chave para que eu fosse atrás da minha identidade quanto criadora, e quanto mulher negra.

Podemos observar, a partir do fragmento, que o sujeito comunicante ressalta seu papel social, empreendedora de moda, o que lhe confere a legitimidade necessária para obter a palavra diante do assunto abordado. Além disso, por se tratar de uma discussão em torno da apropriação cultural africana pela moda, a autora também se torna legítima à fala por estar em uma posição de testemunha do vivido, em outras palavras, a auto identificação como mulher negra lhe confere uma sabedoria adquirida através de suas experiências.

Identidade discursiva

Sustentada, principalmente, por atitudes de engajamento, a identidade discursiva elaborada constrói-se em conformidade com as tomadas de posição da autora do texto, Wanessa Yano. Esta propõe uma reflexão sobre o tema “apropriação cultural” e utiliza como base argumentativa a fala da jornalista e escritora Zipporah Gene para dar credibilidade à perspectiva defendida. Conforme o posicionamento proposto, Yano utiliza estratégias discursivas que também lhe possibilita conquistar a adesão de seu interlocutor, como o movimento duplo de inclusão no texto, como porta-voz de uma discussão, e no grupo, quando a autora de inclui à comunidade para a qual essa fala. Tais estratégias são marcadas, sobretudo, pelas escolhas linguísticas como o uso da primeira pessoa do singular (eu) e depois um deslocamento para a primeira pessoa do plural (nós), como podemos observar nos excertos;

[Fragmento 4 – Anexo]

Dado este momento quatro anos de Ayê o ponto X da questão que por muitos lugares onde andei me tornei uma persona non grata, por ter certas ideologias, e por algumas vezes não pensar em osmose. (YANO, 2015)

[Fragmento 5 – Anexo]

E talvez não tenhamos feito isso, e talvez se tivéssemos hoje não teria uma moça Africana dizendo não se apropriem das roupas, e das pinturas tribais. (YANO, 2015)

Entendemos que para alguns gêneros textuais o uso da primeira pessoa (singular) não é muito bem visto por dar ao discurso um teor pessoal, no entanto ao adentrarmos na

construção realizada por Yano, percebemos que tal uso possui uma função importante para a captação do público alvo, visto que coloca o interlocutor em pé de igualdade com o sujeito comunicante. Em relação ao segundo fragmento, o uso do verbo na primeira pessoa do plural estabelece uma relação de compatibilidade e identificação com o movimento negro. Desse modo, a autora expõe sua vulnerabilidade e reponsabilidade diante da temática exposta.

MO (Modices) - Carla Lemos (27/10/2015) : Revista a gente julga pela capa

Era um daqueles dias de novela do Manoel Carlos. Tava eu e Vitor andando #deboas pelas ruas arborizadas do Leblon, quando avisto na esquina seguinte o cartaz com a capa da edição de Outubro/2015 da Vogue Brasil. Era uma edição em homenagem ao Riccardo Tisci, diretor criativo da Givenchy (que dizem pode ir pra Dior) com duas musas da sua gang: de um lado a italiana Maria carla e do outro a inglesa Naomi Campbell. Mas opa, péra, cadê a Lea T., gente?

Como que a capa de uma revista do Brasil não prestigia modelo brasileira? E assim, não é qualquer modelo. O T. da Lea T. é de Tisci, porque ele emprestou seu sobrenome pra ela criar seu nome artístico. Sim, eles são melhores amigos há anos e foi ele que lançou ela na carreira de modelo quando a colocou na campanha da Givenchy (que foi um sucesso!) em 2010. E ele se tornou habitue é do país, se esbaldando no carnaval e nos usando de referência em tantas criações (da camisa best-seller com FAVELA nas costas à cenografia também inspirada nas favelas cariocas no último desfile da marca na NYFW) por causa dela. Num momento que o mundo debate a questão dos gêneros a Vogue brasileira dá aula de como ser reacionária.

Se minha indignação com a capa de Outubro tava pouca, veio a capa de Novembro pra me tirar do sério de vez. Essa é a nova onda. Desde que a Zendaya apareceu no Oscar de dreads a galera das modas tá achando que dread é simplesmente uma ~tendência~ Atenção aqui, galere, a Zendaya não usou dreads no Oscar só porque ela acha cool. Ela fez isso como um ato político, representando a sua cultura, pra através da imagem dela milhares de garotas pelo mundo pudessem se empoderar, ver que seu cabelo étnico é lindo e combina sim com festas de gala ou qualquer outro lugar onde elas queiram estar.- Só que a galera pega a imagem da Zendaya e replica a estética esvaziando ela de sentido. Isso é apropriação cultural. Primeiro, foi Miley Cyrus no VMA (te adoro, amigue, mas manera aí que tá feio), editorial sensual da Pugliesi (outra branca loira) rodando a internet e agora essa capa da Vogue. Não dá, gente. 2015 já tá acabando e esse povo da Vogue continua alienado do que

acontece debaixo do seu nariz? Cadê representatividade? Cadê as negras do Brasil na capa da revista?

Sim, porque as duas negras que apareceram na capa da revista nos últimos anos eram gringas (Rihanna e Naomi Campbell). E só em 2015, a Vogue Americana colocou 3 negras (Serena Williams, Beyoncé e Lupita) na sua capa. É bem simples, Vogue Brasil: quer mostrar dread na sua capa de revista? Então o faça numa garota negra que, por mais que vocês tentem insistentemente ignorar ao longo dessas quase 4 décadas, vem a ser a cor da maioria da população do país que você diz representar.

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social da autora encontra-se, a priori, deslocada da publicação. Desse modo, deparamo-nos apenas com alguns excertos que, apesar de reforçar uma possível identidade social, não nos oferece dados suficientes para a delimitação de uma posição social, um lugar de fala reconhecido pelo olhar de outro. Em vista disso, recorreremos ao perfil do sujeito.

Oi! Eu sou a **Carla** e seja bem-vinda ao Modices :)

Sou **feminista** e revolucionária. **Acredito no amor**, em energia positiva e no autoconhecimento. Nasci no final dos elétricos anos 80 com sol em Áries e ascendente em Gêmeos. Ou seja, sou fogo, ar, cor, estampa, intensidade e fala xiada. Sim, sou **carioca**, filha de cearense e neta de preto e portuguesa. Isso que é miscigenação, né não?

Há quase 9 anos criei o *Modices*, hoje um dos **blogs de moda mais influentes do Brasil**, mas que nasceu para ser um espaço para falar sobre a moda que eu via e, principalmente, a que eu não via. Por isso, aqui no Modices a gente tem **uma nova visão de moda** com mais **consciência**, representatividade e referências culturais do Brasil - sempre de um jeito leve, divertido, audacioso e **coletivo** de desconstruir a moda. Falo em coletivo porque **o Modices é feito a várias mãos e muitas opiniões**: minhas, da equipe e das leitoras que participam ativamente por aqui.

Mesmo assim, sou eu que toco as coisas todas - #meujeitinho. **Sou inquieta** e quero sempre saber e fazer mais. Me formei em **Consultoria de Imagem** e tenho especializações em muitas áreas como Jornalismo de Moda, Branding e Antropologia do Consumo, além de ter cursado um pouco de Moda e Publicidade na faculdade.

Já fui stylist de campanhas, editoriais e atrizes globais; cobri semanas de moda internacionais; estreei **comercial de tevê** de rede nacional e já participei de diversos programas como **Esquenta!** e Encontro com Fátima Bernardes. Também já fui destaque nas principais revistas e jornais do Brasil como a **Elle**, Glamour, Vogue e O Globo. Ah, e já dei palestra na PUC-Rio, ESPM-Rio, Senac-ES e na **UERJ**.

Em 2014, eu e o Vitor percorremos 16 estados brasileiros em 4 meses no projeto **#modicesnaestrada**. Do Rio de Janeiro ao **Sertão** curtindo todo o litoral do Nordeste até chegar na Ilha de Marajó, lá no Pará e voltar tudo pelo Centro-Oeste. Sou louca por Londres, já fui pra **Califórnia**, vi neve em NYC (mas eu prefiro o Outono), andei Paris de ponta a ponta, cruzei com Ben Stiller em Amsterdam, dancei samba com Seu Jorge no Vidigal, não sei nadar e muito menos dirigir. Sou louca por **pipoca**, graffiti, rap e rock n' roll. Como boa carioca, pode me soltar em qualquer parada que eu tô em casa.

Figura 7 Identidade Social - Carla Lemos

Ao lermos a o perfil elaborado pela autora do Blog *Modices* observamos a construção de uma identidade discursiva relacionada com o ambiente da moda. Carla Lemos explicita seu papel social de experto em moda a partir da listagem, como uma espécie de currículo profissional, de suas experiências. Assim sendo, sua identificação como consultora de moda, sustentada por vínculos institucionais cursos e especializações, e sua experiência com o vivido (trabalhos realizados com artistas e empresas socialmente conhecidas, lhe conferem a legitimidade

necessária para obter a palavra. Outro aspecto relevante no processo de identificação do sujeito falante encontra-se em sua afirmação como revolucionária e feminista, visto que ao pré-determinar de onde parte sua visão de mundo, esta já estabelece de antemão os imaginários sociais que conduzirão seu comportamento e escrita no Blog.

Identidade discursiva

A identidade discursiva de Carla Lemos é construída, principalmente, a partir de elementos que demonstram sua proximidade com interlocutor. A autora utiliza como estratégia de captação uma atitude sedutora, visto que no decorrer do texto explora uma linguagem mais informal, jovem com inserções de gírias típicas do ambiente digital e de redes sociais, tal atitude estabelece uma relação de identificação com seu público alvo esperado (pessoas que utilizem o ambiente virtual e que estejam interessadas em temas como moda, comportamento etc).

Outro aspecto observado para a construção da identidade discursiva é o uso de muitas referências do ambiente *fashion*, em muitos momentos vemos a demonstração do conhecimento sobre a área sendo manifestada a partir da conexão entre eventos importantes da indústria da Moda, revistas de relevância internacional além da análise comportamental e crítica de Lemos sobre a representatividade e a diversidade. Esse fato dá ao sujeito comunicante a credibilidade necessária para reafirmar sua identidade social e assim receber o direito a palavra.

UBP (Último Black Power) - José Carlos Ângelo (05/11/2015): Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris

Carol Barreto é convidada VIP da Semana de Moda Internacional - quarta edição da Black Fashion Week Paris, onde irá desfilar no Dia da Consciência Negra no Brasil, 20 de novembro, sua “Coleção VOZES: Moda e Ancestralidades”, composta por 10 peças. **Única representante e primeira estilista do Brasil a participar do evento**, Carol Barreto é do Recôncavo Baiano e a primeira criadora de moda que assume a perspectiva anti-racista nas suas criações a alcançar visibilidade internacional. A quarta edição da Black Fashion Week Paris acontece de 19 a 21 de novembro de 2015, no Carreau du Temple, 4 rue Eugène Spuller, 75003, na capital francesa.

A organizadora da Black Fashion Week, Adama Ndiaye, ao conhecer o trabalho de Carol Barreto vislumbrou o forte potencial de repercussão dentre a mídia internacional e

profissionais de moda em Paris. Adama Ndiaye é uma designer de moda senegalesa, que assina a marca Adama Paris. Suas peças, que são fabricadas no Marrocos, podem ser encontradas em Nova York, Tóquio, Londres e Paris. É fundadora e produtora de diversos eventos de moda, como o Dakar Fashion Week, Afrika Fashion Awards, que se tornou o "troféu de moda africana" (TMA) e Black Fashion Week que já foi realizada em Paris, Londres, Praga, Montreal e Milão. Adama e sua equipe também lançaram "África Fashion TV", o primeiro canal de televisão do modo 100% Africano em abril 2014. Para Carol Barreto, sua participação na Black Fashion Week, **evento multicultural que foca na expressão da diversidade cultural negra por meio da moda**, será de importante contribuição para a construção de visibilidade das mulheres negras brasileiras no campo da moda, contribuindo com as intenções do evento em expor a diversidade de criações assinadas por pessoas negras e negros.

Na Black Fashion Week Paris diversos artistas também poderão potencializar suas experiências estéticas, no que tange às referências de negritude na contemporaneidade, pois o evento propiciará a troca de experiência profissional e intercâmbio cultural com criadores de moda de diversos países do continente africano como Senegal, Camarões, Líbano, Benin e Marrocos, além de outros países que compõem o grupo da Diáspora Africana no Ocidente.

Sobre a coleção:

A coleção "VOZES" evoca um debate sobre a pós-colonialidade e questiona: O que significa ser fruto de um país que foi colonizado? Como os povos colonizados encontram maneiras de resistir? As roupas mostram essas formas de resistência através da mistura de materiais diversos, que trazem traços dos colonizadores europeus adaptados e remodelados por nossa herança africana num resultado multicultural único. Não se trata de moda étnica, mas da moda evidenciando as raízes do Brasil sem exotismo e sem estereótipos.

Nessa história, os trabalhos manuais e artesanais foram centrais na manutenção do luxo de grupos privilegiados, bem como da condição de vida de muitas famílias trabalhadoras. Então, a coleção "VOZES" foi criada a partir do universo do patchwork, adotando o princípio do ethical fashion e da sustentabilidade socioambiental, utilizando técnicas de reaproveitamento de resíduos de tecidos.

A partir do reaproveitamento de resíduos têxteis, doados por uma confecção, a coleção foi elaborada. Os retalhos de tecidos africano, estampas florais e bases multicoloridas de fibras sintéticas e de algodão foram base para construção artesanal com técnicas de

Manipulação Têxtil, em especial o Patchwork Geométrico e Orgânico, manipuladas sob orientação da artista equatoriana Karin Galvão para construção de tecidos exclusivos, confeccionados por um grupo de estudantes de duas instituições de ensino superior para elaboração das peças que compõem a Coleção Vozes. A cartela de materiais é composta por tecidos pretos e off white de alta qualidade que **com perfeição** dos fios ao acabamento, misturam fibras naturais e tecnológicas como: linho + poliamida, algodão + poliamida, seda + viscose. A estes se agregam as técnicas artesanais de Manipulação e Transformação Têxtil num conjunto que provoca uma explosão de cores e o contraste necessário para expressão do tema da coleção. Como complemento, elege o crochet em pequenos detalhes e joias feitas à mão em fio de seda para compor o styling.

No percurso da criação colecionam-se inspirações na visualidade multicolorida das Herrero da Namíbia – que redesenharam a indumentária vitoriana com patchwork multicolorido desde o séc. 19 - e apura o olhar analisando tais provocações pós-identitárias junto à obra do artista inglês - de origem nigeriana - Yinka Shonibare, que redesenha cenas clássicas da nobreza europeia do século XVIII em esculturas feitas com manequins sem cabeça vestidos com peças características desse contexto, mas reproduzindo suas vestes em tecido africano estampado.

Tais estratégias de enfrentamento das referências citadas, serviram de inspiração estética para a criação e conectam-se as práticas de resistência dos quilombos do Recôncavo Baiano, que hoje apoderam-se daquilo que outrora imprimiu a subalternização. Assim, da sua região de origem coleta narrativas que, materializadas por meio de um conjunto de técnicas manuais e da assinatura de diversas mulheres artesãs e designers, são o lastro da coleção VOZES, que apresenta a nobreza do trabalho manual, desde a prática ao conceito de apropriação e resistência, concretizadas numa cartela de cores viva e multicolorida que contemplam brasilidade e ancestralidade, sob a perspectiva de: OUTRAS VOZES

Sobre o projeto de circulação:

O trabalho consiste num projeto de circulação internacional de um trabalho de moda, cujo processo criativo e produtivo foi construído coletivamente, pautada na minha experiência como estilista e designer de moda, pesquisadora e educadora que debate as intersecções entre gênero, relações étnico-raciais e sexualidades no universo das aparências e assim compreende o produto de moda como aspecto central nas relações de poder. O resultado da pesquisa são peças de roupa cuja geometria faz referência à indumentária tradicional de comunidades africanas com o traço afro-futurista da designer que evoca o

debate sobre identidade das mulheres negras na Diáspora Africana e um trabalho fotográfico que construirá a imagem de moda a ser apresentada nos eventos de moda, construído na comunidade remanescente quilombola de São Francisco do Paraguaçu, fotografando como modelos dessa produção as adolescentes de Santiago do Iguape e Tabuleiro da Vitória. Busca-se nesse intercâmbio gerar ações de super relevância para minha construção profissional e visibilidade da arte de criadoras negras baianas no Brasil e no Mundo, além de se criar redes para a troca construtiva nos processos de contrapartida.

O projeto “Vozes - Moda e Ancestralidades” se iniciou em fevereiro de 2015, desde então muitas parcerias foram feitas com profissionais que assinam conjuntamente esse trabalho: Karin Galvão com a criação de manipulação têxtil e patchwork, Carla Calixto com as tramas de crochet, Laila Rosa musicista que gravou na comunidade uma trilha sonora e Maiara Cerqueira no tratamento de imagem e fotografia. Via rede social publicamos a proposta de editorial de moda em Santiago do Iguape, por meio da divulgação da nossa Vaquinha - forma coletiva de arrecadar o recurso mínimo para viabilizar a produção externa com tamanho deslocamento – e assim integraram-se à equipe Emile Brito - hair stylist e especialista em cabelos de mulheres negras - Claudio Manoel Duarte e Gleydson Publio - video artists que gravaram o documentário na comunidade – e Lu Pires que assina os calçados exclusivos e feitos à mão!

Na etapa de confecção e materialização dos tecidos e partes das peças da confecção da coleção contamos com a especial contribuição do grupo de estudantes de moda da UNIME, que compuseram a etapa criativa e de confecção do projeto – Merie Souza, Sara Regina, Bianca Pimentel, Everli Barbara, Fátima Audislene, Elisania Paulino, Elizabete Leitão, Lôro Velansk, Joelice Soares, Kris Viana, Edileuza, Ângela Sodré - pessoas dedicadas que junto com as estudantes da EBA - UFBA Thaís Medeiros e Andreza Pires - construíram a materialidade e o aprendizado das técnicas de manipulação têxtil ensinada por Karin Galvão. Nesse grupão de gente boa, a presença da grande maioria dos profissionais listados se fez indispensável e cada pessoa listada acima tem função específica na produção da imagem final da criação elaborada.

O projeto “Vozes” tem como objetivo promover a valorização da beleza de mulheres negras moradoras do Recôncavo Baiano, em especial habitantes de comunidades tradicionais, inserindo de forma positiva elementos do design baiano e da cultura local, por meio de um editorial de moda desenvolvido por profissionais que compõem uma mesma equipe de trabalho há alguns anos, atuando de forma colaborativa na produção de trabalhos

de moda que visam construir um discurso feminista e anti-racista. Também se busca, por meio da construção de imagem de moda ampliar dentre a população negra o contato com tal linguagem historicamente excludente, visibilizando as etapas de um processo criativo fundamentado a partir de reflexões sobre as relações entre moda, gênero, relações étnico-raciais e cultura baiana, a serem materializadas nas ações de pré-produção, produção e pós-produção das fotografias de um editorial de moda focado nas meninas pertencentes às comunidades quilombolas sob as lentes da imagem de moda.

O propósito é contribuir com a reparação do alcance do racismo na construção de representatividade no campo da produção de imagens no país, que ainda nega a existência desse problema histórico e sociocultural. No âmbito do design de moda, o Brasil é um país carente em investimentos nas produções de estilistas negras e negros e no reconhecimento do trabalho de modelos negros e negras, que pouco têm espaço nas principais semanas de moda do país ao assumir essa identidade. O número de estilistas brasileiros negros em atuação e com projeção no mercado de moda nacional e internacional é menor ainda e mesmo na cidade de Salvador poucos profissionais negros e negras que assumem essa identidade e campo de pesquisa, alcançam visibilidade local, nacional ou internacional. Diante disso, intentando aprofundar as pesquisas sobre Diáspora Africana e o Design de Moda na Bahia e no Brasil - tema de interesse permanente para elaboração do nosso trabalho. Tal reflexão e prática de ModAtivismo é tema de pesquisa do projeto de tese de doutorado de Carol Barreto que busca elaborar processos criativos e produtivos respeitáveis e horizontais para construção de produtos e imagens de moda a partir de reflexões sobre as relações étnico-raciais e de gênero, corroborando com as propostas do Ethical Fashion e Slow Fashion, tendência internacional.

Designers parceiras:

KARIN DOLORES – Equatoriana, Administradora de Empresas, Designer de moda e Artesã. Pesquisadora e produtora de Manipulação e Transformação Têxtil, desenvolvidos para diversos propósitos em especial vestuário. Professora de técnicas de Patchwork, Tie Dye, Batik e outras técnicas de reaproveitamento de resíduos têxteis. MARIA VIANA: Baiana, graduada em Design de Moda pela Unime, pilotista, costureira, modelista e especialista em confecção para passarela e festa. CARLA CALIXTO -Baiana, Estudante de Design (UFBA). O atelier Carla Calixto, produz peças que passeiam no universo da moda, da decoração e de algumas intervenções urbanas. O design de suas peças tem como suporte as técnicas manuais como o crochê, tricô, costura e bordados, habilidades adquiridas na

infância por meio dos ensinamentos de sua mãe e avó. JU FONSECA -Designer de Moda nascida em Cruz das Almas - BA, escolheu os acessórios como forma de expressar seu amor pelas cores, formas e linhas e apresentar para o mundo o que há de mais belo na Bahia, com suas referências africanas e originalidade de peças que são produzidas uma-a-uma, com fios de seda e cordões, num trabalho artesanal que evoca referências do recôncavo baiano, seu local de pertença. CAROL BARRETO elabora produtos e imagens de moda a partir de reflexões sobre as relações étnico-raciais e de gênero. Designer de Moda, Docente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade - FFCH – UFBA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM – UFBA, Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - PosCultura - IHAC – UFBA, Coordenadora de Gênero e Diversidade do CEN – Coletivo de Entidades Negras – seus trabalhos acadêmicos e práticos como artista, pesquisadora e designer estão intrinsecamente ligados e voltados para a construção de representações que empreendam uma comunicação mais consciente a ser atrelada ao consumo de moda. Nessa caminhada entre passarelas, desfilou coleções em eventos de moda em Salvador - BA, Recife - PE e Fortaleza - CE, importantes capitais do Nordeste do Brasil e foi premiada em duas ocasiões. Em 2013 foi convidada a representar o Brasil na Dakar Fashion Week, no Senegal, evento internacional que reúne criadores de diversas nacionalidades que expressem a diversidade cultural de seu país. No Dragão Fashion Brasil – CE em 2014 apresentou a coleção FLUXUS, cujo desdobramento no mesmo ano se deu com lançamento de exposição de fotografias do editorial de moda e dos looks da coleção, entrevistas a mídias televisivas na Bahia e na mídia impressa nacional e internacional. Nascida em Santo Amaro da Purificação - BA, a estilista viaja em 2015 rumo à capital internacional da moda para apresentar seu trabalho na Black Fashion Week PARIS com o projeto de circulação internacional da coleção VOZES

PARCEIROS: Harmonipan/ Studio Instituto/ Flotar Grupo Kroton – Unime / CEN – Coletivo de Entidades Negras / Secretaria de Justiça e Direitos Humanos – SUDH – Governo do Estado da Bahia

Adama Paris Fashion Events (<http://www.blackfashionweekparis.com>)

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social do sujeito comunicante não é marcada de forma explícita na publicação, pois por se tratar de um gênero (Blog) que possui como característica o estabelecimento de uma identificação prévia de quem fala, encontramos no texto apenas estratégias discursivas que reafirmam a identidade social primeira. Porém, com intuito de situar o leitor que desconhece o *Blog* analisado, recorreremos ao perfil publicado pelo sujeito comunicante delimitando sua posição social.

Observamos que o sujeito comunicante, a partir de um ato de linguagem, esboça sua identidade social por meio de estratégias que levam em consideração dados biológicos (idade), de origem (ser carioca) e sua formação, ou seja, sua posição legítima de fala conferida por uma instituição (ter um título de graduação). Além desses aspectos podemos perceber que Ângelo expõe sua relação com a Moda, ao expor suas atividades atuais fotografia, produtor de Moda, colunista e blogueiro. As informações dadas, apesar de bem estruturadas, deverão ser reiteradas no decorrer das publicações do Blog, visto que a identidade social não pode ser construída de forma isolada.

Figura 8 Identidade Social - José Ângelo

Identidade discursiva

A construção identitária discursiva elaborada no texto *Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris*, concretiza-se a partir de modos de tomada de palavra. O sujeito comunicante distancia-se do texto apagando, de forma sutil, vestígios muito explícitos de julgamento pessoal. Desse modo, o desenvolvimento do discurso se estabelece não pelo excesso de exaltação do sujeito de fala, mas por meio da demonstração de seus conhecimentos sobre o tema abordado e a pertinência de suas escolhas linguísticas que levam o interlocutor à um mergulho no processo criativo da estilista apresentada. Por conseguinte, observamos ainda que o intuito do sujeito comunicante é dar visibilidade e voz à designer Carol Barreto e seu projeto, e assim demonstrar que compartilhar das mesmas visões de mundo expressas no trabalho da estilista. A vista disso, podemos depreender que as atitudes discursivas utilizadas por Ângelo lhe conferem credibilidade, visto que reafirmam sua identidade social de envolvimento tanto no universo da moda como também em questões relacionadas à representatividade negra.

2. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES BLOGS DE MOVIMENTOS SOCIAIS E/OU SIMPATIZANTES DA CAUSA NEGRA

BN (Blogueiras Negras) - Rebeca Nascimento (02/02/2015): Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento

Tudo começou quando tinha cinco anos de idade. Cabelos crespos, nos ombros e um volume alto. Um cabelo que não tinha culpa de nada, mas que era chamado de ruim. Não havia muita representatividade ao meu redor. Algumas das minhas amigas da escola tinham cabelos lisos, outras como eu, também passavam por processos doloridos de penteados que puxavam e esticavam até os olhos antes de irmos para a aula. As vezes tudo isso modificava meu olhar. Isso quando não ficava um olho não ficava mais retesado que o outro.

Com sete anos decidi usar o cabelo solto algumas vezes mas logo desisti quando vi os comentários sobre o volume demais. Passei a acreditar que realmente era incômodo e feio ter o cabelo que nasci. Sempre o penteava da maneira errada, querendo deixa-lo liso. As mulheres mais velhas que me cercavam já tinham o costume de passar ferros quentes nos cabelos nos fins de semana. Eu tinha muita vontade de fazer o mesmo.

Quando completei dez anos já acreditava de verdade que era muito necessário colocar algo para relaxar os cachos ou alisar de uma vez por todas meus fios. Não entendia a diferença entre os processos, mas mesmo assim decidi usar química. O produto fedia bastante e a moça que aplicava dizia que era assim mesmo e que para ficar bonita eu precisaria aguentar e sacrificar. Fiquei feliz com o resultado do cabelo molhado saindo do salão naquela tarde. Não sabia o que viria depois disso. O cabelo secou, ressecou e eu queria mais do que aquilo.

As misturas e alterações de química para um resultado que me satisfizesse totalmente nunca acabavam. A raiz nunca me agradava completamente. Ela precisava crescer e a cada cacho de resistência que saía do meu couro cabeludo eu fazia algo novo para estica-lo. Até que um dia, já com dezessete anos, após um processo caseiro de negação de raiz, meu cabelo caiu no enxague junto com a água que caía do chuveiro. Não consigo lembrar desse momento sem aperto no coração. Lembrar das mexas de trinta centímetros se desprendendo do meu corpo e caindo no box do banheiro e se derretendo ainda é realmente algo impactante para mim. Vale ressaltar que meu cabelo não crescia além de trinta centímetros. A química o enfraquecia e ele quebrava no meio das inúmeras vezes que tentava deixa-lo crescer.

Precisei agir rápido nesse dia e tive que correr para cortar o cabelo que ainda restava na cabeça. Ouvia algumas poucas pessoas me perguntarem na época se eu não gostaria de aproveitar a oportunidade para deixar os cachos acontecerem. Não quis. Continuei o alisamento por mais seis anos.

IDENTIDADE

A vida foi passando exatamente como dava pra ser. Eu sem conhecimento sobre mim mesma e sem repensar as imposições racistas que permitia e consentia que atravessassem meu corpo. Após conhecer o feminismo, após me reconhecer mulher e feminista, ainda faltava algo. Algumas peças que eu não sabia ainda quais eram, faltavam tomar encaixe. Dentre vários espaços e ambientes que frequentava passei a enxergar a representatividade que faltava. Mulheres negras feministas muito empoderadas com seus cabelos soltos com formas, curvas e volume alto. Eu, ainda acreditava que era algo belo para elas e quem em mim jamais ficaria bom.

O auto boicote aconteceu várias vezes durante meses. Até que em janeiro de 2013 fiz o fatídico alisamento final. Ao chegar ao salão e começar o processo de progressiva e ter os olhos irritados pelo cheiro do formol, ouvi a mesma frase de que para ficar bonita era preciso fazer sacrifícios. Acontece que eu não tinha mais dez anos de idade, havia representatividade ao meu redor e já estava devidamente convencida de que era bonita sem o falso cabelo liso. Eu era bonita sem me agredir. Em março do mesmo ano tinha raiz crespa para esticar, eu nunca mais voltaria a fazer isso. Decidi entrar em transição capilar.

A força nasceu a partir do momento que reconheci minha identidade. Precisei da transição para me reconhecer uma mulher negra. Para conhecer minha ancestralidade, para saber de onde vim e para respeitar o que sou. Desde criança a sociedade me embranqueceu ao afirmar que minha pele era parda, moreninha ou cravo e canela. Chegar nesse ponto de reconhecimento pessoal precisou ser através da transição.

Durante toda a minha vida, a consciência de ter um corpo negro, um cabelo crespo e uma ancestralidade não passavam perto de mim. O ferro que queimava a pele de minhas antecessoras, queimava meu cabelo e negava minhas raízes.

O que aconteceu dentro da minha cabeça em um ano e meio transcende toda a transição capilar que findou em novembro desse ano. Reconheço-me uma mulher negra, que foi vitimada pelo racismo desde muito pequena, mas que só após muito tempo pôde perceber suas raízes, sua cor, sua ancestralidade. Sei que tenho pleno direito de usar meu cabelo como

bem quiser, mas sei que isso nunca mais passará por desejo de ser aceita numa sociedade mediocramente fundamentada na opressão racista e em seus meios de embranquecimento fortes e sutis. Sou grata às mulheres negras que me acolheram dentro do feminismo negro. Como é importante e empoderador cada momento que passo com elas. Compreendo que faço parte de uma luta que vem antes de mim e com todas as lágrimas, sorrisos, encontros e perdas que uma luta carrega, pretendo seguir nela aprendendo mais sobre mim dia após dia e contribuindo empoderando cotidianamente outras mulheres. É por todas nós. Avante.

Análise da publicação

Identidade social

Ao imergirmos no texto *Relato de uma transição* podemos esboçar uma identidade social nítida do sujeito falante, já que a publicação se apresenta como um relato, um testemunho envolvendo traços psicossociais imprescindíveis para a construção identitária. Mesmo encontrando no corpo da publicação a titulação de Rebeca como jornalista, o sujeito falante explora uma identidade ligada à sua posição de testemunha do vivido, sua condição de mulher negra e a passagem pela transição capilar. Destarte, observamos que de acordo com a situação de comunicação estabelecida, o mais importante para o relato não era a legitimação do sujeito falante a partir de um reconhecimento institucionalizado, mas sim sua reafirmação enquanto porta-voz de uma minoria, ou seja, os traços físicos da autora e sua experiência de vida lhe conferiram a legitimidade necessária à palavra.

Identidade discursiva

A identidade discursiva expressa na publicação se estabelece a partir de estratégias relacionadas à captação do interlocutor que, para isso, usa como principal atitude discursiva a dramatização. Nesse sentido, verificamos a existência de um sujeito comunicante que se coloca no texto como personagem de um drama pessoal apoiando-se em valores afetivos partilhados, à priori, pela população negra brasileira, o sofrimento da transição capilar, o racismo, a falta de representatividade e reconhecimento social. Dessa forma, nos deparamos com uma aproximação ou um processo de identificação da autora com seu possível público alvo, como se os dois partilhassem da mesma “dor” e por isso fosse digna de confiança.

BN (Blogueiras Negras) - Luana Vieira (01/06/2015): Mulher negra e auto estima: Uma negação diária

Toda vez que alguém diz que sou bonita, sinto vontade de dizer: “será?”. E a questão não é a falta de educação ou modéstia, como podem pensar alguns, a questão é uma estrutura violenta moldando e conformando padrões de beleza, que por mais que eu tente (e nem tento muito), jamais vou me adequar, é questão de toda uma construção de mundo que vem me fazendo sentir o contrário, há mais de vinte anos.

Depois de cada elogio, ainda que bem-intencionado de amigos, familiares e/ou colegas de trabalho em me ver bem, não é fácil dizer “obrigada” sem que eu sinta vontade de questionar mil coisas. Por mais bem-intencionada que seja a pessoa, nos últimos tempos, ouvir isso tem me ferido, me fere porque parece mentira. E não parece mentira porque eu de fato não me sinto bonita. Apesar dos pesares, eu me vejo, mas parece que sou a única com essa visão, e as pessoas me disserem isso sem questionar uma realidade objetiva que grita todos os dias no meu ouvido e de muitas mulheres negras que “não, não somos bonitas”, é o que tem me ferido.

A cada elogio recebido, eu penso no quão incoerente é a afirmação, já que não me vejo nas revistas, nas novelas, nos outdoors, simplesmente não me vejo em nada ou quase nada. É aí que a afirmação me fere, pois me ponho a pensar que se considerassem mesmo minha beleza, considerariam a de minhas irmãs e irmãos, nos estampariam em todos os meios de comunicação, não nos roubariam a autoestima, como fazem há muitos e muitos anos.

Falar em autoestima é pensar “(...) uma construção social, na qual cada sujeito vai podendo construir-se, na medida em que se relaciona com os outros. Como consequência dessa relação, ocorre a autoapreciação, autovalorização, a valorização de sua origem racial e, por fim, e conseqüentemente a autoestima.” Mas como homens e mulheres negras terão autoestima dentro do sistema em que vivemos? Quando mulheres negras aceitarão um elogio sem ao mesmo tempo serem feridas por ele? Quando conseguiremos construir sobre nós mesmos um olhar de autovalorização e autoapreciação?

Faço-me essas questões cotidianamente, faço-me ao olhar para o espelho, vendo minha imagem refletida, achando-me bela. E ao sair do quarto, vejo o mundo negando isso a cada detalhe da vida. E sim, é a cada detalhe. Não preciso ser insultada para ver a negação, posso ser simplesmente ignorada, preterida, invisível, tanto nas relações impessoais quanto nas pessoais. O racismo está impregnado nos detalhes, nos detalhes! Sinto vontade de sair gritando isso, porque as pessoas não percebem, ou se recusam a perceber, e aí, mais uma vez a fusão de duas opressões (racismo e machismo) destroçam ainda mais a autoestima de milhares de mulheres negras no mundo inteiro.

Em todos os grupos na internet que participo, existem mulheres negras queixando-se da invisibilidade que nos é imposta, invisibilidade que vai de um não elogio merecido no trabalho, de um professor que hora ou outra sugere de modo velado ou mesmo escancarado uma descrença na sua produção, até os milhares de relatos de mulheres que não são vistas para as relações afetivas e/ou sexuais. E tudo isso, minha gente, tudo isso está nos detalhes e posso afirmar, categoricamente, que são os detalhes que tem minado nossa saúde psicológica e muitas vezes física, são os detalhes que a branquitude se recusa a enxergar que tem destruído nossa autoaceitação e autovalorização.

Façam o exercício de pensar a dificuldade que é para uma mulher (de qualquer raça que seja agora) sentir-se bem em uma sociedade com padrões de beleza tão cruéis como são os nossos. Onde o machismo nos mata, nos poda, faz com que nos sintamos incapazes de tudo o tempo todo. Como alguém se valoriza, se ama e se aceita nessa podridão que nos é imposta cotidianamente? Agora, exercitem a interscricionalidade e pensem como uma mulher negra constrói sua autoestima em meio a esse lamaçal construído pela branquitude há séculos?

Nós mulheres negras, temos que construir nossa autoestima a duras penas, ultrapassando com as forças de nossas ancestrais, o racismo e o machismo. Racismo que nos nega todos os dias a possibilidade de nos sentirmos belas, visto que existe um padrão de beleza hegemônico e que conforma gostos, sentimentos, preferências e tudo mais o que perpassa as relações que estabelecemos coletivamente. E veja só, esse racismo não está só nas questões objetivas da vida, ele está naquilo que nos parece mais subjetivo. Naquilo que não questionamos por tratar-se “só” de sentir e aí juntamos o racismo mais machismo e tornamo-nos um objeto aos olhos racistas, mas um objeto de menor valor, se pensarmos a objetificação da mulher branca, por exemplo, visto que ainda nesse sistema horrendo essa possui o “bônus” da branquitude para que consiga transitar melhor e que consiga construir sua autoestima com um pouco mais de facilidade.

Desse modo, pensar a autoestima da população negra, em especial das mulheres negras é pensar algo que ultrapasse a “camaradagem” dos elogios, precisamos de autocrítica em todas as esferas da vida, precisamos nos posicionar com mais força e ultrapassar os elogios, precisamos conjuntamente de ações concretas, de representação efetiva. Não é mais tempo de ficarmos a elogiar negras e negros que nos são próximos, enquanto que nas oportunidades efetivas de transformação não nos impomos. Existem mulheres negras morrendo psicologicamente todos os dias pelos efeitos devastadores do racismo em nossas

vidas. Ou mudamos nossa postura individual e assim mudamos coletivamente, ou eu, assim como tantas outras, ouviremos uma cantada na rua e em uma negativa nós seremos chamadas de macacas, na cruel intenção de negarem não só nossa beleza como nossa humanidade, e toda vez que alguém disser o quanto sou bonita, mais uma vez desejarei perguntar “será?”.

Imagem destacada:

Referências: JULIO, Ana Luiza. Por uma visão psicossocial de negros e negras. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS, v. 24, Janeiro- Abril, 2011.

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social desenvolvida no texto encontra solidez a partir dos posicionamentos da autora da publicação Luana Viera. Esta, ao se apresentar como mulher negra e relatar suas experiências apoiando-se em seu lugar de fala, dá ao discurso uma perspectiva que a aproxima de seu interlocutor, desse modo, observamos, mais uma vez, a legitimidade do sujeito comunicante adquirido por sua posição de testemunha do vivido. Observamos, ainda, que a identidade social construída durante o texto dialoga com o perfil da autora, visto que ela se apresenta, posteriormente, como mulher negra, feminista e cientista social em formação, como podemos constatar na figura a seguir;



Figura 10 Identidade social - Luana Viera

Tal fragmento coloca em evidência a necessidade do sujeito falante em ser amparado por uma instituição socialmente reconhecida, desse modo, na posição de cientista social Luara detém seu o direito à palavra.

Identidade discursiva

Observamos a construção de uma identidade discursiva apoiada, sobretudo, em estratégias de captação que demonstram o papel engajado da autora em defesa da comunidade negra e sua estética. Essas estratégias podem ser percebidas por meio das escolhas linguísticas discursivas da autora, existe um movimento de aproximação em direção

ao interlocutor, visto que ao utilizar, em muitos momentos, a primeira pessoa do singular essa se coloca em pé de igualdade com o leitor, como um exemplo da experiência partilhada. Esclareço aqui que o uso da palavra “partilha” vem de encontro ao próprio posicionamento de Luara que dialoga com o grupo para o qual se dirige, utilização da primeira pessoa do plural, reafirmando sua identificação coletiva com a comunidade negra.

BN (Blogueiras Negras) - Veridiane Vidal (18/09/2015): Cabelo pintado é um símbolo de resistência

Estou apenas observando essa moda de homem branco pintar o cabelo de loiro para tirar fotos, ser moderno e descolado, falar que é favelado, como se carregar um cabelo loiro na periferia fosse algo fashion. Mas não, meu amor, sinto em te informar, isso na favela é motivo para um jovem ser violentado pelo Estado.

Moro a vida toda em um beco. Aqui, ter cabelo pintado, cortes com desenho, falha na sobrancelha é colocar a vida em risco, é sofrer violentas abordagens policiais a cada esquina. Na zona sul isso é moda, são fotos para as páginas de beleza negra. Mas quando você vê um irmão preto de cabelo pintado vindo de quebrada é motivo para o coração disparar, é o celular sendo escondido no saco. Que relação tem uma coisa com a outra? Toda.

Para brancos de endereço dito respeitável isso é moda, para um jovem negro periférico é uma transgressão que faz a nossa PM racista ver a sua estética, que é empoderamento, como coisa de bandido, cultura do tráfico, neguinho pinchado, freio de mão de viatura. É criminalizar de uma forma racista e preconceituosa algo que faz parte da construção da própria identidade, do ser jovem negro e favelado. Cabelo pintado? Não pode, é coisa de bandido! Certos tipos de roupas, adereços e acessórios? Não pode, é coisa de bandido! Certos gêneros e estilos musicais? Não pode, é coisa de bandido! Certas expressões verbais? Não pode, é coisa de bandido! Ter baile funk na quebrada e os menores curtirem? Não pode porque a PM chega jogando bomba e bala de borracha.

Então, o que resta nessa porra!? Abrir mão de ser jovem, da identidade e estética das periferias, entrar para a delinquência e virar logo bandido pra poder transgredir!? Que opções estão deixando para essa juventude fora a violência policial, o racismo e a cadeia? Que porra é essa que vem acontecendo de o povo negro achar que lutar contra genocídio é somente ter um black e deixar o cabelo natural? Que moda afro é somente pano amarrado no corpo, tecidos africanos caros. O que esses meninos vestem é o que? Se isso não é resistência, empoderamento, eu não sei o que é!!!!

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social esboçada no texto *Cabelo pintado é um símbolo de resistência* confronta-se a imaginários sócio discursivos de extrema relevância para compreendermos a identificação afirmada por Veridiane Vidal. Em um primeiro momento, observamos a existência de um sujeito falante que se coloca no texto como testemunha do vivido, como portadora da experiência necessária para ser legitimada à fala. Além disso, ao nos depararmos com o perfil da autora, figura 11, observamos a cumplicidade de seu discurso com a delimitação de sua posição social.

VERIDIANE VIDAL

Veridiane Vidal, jovem negra Favelada. Criadora do Projeto Ori Odara que discute o cabelo crespo e uso dos turbantes como um ato de resistência negra.

Figura 11 Identidade social - Veridiane Vidal

Como podemos verificar, Veridiane se identifica como jovem negra favelada, identificações étnica, psicossocial e de lugar que lhe dão a legitimidade necessária para tratar do assunto e criticar o posicionamento estereotipado em relação a população negra oriunda de comunidades carentes. Sabe-se que a denominação como favelada não é bem vista socialmente, visto que tal colocação ganhou ao longo da história uma população que vive em tais região carregam consigo o estigma de

Outro aspecto relevante para entendermos a identidade social Veridiane é sua posição de criadora do Projeto Ori⁴, pois esse reconhecimento lhe dá legitimidade e confere a ela o status de ativista reconhecido socialmente.

Identidade discursiva

Para a construção de uma identidade discursiva o sujeito falante do texto explora algumas estratégias que lhe conferem a credibilidade necessária para a captação de seu interlocutor. Observamos que a combinação entre uma linguagem informal e a inserção de relatos de fatos vividos pela própria autora demonstram seu engajamento e tomada de posição diante da temática abordada. O posicionamento de Viviane Vidal é evidenciado, principalmente, pela

⁴ Projeto que discute o cabelo crespo e o uso de turbantes como ato de resistência negra.

combinação de uma atitude de dramatização, descrição de fatos e dramas vividos, e pela estratégia questionadora da autora que estabelece uma situação de enfrentamento com seu público leitor instigando-o a pensar sobre o problema colocado à tona.

GE (Geledés) - Danilo Mekari (04/02/2015): Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar identidade da mulher negra

Quando essa preta
Começa a tratar do cabelo
É de se olhar
Toda trama da trança
Transa do cabelo
Conchas do mar
Ela manda buscar
Pra botar no cabelo
Toda minúcia, toda delícia...

por Danilo Mekari Do Portal Aprendiz

Estes versos da música Beleza Pura, de Caetano Veloso, estão sempre presentes nas oficinas Tecendo e trançando arte, dadas pelo Coletivo Manifesto Crespo. Formado por quatro mulheres, o grupo discute as questões do universo da cultura afro-brasileira e busca fortalecer a memória e a autoestima de mulheres negras sob o viés da valorização do cabelo crespo. Foi a partir da seleção em um edital da VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) que o coletivo começou a tomar forma – apesar de todas as integrantes já possuírem relação direta com a temática. Denna Hill, por exemplo, é trancista desde adolescente; Nina Vieira trabalha fotografando cabelos. Lúcia Udemezue e Thays Quadros completam a formação do Manifesto Crespo.

“O cabelo é uma das partes mais intrincadas do corpo negro. Especificamente na mulher, ele aparece com muita força: a mulher negra não é referência nem padrão de beleza na sociedade”, afirma Denna, que sustenta um volumoso cabelo encrespado. “Por conta disso, sofremos muita violência estética e isso gera várias consequências, principalmente no processo de formação ao longo da vida.”

Patrimônio imaterial

A trança possui a tradição de ser um aprendizado geracional, quando mães e avós ensinam as filhas a usá-las e praticá-las. Para Nina, trata-se de “um patrimônio imaterial”. “Minha mãe me ensinou a fazer trança quando tinha sete anos, eu aplicava muito nas bonecas. Morávamos com minhas primas e passei a trançar o cabelo delas. Como eram três meninas em casa, uma trançava o cabelo da outra”, rememora Denna, que, quando adolescente, passou a trançar em salões de beleza. Mesmo assim, alisou o próprio cabelo até os 21 anos.

“Quando comecei a ter contato com pessoas que circulavam nas frentes de diálogos raciais e movimentos negros, comecei a repensar essa questão do alisamento”, lembra. “Um dia, cheguei em casa e pedi para minha mãe tirar todo o alisamento da minha cabeça. Ela chorou. Na época, ela alisava muito e não conseguia se libertar disso. Hoje, tem um blackpower e nem se imagina sem ele.”

A mulher negra não é referência nem padrão de beleza na sociedade

Já Nina utiliza dreadlocks há mais de sete anos. “Quando criança, minha mãe fazia em mim trancinhas bem fininhas. Era lindo, um ritual do final de semana, ela sempre cuidou com muito carinho e amor do meu cabelo. Mas aí chegava na escola e vinha aquele monte de apelido, zoação e segregação”, lamenta. “Convivi muito com esse contraponto. Em casa era lindo, e na escola era um bombardeio de racismo. Passei a usar o cabelo solto, mas minha mãe não deu conta e rapidinho já passou um alisante.”

No Ensino Médio, Nina fez tranças com lãs coloridas e descobriu que não mais precisaria alisar o cabelo. “Daí por diante foi só reflexão sobre a questão do corpo, do cabelo, a minha aparência, o quanto isso reflete e referencia as pessoas.”

Eu vou pentear os meus cabelos

Depois vou falar pra mina ali trançar os meus cabelos

Eu vou lavar os meus cabelos

Secá, pintá, alisá, cerá meus cabelos

Eu vou raspar os meus cabelos

Vou ficar penteando com escovinha de dedo os meus cabelos

Eita é cabeleira pra daná, aonde é que isso vai dar

Piada Cabeluda (MC Sombra)

As oficinas do Manifesto Crespo ensinam quatro técnicas de trançagem, além de outras maneiras de pentear o cabelo crespo – o turbante faz grande sucesso entre as

participantes. Realizadas inicialmente em espaços comunitários como o Quilombaque de Perus, os CEUs de Guaianazes e Inácio Monteiro, o Cedeca e os ensaios do bloco Ilú Obá de Min, com a chegada do patrocínio do VAI, o grupo passou a frequentar espaços maiores, como SESCs e ONGs. A atividade começa com uma dinâmica de grupo, na qual cada participante conta um pouco de sua história capilar. Então, há espaço para reflexão sobre o assunto, seguida da parte prática. As oficinas do Manifesto Crespo geraram empreendimentos focados na beleza negra. Uma ex-participante fundou a Makeda Cosméticos, uma empresa que desenvolve shampoo e cremes hidratantes para cabelos crespos e leva o nome de uma rainha africana. Outro negócio inovador, fruto do contato com as oficinas, é a Boutique de Krioula, que vende turbantes pela internet e já virou referência no Brasil.

“Normalmente o cabelo está sempre associado à uma questão negativa para as mulheres negras. ‘Quando eu era criança todo mundo na escola me chamava de medusa’ é um relato muito frequente. É a partir dessas percepções que começamos esse trabalho de gênero e raça, tentando minimamente desconstruir essa ideia pronta de que o corpo negro é um corpo feio.”

Para Nina, é muito duro aceitar que o corpo negro seja depreciado historicamente. “Sempre tem algo para ser desconstruído: é o cabelo chamado de duro e ruim, o corpo visto como feio e desajeitado. Existe um padrão de beleza inatingível muito reforçado pelos veículos de comunicação de massa que não atinge a todas as mulheres, mas com as meninas negras isso é muito potencializado.”

As oficinas costumam reunir 20 pessoas de idades variadas – inclusive homens. “Queremos que os homens entendam que esse tema não é só para mulher, há uma discussão de gênero também. É sempre gratificante e muito rico quando homens aparecem, e é legal que muitas vezes eles são mais participativos que as mulheres, chegam para falar, perguntar e aprender”, aponta Denna. “Afinal, muitos dos relatos femininos de experiência com o corpo, de depreciação e degradação, estão ligados ao homem.”

Dentro daquele turbante

Do filho de Gandhi

É o que há

Tudo é chique demais
Tudo é muito elegante
Manda botar!
Fina palha da costa
E que tudo se trance
Todos os búzios
Todos os ócios...

Beleza Pura (Caetano Veloso)

Em parceria com a União Popular de Mulheres do Campo Limpo, o coletivo recentemente foi laureado com o Prêmio Lélia Gonzalez – Protagonismo de organizações de mulheres negras, que possibilitará a realização das oficinas em cinco territórios do estado de São Paulo. “Em 2014 ultrapassamos as barreiras da cidade, e o trabalho está começando a se expandir para outros lugares”, comemora Nina. Sempre tem algo para ser desconstruído: é o cabelo chamado de duro e ruim, o corpo visto como feio e desajeitado

O primeiro desses trabalhos aconteceu no Quilombo da Caçandoca, em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo. Em dezembro de 2014, o coletivo realizou oficinas de tranças e turbantes com a comunidade quilombola, que as recebeu “com muito carinho, acolhimento e atenção”, segundo Nina. Ainda haverá visitas à aldeia indígena Tenondé Porã, em Parelheiros (extremo sul de São Paulo); ao Jongo Dito Ribeiro, em Campinas; à Festa de São Benedito, em Tietê; e ao Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes.

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social do texto *Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar a identidade da mulher negra* encontra-se velada, não há a uma referência clara sobre a posição social do sujeito comunicante ou de suas ações. Desse modo, podemos apreender a identidade social do autor textual apenas por uma indicação de sua origem como criador ou participante do Portal Aprendiz⁵.

Identidade discursiva

⁵ Para saber mais sobre o Portal Aprendiz ver em <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/proposta/>>.

Observamos que na construção do texto a identidade discursiva do sujeito comunicante é esboçada através da atitude de neutralidade. O autor, Danilo Mekari, apesar de apresentar o coletivo Manifesto Crespo com muito detalhamento, estabelece uma relação afastada do seu objeto de escrita. Este prefere não explicitar no discurso julgamentos pessoais ou se colocar no discurso como percebemos em outros casos analisados.

GE (Geledés) - Joyce Berth (27/05/2015): Nem sem cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo

Eu sou uma entusiasta do empoderamento estético há anos. Pessoas negras perdem emprego por serem esteticamente diferente do padrão eurocêntrico imposto nos principais meios de comunicação. Pessoas negras são alvo de perseguição na escola, são preteridas em lugares elitizados, impedidas de adentrarem nos templos de consumo, tudo isso por manter sua estética tal qual ela é. Sempre, em algum momento da vida de um negro, ele ouviu alguém perguntar: ‘Mas não vai alisar esse cabelo?’ ou então ‘Você tem os traços finos por isso é um negro(a) bonito(a)’.

Por Joice Berth, do Imprensa Feminina

Por essas e outras sempre tratei a questão como foco de valorização da identidade afrodescendente. Mas, atualmente, quando abro um página de rede social e leio o ataques de uma mulher negra sobre a outra, simplesmente por essa mulher expor uma verdade discutida e confirmada estatisticamente por pesquisas sérias de intelectuais negras e até mesmo brancas e que é um tabu dentro dos próprios movimentos em defesa do negro, me pergunto angustiada: O empoderamento está de fato acontecendo? E em que sentido?

Já há muito observei meninos negros, bonitos e ativos, ostentando camisas do Malcom X, gritando palavras de ordem e exaltando o “100% preto” e que o discurso não acompanhava nem de longe a prática de valorização racial. Esses meninos continuavam excluídos nos meios sociais que frequentavam e sendo alvo de piadas e comentários racistas, sem argumento intelectual para se defenderem e sem força para dar as costas para os racistas que os atacavam.

Essa realidade não mudou. Agora ela vem se ampliando, porque os cabelos estão sendo ~aceitos~ mais o racismo continua. Empoderar é criar ferramentas para resistência e luta por igualdade de direitos entre as raças e os gêneros que atuam e ocupam o cenário social. Ponto. E são várias as ações que precisam ser viabilizadas para trazer essas ferramentas até a população negra se empoderar. E é um caminho espinhoso, porque o racismo e

machismo internalizado das pessoas provoca reações de ira extrema! A zona de conforto é ameaçada, fica estremeçada e obriga a PENSARRRRRR. E o PENSARRRRRR leva ao DESCONSTRUIRRRR, que leva ao RECONSTRUIRRRR uma nova postura muito mais lúcida e perigosa para o sistema atual. Aí começa a verdadeira briga contra a burguesia exploradora, os privilégios são distribuídos deixando de serem privilégios e passando a ser direito comum.

Esse é o processo que todo militante deseja que aconteça. Mas como? Se ninguém quer discutir verdades cavernosas como a quebra racial gerada pela rejeição do homem negro a suas iguais e quando alguém se propõe a isso é duramente atacado, perseguido, humilhado com o aval da população negra masculina e feminina. Como? Se ninguém quer levar a aceitação estética a sério e usá-la como faxina interior que pode varrer o racismo internalizado desde o Brasil colonial. Como diz uma intelectual negra contemporânea: ‘Se o preto estiver morto não vai poder sentir orgulho do cabelo’.

O empoderamento do negro começa, quando ele cria consciência da realidade dolorosa que o cerca e passa a se auto afirmar como negro se opondo a isso no seu próprio meio social. E o cabelo black deve ser uma consequência disso, uma marcação de território que respalda ações políticas em todo espaço social ocupado e não um fato solitário esvaziado de sentido prático. Há que saber da sua história, das lutas dos antepassados, dos problemas que enfrentamos na contemporaneidade e passar a partir dessa reflexão repensar caminhos de atuação dentro e fora dos movimentos negros.

Estamos diante do genocídio escancarado da população negra, na mira de grupos de extermínios que contam com a conivência e a falta de interesse do Estado para promover chacinas, não ocupamos ainda os espaços acadêmicos e profissionais de maneira proporcional, somos vítimas de abortos clandestinos e violência obstétrica nos hospitais públicos. Mas o cabelo está lindo né?! Com cachos soltos e volumosos. E o racismo sendo alimentado pela nossa segregação interna, dentro da própria negritude estamos nos censurando, passando a falsa ideia de que existe uma ‘irmandade’ usando ideias essencialistas, mas que vai ao chão cada vez que alguém contradiz o mito da democracia racial.

E que fique absolutamente legível que ninguém está se opondo ao orgulho crespo ou dizendo que é isso que vai fazer o racismo crescer. O foco é, até que ponto você está realmente de acordo com a sua manifestação estética. Até que ponto você está pronto para

o enfrentamento da sua realidade de pessoa negra. Poderíamos refletir com mais seriedade essas questões, sair da caixinha, da caverna do Platão e conhecer novas possibilidades de luta, onde a futilidade não seja estrela da festa. O Black Power é tudo, menos questão estética, logo não pode esconder a futilidade e a alienação de negros que reproduzem o comportamento dos negros da casa grande, aqueles que para ganhar alguma atenção do sinhozinho e da sinhazinha deduravam, expunham e maltratavam seus iguais. Porque esses negros não se livraram da ira racista dos brancos, e você irmão e irmã de cor, não vai se livrar também. Pense nisso.

Análise da publicação

Identidade social

A identidade social construída na publicação de Joyce Berth é delimitada a partir de alguns aspectos encontrados tanto no corpo da publicação, como também em um perfil localizado na parte inferior do texto. Observamos, bem no início do discurso, que o sujeito comunicante evidencia seu lugar de fala como entusiasta do empoderamento negro, esse fato lhe garante uma certa credibilidade por seu papel de engajamento no movimento e, portanto, sua posição de militante e combatente em questões raciais. Ainda em relação à construção discursiva e a identidade social podemos perceber que Berth se define como mulher negra o que lhe confere ainda mais legitimidade para tomar a palavra, visto que esta desenvolve uma discussão sobre a estética de tal população. Além dos aspectos desenvolvidos no texto, podemos constatar a exposição de uma identidade social em vários âmbitos tais como, sociais, psicológicos e institucionais no perfil elaborado pelo sujeito de fala;

Joyce Berth

Arquiteta e Urbanista, Feminista Interseccional Negra em construção, mãe esquisita, poeta torta e tonta, gosto de pornografia, flerte eterno com o cinema, excêntrica e desligada vivendo entre o profano e o sagrado e só gosto de quem gosta de mim.

Figura 12 Identidade social - Joyce Berth

No perfil publicado podemos perceber que a autora demonstra uma preocupação em fortalecer sua posição como ativista, legitimada pela convocação de um outro, já que ela se

coloca como uma acadêmica amparada por uma instituição universitária, e como escritora legitimada por um outro importante blog para o movimento (Imprensa Feminista). Além disso, no fragmento destacado na Figura 12, encontramos com uma voz que, ao fazer afirmações sobre um sujeito psicossocial, afirma-se em uma relação de diferença com o outro. Berth (2015), ao afirmar-se como Feminista Interseccional⁶ estabelece não somente uma de suas identidades sociais, mas também se coloca em uma posição de diferença em diante de outras ativistas do movimento Feminista.

Identidade discursiva

Observamos uma tentativa de defender uma imagem de si para dar credibilidade e substância ao posicionamento tomado, de modo que, a autora; adota a atitude discursiva de engajamento para estabelecer com seu interlocutor uma relação de confiança. Ao adotar a primeira pessoa do singular, Berth (2015), coloca-se em uma situação de comunhão com seu interlocutor ideal. Tal procedimento, sugere que a autora, de forma consciente ou inconsciente, estabelece uma identidade discursiva de engajamento, por deixar transparecer seu posicionamento e enfatizar, com convicção, uma verdade que percorre seu raciocínio ao longo do artigo, a de que o negro estaria uma posição desfavorável socialmente.

GE (Geledés) - Rodrigo Teles Medrado (13/06/2015): Está na moda ser preto, desde que você não seja preto

É bem comum encontrar nas redes sociais algumas pessoas defendendo a ideia de que o racismo não existe (em geral pessoas brancas, mas ainda é possível encontrar algumas pessoas pretas com a síndrome de Holiday) usando argumentos batidos como o da “democracia racial” e de que no Brasil o problema é social e não racial.

Por Rodrigo Teles Medrado, do Dente di Leão

Vejo também um esforço muito grande em disfarçar todos esses problemas com uma atitude que não consigo deixar passar batida, algo que faz parte do movimento “ser negro ta na moda”. Neste movimento vemos pessoas brancas se vestido com temas africanos, usando turbante, fazendo parte de diversos movimentos negros e até renegando a cor da sua pele (é, sei que não faz sentido, mas vamos lá).

⁶ O Feminismo interseccional, grosso modo, pode ser entendido como à intersecção entre diversas opressões: de gênero, raça e classe social. (ANUNCIADA, 2015). Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>>. Acesso em: 07 de novembro.2015.

Quem me conhece sabe que sou totalmente a favor da integração entre povos e culturas. Sabe que vejo com bons olhos jovens pretos e brancos juntos, discutindo o destino do nosso país. O que me incomoda é ser preto apenas quando lhe convém.

Ser preto no samba, no hip hop, no candomblé, ser preto assim é fácil. Gostaria que essas mesmas pessoas fossem “pretas” quando a polícia abordou com violência meu irmão na rua, quando uma pessoa perde uma vaga de emprego por ser preta. Quando um canal de TV exibe um programa com teor racista. Gostaria que fossem pretos na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza.

Na verdade, o que vejo são pessoas se apropriando da nossa cultura, esvaziando seu significado, usufruindo apenas dos benefícios e ignorando as desvantagens. Por que, quando seu amigo foi humilhado na escola você não disse nada? Por que você não se mostrou indignado quando fizeram aquele comentário racista sobre os haitianos no trabalho? Por que você não rebateu seu familiar quando, num almoço de família, disse que “agora tudo é racismo” e que não podemos dar ouvidos a esse mi mi mi? Não fez nada porque ser preto está na moda, desde que você não seja preto.

Estudei em uma escola pública, mas que por muitos motivos era composta por muitos alunos brancos, e sei que o silêncio do “amigo” dói tanto quanto a piada racista. O Brasil precisa de pretos fortes e de brancos desconstruídos e conscientes dos seus privilégios, pois só assim vamos avançar para uma cultura integrada. Quer desconstruir? Acha o sistema racista odioso? Venha para o nosso lado, mas venha inteiro, não pela metade.

Análise da publicação

Identidade social

Podemos observar a partir da publicação que existe uma identidade social esboçada a partir de elementos que levam em consideração, essencialmente, o papel do sujeito falante como testemunha do vivido. Apesar de encontrarmos a identificação do autor como escritor de um blog, Dente de Leão, não vislumbramos uma exploração massiva desta condição para lhe conferir legitimidade. Desse modo, percebemos que as características que mais lhe concedem autoridade para lidar com o assunto estão intrinsecamente ligadas com sua condição de militante da causa negra.

Identidade discursiva

Encontramos na publicação *Está na moda ser preto desde que você não seja preto*, a defesa de uma imagem de si embasada por uma atitude de engajamento. A vista disso, observamos no decorrer do discurso a construção de uma identidade discursiva que visa, à priori, exaltar a posição de militante do autor em defesa do movimento negro. Tal construção ocorre a partir de escolhas linguísticas como o uso da primeira pessoa do singular e a inserção de questionamentos, o que confere proximidade entre o sujeito falante e seu interlocutor ideal.

GE (Geledés) - Cláudia Alexandre (15/07/2015): A moda com identidade de Mônica Anjos

É em um sofisticado espaço no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, que a estilista Mônica Anjos cria as coleções que tem agradado mulheres que, segundo ela, buscam identidade própria, independente das tendências impostas pelo mercado. Modelos amplos, esvoaçantes, coloridos, floridos, do clássico ao casual. As roupas confeccionadas pela estilista e sua equipe valorizam todas as formas. “Faço moda para todas as mulheres, aquelas que buscam sua identidade, independente de serem negras ou não”, disse ela, que hoje assina modelos usados por famosos como Luana Piovani, Fabiana Cozza, Carla Vizzi, entre outras. Aliás, o ambiente do atelier une com muito bom gosto moda, arte e cultura, onde sempre é possível encontrar artistas, formadores de opinião e gente influente, que também são atraídas por programações que unem música, estética, moda e gastronomia.

no Agencia Áfricas por Cláudia Alexandre

A marca está com uma proposta cheia de criatividade, que aposta em uma linha traz design inusitado, com leveza e proximidade. Além de estampas, Monica usa tecidos que “acariciam a pele”, que foram cuidadosamente testados e pesquisados pela estilista. Para compor a coleção outono-inverno foram firmadas parcerias com designers de acessórios e jóias, Dolores Macedo/Lolita e Janaina Rodrigues, que trazem opções e combinações para quem quer compor um visual com identidade. Na campanha as roupas são apresentadas pela modelo Aline Andrade. Produção de Tati Amorim. Apoio de Conça e fotos de Ronaldo Partha Silva, no estúdio de Bruno Ribeiro.

Loja Mônica Anjos – Travessa Bartholomeu de Gusmão, 52 – Praia da Paciência – Rio Vermelho – Salvador (BA)

Análise da publicação

Identidade social

Pela publicação possuir um formato mais voltado para o gênero notícia, não encontramos marcas linguísticas/discursivas significativas que nos dessem embasamento para a construção de uma identidade social do sujeito falante. Desse modo, observamos uma atitude de distanciamento da autora para dar mais visibilidade ao tema abordado.⁷

Claudia Alexandre



Jornalista, radialista especialista em Gestão de Eventos; especialista em Ciências da Religião. É autora dos livros "Vai-Vai – Orgulho da Saracura" (2003) e "Na Fé de Vivaldo de Logunedé – Um pouco do Candomblé na Baixada Santista". Foi comunicadora da Radio Transcontinental FM (SP) e Comentarista do Carnaval de São Paulo (Canal Viva). É apresentadora do Programa Papo de Bamba).



Figura 13 Perfil Cláudia Alexandre

Identidade discursiva

A identidade discursiva do sujeito falante está amparada, assim como a sua identidade social, por uma atitude neutra. Percebemos um certo afastamento da autora para dar mais visibilidade ao assunto abordado, desse modo não há a inclusão de julgamentos pessoais ou posicionamentos e sim a inserção de adjetivos que explicita, de forma sutil, a compatibilidade do sujeito comunicante com seu objeto de discurso.

GE (Geledés) – Linocasouza (29/10/2015): É preciso ser negro além da estética

Acreditar que só assumir os cabelos naturais é a única coisa necessária para empoderar a mulher negra é esquecer que essa ainda está na busca pelo seu reconhecimento e valorização em outras áreas que vão além da estética. Apostar que somente o visual poderá resolver os problemas da mulher negra é não olhar as demais lutas travadas ao longo da história.

Do Linocasouza

Diversas marcas de beleza têm utilizado modelos negras em suas propagandas, marcas de produtos para cabelos que não tinham produtos para cabelos afro, crespos ou cacheados estão criando linhas pra esse público, mulheres negras têm aparecido um pouco mais em capas de revistas e símbolos como turbantes, tecidos estampados como as capulanas e a famosa 'estampa étnica' têm sido cada vez mais vistos por aí. Isso tudo é importante, mas

⁷ Disponível em: << <http://www.portalafricas.com.br/v1/author/claudia-alexandre/>>>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

ainda é pouco. Ainda mais em um mundo que ainda é muito racista, a leitura estético-visual do negro ainda não é suficiente, até porque, o negro não é só estética, o negro não é só voltado para o que é visual, para a arte, moda ou entretenimento. Acreditar apenas nisso é ainda fazer com que o negro seja o exótico sempre, especialmente as mulheres.

E pensando nas mulheres negras, só usar o cabelo natural, infelizmente, ainda não é o suficiente para empoderá-la por completo, um exemplo recente que temos disso foi o que ocorreu com a modelo Milleni Bezerra Moreira, [veja aqui], ao ser exposta em rede social por conta do uso de seus cabelos naturais e na cor azul, o que não seria ridicularizado ou exposto caso se tratasse de cabelos lisos, ainda que dessa cor não natural.

Além disso, assim como qualquer outra mulher, a mulher negra deve ter direito de ir além do estético para viver sua vida, ela também raciocina e é forte, também busca suas conquistas, pessoais ou profissionais e isso não é conquistado somente adquirindo produtos de cabelos, a luta diária à partir dessa conquista ainda é muito maior.

Ainda hoje a mulher negra trabalhadora na informalidade ganha menos que as não negras e ainda é um número menor em relacionamentos sérios, ainda é um número pequeno nas universidades públicas e carrega um histórico de preconceito quando bolsista nas particulares. Porém, tudo isso é ocultado ou esquecido por uma parcela de pessoas que acredita que ao ver uma mulher com seus cabelos naturais ou inserida em propagandas não precisa de mais nada, e essa parcela se esquece que precisamos de mais coisas. O cabelo é muito importante porque também é símbolo de resistência e a luta pelo reconhecimento e valorização do mesmo ainda se faz necessária, mas só ela não basta. Não podemos parar aí.

O mundo ainda precisa de uma representatividade cada vez maior entre os negros, ela já existe mas precisa se estender mais a diversos espaços que vão além da moda, é preciso ir além e mostrar que não queremos só usar nossos cabelos naturais, mas também queremos estar nas universidades, nas bibliotecas, nas grandes vagas em empresas públicas e privadas e onde mais tiver espaço, já que negros também consomem, amam, leem, estudam, trabalham, vivem uma vida comum e precisam ser representados muito além do ótico, mas também no intelectual e inovador. Há aí um responsabilidade muito importante para as pessoas negras, a de se reconhecerem como tal, conhecerem sua história e seu passado histórico para a realização de um futuro de conquistas e mostrar que o cabelo natural não é só moda e que só por que algumas marcas entendem dessa maneira e passaram a investir nisso temos que parar por aí, pois não temos. O cabelo é o começo, mas só o cabelo sem

conteúdo dentro da cabeça para ajudar a enfrentar as demais armas sociais do racismo não adianta nada, o cabelo é importante, mas não só!

E para nos inspirar a ir além da estética, uma foto da maravilhosa Angela Davis.

Análise da publicação

Identidade social

A partir da publicação *É preciso ser negro além da estética* não podemos delimitar ao certo a identidade social do sujeito comunicante, porém, em conformidade com a caracterização da identidade discursiva que leva em consideração informações previamente construídas, utilizaremos como embasamento para tal construção um link disponibilizado no corpo do texto que contém informações sobre o papel social da autora.

A partir do perfil publicado da autora⁸, podemos perceber uma preocupação em fortalecer sua posição social por meio da legitimação conferida por uma instituição. Desse modo, observamos a ênfase em sua formação ilustradora e artista Visual, amparada pela academia e o destaque para seus trabalhos e projetos realizados o que lhe confere legitimidade por sua performance como expert.

Identidade discursiva

Para construir sua imagem no discurso e assim delimitar uma identidade discursiva a autora do texto utiliza como estratégia principal a demonstração de seu engajamento e de seu posicionamento crítico diante do tema. Esta não se coloca distanciada e emite um julgamento de valor preciso utilizando de fatos da vida cotidiana para captar o seu público alvo ideal.

GE (Geledés) - Hanayrá Negreiros (10/11/2015): Resultados da pesquisa Xongani: moda e ancestralidade

Uma história que começa quando uma família brasileira se encontra em seus laços africanos e resolvem misturar moda, ancestralidade, beleza e empreendedorismo. Assim nasceu a Xongani, nome da marca de moda afro-brasileira, situada na zona leste de São Paulo. A palavra que dá nome à marca vem do Changane – língua do sul de Moçambique e significa

⁸ Informações consultadas no site << <http://linocasouza.com/index.php/biografia/>>> .

“se arrumem”, “se enfeitem” ou “fiquem bonitas”. E esse é o propósito da marca, trazer a estética negra à tona.

Por Hanayrá Negreiros, do Afreaka

A Xongani entra para a lista de empresas que reconheceram na beleza negra uma oportunidade de negócios. Hoje no Brasil os chamados afro empreendedores ganham cada vez mais espaço e poder de competitividade no mercado. Percebe-se um surgimento maior de diversos produtos e serviços com a temática negra.

A Xongani está “africanizando” o mercado de moda desde 2010, e a suas maiores características são a modelagem que valoriza a mulher brasileira e negra e as peças coloridas, feitas com tecidos trazidos de Mocambique chamados de “capulanas”, tecidos de algodão, cores fortes e padronagens diversas. São vários artigos, que vão desde acessórios como brincos, anéis, colares e turbantes, até peças de roupas como vestidos e camisetas e vestidos de noiva afro, além de artigos decorativos.

Além de trabalhar com moda, o diferencial da marca é a inserção da diversidade no mercado de moda brasileiro, que é majoritariamente branco e de classe A. No cenário de moda atual no Brasil, mesmo com o aumento de afro empreendedores, o que se vê na mídia são sempre modelos inspirados em uma moda eurocentralizada, onde a cultura africana quase não aparece. Rompendo com esses padrões, a Xongani que é gerida por mãe e filha, Cristina e Ana Paula, insere a cultura e a história africana no vestuário brasileiro, reforçando a identidade afro no país.

Recentemente, elas reabriram o Ateliê Xongani, localizado perto do Metrô Vila Matilde, em São Paulo, com uma recepção para os seus clientes e amigos. No entanto, as peças não são vendidas apenas no ateliê, a marca é itinerante, se fazendo presente em feiras e eventos de cultura negra, além de disponibilizar os produtos na loja online, fan page, Instagram e no Youtube, com vários vídeos de dicas de como usar as peças. A difusão multimidiática forma assim um laço de proximidade com o público alvo, mulheres brasileiras, negras e não negras também, mas que se identifiquem com a beleza afro. Uma família negra inovando e costurando uma história diferente na moda brasileira. Xongani, a palavra de ordem, sugere beleza e traz consigo história e ancestralidade. Que assim seja, xongani-se.

Análise da publicação

Identidade social

Assim como em outras publicações não foi possível apreender a identidade social da autora apenas por suas escolhas linguísticas, desse modo recorreremos, mais uma vez, ao perfil divulgado em um outro blog⁹ como embasamento para nossa análise. A identidade social de Hanayrá Negreiros no perfil analisado, possui embasamento em aspectos relacionados à sua formação acadêmica, graduação em Moda, e traços psicossociais como gosto pela estética negra, costura e ilustração. Desse modo, observamos a construção identitária baseada em saber reconhecidos tanto institucionalmente e pela posição de engajamento.

Identidade discursiva

Por escolher uma postura mais distanciada no texto podemos observar que a identidade discursiva se constrói por meio de uma atitude de neutralidade. O sujeito falante apaga, parcialmente, seus possíveis julgamentos de valor sobre o objeto da escrita apesar de demonstrar afinidade com a temática e apoiar o empoderamento negro através da estética.

⁹Informações retiradas da página << [<< http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.rLu1L2w>>](http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.rLu1L2w)>>.

ANEXO IV – ANÁLISE DAS IMAGENS

Tabela 2: Imagem e identidade na Moda

1. Dados coletados em Blogs de Moda

1.1 Blog: CA (Cacheia!)

Publicação: Cabelo crespo está na Moda?



I CA.1 (Cacheia!)

¹ I CA.1 Disponível em: < <http://cacheia.com/2015/08/cabelo-crespo-esta-na-moda/>>. Acesso em: 20 de maio. 2016

Grade de Análise de imagens²

I.CA												
Estrato Icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (Chacheial) + Blogueira (Maressa de Souza) / Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação. O EUE do explora questões como estética negra e a desconstrução desta como moda efêmera).</p> <p>TUD: Falantes do português que acessam a internet e compartilham interesses acerca do movimento de empoderamento da estética negra, principalmente, cabelo. TUI: Quem acessa o blog de fato.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital P&B. Iluminação da direita para esquerda com ênfase no rosto e no olhar da pessoa fotografada.</p>	<p>Observa-se a utilização do plano PPP (Primeiríssimo plano) ou “Big Close-up” e o ângulo é o perfil. Nesse caso, a câmara forma um ângulo de 90° com o nariz da pessoa fotografada e o enquadramento ocorre dos ombros para cima.</p>	<p>O ponto de vista encontra-se em close e a pessoa fotografada está em uma posição de perfil à direita, com corte na altura do queixo e do topo da cabeça.</p>	<p>Abstrata, existe um recorte que privilegia o rosto e as características físicas da pessoa fotografada.</p>	<p>Descritivo (função de qualificar o grupo ao qual a pessoa fotografada pertence, população negra).</p>	<p>Tendo em vista o contexto da fotografia analisada, podemos observar a evocação de imaginários sócios discursivos relacionados à estética negra, como o cabelo. Cabelo crespo fora do padrão, exotismo.</p>	<p>Desconstrutiva ora de padrões estéticos.</p>	<p>A fotografia não possui fonte, por isso pode-se depreender que esta perde seu significado primário para estabelecer uma outra relação com seu interlocutor a partir da escolha da autora do texto.</p>	

² Grade de Análise de Imagens Fixas, Mendes (2013)

1.2 Blog: EB (Estilo Black Power)

Publicação: Estilo e afirmação em uma única peça



I EB.1 (Estilo Black Power)³

³ I EB.1 Disponível em: <<http://www.estiloblack.com.br/2015/02/estilo-e-afirmacao-em-uma-unica-peca.html>>. Acesso em: 20 de maio. 2016

I EB.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (Estilo Black) / (Crushing Fashion) + Bogueiro (Wesley Lima). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (homem estiloso, turbante como peça versátil dentro do universo <i>fashion</i>). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, homens que se interessam por moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia editorial de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Fotografia digital colorida. Iluminação direcionada para à direita da fotografia onde encontra-se o modelo. Uso de recursos para modificar a superfície da imagem (fundo). Predomínio das cores branca, cinza, marrom e preta.</p>	<p>Plano: Médio aproximado (Cintura para cima). Ângulo: Frontal, a câmera está em linha reta com o nariz da pessoa fotografada.</p>	<p>O modelo encontra-se à direita no enquadramento da foto, o que direciona o olhar do interlocutor em um movimento da esquerda para direita. A iluminação incide frontalmente, o que permite ao interlocutor observar os detalhes expostos na foto – Turbante, acessórios etc.</p>	<p>Moldura: abstrata que serve apenas para delimitar o espaço da fotografia.</p>	<p>Descritivo (descrição da estética, indumentária e estilo almejado pelo Blog.</p>	<p>Versatilidade, identidade, elegância.</p>	<p>Homem negro, exótico, forte, ligado aos elementos estéticos idealizados de sua comunidade.</p>	...	



I EB.2 da esquerda para direita Img (i), Img (ii) e Img (iii) (Estilo Black Power)⁴

⁴ I EB.2 Disponível em: <<http://www.estiloblack.com.br/2015/02/estilo-e-afirmação-em-uma-única-peça.html>>. Acesso em: 20 de maio. 2016

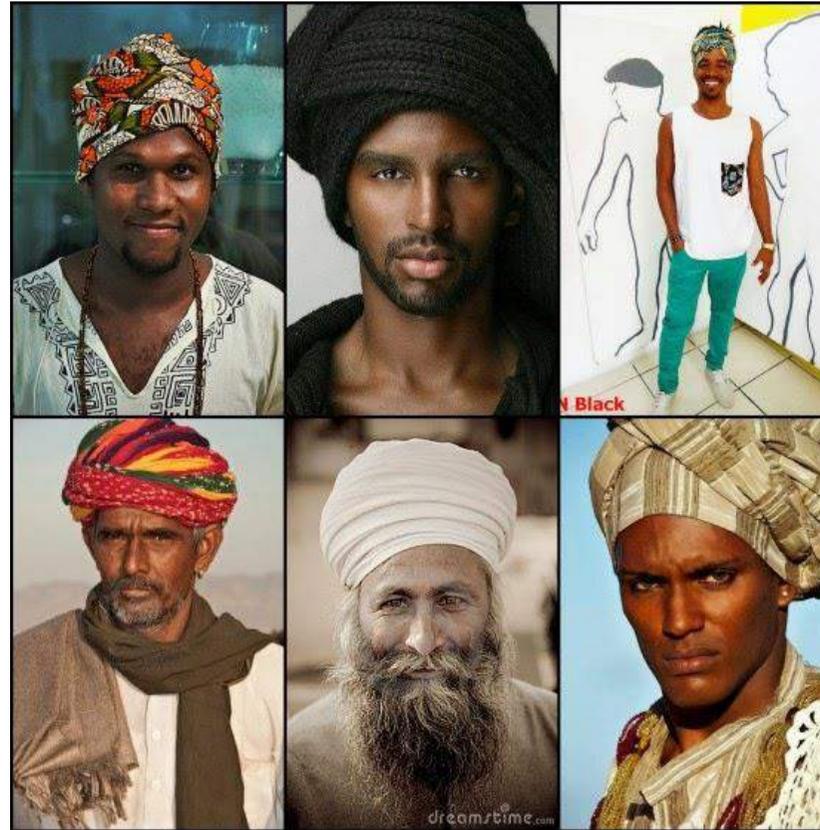
I EB.2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Site (Estilo Black) / (Crushing Fashion) + Bogueiro (Wesley Lima).</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (homem estiloso, turbante como peça versátil dentro do universo <i>fashion</i>).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, homens que se interessam por moda e estilo.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia editorial de Moda.</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida. Composição de três fotos, a saber;</p> <p>Img. (i): Iluminação: Bem distribuída com mais incidência sobre o modelo. P. de Cores: Tons entre verde, laranja, marrom e preto. Fundo branco com destaque para o modelo.</p> <p>Img. (ii): Iluminação: Bem distribuída com maior incidência da direita para esquerda</p> <p>P. de Cores: Amarelo, tons terrosos, branco e azul marinho.</p> <p>Img. (iii): Iluminação: Bem distribuída, fundo totalmente branco. P. de Cores: Laranja, tons de marrom e preto, amarelo, branco.</p>	<p>Planos: Para todas as imagens podemos observar o plano médio ou aproximado (Enquadramento da cintura para cima). Ângulos:</p> <p>Img. (i): ³/₄ a câmera forma um ângulo de 45° com o nariz da pessoa fotografada.</p> <p>Img. (ii e iii): Frontal</p>	<p>Em todas as imagens podemos observar que a composição entre iluminação, planos e ângulos escolhidos evidenciam a composição entre o turbante, o modelo e sua indumentária.</p>	<p>Moldura: Abstrata, função de delimitar os limites da imagem.</p>	<p>Descritivo (descrição da estética, indumentária e estilo almejado pelo Blog.</p>	<p>Versatilidade, identidade, elegância.</p>	<p>Homem exótico, <i>fashion</i>, versátil e multicultural.</p>	...	<p>Fotografias selecionadas pelo autor do texto publicado no blog Estilo Black.</p>



I EB. 3 da esquerda para direita Img (iv), Img (v) e Img (vi) (Estilo Black Power)⁵

⁵ I EB.3 Disponível em: <<http://www.estiloblack.com.br/2015/02/estilo-e-afirmacao-em-uma-unica-peca.html>>. Acesso em: 20 de maio. 2016

I EB.3												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
					Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos			
Gênero: fotografia	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
		<p>EUC: Site (Estilo Black) / (Crushing Fashion) + Bogueiro (Wesley Lima). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (homem estiloso, turbante como peça versátil dentro do universo <i>fashion</i>). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, homens que se interessam por moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia editorial de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Fotografia digital colorida. Img.(iv): Iluminação bem distribuída com maior incidência de luz da esquerda para direita, de traz para frente. P. de cores: vermelho, laranja, amarelo, branco, azul, preto e marrom. Img.(v): Iluminação frontal com incidência maior de luz no modelo. P. de cores: Tons de marrom, preto, azul marinho e amarelo. Img.(vi): Iluminação natural, ambientação externa: P. de cores: Tonalidades de marrom, preto, cinza, laranja em tons terrosos.</p>	<p>Img.(iv): Plano: Primeiro plano (enquadramento do peito para cima). Ângulo: De nuca (a câmera está em linha reta com a nuca da pessoa fotografada). Img.(v e vi): Plano: Americano (modelo enquadrado do joelho para cima). Ângulo: Frontal</p>	<p>Em Img (vi) podemos observar uma perspectiva que visa destacar detalhes, tais como turbante, acessórios (colar com o mapa africano) e detalhes como tatuagem. Já em Img (v e vi) podemos identificar uma preocupação em mostrar não apenas detalhes, mas a composição de um <i>look</i>.</p>	<p>Moldura: Abstrata, função de delimitar os limites da imagem.</p>	<p>Descritivo (descrição da estética, indumentária e estilo almejado pelo Blog.</p>	<p>Versatilidade, identidade, elegância.</p>	<p>Homem exótico, <i>fashion</i>, versátil, despojado e multicultural</p>	...



I EB 4 da esquerda para direita *Img (vii), Img (viii), Img (ix), Img (x) e Img (xii) (Estilo Black Power)*⁶

⁶ I EB.4 Disponível em: <<http://www.estiloblack.com.br/2015/02/estilo-e-afirmacao-em-uma-unica-peca.html>>. Acesso em: 20 de maio. 2016

I EB.4												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
					Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos			
Gênero	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização o Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
	<p>EUC: Site (Estilo Black) / (Crushing Fashion) + Bogueiro (Wesley Lima). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (homem estiloso, turbante como peça versátil dentro do universo <i>fashion</i>). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, homens que se interessam por moda e estilo. TUI: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia editorial de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Em todas as imagens: Fotografia digital Img. (vii): Iluminação frontal direcionada ao modelo. P.de cores: Branco, verde, laranja, marrom, preto e tons de azul. Img. (viii): Iluminação mais presente da esquerda para direita. P.de cores: Preto, marrom, branco e cinza. Img. (ix): Iluminação bem distribuída no ambiente sem incidência ou foco direto no modelo. P. de cores: Branco, amarelo, azul piscina, marrom preto e cinza. Img. (x): Iluminação natural. P.de cores: Variações de tonalidades em marrom, branco, vermelho, verde, amarelo, laranja e cinza. Img. (xi): Iluminação frontal com desfoque no ambiente para destacar o modelo. P.de cores: Variações na paleta de sépia. Img. (xii): Iluminação natural. P.de cores: Azul, marrom, bege, preto e branco.</p>	<p>Em Img. (vii), (viii), (x), (xi) e (xii), encontramos o primeiro plano ou close-up (enquadramento do peito para cima). Já em Img. (ix), podemos observar o uso do plano total ou de conjunto (enquadramento por inteiro, com um pouco de “ar” sobre a cabeça e um pouco de “chão” sob os pés). Ângulo: Frontal em todas as imagens.</p>	<p>Em Img. (vii), (viii), (x), (xi) e (xii), podemos observar um ponto de vista que privilegia os traços dos modelos e a composição desses traços com turbante. Já na Img. (ix), encontramos um ponto de vista que acentua não apenas a face do modelo, mas também a composição de um <i>look</i>.</p>	<p>Moldura: Abstrata, traço preto, função de delimitar os limites da imagem.</p>	<p>Descritivo (descrição da estética, indumentária e estilo almejado pelo Blog.</p>	<p>Versatilidade, identidade, elegância.</p>	<p>Homem exótico, <i>fashion</i>, versátil, despojado e multicultural.</p>	...	<p>Fotografias selecionadas pelo autor do texto publicado no blog Estilo Black</p>

1.3 Blog: EBM

Publicação: Mas será que estou me apropriando de uma cultura que é minha?



1 EBM 1 (Esse é só mais um Blog de Moda)⁷

⁷Disponível em: <https://esseeomaisumblogdemoda.wordpress.com/2015/09/10/mas-sera-que-estou-me-apropriando-e-uma-cultura-que-e-minha/> Acesso em: 23 de maio. 2016.

I EBM 1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUc: Site (Esse é só mais um Blog de Moda) /Bogueira (Wanessa Yano). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade e apropriação cultural na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	Fotografia documental experimental.	Iluminação bem distribuída com incidência maior de luz nas mãos e no tecido bordado. P.de cores: Tonalidades de preto, marrom, azul, verde, vermelho, laranja e branco.	Planos: Detalhe (A câmera enquadra uma parte do objeto ou do corpo (um olho, uma mão, um pé, etc.). Ângulos: Frontal	O ponto de vista adotado privilegia o detalhe. Mostrando, em primeiro plano, o trabalho com o bordado.	Moldura: Abstrata, função de delimitar os limites da imagem.	Descritivo (descrição da estética, cultura e trabalho manual feito pela comunidade negra).	A imagem evoca imaginários relacionados ao trabalho manual, artesanato e a identidade negra a partir da escolha de evidenciar as mãos que tecem.	Ativismo negro e tradicionalismo.	Ao escolher a fotografia enquadrando apenas as mãos (negras) do bordador (a), evoca-se um sentimento afetivo ligado a tradição dos trabalhos manuais e da cultura negra, um dos poucos aspectos exaltados na sociedade ocidental em relação a tal população.	

Publicação 2: Revista a gente julga pela capa



IMO 2 (Modices) ⁸

⁸ Disponível em: <<http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-capa/>> Acesso em: 23 de maio. 2016.

IMO 2												
Estrato Icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Site (Modices) /Bogueira (Carla Lemos). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade, diversidade na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Capa de revista de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa.</p>	...	<p>Conjunto de capas de revista, fotomontagem digital. Iluminação bem distribuída com maior incidência nas modelos. P.de cores: Branco, preto, verde, azul, laranja, vermelho e amarelo.</p>	<p>Plano: Primeiro plano (enquadramento dos ombros para cima) e americano (enquadramento do joelho para cima). Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista escolhido na foto montagem dá ênfase ao número de capas, com o objetivo de compará-las em uma perspectiva panorâmica.</p>	<p>Moldura: abstrata.</p>	<p>Descritivo, visto que a partir da fotomontagem não é possível ler o que diz a manchete das revistas de Moda.</p>	<p>Capas de revista como veículos de expressão, opinião e representatividade.</p>	<p>Investigador, crítica do mundo <i>fashion</i>.</p>	...	<p>Capas de revistas retiradas de outro meio de comunicação pela autora do texto.</p>



IMO 2.1 (Modices)⁹

⁹ Disponível em: <<http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-cap/>> Acesso em: 23 de maio. 2016.

IMO 2.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Site (Modices) /Bogueira (Carla Lemos). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade, diversidade na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Capa de revista de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa	...	Capa de revista, digitalizada. Iluminação: bem distribuída e fria. P. de cores: Branco, preto e marrom.	Plano: Americano (enquadramento do joelho para cima). Ângulo: Frontal	O ponto de vista, de cima para baixo, insinua a projeção de uma cena que acontece na cama. Isso dá a impressão que o interlocutor participa da cena, ou seja, é cúmplice.	Moldura: abstrata, com função apenas de delimitar a cena.	Descritivo	Poder, glamour, sensualidade e sedução.	Homem poderoso.	...	



IMO 2.2 da esquerda para direita Img. (i) e Img. (ii) (Modices) ¹⁰

¹⁰ Disponível em: <<http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-capa/>> Acesso em: 23 de maio. 2016.

I MO 2.2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Site (Modices) /Bogueira (Carla Lemos). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade, diversidade na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Img. (i) Fotografia Img. (ii) Fotografia campanha publicitária de Moda. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	<p>Efeito de ficção Img. (ii): efeitos de ficção /construção de mundos possíveis por meio de efeitos estéticos em campanhas publicitárias.</p>	<p>Em Img. (i): Fotografia digital em P&B. Iluminação: bem distribuída com uma incidência maior na face dos modelos. Img. (ii): Fotografia digital colorida, campanha publicitária. Luminosidade: bem distribuída com maior incidência frontal.</p>	<p>Planos: Img. (i): primeiro plano (enquadramento do peito para cima e em Img. (ii) temos o plano médio (enquadramento por inteiro). Ângulo: em Img. (i) e Img. (ii) temos a utilização de um ângulo frontal.</p>	<p>O ponto de vista utilizado na Img. (i), mais aproximado e o olhar dos modelos direcionado para o interlocutor, estabelece para cena uma atmosfera intimista. Já em Img. (ii) podemos observar uma perspectiva que privilegia o <i>look</i> e a atitude dos modelos.</p>	<p>Moldura: abstrata, servindo apenas para delimitar os limites da cena.</p>	<p>Descritivo</p>	<p>Em Img. (i): poder, sedução, intimismo e em Img. (ii), diversidade, moda sem distinção de gênero, transgressão.</p>	<p>Img. (i): ethos de poder e sedução. Img. (ii): ethos de transgressão, elegância e diversidade.</p>	<p>...</p>	<p>Fotografias selecionadas pela autora do texto.</p>



IMO 2.3 (Modices)¹¹

¹¹ Disponível em: <<http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-cap/>> Acesso em: 23 de maio. 2016.

I MO 2 .3												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EU: Site (Modices) /Bogueira (Carla Lemos). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade, apropriação cultural na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: capa de revista. Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Fotografia digital/capa de revista digitalizada. Iluminação: natural com o uso de rebatedores para evidenciar a modelo centralizada. P.Cores: Tonalidades de azul, branco, laranja e amarelo.</p>	<p>Planos: enquadramento americano (do joelho para cima). Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista adotado favorece os detalhes da roupa e dos acessórios utilizados pela modelo na capa da revista.</p>	<p>Moldura: abstrata com a função apenas de delimitar os limites da imagem.</p>	<p>Descritivo</p>	<p>Glamour, beleza, estética étnica como moda.</p>	<p>Modelo versátil, étnica.</p>	...	<p>Revista Vogue</p>



IMO 2.4 (Modices)¹²

¹² Disponível em: <<http://modices.com.br/comportamento/revista-gente-julga-pela-cap/>> Acesso em: 23 de maio. 2016.

I MO 2.4												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Site (Modices) /Bogueira (Carla Lemos). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade, apropriação cultural na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida. Iluminação: bem distribuída com desfoque no cenário e maior nitidez na modelo fotografada. P. de cores: branco, tonalidades de marrom, vermelho, dourado e preto.	Planos: Meio primeiro plano (enquadramento da cintura para cima). Ângulos: Entre ¾ e perfil (câmara em uma posição de, aproximadamente, 45° com o nariz da pessoa fotografada).	O ponto de vista adotado favorece a o perfil da pessoa fotografada e suas características faciais.	Moldura: Abstrata	Descritiva	Diversidade, representatividade e identidade negra.	Mulher negra elegante sem negar suas raízes étnicas raciais.	...	Fotografia selecionada pela autora do texto.

1.4 Blog: UBP (O último Black Power)

Publicação: Estilista Carol Barreto lançará no dia da consciência negra na Black Fashion Week Paris



1 UBP1 (Último Black Power)¹³

¹³ Disponível em: < <http://www.ultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html>> Acesso em 23 maio.2016.

I UBP 1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Site (O Último Black Power) /Bogueiro (José Carlos Angelo). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade na Moda). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUI: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida Iluminação: Bem distribuída com maior incidência na pessoa retratada. P. de Cores: Preto, cinza, marrom, verde, azul, branco e vermelho.	Plano: americano (enquadramento do joelho para cima). Ângulo: Frontal	Ponto de vista adotado para a fotografia, câmera na altura dos olhos, estabelece uma perspectiva bem aproximada do interlocutor. Tal perspectiva permiti que a pessoa fotografada olhe diretamente para a câmera mostrando sua força.	Moldura: abstrata, com a função apenas de delimitar os limites da imagem.	Descritivo	Moda como forma de expressão, originalidade e identidade negra.	Especialista em Moda Afro, ativista negra.	...	Fotografia selecionada pelo autor do texto.



I UBP1.1 (Último Black Power)¹⁴

¹⁴ Disponível em: < <http://www.oultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html> > Acesso em 23 maio.2016.

I UB P 1.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUc: Site (O Último Black Power) /Bogueiro (José Carlos Angelo). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Editorial de Moda Estatuto: Ficcionalidade colaborativa	...	Fotografia digital colorida com interferência gráfica. Iluminação: Bem distribuída com maior incidência nas modelos. P. de cores: rosa acinzentado, azul, preto, tonalidades de marrom e branco.	Observa-se que na imagem analisada existe duas enquadradas de formas distintas, por isso temos para modelo 1 o uso do meio primeiro plano (enquadramento da cintura para cima) e ângulo 3/4 (a câmara faz um ângulo de aproximadamente 45° com o nariz da pessoa fotografada). Para a modelo 2 o primeiro plano ou <i>close-up</i> (enquadramento do peito para cima) e ângulo frontal.	O ponto de vista adotado na fotografia destaca, principalmente, a estética das modelos (cabelo, pele e contornos da face). A iluminação, um pouco mais presente da direita para esquerda direciona o olhar do interlocutor para as duas figuras que representam a coleção apresentada.	Moldura: Abstrata	Descritivo	Identidade e representatividade negra na Moda.	Referência em representatividade negra, especialista em Moda.	...	Fotografia selecionada pelo autor do texto.



I UPB 1.2 (Último Black Power)¹⁵

¹⁵ Disponível em: < <http://www.oultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html> > Acesso em 23 maio.2016.

I UB P 1. 2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (O Último Black Power) /Bogueiro (José Carlos Angelo). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade na Moda). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUI: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Editorial Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Fotografia digital colorida Iluminação: Natural com maior incidência na modelo posicionada à esquerda da fotografia. Ambientação externa com desfoque no cenário para destacar a modelo. P.de cores: Verde, amarelo, vermelho, branco, tons terrosos da cor laranja e verde.</p>	<p>Plano: meio médio (enquadramento da cintura para cima). Ângulo: normal (a câmara está no nível dos olhos da pessoa fotografada).</p>	<p>O ponto de vista adotado assegura uma maior visibilidade dos detalhes das peças usadas pela modelo. O posicionamento dos braços, dobrados e encostados no lado esquerdo do rosto, direciona o olhar do interlocutor deixando em evidência a tríade acessórios, roupa e pintura facial. O olha da modelo também participa da cena como um elemento importante, pois traz uma atmosfera de distanciamento, já que o olhar não está voltado diretamente para a câmara.</p>	Abstrata	Descritivo	<p>Identidade negra ligada à natureza e às tradições africanas.</p>	<p>Mulher forte, étnica, entusiasta da Moda Afro.</p>	...	



I UBP 1.3 (Último Black Power)¹⁶

¹⁶ Disponível em: < <http://www.oultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html> > Acesso em 23 maio.2016.

I UB P 1.3												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (O Último Black Power) /Bogueiro (José Carlos Angelo).</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade e na Moda).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Ficcionalidade e colaborativa</p>	...	<p>Fotografia digital colorida com interferência gráfica.</p> <p>Iluminação: Bem distribuída com maior incidência nas modelos.</p> <p>P. de cores: rosa acinzentado, azul, preto, tonalidades de marrom e branco.</p>	<p>Plano: Meio plano (as modelos são enquadradas da cintura para cima).</p> <p>Ângulo: $\frac{3}{4}$ a câmera faz um ângulo em torno de 45° com o nariz das modelos fotografadas.</p>	<p>O ponto de vista adotado na fotografia destaca, principalmente, a estética das modelos (cabelo, pele e contornos da face).</p>	Abstrata	Descritivo	<p>Identidade, representatividade e negra na Moda e sonoridade além de cumplicidade.</p>	<p>Mulher forte, étnica, entusiasta da Moda Afro.</p>	...	



I UBP 1.4 (Último Black Power)¹⁷

¹⁷ Disponível em: < <http://www.ultimoblackpower.com.br/2015/11/estilista-carol-barreto-lancara-colecao.html> > Acesso em 23 maio.2016.

I UB P 1.4												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (O Último Black Power) /Bogueiro (José Carlos Ângelo).</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade, representatividade na Moda). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: Bem distribuída.</p> <p>P.de cores: preto, amarelo, vermelho, azul, branco, tons de marrom. Modelo centralizada na fotografia.</p>	<p>Plano: Meio primeiro plano (enquadramento da cintura para cima)</p> <p>Ângulo: Frontal</p>	<p>O ângulo utilizado, frontal, e o olhar da pessoa fotografada, diretamente voltado para câmera, estabelece uma relação de proximidade entre a “modelo” e seu interlocutor. Além desse aspecto podemos observar a utilização do espaço de trabalho como ambientação o que dá legitimidade à estilista.</p>	Abstrata	Descritiva	Identidade e representatividade negra na Moda.	Mulher empreendedora, especialista em Moda afro.	...	

2 Dados coletados em Blogs de Movimentos negros e ativistas

2.1 Blog: BN (Blogueiras Negras)

Publicação 1: Relato de uma transição como empoderamento e reconhecimento



1 BN 1 (Blogueiras Negras)¹⁸

¹⁸ Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/02/02/relato-de-uma-transicao-como-empoderamento-e-reconhecimento/>> Acesso em 23 de maio. 2016.

I BN 1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos Imagem retirada da Web.
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Site (Blogueiras Negras) /Jornalista (Rebeca Nascimento). Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade e estética negra). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por questões relacionadas ao movimento negro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Ilustração Estatuto: Ficcional</p>	...	<p>Ilustração digitalizada Figura: mulher negra Efeitos e/ou técnicas: Pintura/Aquarela P.de cores: Preto, marrom, branco, cinza e tonalidades mais frias de azul.</p>	<p>Plano: médio ou aproximado (figura retratada da cintura para cima). Ângulo: frontal</p>	<p>O ponto de vista adotado enfatiza a figura retratada, mulher negra, e a frase que funciona como plano de fundo.</p>	Abstrata	<p>Descrito/argumentativo, visto que a frase em inglês <i>I love your hair</i> em conjunto com a imagem de uma mulher negra utilizando um cabelo crespo, questiona os padrões estéticos socialmente privilegiados.</p>	<p>Identidade negra carregada por símbolos estéticos, tais como o cabelo crespo e a tonalidade da pele.</p>	<p>Mulher empoderada, segura de sua identidade estética.</p>	...	

Publicação 2: Mulher negra e auto estima: Uma negação diária



I BN 2 (Blogueiras Negras)¹⁹

¹⁹ Disponível em: < <http://blogueirasnegras.org/2015/06/01/mulher-negra-e-autoestima-uma-negacao-diaria/> > Acesso em 23 de maio. 2016.

I BN 2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Site (Blogueiras Negras) / Cientista Social (Luana Viera).</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade negra, beleza e resistência).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: De cima para baixo com destaque para o rosto da modelo fotografada.</p> <p>P. de cores: Marrom, preto, laranja, branco e roxo.</p>	<p>Plano: primeiro plano (enquadramento do peito para cima)</p> <p>Ângulo: 3/4 9 a câmera faz um ângulo de aproximadamente 45° com o nariz da pessoa fotografada)</p> <p>acompanhado do recurso reflexo no espelho.</p>	<p>O ponto de vista adotado explora a dupla dimensão da cena retratada a partir do recurso da imagem projetada no espelho. O ângulo usado não nos revela a imagem de que faz a fotografia, mas estabelece uma dupla relação da figura retratada, já que mesmo levemente voltada para o espelho podemos observar sua face e seu olhar.</p>	Abstrata	<p>Descritivo/Narrativo, visto que podemos estabelecer uma pequena narrativa diante da imagem exposta.</p>	<p>Identidade negra carregada por questões estéticas e auto reconhecimento.</p>	<p>Mulher negra esteticamente marginalizada</p>	...	

Publicação 3: Cabelo pintado é um símbolo de resistência



I BN 3 (Bogueiras Negras)²⁰

²⁰ Disponível em :< <http://bogueirasnegras.org/2015/09/18/cabelo-pintado-e-um-simbolo-de-resistencia/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

I BN 3												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Éticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Site (Blogueiras Negras) /Blogueira (Veridiane Vidal) EUE: Vozes projetadas no momento da enunciação (Identidade negra, marginalização da estética negra e resistência). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUI: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida Iluminação: Natural P. de cores: tonalidades de marrom, preto, amarelo e dourado.	Plano: Primeiro plano ou Colse-Up (as pessoas fotografadas são enquadradas, quase sempre, do peito para cima) Ângulos: Frontal	O ponto de vista escolhido para a fotografia analisada favorece a exposição de várias pessoas, mostrando desse modo a escolha estéticas dos sujeitos fotografados.	Abstrata	Descritivo	Cabelo loiro (descoloração dos fios naturais/crespos) como uma estética socialmente marginalizada para a população negra periférica.	Resistência	...	



I BN 3.1 (Blogueiras Negras)²¹

²¹ Disponível em :< <http://blogueirasnegras.org/2015/09/18/cabelo-pintado-e-um-simbolo-de-resistencia/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

I BN 3.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Site (Blogueiras Negras) /Blogueira (Veridiane Vidal) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Enaltecimento da estética branca). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por Moda e estilo. TUi: Pessoa que acessam o Blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida Iluminação: Indireta P. de cores: Branco, preto, amarelo, vermelho, azul e roxo.	Plano: Primeiro plano ou Close-Up (enquadramento do peito para cima) Ângulo: 3/4 (a câmera faz um ângulo de aproximadamente 45° com o nariz da pessoa fotografada).	O ponto de vista adotado na fotografia favorece a estética da pessoa fotografada. A partir do ângulo (perfil) usado pode-se observar detalhes como, cabelo tatuagens, estilo de roupa etc.	Abstrata	Descritivo	Referência estética e de moda através de artistas e celebridades.	Artista, lançador de tendências estéticas.	...	

2.2 Blog: GE (Geledés)

Publicação 1: Coletivo resgata tranças e penteados afro para valorizar identidade da mulher negra



IGE 1 (Geledés)²²

²² Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

IGE 1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan -Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUI: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia Factual</p>	...	<p>Fotografia digital P&B</p> <p>Iluminação: Frontal focalizada nas mãos e cabelos das pessoas fotografadas.</p> <p>P.de cores: Reprodução em P&B.</p>	<p>Planos: Detalhe (a câmera enquadra uma parte do corpo da pessoa fotografada)</p> <p>Ângulo: Perfil (a câmera faz um ângulo de aproximadamente 90° com o nariz da pessoa fotografada).</p>	<p>O ponto de vista adotado dá ênfase ao movimento encenado ou ao ato de pentear os cabelos aproximando o interlocutor de forma mais íntima à cena.</p>	Abstrata	Descritivo	<p>O ato de traçar os cabelos como um elemento da tradição afro-brasileira.</p>	Engajamento	...	



IGE 1.1 (Geledés)²³

²³ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

IGE 1.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan - Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: Natural do ambiente</p> <p>P.de cores: Tonalidades de marrom, azul, branco, laranja, vermelho, verde, preto e cinza.</p>	<p>Plano: conjunto (a câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente).</p> <p>Ângulo: aberto e normal (a câmera está, quase sempre, no nível dos olhos das pessoas fotografadas).</p>	<p>O ponto de vista adotado, aberto, permite que o interlocutor observe todos os acontecimentos enquadrados na fotografia.</p>	Abstrata	<p>Narrativo/descritivo, pois ao observarmos a fotografia podemos estabelecer uma pequena narrativa, ou seja, uma breve história relatada em uma imagem.</p>	<p>Tranças como parte da tradição e estética afro-brasileira.</p>	<p>Tradição, engajamento e empoderamento da comunidade negra.</p>	...	



IGE 1.2 (Geledés)²⁴

²⁴ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

I GE 1.2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan - Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: Frontal e amarelada</p> <p>P.de cores: tonalidades de marrom, branco, preto, amarelo e rosa.</p>	<p>Plano: primeiro plano ou Close-Up (enquadramento da cintura para cima).</p> <p>Ângulo: normal (a câmera está no nível dos olhos da pessoa fotografada).</p>	<p>O ponto de vista adotado favorece a expressão da pessoa enquadrada e a ação de traçar os cabelos registrada pela fotografia.</p>	Abstrata	Descritivo	Tranças como parte da tradição e estética afro-brasileira.	Tradição, engajamento e empoderamento da comunidade negra.	...	



1 GE 1.3 (Geledés)²⁵

²⁵ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

IGE 1.3												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan -Portal Aprendiz) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia Estatuto: factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida Iluminação: Frontal e amarelada P.de cores: tonalidades de marrom, branco, preto, amarelo e rosa.</p>	<p>Plano: detalhe (a câmera enquadra uma parte do corpo da (s) pessoa (s) fotografada (s). Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista adotado dá ênfase ao movimento encenado ou ao ato de pentear os cabelos aproximando o interlocutor de forma mais íntima à cena.</p>	Abstrata	Descritivo	<p>O ato de traçar os cabelos como um elemento da tradição afro-brasileira.</p>	<p>Tradição, engajamento e empoderamento da comunidade negra.</p>	...	



IGE 1.4 (Geledés)²⁶

²⁶ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/>> Acesso em 24 de maio. 2016.

IGE 1.4												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan -Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: bem distribuída.</p> <p>P. de cores: vermelho, verde, branco, preto, azul e tonalidades de marrom.</p>	<p>Plano: detalhe e meio primeiro plano (podemos perceber que a partir do reflexo no espelho o plano passa de detalhe para enquadrar da cintura para cima).</p> <p>Ângulo: Nuca (a câmera está localizada atrás das pessoas fotografadas) e contra-plongé (a câmera está enquadrando, a partir do reflexo da cintura para cima).</p>	<p>O ponto de vista utilizado privilegia a ação desenvolvida pelas pessoas na fotografia. O detalhe no espelho e as mãos em sintonia mostra um momento de ensinamento envolvendo, inclusive, o interlocutor que parece fazer parte da comunidade.</p>	Abstrata	Descritivo	<p>O ato fazer turbantes como um elemento da tradição afro-brasileira.</p>	<p>Tradição, engajamento e empoderamento da comunidade negra.</p>	...	



IGE 1.5 (Geledés)²⁷

²⁷ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

I GE 1.5												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan -Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: factual</p>	...	Fotografia digital P&B Iluminação: P.de cores:	<p>Plano: Fechado ou close-up (a câmera está bem próxima da pessoa fotografada).</p> <p>Ângulo: Nuca (enquadramento em linha reta com a nuca da pessoa fotografada).</p>	O ponto de vista destaca o ato de fazer turbantes sem mostrar a identidade da pessoa trazendo uma perspectiva impessoal à fotografia. Qualquer um pode ocupar aquele lugar.	Abstrata	Descritivo	O ato fazer turbantes como um elemento da tradição afro-brasileira.	Tradição, engajamento e empoderamento da comunidade negra.	...	

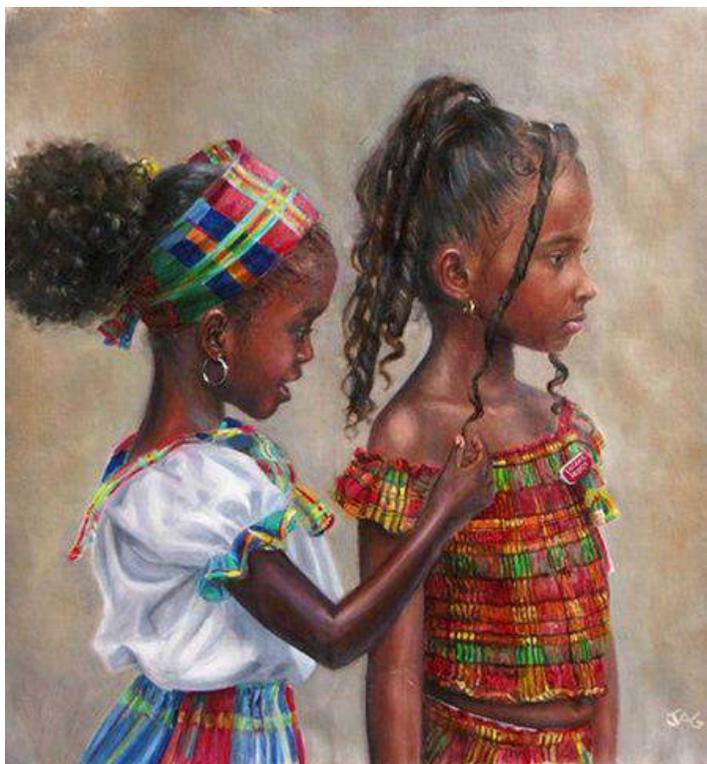


IGE 1.6 (Geledés)²⁸

²⁸ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/coletivo-resgata-trancas-e-penteados-afro-para-valorizar-identidade-da-mulher-negra/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

IGE 1.6												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/ Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Blog (Geledés) / (Danilo Mekan -Portal Aprendiz)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, tradição e resgate de memórias e identidades).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o Blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia Factual</p> <p>Estatuto: factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação: natural e bem distribuída.</p> <p>P.de cores: Vermelho, azul, verde, branco, preto e tonalidades de marrom.</p>	<p>Plano: médio (enquadramento por inteiro, com um pouco de “ar” sobre a cabeça e um pouco de “chão” sob os pés.</p> <p>Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista permite observar a comunidade como um todo e a diversidade que compõe o grupo fotografado.</p>	Abstrata	Descritivo	Comunidade negra organizada pela construção de uma identidade.	Comunidade e resistência negra.	...	

Publicação 2: Nem seu cabelo, nem seu turbante vão te livrar do racismo



IGE 2 (Geledés)²⁹

²⁹ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/nem-seu-cabelo-nem-seu-turbante-vaio-te-livrar-do-racismo/> > Acesso em 24 de maio. 2016.

I GE 2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUc: Blog (Geledés) / (Joice Berth, do Imprensa Feminina) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, identidade negra). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o blog.	Gênero: Ilustração digital Estatuto: Ficcional	Efeito de gênero: Pintura, realista em aquarela.	Ilustração digital colorida Iluminação: natural e bem distribuída. P.de cores: Tonalidades de marrom, preto, verde, amarelo, vermelho, azul, branco e verde.	Plano: Primeiro plano (enquadramento da cintura para cima). Ângulo: Perfil	O ponto de vista adotado dá ênfase à cena retratada e a expressão de admiração da garota que toca os cabelos de sua companheira de cena.	Abstrata	Narrativa/descritiva, visto que podemos observar na imagem a captura de uma cena, que possui o propósito não apenas de descrever, mas também enfatizar uma cena, aparentemente, corriqueira.	Identidade construída a partir da infância e relacionada, principalmente, à estética.	Ethos de empoderamento.	...	Desenho retirado da internet, autor desconhecido.

Publicação 3: Está na moda ser preto, desde que você não seja preto



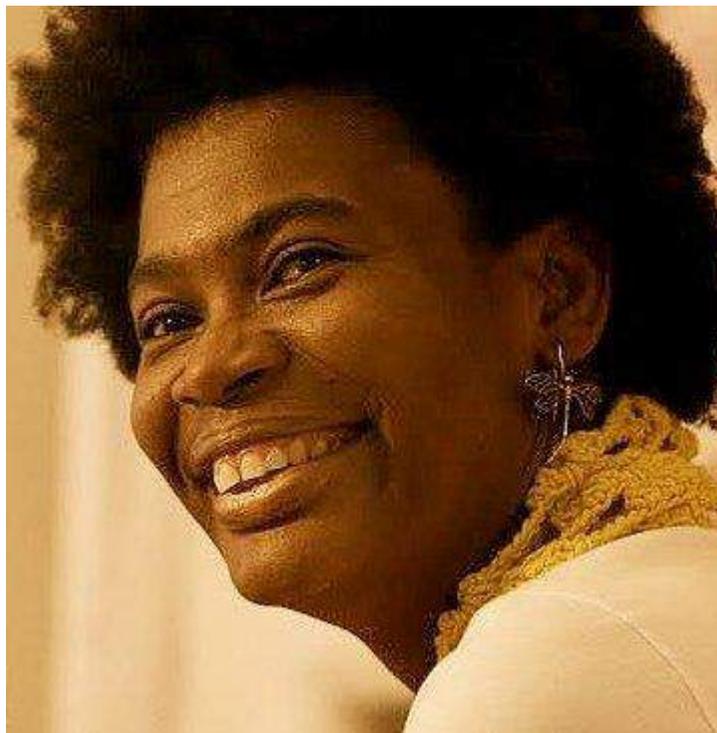
I GE 3 (Geledés)³⁰

³⁰ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/#gs.SRIElo8> > Acesso em: 24 de maio. 2016.

I GE 3

Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Rodrigo Teles Medrado/Dente di Leão)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, identidade negra, racismo).</p> <p>TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o blog.</p>	<p>Gênero: Publicidade</p> <p>Estatuto: Ficcionalidade colaborativa</p>	...	<p>Fotografia Digital colorida</p> <p>Iluminação: Fria e frontal</p> <p>P.de cores: Tonalidades de azul, laranja, vermelho, rosa, branco e preto.</p>	<p>Plano: Primeiro plano (modelo s enquadradas do peito para cima).</p> <p>Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista adotado (frontal) privilegia os adornos, a beleza³¹ escolhida para a campanha e a expressão das atrizes.</p>	Abstrata	Descritivo	<p>Atriz globais como modelos de beleza e exemplos de estilo.</p>	<p>Mulher versátil, divertida e sexy.</p>	...	<p>Campanha “as Favoritas” alto verão Arezzo (2008)</p>

Publicação 4: A moda com identidade de Mônica Anjos



IGE 4 (Geledés)³²

³² Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/a-moda-com-identidade-de-monica-anjos/#gs.x38FOC4> > Acesso em: 24 de maio. 2016.

IGE 4												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Blog (Geledés) / (Cláudia Alexandre/Agência Áfricas) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, Moda indumentária Afro, empreendedorismo feminino). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o blog.	Gênero: Fotografia digital Estatuto: Factual	...	Fotografia digital/efeito sépia. Iluminação: Mais centralizada no rosto da modelo. P. de Cores: Tonalidades em sépia.	Plano: Fechado ou close-up (a câmera está bem próxima da pessoa fotografada). Ângulo: normal (a câmera está no nível dos olhos da pessoa fotografada).	O ponto de vista adotado coloca em evidência o rosto da estilista retratada e sua expressão de felicidade.	Abstrata	Descritivo	Mulher negra alegre, criativa e empreendedora.	Ethos alegria e satisfação.	...	



IGE 4.1 (Geledés)³³

³³ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/a-moda-com-identidade-de-monica-anjos/#gs.x38FOC4> > Acesso em: 24 de maio. 2016.

IGE 4.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Blog (Geledés) / (Cláudia Alexandre/Agência Áfricas) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, Moda indumentária Afro, empreendedorismo feminino). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o blog.	Gênero: Fotografia digital Estatuto: Ficcionalidade colaborativa	...	Fotografia digital colorida Iluminação: P.de cores:	Planos: Ângulos:		Moldura lateral (efeito escurecido em cada fotografia) com o intuito de delimitar os limites da imagem.	Descritivo	Moda Afro exuberante com muitas cores.	Ethos de tradição e empoderamento.	...	

Publicação 5: É preciso ser negro além da estética



I GE 5 (Geledés)³⁴

³⁴ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/e-preciso-ser-negro-alem-da-estetica/#gs.l AldNw> > Acesso em: 24 de maio, 2016.

I GE 5

Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EU: Blog (Geledés) / (Linocasouza)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, movimento negro). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUi: Pessoa que acessam o blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia digitalizada</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digitalizada P&B</p> <p>Iluminação: Natural do ambiente com maior incidência no primeiro plano.</p> <p>P.de cores: Escala de preto e braço.</p>	<p>Plano: Meio primeiro plano (enquadramento da cintura para cima)</p> <p>Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista adotado dá ênfase à figura retratada, sua expressão e postura no ambiente.</p>	Abstrata	<p>Narrativo por retratar um acontecimento histórico.</p>	<p>Movimento negro</p>	<p>Força e resistência</p>	<p>A fotografia que retrata umas das lideranças do movimento Panteras Negras mostra uma cena do julgamento de Angela Davis, o que pode comover ou renovar o espírito de luta do interlocutor que tem contato com a fotografia.</p>	

Publicação 6: Resultado da pesquisa Xongani: moda e ancestralidade



IGE 6 (Geledés)³⁵

³⁵ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.CuRNhHY>> Acesso em: 24 de maio.2016.

IGE 6												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUC: Blog (Geledés) / (Hanayrá Negreiros/Afreaka)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, movimento negro, empreendedorismo negro). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o blog.</p>	<p>Gênero: Ilustração digital</p> <p>Estatuto: Ficcional</p>	...	<p>Ilustração digital</p> <p>Iluminação: bem distribuída e sem sombras.</p> <p>P.de cores: Preto, vermelho, verde, amarelo e cinza.</p>	<p>Ângulo: Frontal</p>	<p>O ponto de vista da ilustração dá ênfase à logo da marca.</p>	Abstrata	Descritiva	<p>Cultura negra relacionada à estética (turbantes)</p>	<p>A palavra “Xongani” que dá nome a marca afro-brasileira da zona leste de São Paulo vem do Changane (língua do sul de Moçambique)</p>



IGE 6.1 (Geledés)³⁶

³⁶ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.CuRNhHY>> Acesso em: 24 de maio.2016.

IGE 6.1												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
				Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	<p>EUc: Blog (Geledés) / (Hanayrá Negreiros/Afreaka)</p> <p>Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, movimento negro, empreendedorismo negro). TUd: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro.</p> <p>TUi: Pessoa que acessam o blog.</p>	<p>Gênero: Fotografia</p> <p>Estatuto: Factual</p>	...	<p>Fotografia digital colorida</p> <p>Iluminação:</p> <p>P.de cores:</p>	<p>Planos: Primeiro plano (a figura humana é enquadrada do peito para cima)</p> <p>Ângulos: Frontal</p>	<p>O ponto de vista coloca em evidência a expressão das pessoas retratadas e desfoca, levemente, o plano funda da fotografia.</p>	Abstrata	Descritiva	Cultura negra fonte de cores e criatividade.	Ethos de alegria e empoderamento.	...	



I GE 6.2 (Geledés)³⁷

³⁷ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.CuRNhHY>> Acesso em: 24 de maio.2016.

I GE 6.2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Blog (Geledés) / (Hanayrá Negreiros/Afreaka) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, movimento negro, empreendedorismo negro). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUI: Pessoa que acessam o blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida Iluminação: Natural P.de cores: Amarelo, preto, azul, turquesa, vermelho e laranja.	Planos: Plano americano (a modelo é enquadrada do joelho para cima) Ângulos: contra-plongée, quase perfil	O ponto de vista favorece a indumentária da modelo, da cintura para cima, sua expressão. O leve desfoque do plano fundo direciona o olhar do interlocutor para a modelo.	Abstrata	Descritivo	Cultura negra fonte de cores, exotismo e criatividade.	Ethos de elegância e versatilidade.	...	



IGE 6.3 (Geledés)³⁸

³⁸ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/resultados-da-pesquisa-xongani-moda-e-ancestralidade/#gs.CuRNhHY>> Acesso em: 24 de maio.2016.

I GE 6.2												
Estrato icônico	Macrodimensão situacional da imagem			Macrodimensão retórico-discursiva dos elementos icônicos								Dados de apoio para-imagéticos
				Elementos técnicos da imagem fixa				Dimensão discursiva e de efeitos				
	Sujeitos do discurso (EUC, EUE, TUD, TUI)	Gênero & Estatuto Factual/Ficcional	Efeitos de real [de ficção e de gênero]	Elementos plásticos	Planos e ângulos	Pontos de vista	Funções da moldura	Modo de organização Desc. Nar. Arg.	Imaginários sócio discursivos	Elementos Etóticos (Ethos)	Efeitos Patêmicos visados (Pathos)	
Gênero	EUC: Blog (Geledés) / (Hanayrá Negreiros/Afreaka) Eue: Vozes projetadas no momento da enunciação (Estética negra, movimento negro, empreendedorismo negro). TUD: Falantes do Português, usuários da internet, pessoas que se interessam por assuntos relacionados ao universo da comunidade Afro. TUI: Pessoa que acessam o blog.	Gênero: Fotografia Estatuto: Factual	...	Fotografia digital colorida Iluminação: Frontal, voltada para o rosto da modelo. P.de cores: Amarelo, preto, vermelho e laranja.	Planos: Primeiro plano (A figura humana é enquadrada do peito para cima. Também chamado de “CLOSE-UP, ou “CLOSE”). Ângulos: Frontal	O ponto de vista favorece a indumentária da modelo, da cintura para cima, sua expressão. O leve desfoque do plano fundo direciona o olhar do interlocutor para a modelo.	Abstrata	Descritivo	Cultura negra fonte de cores, exotismo, diversidade e criatividade.	Ethos de elegância e versatilidade.	...	